

| FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2 | |
|---|---|
| Nome da Pasta | BISCHOFÉ_BRASILIEANS_101.3 |
| Autor/Instituição | Institut für Brasilienkunde (Bibliothek) |
| Número de Documentos | 1 |
| Quantidade e tipo de documentação | 1 caderno que contém recortes de jornais, páginas e notas sobre Bispos no Brasil. Total de páginas: 133. |
| Dia/ Mês/Ano | 1967-1985 |
| Formato | Ofício |
| Resumo | Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veiculadas na imprensa brasileira e alemã, entre os anos 1967-1985, sobre os Bispos no Brasil e a comunidade eclesial da Igreja Católica. Este conjunto documental também contempla algumas declarações de sacerdotes acerca de políticas latino-americanas e o quadro de miserabilidade no país. |
| Palavras-Chave | Igreja; Bispo; Política; Brasil; Latino-america. |



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM



| | |
|---------------------------|---|
| Notas explicativas | - |
|---------------------------|---|

Bibliothek

BISCHÖFE BRASILIENS

1967-1985

CEDIM

Institut für Brasilienkunde

KI-BR 101.3

Bibliothek

03.10.10

CEDIM

KI-BR 101.3

RELIGIÃO

A crise do diálogo



Dom Valdir: o difícil caminho

O Bispo de Volta Redonda, Dom Valdir Calheiros, foi notícia em novembro, não só no País como no exterior, como personagem principal de um episódio que mais uma vez acentua divergências entre membros de hierarquia da Igreja e oficiais do Exército brasileiro.

Tudo indica que a Igreja, no Brasil, vê aproximar-se a fase decisiva de uma crise em espiral, que põe em xeque as suas estruturas. O fenômeno é universal, mas se apresenta em caráter agudo na América Latina, especialmente neste País, onde a imensidão geográfica e os contrastes sócio-econômicos entre as regiões favorecem atitudes diversas, às vezes antagônicas, em face da problemática pastoral.

Os fatos são conhecidos. Quatro jovens — Natanael da Silva, 21 anos, Jorge Gonzaga, 21 anos, Carlos Rosa, 21 anos, e Guy Camille Thibault, 29 anos — foram presos por distribuírem, em Volta Redonda, folhetos considerados subversivos pelo Coronel Armênio Pereira. Eles usavam uma camioneta da diocese e pertenciam a organizações católicas de juventude, cuja implantação e crescimento na região se devem ao Bispo de Volta Redonda. Thibault, por ser estrangeiro, ficou sendo logo o mais suspeito e “os militares não compreendiam como êle aprendeu, em tão pouco tempo, o português, e o julgam ligado a movimentos marxistas do hemisfério” (*Jornal do Brasil*, 26-11-67).

Cobertura — O episódio ganhou nova dimensão quando o Bispo de Volta Redonda deu cobertura dentro da Igreja aos acusados de subversão e tomou a si a defesa. Sua situação ficou delicada. Se abandonasse os jovens à própria sorte e aceitasse a tese dos militares de que a preparação e distribuição dos folhetos constituía ato criminoso e culposos, estaria com graves problemas de consciência: haver faltado, num momento de crise, àqueles que a Igreja lhe colocou como parte de seu rebanho. Dom Valdir defendeu os jovens, procurando cumprir a sua missão de pastor, mas ficou em suspeição junto aos militares, que passaram a olhá-lo como conivente e talvez até autor intelectual do folheto.

Fôra outro o bispo objeto das suspeitas e talvez o episódio tivesse uma outra dimensão, mais rotineira. A imagem de Dom Valdir Calheiros, porém, é muito definida dentro do episcopado brasileiro, onde êle goza de um alto conceito de bom-senso e prudência. Tem a confiança até dos bispos mais conservadores. É tido como um autêntico *pastoralista*, isto é, um homem de certo modo pouco sensível à urgência de soluções da problemática social que os *progressistas* colocam como condição apriorística à pastoral da Igreja.

58

Caminhos — Parece que poucos analistas, na imprensa leiga, se deram conta da revolução religiosa que se processa, tendo por embasamento a mensagem cristã evangélica em sua mais pura expressão. Vêem-se os frutos desta revolução sem compreendê-los, sem inseri-los num contexto que é desconhecido para a grande maioria daqueles que, na imprensa, têm por missão captar a realidade, interpretá-la, traduzi-la para a opinião pública.

Os mal-entendidos e os erros de interpretação começam geralmente a partir da confusão que se faz entre as estruturas da Igreja, a instituição eclesial, que é um fato sociológico, e o conceito de Igreja, povo de Deus, recuperado na consciência dos cristãos a partir do Concílio.

A análise dos fatos relacionados com a hierarquia, o clero, os leigos tem sido feita através da visão aplicada aos movimentos políticos. Os comentaristas utilizam os mesmos chavões referentes à política interna do País. Mas os especialistas de dentro da Igreja procuram usar uma linguagem e um enfoque inteiramente diversos.

O relatório da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, relativo ao período de setembro de 1966 e setembro deste ano, dá uma idéia desta distância de perspectivas. Depois de analisar a situação sócio-econômica do País, observa: “Muitos grupos cristãos possuem hoje, no Brasil, uma consciência lúcida e viva das exigências

evangélicas em face desta situação. Outros, porém, formados num catolicismo de práticas exteriores e de tradição social, não conseguem apreender as conseqüências sociais, econômicas e políticas do que significa ser filho de Deus, irmão em Cristo, responsável pelo seu destino eterno a ser realizado a partir desta peregrinação terrestre. Diante de nossa situação, não chegam a descobrir a necessidade de uma conversão interna, profunda, que os leve coerentemente a fazer reformas estruturais efetivas, que possibilitem a promoção das massas subdesenvolvidas”.

Um diálogo — Sobre a suposta invasão dos padres na seara dos políticos, convém reproduzir um diálogo entre o Papa Pio XII e o Cardeal Suhard, narrada por Jean-Marie Paupert em *Pour une politique évangélique*:

“Seria sem dúvida uma boa iniciativa sua”, disse o Papa, “incitar os católicos franceses no sentido de se engajarem mais a fundo nas realidades políticas da cidade”, ao que observou o Cardeal: “É verdade, Santíssimo Padre, mas a palavra *política* costuma adquirir na França, especialmente entre os cristãos, um sentido pejorativo. Não seria melhor falar de dever cívico?”. O Papa retrucou: “De acôrdo, se assim acha oportuno, mas a palavra certa é *política*”.

O citado relatório da CNBB observa que “os presbíteros, no seu conjunto, são ainda pouco sensíveis a esta realidade (sócio-econômica). Tributários, em grande parte, de uma teologia dualista, no tocante às relações Igreja-Mundo, aqueles que se dedicam a estas tarefas conservam o mesmo esquema e nem sempre têm consciência viva das exigências evangélicas na transformação da realidade sócio-econômica”.

Os analistas pouco inteirados da realidade interna da Igreja sentem-se desconcertados, ou às vezes confortados, com certas manifestações individuais de membros da hierarquia e elementos do clero, que parecem ter idéias opostas a essas colocações. Esses pronunciamentos correspondem a posições tradicionalistas e partem de vozes não tocadas pelo “sopro conciliar”. É fácil perceber que essas vozes se tornam cada vez mais isoladas e só repercutem nos setores também tradicionais do clero e do laicato.

Não é fácil antecipar os caminhos da Igreja no Brasil e na América Latina, enquanto o cristianismo, como é entendido pela hierarquia, o clero, e os leigos renovados pelo espírito do Vaticano II, não fôr compreendido também por aqueles que detêm o poder político. Pode-se apenas perceber que existe uma crise em espiral. E esta crise, em muitos aspectos, é uma crise de diálogo, pois hoje a linguagem da Igreja já não é mais a mesma. ##

visão

a revista dos homens de negócios

Vol. 34 - n.º 5 - 14 de março de 1969

Pronunciamento dos bispos

Assumi a Igreja Católica uma posição paradoxal em sua mensagem ao Presidente Costa e Silva. O documento da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil está assinado por três cardeais e dezenove arcebispos e bispos, entre eles Dom Jayme de Barros Câmara e Dom Helder Câmara, o que basta para caracterizá-lo como expressão de todas as correntes de pensamento da Igreja no Brasil.

Em primeiro lugar, a Igreja oferece sua "leal colaboração ao Governo", mas a lealdade está bastante condicionada à aceitação do pensamento político de hierarquia a respeito do momento brasileiro. Pode-se resolver esse primeiro paradoxo classificando a orientação católica como sendo de "oposição leal" que pretende reformar no social, no econômico e no institucional a situação vigente.

Em segundo lugar, ou melhor, o segundo paradoxo do documento está na contradição em face do estado de direito, no que diz respeito à forma ou ao sistema de governar. Na postulação de uma urgente reforma da base social brasileira, o documento sustenta e implicitamente sanciona) a validade do Governo de exceção por decretos-lei, o que não é peculiar ao estado de direito moderno, que pressupõe a intervenção do Congresso ou do Parlamento no processo legislativo. Por outro lado, na defesa do sistema dos direitos e garantias, o documento condena "a situação institucionalizada no mês de dezembro" e preconiza a volta ao estado de direito. Comprovamos o paradoxo fazendo as citações:

"É neste sentido de colaboração e de serviços conscientes que nos empenhamos no dever de atuar a doutrina social cristã, fator importante de evangelização, e que exige reformas, cuja necessidade o próprio Governo tem afirmado e que agora, mediante os poderes de exceção de que dispõe, poderá concretizar de maneira expedita.

"A situação institucionalizada no mês de dezembro último possibilita arbitrariedades, entre as quais a violação de direitos fundamentais, como o de defesa, de legítima expressão do pensamento, de informação; ameaça à

dignidade da pessoa, de maneira física e moral; institui poder que, em princípio, torna muito difícil o diálogo autêntico entre governantes e governados e poderá levar muitos a uma perigosa clandestinidade".

De um lado, a Igreja pretende usar o estado de exceção para precipitar as reformas (posição reformista), de outro, ela aspira à volta ao estado de direito no qual existe defesa contra arbitrariedades do poder, há liberdade de palavra e de imprensa, e é possível o jogo normal entre governistas e oposicionistas, estes últimos sem receio de serem acionados de subversivos e contra-revolucionários.

Mas que reformas advoga a Igreja, por via excepcional? O documento é esclarecedor, e fica-se sabendo que a Igreja não se satisfaz com as reformas modernizadoras do capitalismo brasileiro e do Estado brasileiro. Suas reformas parecem ser as de base, de cunho nitidamente social e transformador dos próprios fundamentos do sistema econômico-social:

"Reformas que não signifiquem subversão da ordem, mas mudanças de estruturas arcaicas, flagrante empecilho ao desenvolvimento. Reformas que em absoluto não aceitam postulados marxistas ou comunistas, mas que não podem, por outro lado, visar à defesa e à melhoria accidental de um *status quo*, no qual o lucro é o valor supremo do progresso econômico; a concorrência é a lei única da economia; a propriedade privada dos bens de produção é o *direito absoluto*". (Os grifos são do documento.)

A crítica ao lucro, à concorrência e à propriedade privada, acima citada com o necessário destaque, é uma investida clara contra os defensores, na imprensa, dos fundamentos clássicos do sistema capitalista de produção. Tais defensores têm se esmerado em demonstrar — com vistas a um jacobinismo nasserista militar — as vantagens e méritos do sistema baseado naqueles três fundamentos. Agora, surge o documento dos bispos dando substância àqueles que na área militar estão desenvolvendo condicionamentos anticapitalistas. Ninguém pode prever o alen-

to que os jacobinos de esquerda (nacionalistas e anticapitalistas) receberão do documento, porque, ao mesmo tempo, o pensamento católico rejeita o terceiro atributo do jacobinismo: o ditatorialismo.

Ao assumir posição tão peculiar e própria, nem capitalismo nem comunismo, o pensamento da Igreja fica sujeito a toda sorte de interpretações, e disto se queixam os bispos: "...lamentamos profundamente as más interpretações e incompreensões em torno da ação da Igreja em nosso País, mesmo que tenha havido imprudências — que, igualmente, lamentamos".

Tal posição torna essencial à Igreja a existência de definições mais democráticas de certos conceitos: "Desejariamos", diz o documento, "por outro lado, se pusesse cõbro à ambigüidade de certos termos, como "subversão", "socialização", "democracia", "conscientização", "segurança" e "desenvolvimento". O solidarismo católico não deseja que as ambigüidades confundam a ação da Igreja com o comunismo e, de outra parte, ele não aceita as definições oficiais de subversão, segurança e desenvolvimento.

A luta do pensamento católico é a de imagem própria, que não se identifique com o comunismo e com o imobilismo. E para que, no plano da ação político-social, a imagem se individualize, a Igreja lança a sua definição de *subversão*, a qual é bem mais ampla que a definição do General Jayme Portella, secretário-geral do CSN, em sua exposição de motivos do decreto que criou a Comissão Geral de Investigações de atividades subversivas e contra-revolucionárias:

"De fato, somos contrários a movimentos efetivamente subversivos, isto é, que procuram a conturbação social, buscando aproveitar-se da anarquia para impor interesses de grupo, assim como é subversão da ordem social o abuso do poder econômico ou político em benefício próprio".

Parece claro que a Igreja, através do documento dos bispos, resolveu romper o longo silêncio mantido desde 13 de dezembro passado, isto é, desde

a edição do Ato n.º 5. E o fez reiterando seu pleno direito de participação na vida política do País, não como partido ou grupo qualquer, mas com uma missão temporal de origem divina. É em nome da transcendência do espírito e da criatura humana que ela exalta o primado da lei ética sobre a comunidade que queira negar os direitos do homem concedidos por Deus.

O documento situa a Igreja na "oposição leal" ao regime do Ato n.º 5. Ela não o aceita, mas não pretende derrubar a situação. Esta é advertida sobre a necessidade de transformar-se em apêlo e exortação:

"Nosso ardente desejo, traduzido em apêlo a todos os homens de boa vontade, principalmente aos atuais responsáveis pelo destino da Nação, é que se leve a termo, quanto antes possível, a redemocratização do regime; e cumprimos o dever pastoral de lembrar que aqueles que detêm nas mãos *todo o poder de decisão* (grifo do documento) assumem, perante Deus e perante a História, imensa responsabilidade".

Assim caracterizado o regime, como carente de redemocratização, o documento situa a responsabilidade do poder concentrado nas mãos daqueles que detêm "todo o poder".

Como o Governo recebeu o documento? Aparentemente bem, sem que isso signifique que haja ficado satisfeito com a sua divulgação pela imprensa. O acordado, segundo nota oficial de Dom Agnelo Rossi, fôra que "não será divulgada a mensagem, já que obteve seu objetivo primordial de manifestar seriamente às autoridades competentes as preocupações, as esperanças e a colaboração da Igreja, no Brasil, em face da situação atual".

A "oposição leal" da Igreja impõe-lhe o dever de atuar com a necessária autocontenção, policiando gestos e palavras. A atuação discreta também é observada no recente encontro não-oficial de religiosos, empresários e militares, todos na busca sincera de uma saída não conturbada da exceção reinante no País.

O encontro realizado no Rio naturalmente terá se concentrado no exame de problemas constitucionais, já que a grande questão é a da volta ao regime de Constituição. Em face da posição dos bispos, será fácil conciliar os três participantes na redação do sistema de governo e do sistema de representação. Não o será, todavia, nos capítulos relativos aos Direitos e Garantias e à Ordem Econômica e Social. Quanto ao primeiro dos citados capítulos, muito há a aproximar entre a Igreja e empresários, de um lado, e os militares revolucionários, do outro; quanto ao segundo, a posição da Igreja se antagoniza principalmente com a dos empresários. #



O Plano Urbanístico de São Paulo, que acaba de ser concluído, é um minucioso

O plano para uma nova São Paulo

Para o habitante da grande cidade, haverá assunto mais fascinante do que a própria metrópole, a sua vida e as suas perspectivas para o futuro?

Uma obra extraordinária, dedicada inteiramente ao maior conjunto metropolitano do Brasil, está nestes dias chegando ao alcance de um público restrito de administradores, técnicos e jornalistas. Em breve, ela estará disponível para todos os interessados, formidável em seus doze volumes de mais de quinhentas páginas cada um. Ela dirá tudo sobre as condições atuais de vida em São Paulo e procurará prever o futuro dessa grande cidade, em suas linhas gerais.

É o resultado de quase um ano de trabalho de uma equipe de especialistas contratados pela Prefeitura de São Paulo para elaborar o Plano Urbanístico Básico do município. A enorme quantidade de dados recolhidos pela equipe sobre a vida paulistana já é, em si, uma leitura fascinante. Mas o que realmente magnetiza o leitor são as audaciosas — mas absolutamente científicas — previsões sobre o que será em 1990 (dentro de vinte anos) uma gigantesca área metropolitana, uma das maiores do mundo, acomodando de 18 a 20 milhões de habitantes — o Grande São Paulo.

Uma expansão irrefreável — O Plano foi feito pela Asplan, Daly, Montreal, Wilbur Smith, um consórcio de urbanistas e técnicos em planejamento, brasileiros e americanos. Com base nos dados que levantaram e que fizeram digerir e projetar por uma bateria de computadores, esses especialistas sugerem uma série de medidas concretas, que permitirão ao paulistano, já na década de 70, levar uma vida mais cômoda e civilizada, à altura de sua condição de habitante de uma cidade moderna e adiantada.

Os planejadores até calcularam quanto custará esse esforço duplo de ao mesmo tempo preparar a enorme expansão do Grande São Paulo e de melhorar o que eles chamam de "a

qualidade da vida" dos paulistas. Custo total dos investimentos previstos somente para o município de São Paulo no período 1969-90, calculado com base nos preços de maio de 1969, alcança 54 bilhões de cruzeiros novos. E o Plano também indica as fontes que podem fornecer esse dinheiro.

Pode-se imaginar assim de que mensão é a tarefa que espera os futuros administradores paulistanos nos próximos anos. Os problemas de transporte, abastecimento de água, rede esgotos, uso do solo, habitação, recreação, aumentarão cada vez mais, e uma ação perfeitamente planejada e racionalmente executada poderá evitar o sufocamento e o caos no imenso mercado urbano paulista, tomado por uma febre de irrefreável gigantismo.

Cirurgia necessária — Os técnicos do Plano não pensam em cercar essa expansão, mas sugerem como torná-la ordenada e inteligente. Por exemplo, descobriram, graças às pesquisas "origem e retorno" dos automóveis, que 78% dos cortejos fúnebres se localizam em diferentes pontos da cidade para a Zona Leste, onde se situam cemitérios do Brás e de Vila Formosa. Claramente, o congestionamento de tráfego em São Paulo é agravado por esses cortejos, e é preciso então reservar áreas para novos cemitérios, em outras áreas da cidade.

Para os problemas de trânsito, o Plano prevê a realização de uma imensa rede de vias expressas (*freeways*) que deverão sobrepor-se às atuais avenidas e ruas da cidade, e criar condições para o rápido transporte de pessoas em toda São Paulo. Audaciosas e dispendiosas desapropriações serão necessários para esta verdadeira operação cirúrgica na fisionomia paulistana, a qual se tornará mais parecida assim com a de Tóquio ou de Los Angeles.

O objetivo proposto pelos urbanistas é "construir um sistema de vias expressas na área metropolitana, com extensão de 815 km (duas vezes a

Radiofoto UPI



D. Antônio Fragoso prega a libertação do povo

e a assistência internacional estavam criando condições que estimulam a opressão desencadeada por alguns Governos latino-americanos.
— A supressão da luta pela justiça cria um clima favorável ao investimento internacional — disse o Bispo — e essa ajuda internacional é ópio para a consciência do povo.”

ECONOMIA

Referindo-se ao milagre econômico brasileiro, observou que "em função da taxa de crescimento e da renda per-capita, temos uma das economias mais alentadoras do mundo, com condições internas favoráveis para o investimento internacional."

— Não obstante — acrescentou — um relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o último censo indicam que a concentração do crescimento está nas mãos de uma pequena minoria. O desenvolvimento não está democratizado, porque só oferece oportunidades à oligarquia econômica do país.

Dom Fragoso fez um apelo no sentido da reformulação da ajuda aos países em desenvolvimento, a fim de canalizar os seus recursos e inteligência para o desenvolvimento econômico e social.

— Tenho a impressão — disse — de que a ajuda internacional, em sua forma atual, constitui uma solução falha para os problemas dos países em desenvolvimento. As nações ricas dão com uma mão e tomam com duas. Nós temos a nossa dignidade própria e não queremos aceitar esmolas do povo norte-americano. Hoje existe na América Latina uma luta de libertação e nós estamos em processo para libertar o nosso povo.

Bispo de Crateús denuncia em Washington problemas políticos latino-americanos

Washington (UPI-JB) — O Bispo de Crateús, Ceará, Dom Antônio Batista Fragoso, exortou ontem a Igreja Católica e o povo dos Estados Unidos a apoiarem a nova "teologia da libertação" e a luta contra a opressão na América Latina.

O Bispo brasileiro, que recebeu os jornalistas no escritório da Divisão Latino-Americana da Conferência dos Bispos dos Estados Unidos, disse-lhes que maus tratos a presos políticos são praticados não só no Brasil como também em outros países da América Latina governados por regime militares.

OUTROS PAISES

Dom Fragoso está passando uma semana nos Estados Unidos, depois de assistir, em Roma, a um seminário sobre o Movimento Missionário Leigo para a América Latina, patrocinado pelo episcopado italiano.

O prelado citou informações sobre repressões e torturas em outros países latino-americanos, como o Peru, Paraguai e a República Dominicana, acrescentando que essa repressão atinge em grande parte a Igreja.

— Quanto ao Brasil — observou — sustento o que foi exposto na imprensa e na declaração dos bispos no sentido de que há torturas.

O bispo citou o JORNAL DO BRASIL, o Estado de São Paulo e a revista Veja como publicações que informaram sobre torturas e repressão no Brasil.

SEM PERMISSÃO

Dom Fragoso recordou que o Governo brasileiro não permitiu que a Comissão de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos investigassem as acusações.

O bispo lamentou a "falta de condição moral" que permite aos Estados Unidos e a outros países desenvolvidos prestarem apoio e ajuda às ditaduras militares na América Latina. O prelado denunciou que o comércio



A resposta de Dom Tomás

O bispo de Goiás, dom Tomás Balduino, afirmou ontem, em Brasília, que não pretende processar o secretário de Segurança Pública de São Paulo, coronel Erasmo Dias, que publicou na imprensa a carta-resposta que o religioso enviou ao preso político Hamilton Pereira da Silva. No entanto, dom Tomás Balduino explicou que, caso a CNBB ou a Comissão de Justiça e Paz considerem importante a abertura do processo contra o secretário de Segurança Pública, não se oporá a essa decisão.

Para o bispo, o secretário já foi condenado pelo seu gesto por todos aqueles que tomaram conhecimento da sua atitude. Como sua correspondência já foi amplamente divulgada, o bispo decidiu também tornar pública a carta que recebeu do preso Hamilton Pereira da Silva, no dia 3 de novembro. Segundo o bispo, "é uma carta profundamente cristã e brasileira, denotando um alto grau de consciência e vivência da caminhada do nosso povo".

Eis a íntegra da carta:

"D. Thomas:

"É hora de martírio". Nesse tempo de palavras fáceis, nesse tempo de engodas, nesse tempo de medo, estas palavras queimam os olhos, os ouvidos, o coração dos que ainda os têm.

"É hora de martírio". O que dizer dessa verdade? Ela significa um caminho e uma coragem. Caminhar na direção dos humildes e depois andar com eles sua vereda de suplicios será sempre um caminho novo. Até fazer da dor semente, da morte de uns a vida libertada de muitos, cumpre caminhar.

"É hora de martírio". Estas palavras resumem a vida e a morte do padre Rodolfo e do padre João Bosco Burnier. Todos sabemos como é longo caminhar na direção do povo. Antes de chorar a morte desses mártires é justo perguntar pela

terra do povo bororo, despojado, expulso, dizimado, porque sem essa terra virão outros mártires. É justo perguntar pela dor de três anônimas de Ribeirão Bonito, humilhadas, torturadas, brutalizadas, porque essa dor nasceu há séculos e há séculos se recompõe e renasce diariamente na vida destes pequeninos.

Não nos deve causar espanto, a morte. Ela se tornou presente desde a hora em que o caminho desses dois missionários se fundiu à vida dos posseiros e índios do Norte. Pode alguém trilhar a estrada de quem da vida só recebeu o açoite, a prisão, o saque, de quem da vida só recebeu a morte e sua medida, e não guardar no corpo alguma chaga? O povo há de trazer na memória a ausência de seus filhos. Isto significa que a morte se fez vida e permanecerá.

É hora de recordar nossos mortos. Todos os nossos mortos. Os de hoje e os de sempre.

Lembrar 400 anos de massacre; lembrar o extermínio de povos inteiros, lembrar os que trouxeram o riso, a alegria infantil pelos espelhos, pelos presentes brilhantes e foram escravizados; os que perderam a caça, os rios, a terra; os que vagam pelas estradas mendigando cachaça; o que no branco açúcar dos brancos ingeriram cianureto; os que do céu receberam rajadas de morte no Paralelo Onze. E permaneceram calados. De nada lhes valia falar. Quem estaria disposto a ouvi-los? De resto, eles falam outra língua. Uma incompreensível língua de oprimidos.

Essa tem sido a língua do CIMI. Tem sido a sua linguagem. Incômoda e tenaz. Falar numa casa de silêncios exige coragem. A força cega se abateu e cobrou uma parcela de sangue. O sangue destes homens - porque na morte eles foram sobretudo homens na sua dimensão maior de entrega

e abnegação - será a marca dos dias que navegamos.

De todas as dores uma nos reconforta na hora da tragédia; a consciência do sangue derramado. A opção pelos humildes - não para defendê-los como um forte defende os fracos, mas vivendo sua vida, morrendo sua morte e descobrindo na sua fraqueza a sua infinita força - foi a cerne desse sacrifício.

A consciência de que esta organização social, que faz dos homens feras e os torna capazes de tamanhos crimes, não pode oferecer aos povos indígenas do Brasil outra alternativa senão o extermínio cultural e, freqüentemente, o extermínio físico, deve servir de estímulo na árdua batalha do CIMI em defesa do direito desses povos à vida.

Receba o abraço solidário e, provisoriamente, distante (a) Hamilton Pereira da Silva".
(Transcrito de *O Estado de São Paulo*, 21/12/1976)

26. Feb. 1977

Bispo denuncia focos comunistas na Igreja

O acusador

Nascido em 1909 em Belo Horizonte, Dom Geraldo Proença Sigaud ordenou-se padre em 1932 e foi sagrado bispo em 1947, permanecendo até 1960 em Jacarezinho, no Paraná. Em 1961, como Arcebispo, foi para Diamantina, e a partir daí começou a destacar-se como uma das forças mais conservadoras do Episcopado brasileiro, principalmente depois da publicação, junto com Dom Antônio de Castro Mayer e Plínio Correia de Oliveira, em 1963, de Reforma Agrária, Questão de Consciência, para combater a pregação do Governo Goulart.

Um dos fundadores da Sociedade Brasileira em Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), desligou-se mais tarde da instituição, que contra sua opinião continuou a combater a reforma agrária sob orientação dos Governos pós-64 e a opor-se às reformas litúrgicas, às quais aderiu em 1974 "por obediência ao Papa". Antes de 1964, participou ativamente de comícios e atividades políticas contra o Governo. Em 1970, esteve na Alemanha onde pronunciou palestras, escreveu artigos e deu entrevistas a jornais católicos desmentindo "a campanha difamatória contra o Brasil".

Em 1968, numa entrevista, dava sua opinião sobre a presença de sacerdotes comunistas na Igreja: "O documento elaborado pelo

padre belga Comblin e as declarações de apoio e solidariedade que a'guns bispos e sacerdotes lhe deram é uma prova cabal e irrefutável de que o comunismo penetrou em nossas fileiras". Dom Geraldo Sigaud atacou principalmente a JOC, e, entre seus colegas do Episcopado, Dom Cândido Padim e Dom Hélder, que segundo ele "estão abrindo as portas da América Latina ao comunismo". Hoje, além de Arcebispo, é também empresário: fundou uma cooperativa de reflorestamento no Vale do Jequitinhonha e vem-se dedicando à criação de caprinos em suas terras na região.



Dom Geraldo Sigaud

Outro acusado

Bispo de Goiás Velho e presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Dom Tomás Balduino foi recentemente acusado de comunista também pelo Secretário de Segurança de São Paulo, Coronel Erasmo Dias, baseado numa carta, apreendida e divulgada, que ele dirigiu a um preso político. No entanto, as posições do Bispo em relação à questão do índio e dos posseiros, em sua região, têm lhe valido idênticas acusações. Em janeiro, comentava as divergências entre o Cimi e a Funai:

"O que existe é o fato do Cimi ser um órgão inteiramente voltado para o índio, enquanto a Funai é uma repartição do Ministério do Interior com objetivos de propiciar o desenvolvimento das grandes empresas, nacionais e multinacionais, do ramo agropecuário, na região amazônica. E para tais empresas e a Funai, o índio acaba se constituindo num estorvo".

Na carta ao preso, Dom Tomás reproduz um trecho de documento da Comissão

Representativa da CNBB sobre a situação política, seguido de observação elogiosa: "Em nome da luta contra o comunismo e em favor do desenvolvimento econômico, declaram a guerra anti-subversiva contra todos aqueles que não concordam com a visão autoritária da organização da sociedade".



Dom Tomás Balduino

Um acusado

Dom Pedro Casaldáliga é espanhol. Chegou ao Brasil em janeiro de 1968. Antes de ser eleito bispo iniciou "trabalho de documentação das injustiças e arbitrariedades que se cometiam na região de Mato Grosso e Goiás. Segundo o Bispo de Goiás, Dom Tomás Balduino, logo depois de Dom Pedro ser eleito bispo "alguns representantes dos latifundiários procuraram a Nunciatura Apostólica, tentando impedir a sagração".

Titular da Prelazia de São Félix do Araguaia, Mato Grosso, Dom Pedro Casaldáliga viu-se envolvido, em 1975, numa campanha nacional que pedia sua expulsão do Brasil, sob acusação de que era marxista e incentivava índios e posseiros à rebelião. Documento publicado na época lembrava que "conforme a Polícia Federal, mais de uma vez algumas pessoas receberam convite para aceitar a em-

preitada de matar D Pedro". O Bispo defendeu-se dizendo que se limita "a pregar a fé cristã de igualdade e a ajudar os pobres, os menos favorecidos". Dom Pedro Casaldáliga é autor do livro de poemas Terra Nuestra, Libertad, escrito em espanhol, português, basco e catalão.



D Pedro Casaldáliga

Igreja não pretende ser poder

São Paulo — "Ninguém estranhará que a Igreja se recuse à situação de parceira tácita do poder político, no esquema poder espiritual-poder temporal, situação acima e fora do povo, ainda que em benefício deste. Para cumprir sua missão, a Igreja há de falar à consciência, sem impor-se como poder. Deve criar possibilidade para a própria dignidade da pessoa humana, que está no centro da criação".

A afirmação foi feita ontem pelo Cardeal-Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, em sua mensagem semanal, cujo tema central se baseia em duas indagações: "A Igreja é Poder?" e "Como se relaciona a Igreja com o Poder?". Referindo-se aos cristãos que "procuram defender os direitos fundamentais do homem, o exercício pleno dos direitos e as condições de vida digna para o bem comum", Dom Paulo Evaristo Arns observou que "chegam a influir nas decisões, através do diálogo, da opinião pública, da legítima pressão social. Impedem ao mesmo tempo que

o poder econômico e político seja manipulado por grupos ou classes que defendem unicamente seus interesses".

IGREJA E PODER

Acrescentou o Arcebispo paulista que "há, no mundo, os poderosos que vivem para manter o próprio poder, como há também pessoas influentes, que sabem ser essa influência dependente de Deus e dada para servir. Os primeiros do reino devem ser aqueles que servem, segundo a máxima de Cristo".

Dom Avelar considera documento universal

Salvador — O Cardeal-Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão Vilela, disse ontem que o documento dos bispos tem, simultaneamente, um caráter "universal, continental e nacional", com um conteúdo que pode ser aplicado "a qualquer regime em qualquer parte do mundo". Evitando relacioná-lo com a realidade brasileira, assinalou que não poderá se constituir em qualquer entrave ao relacionamento Igreja-Estado no Brasil, porque "não fecha nenhum problema para ninguém, e admite a possibilidade de aperfeiçoamento das coisas que existem".

D Avelar disse que cada documento tem "uma missão a cumprir, uma história, uma destinação e um momento histórico preciso", o que faz com que este difira de todos os outros de cunho social e político trazidos à luz pela Igreja na América Latina. Os bispos, na assembleia-geral de Itaipá (SP), segundo ele, moveram-se "com absoluta liberdade, mas logicamente dentro de determinados parâmetros que nos queremos impor", e justificou o número elevado de emendas que o documento sofreu pelo número de bispos presentes.

Intenção

Segundo o Arcebispo de Salvador, o documento deve ser entregue à reflexão de todas as classes e categorias mentais do país, "seja nos setores político, econômico e educativo". Durante a entrevista coletiva à imprensa no Palácio da Sé, destacou a importância de que o documento seja tomado como objeto de reflexão e "traduzido" por cada indivíduo. O que está dentro do documento, segundo D Avelar, pode ser aplicado a qualquer regime, em qualquer parte do mundo, pois é um diagnóstico sobre sistemas e regimes. Ele acredita que essa característica dá "mais força moral ao documento, que é de inspiração cristã, focalizando a ordem política que interessa à Igreja, sempre interessou e continuará interessando".

Seu valor histórico, afirmou o Cardeal, está sobretudo na ausência de uma visão imediata. "Ele obedece a critérios que eu considero altamente pedagógicos, evitando a massificação; a coisa tem que ser deglutida para ser assimilada. O processo de absorção tem que ser lento para respeitar as consciências, e a Igreja é altamente educativa na sua missão".

Havia a necessidade — diz D Avelar — de fazer um documento neste estilo para atingir os intelectuais. Sendo o documento, como revelou, um "corpo de idéias", cumprirá seu objetivo. Por sua própria orientação, frisou, "se manteve no altiplano, evitando o particular, preferindo partir de outra plataforma, segundo quais seriam as exigências cristãs de uma ordem política".

Líder do Governo faz elogio à tese da CNBB

Brasília — O líder do Governo, Deputado José Bonifácio, surpreendeu ontem a mais de uma dezena de jornalistas que lotaram seu gabinete ao elogiar o documento Exigências Cristãs de uma Ordem Política, no qual a CNBB firmou a posição do clero brasileiro, condenando o arbitrio e clamando pelo restabelecimento do habeas-corpus.

Ressalvando que não lera o documento na íntegra, o Deputado afirmou que "alguns trechos dão margem a entender que se trata de um documento sério, elaborado com o espírito de acertar e ajudar; é uma tese que merece ser meditada por todos os países do mundo". Indagado se o Brasil se incluía nisso, perguntou: "Mas o Brasil não faz parte do mundo?" Diante da surpresa dos jornalistas o líder do Governo procurou explicar que pertence "a uma tendência católica dentro da Arena".

D Sigaud envia ao Núncio as provas de suas denúncias

Diamantina, MG — Num relatório enviado ao Núncio Apostólico D Carmine Rocco, e no qual alinha documentos e provas de suas denúncias de que "há infiltração comunista em todas as partes e também na Igreja" e "é grande o número de bispos que fizeram opção pelo comunismo", o Arcebispo de Diamantina, D Geraldo de Proença Sigaud, diz esperar que "a Santa Sé tome as medidas que o problema exige".

As primeiras 200 cópias mimeografadas do relatório, uma das quais foi entregue ao Comandante da 4a. Divisão de Exército, estão sendo expedidas pelo Correio para vários bispos, inclusive os dois que constituem o alvo principal das acusações: o de São Félix do Araguaia, D Pedro Maria Casaldáliga, e o de Goiás Velho, D Tomaz Balduino, responsabilizados pelas dificuldades surgidas no relacionamento entre a Igreja e o Governo e pelo assassinio de dois padres na região Centro-Oeste.

O relatório

Diamantina, 25 de março de 1977.

Exmo Revmo Sr
Dom Carmine Rocco

DD Núncio Apostólico junto ao Governo brasileiro.

Brasília — DF.

Passo às sagradas mãos de V Exa Revma o presente relatório referente às minhas duas entrevistas dadas ao JORNAL DO BRASIL, em 26 de fevereiro, e ao O Estado de S. Paulo, em 27 de fevereiro de 1977. Junto a elas os documentos em que minhas afirmações se estribam e, por último, as razões que me fizeram levar ao público este assunto. Faço isto, obedecendo aos dois telefonemas, dos dias 2 e 5 de março, que tive a honra de receber de V Exa Revma, pedindo-me a confirmação da verdade da notícia dos dois jornais, pedindo-me a apresentação dos documentos em que minha afirmação se baseia e a indicação dos motivos que me levaram a agir como fiz, a fim de poder informar à Santa Sé sobre o momentoso assunto.

Ao mesmo tempo em que me pedia estas três coisas, V Exa me rogava com insistência que não desse outras entrevistas à imprensa, a fim de não acrescentar mais lenha à fogueira.

Atendendo ao pedido de V Exa, neguei-me a falar novamente aos jornais, à rádio e à televisão, que me procuraram insistentemente.

Não podendo dar entrevistas, não pude me defender de muitas acusações que contra mim levantaram nem retificar muitas notícias inexatas. Fê-lo-ei, porém, depois de ter informado a essa Nunciatura Apostólica e à Santa Sé sobre a verdadeira versão dos fatos.

MINHAS ENTREVISTAS

Ao JORNAL DO BRASIL, em 26 de fevereiro de 1977. O texto da entrevista publicada no JORNAL DO BRASIL, dessa data, é fiel e corresponde exatamente às palavras que ditei por telefone. (Doc. I)

Nessa entrevista eu afirmo o seguinte:

— Há infiltração comunista em toda parte, também na Igreja.

— As idéias de D Pedro Casaldáliga são de alguém que participa de invasão comunista no Brasil.

— A atuação do CIMI — Conselho Indigenista Missionário — em que D Tomaz Balduino e D Pedro Casaldáliga são, respectivamente, presidente e vice-presidente, são os principais responsáveis pelo clima tenso nas relações entre a Igreja e o Governo.

— O clima criado na Prelazia de S. Félix, em Mato Grosso, por D Pedro e pelo Cimí é o responsável pelo assassinato dos dois missionários — Padre Rodolfo Lukenbein e Padre João Bosco Penido Burnier.

— D Tomaz Balduino também compactua com a linha de D Pedro Casaldáliga e tem uma atividade pastoral da qual muitos missionários discordam.

— As Comunidades Eclesiais de Base estão tomando, em várias Dioceses, um cunho estranho, e podem transformar-se em núcleos de uma guerra de sublevação esquerdista.

DOM ESTEVÃO AVELAR

Os fatos ocorridos com ele não têm cunho político e sim policial. S Exa sofre as consequências dos graves desvios verificados com membros da Ordem Dominicana, no passado recente.

Sobre o documento da CNBB sobre Exigências Cristãs de uma Ordem Pontifícia, meus comentários foram favoráveis.

"O ESTADO DE S. PAULO" (Doc. II)

Em 27 de fevereiro, O Estado de S. Paulo publicou uma entrevista comigo, que trata substancialmente do mesmo assunto. Os itens são:

— O Governo brasileiro deve pedir à Santa Sé que remova o Bispo de S. Félix, D Pedro Casaldáliga.

— O Governo deve fiscalizar as Comunidades Eclesiais de Base que, subordinadas a bispos esquerdistas, podem se tornar um barril de pólvora.

— D Pedro Casaldáliga e D Tomaz Balduino são responsáveis (não os únicos) pela tensão existente entre a Igreja e o Estado.

— Há infiltração comunista na Igreja, não só através destes dois Prelados, mas também pela Ordem Dominicana.

— O caso Marighela é um bom exemplo do papel de muitos dominicanos que contradiziam a atitude de seus confrades mais velhos.

— A agitação esquerdista se verifica no CIMI.

— D Pedro mesmo se denuncia comunista.

— D Tomaz Balduino acompanha a orientação de D Pedro.

MINHAS AFIRMAÇÕES

Em minhas afirmações eu me baseei em documentos escritos. Grande parte deles é constituída de publicações feitas pelo próprio Dom Pedro Casaldáliga.

Não afirmo que Dom Pedro e Dom Tomaz sejam ateus ou irreligiosos. Creio mesmo que ambos tenham convicção religiosa.

De que maneira podem conciliar o catolicismo que devem abraçar com o comunismo que defendem é um problema que escapa ao âmbito deste Relatório.

Não entro também na questão da forma de Governo que os Srs Bispos imaginam para o Brasil, sob o regime do "comunismo cristão".

Apenas afirmo que Ss Exas querem a derrubada do nosso Governo atual e a mudança radical do nosso sistema de vida.

DOM PEDRO CASALDÁLIGA E SUAS IDÉIAS

As fontes:

As fontes que nos revelam as idéias de D Pedro Casaldáliga são muitas.

SEUS LIVROS

Na ordem cronológica, são os seguintes os livros publicados por S Exa Revma:

1971 — **Clamor Elemental** — Ediciones Sigueme — Salamanca (Doc. III).

1974 — **Tierra Nuestra, Libertad** — Editorial Guadalupe. Buenos Aires — Argentina (Doc. IV).

1976 — **Yo Creo en la Justicia y en la Esperanza** — Desclee de Brouwer — Espanha (Doc. V).

Alvorada — Folheto publicado pela Prelazia de S. Félix.

— Outros escritos (Doc. VI).

A POSIÇÃO SOCIOLOGICA DE DOM PEDRO

Dom Pedro é um revoltado contra tudo e contra todos.

Sua posição de revolta começa já no seminário:

"Pensava, rezava, escrevia, confabulava rebeldemente." (Doc. V, pág. 148).

"Fui me tornando radical (Doc. V, pág. 149) ao ver na Igreja tanta coisa que precisava ser mudada urgentemente."

Entre as coisas que ele condenava, estavam:

o celibato, que ele chama "uma vergonhosa imposição" (Doc. V, pág. 149).

Cita Arturo Paoli: "O celibato é um não valor, não somente menosprezado, mas também desvalorizado dentro da própria estrutura eclesial. Não o pode aceitar, a não ser como um vazão, uma humilhação como pobreza." (Doc. V, pág. 103).

Contra o Magistério do Sumo Pontífice e dos Bispos.

"Os Magistérios inapeláveis; as Encíclicas e Cartas Pastorais, que vinham de reboque atrás delas." (Doc. V, pág. 149).

REVOLUCIONARIO

D Pedro defende a doutrina que afirma que é necessário modificar em sua essência o regime que existe no Brasil. Não se contenta em pensar assim, ele prega e propaga estas idéias e agita o povo para que se oponha ao regime, o derrube e o substitua por outro. Este outro regime é o comunismo que nega a propriedade privada. Tem restrições quanto às formas concretas de que o comunismo se revestiu, mas afirma que o capitalismo é essencialmente perverso e que socialismo-comunismo pode ser cristão.

Leva, porém, sua ansia de revolução até a Igreja.

REVOLUÇÃO NA IGREJA

Sintoniza com o "rebelde Hans Kung" (doc. V, pág. 150) e afirma que se deve fazer na Igreja a revolução de dentro. (Doc. V, pág. 150):

— "Desmitificando-a como instituição, como história e como lugar único de salvação." (Doc. V, pág. 151).

GRUPO ORGANIZADO DENTRO DA C.N.B.B.

Para conseguir que suas idéias triunfem na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, organizou um grupo de Bispos que obedecem à sua orientação, que ele denomina Grupo No-Grupo.

— "Sem pretensões e sem eufemismos comprometidos com uma mesma linha pastoral, do qual sairiam várias iniciativas — documentos, atitudes, intervenções — marcadamente significativos para a Igreja do Brasil, nestes últimos anos." (Doc. V, pág. 56).

— "Setembro. Dia 13. No Rio e em São Paulo tivemos três encontros, aqueles Bispos — o Grupo- Não-Grupo — que pretendemos comprometermos particularmente com a realidade da Igreja e do país." (Doc. V, pág. 70).

Trata-se, portanto, de um grupo de Bispos que seguem as idéias que Dom Pedro defende e as querem implantar e realizar no Brasil, agindo com método e plano, servindo-se, de modo especial, da CNBB para levar avante o seu programa.

Por ocasião das Assembleias da CNBB procura levar avante seu plano, organizando encontros paralelos, que ele chama de "Concilio lateranense", em que se reúnem muitos amigos. Em 1973 tomaram parte elementos subversivos, entre os quais Alexandre Vanucci. Dom Pedro escreve:

— "Março. Dia 6.... Tivemos em S. Paulo (1973) a Assembleia Nacional dos Bispos. Muito "concorde". Tímida. Um pouco superficial. Houve, de outra parte, a oportunidade de encontrar-se — em "Concilio lateranense" — com muitos amigos. "A rapaziada está de acordo. Uma verdadeira atitude "revolucionária" só pode se dar com

uma radical conversão interior. Falando-lhes, eu mesmo descobri, com uma nova força, como as estruturas do capitalismo (econômico, político, espiritual) são idolatria, estado de pecado e morte.

E' preciso "tornar-se "marginal" para ser livre e para libertar". (Doc. V, pág. 81).

"Destes encontros durante a Assembleia da CNBB) guardo a pungente imagem gloriosa do jovem Alexandre Vanucci, morto pouco depois, de baixo de tortura, pelas mãos sádicas da repressão, em uma prisão de São Paulo. Sangue novo e generoso, semente de dias melhores para o povo do Brasil". (Doc. V, pág. 81).

Um dos objetivos da atuação de S Exa, dos Bispos, sacerdotes, religiosos e leigos que teve o "Concilio lateranense", na Assembleia da CNBB de 1973, em São Paulo, foi espalhar a tese de que "as estruturas do capitalismo econômico, político ou espiritual são idolatria, estado de pecado e morte". Quer dizer que o regime brasileiro é contra a moral e nós, que defendemos a doutrina da Igreja, vivemos em pecado mortal, e que, portanto, os Papas erraram e é preciso, em nome do Evangelho, derrubar o "Sistema" e implantar o socialismo-comunismo. E' preciso revolucionar a doutrina social da Igreja.

VATICANO, NUNCIATURA, PATRIMÔNIO DA IGREJA

S Exa condena a Santa Sé, embora reconheça que o Papa é o chefe da Igreja.

Condena a soberania do Papa, expressa no Estado Cidade do Vaticano, e as Nunciaturas.

— "Não sou irreverente nem anárquico se desejo que acabem o Vaticano e as Nunciaturas." (Doc. V, pág. 101).

Sobre as atividades da Nunciatura, no caso da saída de Pe Francisco Jentel, ele escreve:

— "Por trás ou por cima se agitaram as negociações da Embaixada e da Nunciatura, para conseguir que Francisco saísse do país. Diplomáticamente suto-expulsado, diríamos."

— "A meu modo de ver, um sujeito jogo diplomático tanto da Nunciatura como da Embaixada francesa." (Doc. V, pág. 104).

"Já apontei alguns reparos meus referentes ao Sumo Pontífice e ao Vaticano, e aos centralismos e colonialismos e outros poderes da Igreja... Não creio, no entanto, no Vaticano como Estado, como poderio, como burocracia. Molesta-me; penso que embaraça o passo da Igreja de Jesus; desejo que se acabe..."

"Nem estou de acordo com toda a montagem econômica da Cúria

e com o modo com que esta montagem é administrada... porque tenho vivido e vivo aqui, no próprio território da Prelazia, as contradições e escândalos que este barracão econômico e suas ações — Liqueigaz, sim, Liqueigaz não — produzem tanto no povo como nos que exploram o povo." (Doc. V, págs. 163, 164).

ANO SANTO

Não concorda com o Ano Santo.

"Há dias que procuro reconciliar-me com o Ano Santo da Reconciliação e não consigo." (Doc. V, pág. 116).

SEGREDO PONTIFÍCIO

Não observa o segredo pontifício nem o admite. Referindo-se à consulta que lhe fez a Santa Sé sobre se aceitava ser Bispo Prelado de S. Félix, escreve:

"Entretanto me havia chegado do Vaticano a nomeação de Bispo. Eu já tinha carta de renúncia taxativa para o Núncio, quando passou por S. Félix Dom Tomaz Balduino, o Bispo amigo de Goiás, piloto de um aviãozinho vermelho-branco, pássaro sempre providencial em nossos céus. Ele me pediu insistentemente que não mandasse a carta, que falaríamos todos juntos por ocasião da ordenação de Manuel, o dia 7 de agosto.... Domingo, dia 8, se reuniram — rotos todos os encantos do segredo (pontifício) os Padres e as Irmãs com Dom Tomaz. E me discutiram e me aceitaram como futuro Bispo. Disseram que era melhor o mau conhecido do que o bom por se conhecer. Então Dom Tomaz me chamou. Eu, sem ilusões — depois de curtir um longo tempo — aceitei". (Doc. V, págs. 46/47).

REVOLUÇÃO NO CAMPO POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICO

De acordo com

"não sei que escritor comunista, o amor ou é político ou não existe". (Doc. V, pág. 39).

De acordo com este princípio, não limita à Igreja seu amor revolucionário, mas o leva ao campo político e social.

Influenciado pelo marxismo, opta pelo socialismo-comunismo.

"De todos os modos eu passei da visão horrorizada do anarquismo, em minha infância, às opções do socialismo. Por causa das exigências do Evangelho e também por algumas razões do marxismo. Que espécie de Socialismo, eu não sei a ponto fixo que Igreja será amanhã aquela que estamos pretendendo construir hoje. O Socialismo que eu propugno com tantos outros irmãos na Fé e na paixão pela justiça, — como o melhor instrumento sociopolítico, hoje em dia — para a transformação da sociedade humana, não é precisamente o Regime tal, nem mesmo ainda o Partido tal. Não é a Rússia, está claro, nem Cuba, nem China, nem Argélia, nem o Chile de Allende. No entanto, é alguma coisa deles".

"Entendendo ser cristão sei que posso e devo ir mais longe do que o comunismo. Por outro lado, já faz muitos anos que me entusiasma muito pouco a metrópole do comunismo internacional... No entanto, me entusiasma muito menos os paraísos capitalistas, onde a Sibéria da fome ou da escravidão ou da loucura do consumo são o habitat da maioria. O povo-povo — não os mandarins, nem os reverendos, nem as senhoras, nem as famílias de posição, nem os donos — (o povo-povo) ganhou com Fidel, com Allende ou com Mao. Que Paniker me perdoe, mas eu creio que o capitalismo é intrinsecamente mau: porque é o egoísmo social, institucionalizado, a idolatria pública do lucro, o reconhecimento oficial da exploração do homem pelo homem, a escravidão de muitos ao jugo do interesse e da prosperidade de poucos." (Doc. V, pág. 180, 181).

E fundamenta seu socialismo no Evangelho:

"O novo Mandamento é radicalmente socializador. O Evangelho é a subversão dos interesses, porque é a demolição dos ídolos. Quem encaixar as classes sociais na Constituição do Reino... Creio, em suma, que a socialização do mundo pode ser um intento real de viver a sociedade cristãmente. E creio que a Sociedade Capitalista é a negação radical deste intento. O capitalismo não pode ser cristão. O Socialismo pode". (Doc. V, págs. 181, 182).

Por isto se diz — "um cristão politizado das esquerdas". (Doc. V, pág. 153).

Esta transformação de direitista em comunista foi radical,

"pois a vida o levou à compreensão da dialética marxista e a uma metanóia política total." (Doc. V, pág. 183).

Por isto entende-se bem com os que fazem a grande revolução,

"e buscou uma solução, a partir de uma opção marxista de contestação da presente sociedade". (Doc. V, págs. 117-118).

Sua oposição ao Governo brasileiro é radical, fundamentada em uma ideologia que confunde cristianismo com comunismo e subversão.

"Creio que hoje em dia somente se pode viver em atitude de sublevação e creio que se pode ser cristão somente sendo revolucionário". (Doc. V, pág. 179).

pois qualquer tentativa de corrigir defeitos do sistema sem o derrubar inteiramente é inútil.

"Os providencialismos desencarnados, os neoliberalismos e neocapitalismos e certas neodemocracias e outros sossegados reformismos que mentem aos outros ou mentem a si próprios — cínicos ou bobos — servem unicamente para salvar o privilégio dos poucos privilegiados a custa da produtiva submissão dos muitos mortos de fome. E por isto mesmo me parecem objetivamente iníquos. Uma coisa compreendi claramente com a vida: as direitas

são reacionárias por natureza, inaticamente imobilistas quando se trata de salvar a própria fatia do bolo solidamente interessadas naquela Ordem que é o Bem.... da minoria, sempre". (Doc. V, pág. 179-180).

Por isto critica o Pe Francisco Jentel por procurar resolver os conflitos entre proprietários e posseiros dentro da lei. No caso de Santa Terezinha, recusou-se a recorrer às autoridades:

"Eu me neguei redondamente a posteriores infrutíferos recursos às autoridades. Tínhamos enviado uma reclamação ao Juiz de Direito da Comarca, — embora inútil — e isto bastava. O Pe Francisco (Jentel) sempre legalista, se sentia violentado. Eu o deixei optar. Em todo caso minha decisão era irrevogável". (Doc. V, pág. 57).

Ao Governador de Mato Grosso, José Fragelli, que considerava o Pe Jentel como autor intelectual do crime acontecido em Santa Terezinha, respondeu:

"Eu respondo que este autor intelectual sou eu mesmo e não o Pe Francisco, porque eu assumo toda a responsabilidade do que ocorreu em Santa Terezinha, por parte da Missão e dos posseiros..." (Doc. V, pág. 58).

RUPTURA COM O REGIME DO BRASIL

Dom Pedro rompeu completamente com o regime que reina no Brasil. Ele o diz:

"O regime do Brasil é um esquema nazista de terror. Os poderes econômicos impõem a lei e amordaçam a justiça." (Doc. V, pág. 58).

Por isto trata com brutalidade o Ministro da Justiça, Buzaid:

"Diante do seu cinismo, neguei-me a aceitar a xícara de café que me ofereceu, como me neguei a aceitar novos prazos e novas mentirosas mediações". (Doc. V, pág. 58).

AS FORÇAS ARMADAS

Tem alergia pela farda. (Doc. V, pg. 28). Para ele o Exército brasileiro "soube aqui fazer muito bem o papel de verdugo e de vândalo". (Doc. V, pg. 97).

Eis o que escreve sobre os militares:

"Aqui perto os militares são meus inimigos, na medida em que são inimigos do povo. Porque estão ao serviço do capitalismo e da ditadura; porque vivem servilmente entregues aos assistencialismos encobridores, aos "Projetos Impactos", à repressão e à tortura." (Doc. V, pg. 178).

Pode-se imaginar o clima criado em Mato Grosso com tais palavras e atitudes.

IRONIZA OS PROGRAMAS SOCIAIS DO GOVERNO

"... o conflito social básico de uma região destinada oficialmente a ser latifúndio de gado bovino, área da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) onde a bosta de vaca equivale a um selo reconhecido de "integração nacional"... e "de inumana desintegração de índios, posseiros e peões". (Doc. V, pg. 36).

Quando o Governo procura ajudar a resolver seus problemas, Dom Pedro interpreta mal a iniciativa governamental.

"O Estado também aqui está construindo um "Posto de Saúde". Uma vez salva a grande estrutura capitalista — ditadura, latifúndio, colonialismo externo e interno — nada impede que se barganhem, publicamente, as pequenas estruturas assistenciais. É tão fácil enganar, à primeira vista, o povo, quando se lhe estrangulam as consciências, estrangulando a Liberdade". (Doc. V, pg. 82).

Da ação benéfica das Forças Armadas conjugada com o Projeto Rondon, Dom Pedro afirma:

"Estamos de novo em tempo de "Aciso". Aeronáutica, Exército e Polícia Militar — com elementos do "submisso Projeto Rondon"; universitários ocupam os caminhos e lugares da Prelazia. Arrancam dentes a granel, e querem arrancar também admirações!" (Doc. V, pg. 98).

RUPTURA COM OS PROPRIETÁRIOS DAS FAZENDAS

Tirando as consequências de sua doutrina, D Pedro amaldiçoa os fazendeiros e rompe todas as relações com eles:

"Maldito seja o latifúndio!" (Doc. V, pag. 19).

"Já tínhamos rompido com as fazendas. Não podíamos celebrar a Eucaristia à sombra dos senhores, viajando em seus carros ou aviões, comendo ou bebendo usque em suas mesas, sendo assistidos nas celebrações por aqueles que escravizam seus irmãos menores; esta não é mais. Ceia do Senhor! Deixamos de ser amigos dos grandes e os encaramos de frente. Nenhum explorador ou colaborador, que aproveitasse da exploração, poderia ser padrinho de Batismo, por exemplo. Deixamos de aceitar caronas em seus carros, esquivamo-nos positivamente de sua companhia, de seus sorrisos; deixamos até de cumprimentar, nos casos mais descarados." (Doc. V, pag. 37).

Sua oposição aos fazendeiros chegou ao ponto de não permitir que os padres aceitem auxílio deles.

"Em Luclara celebrei Missa de Finados. E consegui controlar o projeto "espontâneo" da nova igreja. N. N. sempre político, e com o fundo clerical de seus anos de seminarista por este Norte, aceitava,

tão normalmente, que a Codeara lhe fizesse a planta. Bendito seja Deus e o espírito do Pe Jentell. E queria pedir ajuda financeira aos outros fazendeiros do município." (Doc. V, pag. 100).

Luta, pois, contra a chegada do progresso, incitando o povo a resistir à colonização. (Doc. V, pag. 118) porque — "Imperialismo, Colonialismo e Capitalismo merecem de mim o mesmo anátema." (Doc. V, pag. 176).

Resiste à ação civilizadora das Forças Armadas. Vimos há pouco:

"Aqui perto, os militares são meus inimigos, na medida em que são inimigos do povo. Porque estão a serviço do capitalismo e da ditadura; porque vivem servilmente entregues aos assistencialismos destinados a encobrir os Projetos Impactos, à repressão e até à tortura". (Doc. V, pag. 178).

LITURGIA

Enfim, rompe com a Liturgia e leva a sua ruptura a um ponto incrível. Recusa-se a usar anel, báculo e mitra (Doc. V, pag. 48). E na sua sagração, que foi feita às margens do rio Araguaia, em lugar de mitra, usou um chapéu de palha, em lugar de báculo, funcionou um remo-borduna. Isto queria significar sua opção pelos pobres e oprimidos. (Doc. V, pag. 51).

Até aqui vimos a posição doutrinária que Dom Pedro Casaldáliga defende: o socialismo de colorido comunista. Ele, porém, não se contenta em defender a doutrina comunista e põ-la em prática em sua Prelazia, nem se contenta em manipular a CNBB nesta direção, através do Grupo No-Grupo de Bispos que lá organizou. Lança no povo o veneno das más idéias e o ódio dos pequenos contra os grandes, dos pobres contra os ricos, dos civis contra os militares. S Exa não é apenas um defensor teórico, é um subversivo e procura derrubar o regime do Brasil.

"que é um esquema nazista de terror. Os poderes econômicos impõem a lei e amordaçam a Justiça." (Doc. V, pag. 58).

Teríamos ainda várias coisas a acrescentar a esta análise que fazemos da doutrina de S Exa e de suas atitudes de Bispo a serviço do comunismo. Dom Pedro revela sua ideologia, não só na sua autobiografia, que acabamos de analisar — *Yo Creo en la Justicia y en la Esperanza* — mas também em outro livro: *Tierra Nuestra Libertad* — Editoria Guadalupe, Buenos Aires. (Doc. IV). Este livro é de 1974. Contém poesias da lavra de S Exa, algumas de uma violência impressionante.

Nela S Exa se manifesta como um comunista militante, que procura sublevar o povo contra os cidadãos e as instituições brasileiras. Vamos examinar o livro, de acordo com a sequência das poesias, salientando as de natureza subversiva.

Documento Sigaud (final)

Padre — (levantando a ambulância) Podemos comer juntos o corpo do Senhor! Coro (e povo) começam o "Hino do Congresso Eucarístico de Manaus".

Sertaneja — Distribui o café.

O Padre distribui a hóstia (sic!). Os atores, fora de Poderoso — que sai do palco jogando tudo perto da cerca que cai, pegam com a mão esquerda a caneca do café e com a mão direita a Hóstia (sic!). E ficam em roda, com elas levantadas, como o Padre que está no centro. Todos ao redor da mesa, de frente para o público.

— Acabado o canto:

Padre — Esta é a Páscoa da Nova Aliança.

A Páscoa da verdadeira Libertação.

Este é o corpo de Jesus Ressuscitado,

Deus de Deus, gente da gente, que morrendo venceu toda escravidão e toda morte, e ressuscitando nos ganhou a libertação e a Vida.

(Volta ao canto). Todos os atores comungam e bebem o café e se unem de braços em roda).

Padre — ... Esta é a Igreja Particular de nossa Prelazia de S. Felix.

Público, coro e atores cantam o Hino da Prelazia.

(Acabada a última estrofe, o bispo, ele próprio — interrompe):

Bispo — (A todos) Irmãos, o "teatro acabou... mas a vida continua. O que acabamos de ver e escutar não é fantasia apenas. É a vida da gente é a fé da gente". (Alvorada — Doc. VIII).

Podemos imaginar o que terá passado na mentalidade e no coração do povo. É a luta de classe mais violenta e mais perigosa, pregada por padres e pelo próprio Bispo. O poderoso — os ricos, os fazendeiros, as companhias, as classes militares são o poderoso cruel, sanguinário, imoral, que escravizam o povo. Mensagem pouco evangélica!...

Termina o Bispo dizendo: — "Nós somos o povo de Deus no sertão... Inauguramos a nova Igreja catedral, feita de materiais, para inaugurarmos uma Igreja nova, feita de pessoas vivas: a Igreja do povo de Deus, deste nosso sertão..."

Assim, de maneira sacrílega, o povo recebe a hóstia consagrada e a come com café da caneca. Este sacrilégio é o selo da "Nova Igreja Particular da Prelazia de São Felix" e é o selo do ódio ao poderoso.

Difficilmente se pode pensar uma deturpação maior da Eucaristia e uma subversão maior do Evangelho.

MISSA DE 7º DIA PELA ALMA DO PE. JOÃO BOSCO PENIDO BURNIER E SUBLEVAÇÃO DO POVO DE RIBEIRÃO BONITO

Espalhando este antagonismo no povo do sertão da prelazia, não é de se admirar que Dom Pedro tenha colhido o fruto natural de sua ação subversiva: o assassinato do Pe. Rodolfo Lukenbein e depois de Pe. João Bosco Penido Burnier.

Pode-se afirmar que D Pedro e os bispos e sacerdotes que seguem a sua orientação são responsáveis pelo clima que gerou estes crimes análogos, acontecidos naquelas regiões do Brasil.

Na missa de 7º dia que a prelazia promoveu no arraial de Ribeirão Bonito, onde o Pe. Burnier foi vítima da polícia e de D Pedro, reuniram-se fiéis da região. O texto publicado na *Alvorada* diz: (Doc. IX, pag. 2).

— "Acolhida. Estamos aqui hoje, povo de S. Felix, Porto Alegre, Pontinópolis, Luciara, Cascalheira, Ribeirão e todo o sertão da redondeza, para celebrar a Paixão e morte de Pe. João Bosco, na esperança e na fé da ressurreição em Jesus Cristo".

Vimos também para manifestar a nossa união e nosso desejo de libertação.

Que nossa presença seja um protesto silencioso contra os opressores, os exploradores representados pela polícia, responsável por tantas injustiças e tanto sofrimento do povo.

Que esta celebração nos torne mais conscientes de nossa própria força. Nos torne mais conscientes que somos que vamos conseguir a nossa libertação.

Que o sangue derramado pelo Pe. João Bosco nos comprometa nesta caminhada.

A primeira leitura foi feita do Exodo, 2,23-25 e 3, 7-10.

A segunda leitura foi uma "Carta da Comunidade de Ribeirão Bonito, Cascalheira, e redondezas aos cristãos..."

PAIXÃO E MORTE DO PE JOÃO

"Irmãos, aqui no nosso lugar, a paixão e morte de Cristo se fez presente e se renova no Pe. João. Ele foi covardemente assassinado pela polícia. Esta polícia que re-

presenta e defende os fortes e os poderosos.

Era um espinho no pé dos poderosos e opressores. Por isto acharam jeito de fazê-lo calar: o assassinaram.

Esta morte não é isolada. Noutras partes do Brasil, bispos, padres, políticos, estudantes, operários e lavradores são presos, torturados e mortos pela mesma causa: a causa da Justiça, a causa do povo".

No Evangelho foi lido S. João, 15, 12-13-18.

Eis alguns comentários do Evangelho feitos pelo povo:

"E' hora de saber de que lado a gente está: do povo ou dos tubarões."

"Acordamos com esta morte. Não podemos mais aguentar apANHAR como cachorros."

Depois da missa o povo em procissão, rezando o terço, foi ao local onde o padre foi ferido, levando uma grande cruz de madeira. Esta cruz tem os seguintes dizeres, que foram escritos por um estrangeiro, como traí a expressão "No 11" em lugar de "Em 11" ou "no dia 11". Diz:

"Aqui, no 11/X/1976 foi assassinado pela polícia o Padre João Bosco, defendendo a liberdade". (Doc. IX, pag. 4).

O clima criado pela Missa e pela procissão e erguimento da cruz provocou uma reação de violência. O povo investiu contra a cadeia local.

Alvorada diz que:

"a implantação da cruz ocorreu com muito fervor, orações, agradecimentos, promessas e reflexões. Houve um silêncio bem intenso... Logo o povo se manifestou novamente: ...

— "Esta cadeia só serviu para prender e judiar gente pobre: posseiros e peões. Nunca se viu um rico nela".

— "Amanhã, se um irmão nosso é preso injustamente, será que temos a coragem de aqui vir todos, como hoje, para libertá-los?"

— "A cruz representa a libertação; esta cadeia representa a perseguição, a tortura, o assassinato e tudo o que nos tortura".

— "Entre a cruz e a cadeia, é melhor tirar a cadeia".

Diz Alvorada:

"Ai o povo resolveu abrir as portas da cadeia para nunca mais ninguém ficar preso e julgado injustamente. O povo todo participou com muita ira e sede de justiça". (Doc. IX, pág. 4).

A expressão "abrir as portas da cadeia" é um eufemismo. Ela foi destruída pelo povo. Comentando esta violência, Alvorada diz cinicamente:

"Poder-se-á discutir a tática dos gestos do povo. Quanto menos táticos, porém, mais espontâneos. E não terá o povo seus gestos proféticos? Os gestos do povo são a voz do povo e a voz do povo é a voz de Deus".

Perigosa teologia. Os fazendeiros, os militares, os capangas, os pistoleiros também são povo. Ou D Pedro tem o monopólio da representação do povo? Ele está criando um clima de insurreição, de massacre. Porque os "poderosos" também são povo — e poderão responder com os mesmos argumentos de violência. Será o caminho do Evangelho da Paz?

Estas atitudes de D Pedro têm tido enorme repercussão em todo o Estado do Mato Grosso e em grande parte da Amazônia.

Eco desta repercussão é o artigo do *Correio do Estado*, de Campo Grande (MT), de 12 de novembro de 1976, que responsabiliza D Pedro pela morte do Padre João Bosco Penido Burnier:

"Jornal diz que Bispo é responsável pela morte do Padre Burnier". *Correio do Estado* — Campo Grande, MT 12/11/76.

Cuiabá (AE/SE) — O Bispo de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, foi apontado ontem, em editorial do primeiro número do jornal *Diário de Mato Grosso*, como responsável pelo assassinato do Padre João Bosco Penido Burnier, morto com um tiro disparado pelo soldado da polícia militar Ezy Ramalho Feitosa, quando, em companhia daquele prelado, foi até a delegacia de Ribeirão Bonito pedir libertação de três pessoas que estavam sendo torturadas.

Depois de afirmar que a imprensa de todo o país "sensacionalizou o brutal acontecimento", o editorialista do jornal *Estado de Mato Grosso* afirma, taxativamente, que além do celerado que desonrou sua farda e já foi expulso de sua corporação, outro elemento concorreu para a tragédia que comoveu a Nação: o famoso Bispo Pedro Maria Casaldáliga, Bispo da Prelazia de S. Félix".

Lembrando que o Bispo Casaldáliga "foi o responsável pela expulsão do Brasil de outro não menos famoso personagem, o Padre Jentel, o editorialista do *Diário de Ma-*

to Grosso afirma que o prelado "parece haver trocado o crucifixo, que significa misericórdia, pelos emblemas da guerra subversiva". A esta altura o jornal cita trecho do poema escrito por Dom Pedro Casaldáliga e que, segundo ainda o editorialista, se encontra na página 17 de um livro de autoria do prelado e publicado na Espanha:

"me chamarão de subversivo e eu lhes direi que sou/ por meu povo em luta vivo/ por meu povo em luta vou/ tenho fé de guerrilheiro/ e amor de revolucionário/ e entre o evangelho e a canção/ sofro e digo o que quero". "Incito à subversão contra o Poder e o dinheiro/ quero subverter a lei que converte o povo em grei/ e o Governo em carniceiro./ Creio na Internacional/ e chamo a ordem de mal/ e o progresso de mentira".

Depois de criticar o trecho do poema, o editorialista do *Diário de Mato Grosso* conclui perguntando: "Seria preciso mais para retratar o segundo responsável pela morte do inocente Pe. Burnier?"

Senhor Nuncio,

Eu teria ainda muitos fatos a aduzir, que completariam o quadro que acabo de traçar, baseado, unicamente, em documentos fornecidos pelo próprio D Pedro Casaldáliga. Creio que ficou muito claro que ele abraça e ensina doutrinas comunistas, que as propaga entre o clero, as religiosas e os fiéis, cria um ambiente de luta de classe, que torna a região do Araguaia perigosamente tensa, a ponto de resultar dessa tensão várias mortes. Teria havido muitas mortes mais se o Governo, a polícia e as grandes companhias não tivessem agido com calma, prudência, humildade e paciência.

Há um ditado brasileiro que diz que quem tocar em uma das três barras morre. As três barras são:

— barra de ouro — barra de saia (mulher e família) e barra de rio (divisas de fazendas).

O sertanejo reage a bala e mata quem lhe tocar em uma dessas barras. O desbravamento do sertão cria inúmeros problemas. Primeiro, o problema do índio. Depois, o problema do posseiro. Entre os posseiros há duas categorias: o posseiro de boa fé, que anos atrás se localizou em terras revoltas, que pertencem ao Estado, ou em glebas pertencentes a particulares, porém mais ou menos abandonadas, e o posseiro de indústria, que sabe que as terras têm dono, mas as invade com a intenção de arrancar indenizações polpudas.

O Governo federal e os Estados procuram resolver este grave problema. Mas, no clima que D Pedro criou, o problema fica insolúvel e o abandono da região se perpetua.

Não pretendo discutir com D Pedro estes assuntos. No momento me limito a provar que ele defende o comunismo. É ele mesmo quem afirma,

Não deixa de impressionar o fato de a *Voz Operária*, órgão central do Partido Comunista Brasileiro, em seu número de fevereiro de 1974, reproduzir as "Declarações do Bispo de S. Félix — Uma Igreja da Amazônia em conflito com o Latifúndio e a marginalização Social". (Doc. X).

Quando o Governo brasileiro percebeu a orientação comunista do Padre Pedro Casaldáliga, pediu informações à Direção-Geral de Segurança de Portugal sobre sua pessoa. A resposta foi clara:

"Segue a linha político-ideológica do movimento cristão do terceiro mundo, de orientação socialista. É de extrema esquerda". (05 - set. - 1973).

É esta a figura que D Pedro deixou na Europa. Recentemente, o órgão oficial do Patriarcado de Lisboa — *A Ordem*, de 10 de fevereiro do corrente ano, publicou um artigo de Vleira de Melo, com o título: *Brasil Presente — Os Inimigos do Brasil*:

"Casos como o assassinato emocional do santo Jesuíta que era o Pe Burnier, sinceramente anti-comunista, sabe-se bem quem tem a maior culpa neles, ao criar um clima de tensão com o Estado, como o tristemente famoso Dom Casaldáliga, que se confessa adepto de Fidel Castro, desde a sua mocidade..." (Doc. XIII).

DOM TOMAZ BALDUINO

Quanto ao Exmo Sr Dom Tomaz Balduino, Bispo de Goiás Velho, afirmo que ele aprova as idéias e as atitudes de D Pedro Casaldáliga e se manifesta defendendo, na teoria e na prática, os mesmos princípios de ação.

É mais difícil apresentar provas documentais destas idéias e princípios, porque S Exa, que é mineiro, é muito mais prudente do que Dom Pedro, que é espanhol. No entanto, suas atitudes práticas e algumas de suas afirmações provam cabalmente a orientação esquerdista e subversiva de S Exa.

Foi ele quem convenceu D Pedro a aceitar a sua nomeação de Bispo. Durante os últimos anos, os dois têm se encontrado frequentemente, um apoiando as idéias e as ações do outro, como vimos ao tratar de D Pedro. D Tomaz é muito mais prudente que D Pedro. Como Presidente do Conselho Indigenista Missionário, do qual D Pedro Casaldáliga é vice-presidente, determinou que nos escritos do Cimi nunca deveriam constar os nomes dos responsáveis pelos escritos. Esta determinação foi tomada em 1974, no Encontro de Palma (17 de outubro).

D. Tomaz mandou destruir as atas do Encontro, em vista de uma iminente intervenção da polícia.

Uma das resoluções tomadas neste Encontro lê-se (pág 8):

"Missão da Igreja Católica é: Questionar a sociedade envolvente. Denúncia profética da Igreja contra a opressão. Não esconder-se atrás de privilégios. Contestação Nacional e Internacional".

No Encontro de Merure, feito pelo Cimi (3 de setembro de 1974):

"Não podemos aceitar o diálogo com o sistema iníquo (o Governo brasileiro). Se preciso, temos de despojar-nos de qualquer estrutura que atrapalhe, inclusive eclesiástica" (pág. 11).

"O mal da Igreja é tentar um diálogo impossível. Cabe um tipo de tática que seria o diálogo com pessoas concretas. Mas com o sistema, não. O sistema iníquo se sentirá muito bem, concelebrando com a Igreja. Como posso dialogar com um sistema que está aniquilando índios e posseiros?" (pág. 15).

"Quanto ao exemplo de S. Paulo, aceito em 80%, mas recuso em 20% sua atitude em relação ao escravo e à mulher, por exemplo". (pág. 15).

"Se me oponho ao sistema e seus objetivos, oponho-me ao pecado que através dele está estragando uma cultura e impede o processo dos valores".

Em um encontro em que estiveram presentes D Pedro Casaldáliga e outros prelados, D Tomaz Balduino assim se expressava:

"Meus irmãos e meu irmão Pedro. Eu estou aqui em nome de toda a Igreja de Goiás, da qual sou Bispo e representando todos eles..."

...todas as igrejas estão acompanhando a mim, Bispo, junto com outros Bispos e com Pedro e seus Padres, seus leigos, seu povo, na oração e na solidariedade... Nós estamos aqui, porque viemos aprender. Muitas igrejas no Brasil, muitos Bispos estão aprendendo uma lição: a hora de Deus para a sua Igreja é desse jeito, é do jeito que está acontecendo em S. Félix."

REUNIÃO DO CLERO NA DIOCESE DE GOIÁS VELHO de 13 de setembro de 1975

Desta reunião, presidida por D Tomaz Balduino, S Exa enviou uma "carta a todas as igrejas do Brasil". (Doc. XIII).

Esta carta, como diz a epígrafe em grandes letras, é uma defesa de D Pedro Casaldáliga."

A carta faz a apologia de D Pedro em seu conflito com o Governo, a Funai, as Companhias. Pode-se ler o trecho anexo.

"...Nós, amigos conhecedores do trabalho de D Pedro e de sua igreja e companheiros da mesma causa evangélica, por amor à verdade e à justiça, denunciaremos toda iniquidade e a repudiamos energicamente, em nome do Senhor Jesus."

Segundo a orientação e as idéias de D Pedro Casaldáliga, D Tomaz tem dirigido o Cimi de tal maneira que os dois primeiros presidentes do mesmo se afastaram.

Um grande conhecedor da orientação dada por D Tomaz ao Cimi assim o caracteriza: "A tendência em atacar o sistema sóciopolítico do atual Governo da República tornou-se a tônica rotineira dos Encontros de Pastoral Indígena, induzindo-se que, sem a equação de tal premissa, nada de bom e positivo se pode empreender pelo índio."

Outro grande conhecedor assim se refere ao CIMI:

"São estes (os dirigentes do CIMI) que pontificam, que dogmatizam, que atacam, que se desgastam e desgastam a causa abraçada, em declarações através da imprensa, que melhor fora nunca fossem feitas."

Há pouco o Sr presidente do CIMI realizou mais um Encontro de Pastoral indígena, com a mesma ideologia revolucionária e subversiva. São tantos os desmandos de S Exa e de seus companheiros, que o Sr Cardeal Vicente Scherer saiu a público, protestando contra o escandaloso "Encontro".

As palavras de S Exa Revma se encontram no documentário que acompanha este relatório (Doc. XIV) (cf. *O Estado de São Paulo*, 15/3/77).

Foi tão grande o mal-estar causado pelo CIMI sob a direção de Dom Tomaz Balduino, que a CNBB, na última assembleia-geral, resolveu intervir neste assunto e exigir uma atuação mais moderada por parte desse conselho.

A colenda Nunciatura está mais do que informada a respeito das atitudes e idéias de D Pedro Casaldáliga, de D Tomaz Balduino e do CIMI.

Já em 1971, antes da sagração de D Pedro, exatamente no dia 2 de setembro, a Nunciatura Apostólica recebeu um relatório a ela apresentado pelo Sr José A. Ribeiro Leme, acompanhado do Padre Pedro Sbardeloto, SDB, sobre as atitudes tomadas por D Pedro. (Doc. XV).

Depois deste relatório, a Nunciatura recebeu muitas informações. Creio mesmo que as que agora apresento não serão novidade para ela.

PORQUE RECORRI À IMPRENSA

A penetração das idéias comunistas no Clero Brasileiro e até no Episcopado é um fato incontestável. D Pedro Casaldáliga e D Tomaz Balduino são apenas dois casos que vieram à tona com mais evidência. Eles, porém, não estão

sozinhos. O apoio que D Pedro tem encontrado no Episcopado revela uma afinidade de posição e de doutrina de muitos bispos com S Exa. O apoio dado ao Pe Francisco Jentel é também significativo.

É grande o número de bispos que "fizeram opção pelo comunismo".

A Imprensa tem, repetidas vezes, chamado a atenção sobre a infiltração comunista nos meios católicos. Sem resultado.

O que me levou a recorrer à Imprensa e não à CNBB, foi o que ocorreu na XV Assembleia-Geral, em Itaipú.

Os Srs Bispos estavam estudando seriamente um anteprojeto do documento *Exigência Cristã de uma Ordem Política*, que ainda continha coisas que a maioria dos Bispos não podia aprovar, e que criaram atritos sérios e injustos com o Governo federal. O assunto era rigorosamente secreto. Durante esta discussão, o Sr Cardeal Aloisio Lorscheiter comunicou ao plenário o encontro que tivera com o Sr Presidente da República, a respeito da Mensagem do Povo de Deus, da Comissão Representativa, publicado em novembro de 1976. A impressão que as palavras de D Aloisio fizeram sobre o plenário foram tão favoráveis ao Presidente Geisel, que os Bispos interessados em provocar e alimentar um conflito entre a Igreja e o Estado ficaram alarmados e receosos de que o documento em elaboração fosse rejeitado.

Com grande surpresa para a maioria dos Bispos, a *Folha de São Paulo*, do dia 12 de fevereiro de 1977, publicou, na íntegra, o texto que estava em estudos. Esta traição ao segredo causou a mais profunda e negativa impressão nos Bispos.

A Secretaria-Geral da CNBB nada fez para descobrir o autor da traição. Pelo contrário. Espalharam entre os Bispos três versões: Primeira, que o texto teria sido roubado por três rapazes que foram surpreendidos tentando pular uma janela da casa; segunda: que a TFP teria furtado o texto. Esta versão foi até divulgada pela imprensa (*Folha da Tarde*, 16-02-77) (Doc. XVI); terceira: D Helder foi à tribuna para explicar aos Bispos que existem aparelhos eletrônicos capazes de desvendar qualquer segredo. Também de ler um texto mimeografado.

Enquanto se fazia toda esta farsa, a Secretaria sabia que tinha sido D Pedro Casaldáliga quem havia entregue o texto secreto aos repórteres da *Folha*, em reunião havia em Campinas.

Mas, o mais grave foi um pormenor. Uma pessoa de minha confiança presenciou um alto elemento da CNBB informar às funcionárias da secretaria de que D Pedro tinha entregue os documentos aos repórteres, mas que era preciso fazer tudo para salvar D Pedro.

Outro fato me impressionou muito.

A revista oficial do Partido Comunista Brasileiro, a *Voz Operária*, nº 130, de janeiro de 1977, pág. 3, publicou um artigo com o título: "Documento da CNBB, em marcha no caminho da luta dos democratas". (Doc. XVII, págs. 1 e 3).

Depois da introdução a revista diz:

"Os comunistas conhecem perfeitamente a diferença de concepção do mundo, nos aspectos filosóficos, políticos e ideológicos que os separa dos autores deste texto. Mas consideram muito mais importante ressaltar o que ele pode representar na concretização do diálogo entre marxistas e cristãos — que já é um fato normal nos países do mundo civilizado — sobre aquilo que pode ajudar na definição de caminhos para o restabelecimento no estado de direito em nossa Nação".

O artigo propõe uma aliança do PCB com a Igreja Católica, para um movimento de massa a fim de derrubar o Governo.

Pareceu-me muito importante os bispos conhecerem este artigo e verem que não estamos sozinhos, e que o PCB quer se valer de nós para implantar a ditadura comunista no Brasil.

Por isto falei com D Ivo Lorscheiter, secretário-geral da CNBB e lhe pedi licença para colocar o artigo no quadro onde se punham os recortes de jornais de interesse dos bispos. S Exa consentiu. Isto foi pelas 21 horas do dia 16 de fevereiro. Na manhã seguinte, muitos bispos se agruparam em frente ao quadro, para ler o artigo. Vendo isto, D Ivo mandou um padre retirar o artigo, sem me falar nada. O motivo alegado foi que se viesse alguma visita e visse no quadro um artigo do órgão central do PCB, poderia se escandalizar e sair dizendo que os bispos liam artigos comunistas. Naturalmente, não aceitei a desculpa infantil.

A adoção de idéias comunistas por parte de Padres e Bispos recabe um colorido muito grave quando atentamos para este pormenor: o Partido Comunista quer aliar-se à Igreja para derrubar o Governo e

depois esmagar a Igreja, como fez em Cuba.

Em fevereiro do ano passado, Luiz Carlos Prestes deu uma entrevista à imprensa europeia de Berlim Oriental e disse:

"A luta política das forças progressistas para a restauração dos direitos democráticos e da liberdade no Brasil aumentou nos últimos anos. Com isto melhoraram as possibilidades de organizar-se uma frente patriótica e antifascista, como quer o Partido Comunista Brasileiro." (Folha de S. Paulo 15.2.76).

O Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro declarou, em 16 de setembro de 1976 (Rádio Tirana):

"Se a maioria dos brasileiros unidos lutar decididamente e de variadas formas, nos sindicatos, nas escolas e centros acadêmicos, nas fazendas e vilas, nas cidades e nos campos, no Parlamento, no teatro, nos cárceres, nos quartéis, nas ruas, nas selvas do Araguaia, e onde seja possível, a sorte do regime militar estará definitivamente selada e, acudados pelas massas, os generais não poderão sustentar o Poder. Serão derrubados e, com eles, os que lhes prestam apoio e a eles se juntam para defender a ordem injusta imposta pelas Forças Armadas."

"POST SCRIPTUM"

1. De acordo com a Imprensa, o Sr D Tomaz Balduino é mineiro. De acordo com outras informações S Exa Rvma é natural da Bahia. Não me foi possível esclarecer este pormenor, que, aliás, não afeta o valor dos documentos apresentados.

2. Como nas atas do CIMI os nomes das pessoas que falam ou agem não são registrados pode acontecer que alguma frase seja depois atribuída erradamente a alguém. Assim a afirmação de que só aceita 80% de São Paulo, e rejeita 20% — talvez seja de D Pedro Casaldáliga e não de D Balduino, conforme fui informado após elaboração do Relatório.

CONCLUSÃO

Concluindo, devo dizer, Senhor Nuncio, que estas são as provas que tenho, em que se fundam minhas afirmações feitas ao JORNAL DO BRASIL e ao Estado de S. Paulo.

São essas as razões que me levaram a recorrer à Imprensa e alertar meus irmãos no Episcopado

e à Nação Brasileira sobre o grave perigo que corremos com a infiltração de idéias comunistas e do procedimento subversivo de parte de alguns Bispos brasileiros.

Denunciando-os à opinião pública, prestei um serviço à minha Pátria e à Igreja, minha Mãe.

Espero que, diante das acusações e das provas que me parecem graves e evidentes, a Santa Sé tome as medidas que o problema exige.

Arcebispo de Maceió alerta parlamentares para as conseqüências do divórcio

Maceió — O Arcebispo de Maceió, Dom Miguel Camara, alertou os legisladores brasileiros para "o saldo de pessoas em situação difícil, onde o divórcio já existe e onde vivem legiões de filhos que clamam inutilmente por seus pais". A advertência está contida no principal editorial do jornal católico *O Semeador*, que Dom Miguel escreve semanalmente.

Disse o Arcebispo: "Não é o divórcio que vai resolver os problemas mais profundos e sérios de nossa comunidade ou das jovens famílias que já se vêem às voltas com dramas e insatisfações, mas o realismo da fé e da boa vontade". Para ele, o divórcio deixará muitas pessoas em situação difícil e em angústia irreparável.

CARTA-ABERTA concelos Mota fez publicar, em Aparecida, o Cardeal em O Santuário, a seguinte carta-aberta:

"Nobres Senhores Senadores e Deputados do Congresso Nacional do Brasil.

Quem vos fala agora é um veterano reservista da Pátria, dentre os então jovens conscritos da primeira turma do serviço militar, segundo a lei do Governo do Marechal Hermes.

Quem vos fala agora é também o decano dentre os mais velhos Bispos que estão regendo a Igreja de Deus nesta nossa Terra da Santa Cruz.

E, "data venia", por estas letras faço, eu a Vossas Excelências, um fraternal convite e um religioso apelo para uma sintética análise do divórcio "a vínculo", atentando contra o sacramento do matrimônio cristão.

E, outrossim, um insistente pedido de vossos votos contra atual tentativa de implantação sacrilega do divórcio em nossa Pátria.

Três institutos constitutivos da Sociedade Humana são a Família, a Igreja, a Pátria. E, dentre os três, a Família é a base primeira e fundamental, não só para a transmissão da vida, porém e momentaneamente para a educação espiritual, e moral, e científica, e técnica, e integral, dos filhos; sendo que essa educação é a responsabilidade máxima dos pais de família.

Mas, a família divorcista é a negação, é a catástrofe do idealismo humano, porque é a perda das bênçãos e graças de Deus. Na verdade, que é o divórcio?

O divórcio é heresia, pois contradiz as formais palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo em resposta aos fariseus, dizendo: "O que Deus uniu, o homem não separe". E disse mais: "Quem abandona a sua mulher e se casa com outra, comete adultério. E se a mulher abandona o marido e se casa com outro, comete adultério".

O divórcio é apostasia do cristão que abjura da fé e da moral e do seu batismo, a exemplo do Imperador Juliano apóstata. E lembremos do admirável exemplo do Santo Thomas Moore, que condenou os vários divórcios de Henrique VIII da Inglaterra, e renunciou o seu cargo de ministro desse rei tirano e devasso; e recebeu a glória da palma do martírio, na defesa da santidade da Família.

O divórcio é sacrilégio, porque é profanação do sacramento do matrimônio, cometida pelos que vão convolar a outras núpcias.

O divórcio é monstruoso escândalo. Escândalo perene pela convivência com os divorciados, os quais estão sob a maldição de Cristo, que sentenciou: "At de quem der o escândalo"... Escândalo é o pecado contagioso que, pelos maus exemplos, vai contaminando de morte moral as nossas gerações e repaganizando o mundo cristão.

O matrimônio é fonte de vida e o divórcio é fonte de morte.

O divórcio é a infidelidade conjugal, que abala os alicerces da civilização cristã, profanando o amor santo do matrimônio, substituído pelo adultério, pelo concubinato e pela poligamia.

O divórcio é a crueldade dos pais divorciados para com os seus filhos, reduzidos à triste sorte de filhos órfãos, de pais vivos.

O divórcio é uma ofensa de lesa-pátria, por parte dos esposos divorciados, ou divorciandos, que diminuirão o número dos filhos que farão falta na segurança nacional.

Faço agora o meu apelo a Vossas Excelências do Poder Legislativo, a fim de que em memória dos vossos progenitores negueis os vossos votos ao divórcio. Lembrao também das palavras do livro dos Provérbios: "É a vós, ó homens, que apelo... Por mim os legisladores decretam a justiça". E o divórcio é injustiça clamorosa.

O grande doutor da Igreja, Santo Agostinho, escreveu: "Deus fez as núpcias, e o demônio fez o divórcio".

E termino este meu apelo, invocando as bênçãos de Nossa Senhora Aparecida, celestial Padroeira do Brasil, para todos Vós, Senadores e Deputados do Congresso Nacional, e para as vossas Famílias religiosamente constituídas.

Que Deus guarde a Vossas Excelências, são os meus votos e os votos da Arquidiocese de Aparecida.

Aparecida, 13 de maio de 1977.

Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta
— Cardeal-Arcebispo de Aparecida."

03. Ago. 1977 **Cardeal condena extremismos**

Santiago do Chile — Como "dois regimes intrinsecamente perversos" o Cardeal-Primaz do Chile, Don Raul Silva Henriquez, qualificou o marxismo e a "economia liberal de extrema direita", que — disse — "a Igreja Católica combate da mesma forma, o primeiro por ser ateu, e o segundo porque também não crê que o homem é filho de Deus."

Na missa rezada em memória do Cardeal José Cardijn, fundador do Juventude Operária Católica do Chile, que morreu há 10 anos, Don Raul Silva Henriquez repeliu as críticas dos setores que consideraram a Igreja incompetente para tratar de questões econômicas e sociais dizendo: "Isto é uma armadilha dos que querem impedir a ação da Igreja e afirmam que a sua missão não é deste mundo. Isto é uma falsidade, uma mentira."

Resposta

Setores da extrema-direita têm criticado com rigor a posição da Igreja chilena desde que as Forças Armadas

assumiram o Poder em 1973, depois de derrubarem o Presidente socialista Salvador Allende. O Cardeal é o maior alvo destes ataques, principalmente porque participou ativamente do Comitê Ecumênico da Paz, que procurava ajudar os presos políticos e suas famílias.

Em novembro de 1975, o Comitê foi dissolvido por insistência do Presidente Pinochet, que o considerava como o centro dos conflitos entre a Igreja e o Estado. Mas em janeiro de 1976, a Igreja chilena criou um Vicariato de Solidariedade, que prosseguiu o trabalho do Comitê.

Durante a missa de ontem, o Cardeal disse que "os extremistas de direita e de esquerda creem ter a panacéia da sociedade, mas usufruem ambos da miséria, da pobreza e da dor da classe operária." E acrescentou: "Por difundir a doutrina da Igreja, temos que receber bofetadas dos dois lados, e por isso agora é mais presente do que nunca a palavra do Mestre: devemos oferecer a outra face."

Igreja x Estado

25/9/77

D Tomás Balduino culpa a polícia por torturas e morte de menor em Goiás

Goiania — Todas as igrejas da Diocese de Goiás celebraram, ontem, missa de sétimo dia em memória de João Ferreira de Jesus, de 17 anos, ocorrida na cidade de Jussara. Durante a cerimônia, foi lida mensagem de D Tomás Balduino, Bispo titular da Diocese, acusando a polícia e o Poder Judiciário como responsáveis pelas torturas sofridas pelo menor.

D Tomás Balduino, que celebrou ele próprio uma das missas, comunicou o fato ao Arcebispo de Goiania, D Fernando Gomes dos Santos, e procurou dar a máxima divulgação à mensagem que condena todas as espécies de censura e lembra que "esta morte é uma advertência para as autoridades e para nós".

MENSAGEM

"A nossa comunidade de Jussara ficou profundamente chocada com a morte de um menor em consequência de torturas sofridas na cadeia da cidade. Trata-se de João Ferreira de Jesus, de 17 anos, sem pai nem mãe, e que, acusado de ter furtado Cr\$ 600, sofreu maus tratos por parte da polícia e veio a falecer às 23h do dia 19 deste. A sua irmã, após ter procurado o Juiz, foi orientada no sentido de conseguir uma autópsia. Os médicos de Jussara se recusaram a fazê-la. Ela teve de levar o cadáver do irmão à Goiania, onde o laudo médico revelou como causa da morte maus tratos de várias espécies. Essas torturas feitas pela polícia de Jussara não são caso isolado. Sabe-se da prática de pau de arara na prisão local. O povo cita os nomes dos policiais encarregados de espancar os presos. Têm havido reclamações ao delegado de polícia, inclusive por parte da Paróquia. Tudo em vão. O resultado está aí. É revoltante constatar tal brutalidade por parte daqueles que têm a missão de promover a Justiça e a concórdia na comunidade. Não responsabilizamos unicamente o profissional da tortura e do assassinato. Responsáveis maiores são a Secretaria de Segurança e o

Poder Judiciário, que se vêm omitindo diante de flagrantes e repetidas práticas ilegais e desumanas dentro dos seus próprios organismos. Responsáveis pelo excessivo rigor contra os fracos suspeitos e pela excessiva brandura com os poderosos culpados. Responsáveis somos nós que aceitamos tranquilamente e sem questionamento a aplicação da tortura a presos comuns como instrumento válido para conseguir confissões de delito. A Igreja é bem clara na condenação da tortura: 'As torturas físicas ou morais', diz o Concílio, 'bem como as tentativas de dominação psicológica, as prisões arbitrárias... são efetivamente merecedoras de censura'. Enquanto elas contaminam a civilização humana, desonram mais os que se comportam desta maneira do que aqueles que padecem tais injúrias. E atentam sobremaneira contra a honra do criador'. Esta morte é uma advertência para nossas autoridades e para nós. Meditemos naquela palavra do Senhor a Caim: 'A voz do sangue do teu irmão está clamando por mim na terra' (Gen. 4,10). Com tantos irmãos chamando pela voz de um irmão, é hora de ouvirmos os seus apelos e unirmo-nos no espírito das bem-aventuranças dos que têm fome e sede de justiça".

Bispos no Sul só admitem conversa sobre democracia

Porto Alegre — Os Bispos de Rio Grande, Bagé, Pelotas, Passo Fundo, Uruguaiana, Frederico Westphalen e Cruz Alta manifestaram-se, ontem, favoráveis ao entendimento entre Governo e Igreja visando à constitucionalização do país — salientaram que "o objetivo do diálogo deve ser a volta à democracia, senão não há razão para o seu desenvolvimento, já que o regime de eterna exceção não pode permanecer", conforme afirmou o Bispo de Cruz Alta, Dom Jacó Hilgert.

Enquanto o Cardeal Vicente Scherer preferia não comentar o assunto "por ser uma questão política", o Bispo de Passo Fundo, Dom Cláudio Colling, disse esperar que os entendimentos estejam sendo feitos com pessoas "realmente credenciadas pelo Governo, pois não sabemos se o Senador Petrônio Portela está ou não credenciado para tal".

A favor

Do total de dioceses gaúchas, não foram ouvidos os Bispos de Vacaria, Caxias do Sul, Erechim e Santa Cruz do Sul por estarem no interior dos municípios em viagem pastoral, além do Bispo de Santa Maria, Dom Ivo Lorscheiter (secretário-geral da CNBB) que está no Rio de Janeiro e já se declarou favorável aos entendimentos, depois de contato mantido com o Senador Petrônio Portela. Para o Bispo de Rio Grande, Dom Frederico Didonet, que vê "com muita alegria e simpatia" as conversas Igreja-Governo, o clero já pode e deve dar sua contribuição para a constitucionalização do país, "através da orientação, segundo o Evangelho".

"Esta orientação abrange, entre outros aspectos, a maior participação do povo e a defesa dos direitos humanos fundamentais e divinos, pois estes direitos vêm da Lei de Deus; ninguém sabe tudo, nem Governo nem Igreja, e é uma troca na contribuição da verdade. O diálogo, entretanto, deve ser de igual para igual com sinceridade para indicar o que é possível fazer para o desenvolvimento institucional do país".

O Bispo de Bagé, Dom Angelo Munhol, considera o entendimento uma

idéia muito boa, lembrando que a Igreja "é como alma no corpo, devendo impregnar toda a sociedade, na busca da paz, harmonia e fraternidade, e no sentido da busca do bem comum". Já o Bispo de Passo Fundo, Dom Cláudio Colling, disse que a Igreja "não quer nunca interferir naquilo que não é seu campo, mas pode colaborar na constitucionalização do país, pois é fiel intérprete do pensamento do povo". Lembrou, também, os princípios do documento elaborado em Itaiaci.

Objetivos idênticos

Para o Bispo de Cruz Alta, o entendimento é sempre positivo. "Mas ele deve ser feito dentro dos mesmos objetivos e da mesma hierarquia de valores, de pessoas. O objetivo do diálogo deve ser a volta da democracia ao nosso país e mostrar se o Governo realmente está interessado nesse objetivo. Se o Governo deseja apenas saber se a Igreja concorda com o estado atual de exceção, não é diálogo nem tem razão de ser realizado. Os objetivos deste diálogo devem ficar bem claros".

Disse também que o pronunciamento do Presidente em exercício da CNBB, Dom Geraldo Fernandes, "foi muito claro e objetivo e existe, na Igreja, os que recelam como ele, desconhecer com quem realmente estão falando. Quem é o Governo? Será o Presidente Geisel? Serão as Forças Armadas? Quem é? Para haver diálogo deveria o Governo destacar uma pessoa para conversar com a Igreja. Pode o Senador Petrônio Portela ser essa pessoa, mas ele tem que apresentar essas credenciais", afirmou Dom Jacó Hilgert.

O Bispo de Frederico Westphalen, Dom Bruno Maldaner, e o de Uruguaiana, Dom Augusto Petro, manifestaram-se favoráveis ao entendimento, sendo que este último considera que "é muito positivo, porque a Igreja sempre prega o diálogo. As divergências ocorridas anteriormente foram exceções". O Bispo de Passo Fundo, Dom Cláudio Colling, acrescentou que "o diálogo é também interessante para que se rompam as aparentes divergências, que creio não serem profundas".

27 / 1/78 JORNA

D Jerônimo é sepultado em Salvador

Salvador — "No campo das idéias era um espírito profético, ansioso, insatisfeito, mas não era um contestador no sentido polêmico que esta palavra pode significar", afirmou D Timóteo Anastácio, Abade do Mosteiro de São Bento, no sepultamento, ontem, do ex-Prior D Jerônimo de Sá Cavalcante.

A missa de corpo presente, iniciada às 16h, compareceram mais de 2 mil pessoas. Presidida pelo Arcebispo de Salvador e Cardeal Primaz do Brasil, D Avelar Brandão Vilela, a solenidade em homenagem a D Jerônimo foi prolongada, e atrasou o enterro feito apenas depois das 18h.

15. Sep. 1978 78

O encontro na Nunciatura

Depois de ter ido, ontem pela manhã, conversar com o General Figueiredo em sua residência, por mais de uma hora, o Senador Magalhães Pinto foi à recepção da Nunciatura Apostólica, à noite, onde estava o candidato da Arena à Presidência, ficando cinco minutos. A permanência foi suficiente para que repórteres, fotógrafos e cinegrafistas registrassem os abraços e sorrisos que marcaram o encontro.

— Dissiparam-se hoje todas as dúvidas, General?

— Só se forem as dúvidas de vocês — respondeu o General Figueiredo ao repórter. Eu nunca tive dúvidas quanto à conduta do Senador, que sempre foi meu amigo e eu muito amigo dele.

Na Nunciatura, quando o candidato à Presidência estava no centro

do salão, conversando com o Embaixador dos Estados Unidos, e próximo ao Embaixador soviético, foi para lá que o senador se dirigiu, depois de conduzido, até meio caminho, pelo Núncio, Dom Carmine Rocco.

Quando o General o avistou, deixou a roda em que conversava, e dirigiu-se ao Senador, que chegou sorridente, e de mão estendida. Cercados por fotógrafos e cinegrafistas, abriram os dois largos sorrisos.

— Como vai, tudo bem?

— Estamos juntos de novo, não?

Depois das fotografias, o Senador ia se retirando, quando uma fotógrafa, alegando ter terminado seu filme, pediu que ele voltasse, para registrar novamente o encontro. O Senador acedeu, e voltou a abraçar-se com o General Figueiredo. Depois, cumprimentou mais alguns circunstantes e retirou-se.

Dde 28-9-80

População revoltada com bispo de Belém

BELEM — A negativa do arcebispo de Belém, dom Alberto Ramos, em permitir que fosse rezada ontem missa de sétimo dia em sufrágio da alma do radialista Paulo Ronaldo, sob a alegação de que ele era umbandista, provocou revolta geral da população e de outros setores da Igreja, todos condenando a atitude do sacerdote, para quem "o radialista abandonou a Igreja Católica".

O cônego Apio Campos, porém, desde esse tempo, comprometeu-se a rezar a missa hoje às 8 horas, na Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Ele afirmou que não pretende entrar em choque com o arcebispo, mas se sente na obrigação de rezar a missa, porque era padrinho de batismo do radialista.

Paulo Ronaldo de Albuquerque, um dos mais populares radialistas do Pará, morreu domingo passado, vítima de um enfarte, após funcionar como juiz num jogo de pelada, no subúrbio. Sua morte consternou a cidade, principalmente, a população pobre, a qual se identificava nos seus programas de rádio, e seu en-

terro reuniu mais de 10 mil pessoas, provocando um enorme engarrafamento de trânsito. Seu túmulo, no Cemitério de Santa Isabel, está sendo permanentemente guardado por quatro vigilantes armados, porque suas fêmeas ameaçaram retirar o corpo.

O governador Alacid Nunes mandou mensagem à Assembleia Legislativa concedendo pensão especial à viúva de Paulo, dona Mara Albuquerque, porque ele exerceu um mandato de deputado estadual, sendo o mais votado em 1970. O arcebispo dom Alberto Ramos, porém, contrariando todas as homenagens tributadas ao radialista, resolveu proibir a missa, e só depois da interferência de várias personalidades é que deu permissão, mas fez tantas exigências que a família do radialista e a direção da Rádio Guarujá desistiram do ato religioso.

Em nota distribuída à imprensa, o sacerdote diz, entre outras coisas, que depois de tantas homenagens "não haveria necessidade, por conseguinte, de que a Igreja Católica se manifestasse em ato público.

Coração de Leão e Juventus jogam nos intervalos

Nos intervalos da tarde futebolística de hoje, na Ilha do Retiro, mais uma vez a equipe do Coração de Leão estará enchendo os espaços com uma nova apresentação de futebol de moças, ao enfrentar a equipe de igual categoria do Juventus, do Engenho do Meio.

Depois do último treino, o preparador Fernando Espósito definiu a equipe rubro-negra, que sairá jogando com a seguinte formação:

Andréa, Esandir, Jaqueline, Farofa e Leide, Van, Célia e Verônica, Tel, Maria Lúcia e Jace.

A grande novidade do Coração de Leão será a presença da goleira Cristina, tida como uma das melhores do futebol feminino. Ela pertence ao Juventus, mas está inclinada a se transferir para o clube da Ilha do Retiro, embora esteja dependendo de um entendimento entre as duas direções.

Isto porque os dirigentes do Sport não estão aceitando o ingresso de atletas de outros clubes na Ilha sem um prévio entendimento, vi-

sando evitar acontecimentos, como os ocorridos com as Coisinhas do Pai, Água Viva e Iris, que, segundo se fala, estão assediando atletas do Coração de Leão.

Para o jogo de hoje, contra o Juventus, o Coração de Leão jogará com o uniforme oficial do clube, pela primeira vez, diferenciando apenas no escudo do peito onde foi substituído o braço do clube por um leão sentado, com a legenda "Pelo Sport Tudo".

Severino Victor, divulgador do Bafo do Leão, faz questão de ressaltar que o padrão custou quase Cr\$ 30 mil, e foi uma doação de diretores, conselheiros e torcedores que assinaram um livro de ouro do Coração de Leão, dentre eles José Tavares de Moura, presidente do clube, e Super Carnet Leão de Ouro, Wilson Varela, Euclides Lemos, Ademar Rodrigues, Homero Lacerda, José Antônio, José Joaquim, Amandio Fernandes, Comercial Heron, Umberto Fazio e Manoel Batista.

Bispos vão denunciar violências

Os bispos do Regional Nordeste II, com o apoio da CNBB, divulgarão amanhã um documento-denúncia condenando "a escalada da violência contra a Igreja nordestina, que tem sido alvo de agressões de grupos extremistas em diversos Estados". Ontem, pela manhã, estiveram reunidos para tratar do assunto, no Palácio dos Mangueiros, dom Hélder Câmara, dom Marcelo Carvalheira (bispo auxiliar de João Pessoa) e dom Acácio Rodrigues (bispo de Palmares).

O relatório que está sendo ela-

borado pelo Regional Nor. este II condena a invasão da Matriz de Santana, em Ribeirão, pelos plantadores e fornecedores de cana; a tentativa de expulsão do padre italiano Vito Miracapillo; os incidentes de Propriá, quando o bispo local e alguns padres foram ameaçados de morte, e a campanha difamatória contra a Diocese de João Pessoa e Campina Grande.

Enquanto aguarda a decisão do presidente da República sobre o inquérito enviado pela Polícia Federal,

o padre italiano Vito Miracapillo permanece no Recife, em consulta permanente com o advogado da Comissão de Justiça e Paz, Pedro Eurico. No domingo, porém, o sacerdote deslocou-se até Ribeirão, de onde é pároco, e oficiou uma missa, com a presença de 400 pessoas, a maioria camponeses.

Nos meios religiosos do Recife, acredita-se que hoje ou amanhã surgirá uma definição oficial sobre o caso do padre Miracapillo: o arquivamento do processo ou a expulsão do sacerdote.

1016/81

Religião

Bispo em Caxias

dom Mauro reforça pastoral
litúrgica na baixada

criação da diocese de Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro, realizada na semana passada pelo papa João Paulo II, reforçou o que a ala tradicional do clero brasileiro está chamada de "cinturão vermelho" — sobretudo porque a dirigi-la estará um dos mais sonoros próceres da ala esquerda do episcopado, dom Mauro Morelli, até então bispo auxiliar do cardeal de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns. Caxias — diocese que também incluirá a região de João do Meriti — está encravada na serra da baixada Fluminense, um aglomerado de 2,5 milhões de pessoas onde, só no ano passado, foram registrados 2 000 assassinatos. Mas é também a baixada Fluminense que age dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu e Ilópolis, um dos mais ativos porta-vozes da esquerda eclesial. "Estou convencido de que é preciso atuar na estrutura sócio-política para



D. Mauro: para a Cúria, um moderado

evitarmos a marginalização do povo", disse dom Mauro logo depois de indicado para o posto. Responsável até então pela região de Santo Amaro, em São Paulo, dom Mauro foi sempre um pregador da disseminação das Comunidades Eclesiais de Base. Numa delas atuava o metalúrgico Santo Dias da Silva, morto pela polícia na greve de 1979.

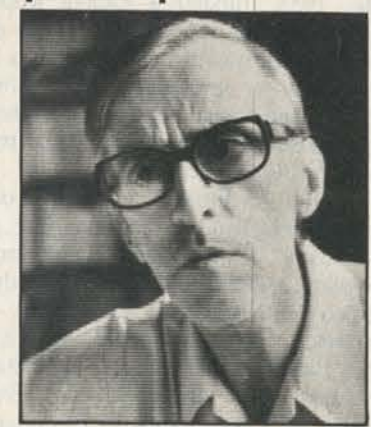
Por suas palavras e obras, dom Mauro é considerado no Brasil um bispo de esquerda. A Cúria Romana, porém, pensa de forma diferente — provavelmente calçada nos rumores, correntes na Santa Sé, de que o bispo reivindicava, já há algum tempo, sua remoção de São Paulo, exatamente por não apoiar a postura do cardeal Arns. Na Cúria, dom Mauro é visto como um bispo que esconde uma posição pessoal moderada. Verdadeiras ou não tais versões, sua designação para Caxias talvez tenha ocorrido por uma conjunção de acasos. João Paulo II estava decidido a criar a diocese de Caxias, e o primeiro na fila da promoção era dom Mauro, que desejava sair de São Paulo.

A presença do antigo auxiliar do cardeal Arns no "cinturão vermelho" — no qual também costumam ser incluídos prelados de fora da baixada, como dom Waldir Calheiros, de Volta Redonda, e dom Clemente Isnard, de Friburgo, ambos expoentes destacados da ala esquerda — poderá mudar, ainda, o tom das relações dos bispos fluminenses com o cardeal do Rio de Janeiro, o moderadíssimo dom Eugênio Sales. "Dom Mauro será mais um dos nossos no esforço de conscientização do povo em sua luta social", diz dom Adriano Hipólito. ●

114181

Casaldáliga caminha para a expulsão

Arma-se no horizonte uma nova e grossa turbulência nas relações entre o governo e a Igreja. Uma ponderável facção do governo quer enquadrar o bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, no Estatuto dos Estrangeiros, por ter recomendado numa entrevista que não se vote no PDS. Por ser espanhol, Casaldáliga pode enfrentar um processo de expulsão do país. Enquanto



Dom Pedro: um bispo na mira

há ministros que dão como certa a providência, há outros que dão como certa uma tolerância estratégica. Segundo os defensores dessa tese, Casaldáliga já foi repreendido pela hierarquia da Igreja e, se o governo fingir que não viu a infração, ganhará o crédito para expulsá-lo sem maiores crises na próxima oportunidade. "E, com dom Casaldáliga, a próxima oportunidade virá com a mesma certeza de que depois da noite vem o dia", assegura um dos ministros que não querem atirar agora.



Dez anos de caminhada

D. Pedro Casaldáliga convida

Querido amigo, amiga, companheiros de Caminhada.

Possivelmente vocês já receberam, ou pela ALVORADA ou por carta ou por comunicação pessoal, o convite para as celebrações dos 10 ANOS DE CAMINHADA de nossa Prelazia de São Félix.

Esta carta quer ser mais um convite premente, verdadeiramente fraterno. Contamos com vocês para essas celebrações. Vocês nos têm acompanhado durante esses dez anos, na luta, nas incertezas, na avaliação, nas programações, pela oração, com muitos modos de ajuda e sempre na comum Esperança.

Vocês não podem faltar nesta hora agradecida de celebração. Desculpem o caráter coletivo desta carta. O tempo manda e a comunhão permite.

As datas básicas das comemorações dos DEZ ANOS DE CAMINHADA serão:



1 — Dias 14, 15 e 16 de agosto (mais particularmente à tarde do dia 15 e todo o dia 16). Em SÃO FÉLIX. Com celebrações eucarísticas, reuniões, teatro, festejos populares.

2 — Dias 11 e 12 de outubro, no RIBEIRÃO BONITO. Por ocasião do 5.º aniversário do martírio do Pe. João Bosco.

Sua presença, além de estreitar os laços da comunhão que nos une há muito tempo, significará também um

apoio à luta e à esperança do Povo e uma resposta prática aos intentos de perseguição, que se renova ultimamente em difamação, ameaças, manejos...

Este convite é para você, irmão, irmã, e para sua família ou comunidade.

Avise em tempo quantos de vocês e em que data pensam participar dessa alegria por ocasião dos DEZ ANOS DE CAMINHADA. Podem escrever diretamente à:

Irmã Irene — 77.475 — Santa Isabel do Morro — ILHA DO BANANAL, GO.

Tanto agosto como outubro são tempos secos e dá para viajar pelas respectivas estradas, contando logicamente com a poeira e os buracos. Nisso também se parecem a estrada e a Caminhada. Há vãos diários da VOTEC de Goiânia ou Brasília e de São Miguel do Araguaia. Pretendendo viajar pela VOTEC, será bom reservar passagem com antecedência.

Desde já, em nome de toda a Equipe Pastoral e em nome de todo o Povo da nossa região, abraço a vocês, com muita gratidão e amizade. Aquele que é o Caminho da Caminhada e a causa de nossa Esperança invencível.

Seu amigo e irmão,
Pedro Casaldáliga
São Félix do Araguaia — MT

Bispo afasta religiosos que davam apoio a colonos

Porto Alegre — O Padre Arnildo Fritzen e a Irmã Aurélia — acusados de "arquitetos de caos" pelo Tenente-Coronel Sebastião de Moura, o Curio, do SNI — e que eram os principais assistentes religiosos do acampamento dos colonos sem terra, de Ronda Alta, deixaram o acampamento por determinação do Bispo de Passo Fundo, D. Cláudio Colling, que será também o novo bispo arquidiocesano de Porto Alegre, em substituição de D. Vicente Scherer.

As missas no acampamento de Encruzilhada Natalino, celebradas sempre pelo Padre Arnildo, passaram a ser rezadas pelo vigário do Município de Sarandi, Padre Enio Botan, que também presta assistência religiosa a mais de 200 famílias que lá permanecem. Elas insistem no reassentamento em terras gaúchas e não no Mato Grosso do Sul,

como oferece o Governo federal.

REUNIÕES

Desde o início do acampamento dos colonos, em março deste ano, o padre Arnildo Fritzen dava assistência religiosa aos agricultores. Ele e a irmã Aurélia foram acusados pelo Major Curio, do SNI, de levarem os colonos a recusarem terras em outros Estados (insinuando seu possível enquadramento na Lei de Segurança Nacional). Depois que os representantes do Conselho de Segurança Nacional, SNI e Polícia Federal deixaram o acampamento, ainda há mais de 200 famílias em Ronda Alta que insistem em terras no Rio Grande do Sul.

O Bispo D. Cláudio Colling, na época das acusações do Major Curio, defendeu os dois religiosos. Agora determinou que a assistência religiosa fos-

se prestada pelo Padre Enio Botan. Também manteve contatos com a Congregação da Irmã Aurélia, sugerindo seu afastamento de Ronda Alta.

SOLIDARIEDADE

Manaus — Os 13 bispos e outros religiosos que participaram da Assembléia do Regional Norte I da CNBB divulgaram, ontem, nota de solidariedade aos padres franceses presos no Pará, na qual proclamam "mesmo diante de todas as represálias e acusações contra a Igreja e particularmente contra as CEBs, o firme propósito de continuar sem medo as opções assumidas por Puebla e pela Igreja do Brasil".

No documento, os religiosos do Regional Norte I dizem repudiar o modo como é conduzido o processo, "restringindo o contato livre dos incriminados com seus advogados".

JORNAL DO BRASIL
20/9/81

Em defesa de D. José

"Nós, Diocesanos de Juazeiro-BA, vimos hipotecar, de público, irrestrita solidariedade a nosso Bispo, D. José Rodrigues de Souza, pelo trabalho que esta Diocese vem desenvolvendo, tão proficuamente, em nossa região.

De modo especial, apoiamos o trabalho de EDUCAÇÃO POLÍTICA, em muito boa hora intensificado através da benfazeja Cartilha "POLÍTICA — A LUTA de um POVO". Ela não contradiz, de modo nenhum, as Diretrizes de PUEBLA, do PAPA JOÃO PAULO II, nem da CNBB. Por isso mesmo, repudiamos as acusações proferidas por S. Exa., o Governador do Estado da Bahia, Dr. Antônio Carlos Magalhães, no Programa da Rede Globo de Televisão, "Globo Revista", de 31 de agosto deste ano, publicada pelo "Jornal da Bahia", em 2 do corrente mês.

Estas acusações, de todo infundadas, pretendem ferir mortalmente a UNIDADE da Igreja Católica de Juazeiro, em sua relação com a do Brasil e com a Universal; pois, o Governador afirma que nosso Bispo não segue a orientação da CNBB nem a do PAPA.

Isso não é verdade, porque a mesma orientação que direciona as atividades pastorais de nossa Igreja Local, é também a mesma que dinamiza a Pastoral das demais Dioceses do Brasil.

Esse trabalho de Evangelização deve continuar sendo feito, pois acreditamos que os apelos de LIBERTAÇÃO, contidos no Evangelho, exigem uma Igreja comprometida na construção de uma sociedade mais humana, mais justa e mais fraterna.

Reafirmando, por conseguinte, irrestrita solidariedade ao Bispo e ao Trabalho Pastoral da Diocese, reiteramos nosso repúdio a todas e qualquer tentativa de divisão de nossa Igreja e de descrédito à pessoa de seu Pastor que é sinal vivo e atuante da UNIDADE com a IGREJA UNIVERSAL".

15. Okt. 1981

OSP

Em defesa de D. José

"Nós, Diocesanos de Juazeiro-BA, vimos hipotecar, de público, irrestrita solidariedade a nosso Bispo, D. José Rodrigues de Souza, pelo trabalho que esta Diocese vem desenvolvendo, tão proficuamente, em nossa região.

De modo especial, apoiamos o trabalho de EDUCAÇÃO POLÍTICA, em muito boa hora intensificado através da benfazeja Cartilha "POLÍTICA — A LUTA de um POVO". Ela não contradiz, de modo nenhum, as Diretrizes de PUEBLA, do PAPA JOÃO PAULO II, nem da CNBB. Por isso mesmo, repudiamos as acusações proferidas por S. Exa., o Governador do Estado da Bahia, Dr. Antônio Carlos Magalhães, no Programa da Rede Globo de Televisão, "Globo Revista", de 31 de agosto deste ano, publicada pelo "Jornal da Bahia", em 2 do corrente mês.

Estas acusações, de todo infundadas, pretendem ferir mortalmente a UNIDADE da Igreja Católica de Juazeiro, em sua relação com a do Brasil e com a Universal; pois, o Governador afirma que nosso Bispo não segue a orientação da CNBB nem a do PAPA.

Isso não é verdade, porque a mesma orientação que direciona as atividades pastorais de nossa Igreja Local, é também a mesma que dinamiza a Pastoral das demais Dioceses do Brasil.

Esse trabalho de Evangelização deve continuar sendo feito, pois acreditamos que os apelos de LIBERTAÇÃO, contidos no Evangelho, exigem uma Igreja comprometida na construção de uma sociedade mais humana, mais justa e mais fraterna.

Reafirmando, por conseguinte, irrestrita solidariedade ao Bispo e ao Trabalho Pastoral da Diocese, reiteramos nosso repúdio a todas e qualquer tentativa de divisão de nossa Igreja e de descrédito à pessoa de seu Pastor que é sinal vivo e atuante da UNIDADE com a IGREJA UNIVERSAL."

Bispos pregam participação dos humildes na política

18. 10. 81 *Journal DO BRASIL*
Brasília — "A Igreja de hoje quer ajudar a gente humilde a se libertar do mal crônico de toda espécie de dominações que parecem até coisas normais para muitos, mas não são fruto do acaso e sim conseqüências da forma como tem sido organizado o Brasil. Ele, de fato, foi organizado para favorecer aos poucos que sempre mantiveram o poder político e econômico.

A afirmação consta da carta pastoral intitulada **Opção pelos pobres também nas eleições**, assinada pelo Bispo diocesano Dom Quirino Schmitz e pelo Bispo-auxiliar Dom Antônio Zuquete, de Teófilo Otoni (MG). Entre outros itens, o documento distribuído aos fiéis dispõe sobre "qual a atuação da Igreja na política", "a política que não está a serviço do povo" e "como deveriam ser os Partidos".

Lado dos fracos

Explica a carta pastoral que bispos, padres, religiosos e leigos engajados se sentem bem ao lado dos fracos, e não o fazem para desencadear lutas de classes. "Estas já existem desde o descobrimento do Brasil, que alguns chamam de invasão da terra dos 5 milhões de índios então existentes. Será que alguns dos missionários daquele tempo que defendia os índios contra os invasores provocaram lutas de classes?", questiona a carta. E, citando o Documento de Puebla, afirma que a Igreja da América Latina "sente como seu dever e direito estar presente no campo da atividade política, porque o cristianismo deve evangelizar toda a existência humana, inclusive a dimensão política ... a necessidade dessa presença da Igreja na política provém do mais íntimo da fé cristã".

Fica esclarecido também, pelo do-

cumento, que a Igreja não tem Partido mas, de acordo com sua opção preferencial pelos pobres, acompanha com carinho as pessoas e comunidades que precisam formar sua consciência política, oferecendo-lhes subsídios para seu trabalho de reflexão, antes ou mesmo depois de cada um fazer sua opção por determinado Partido.

"Nós, bispos, padres e religiosos, não nos filiamos a nenhum Partido político, nem mesmo aos mais simpáticos da área popular. Queremos acompanhar as pessoas que têm a coragem de tomar sobre si o sofrimento do povo. Aplaudimos aqueles Partidos que, de fato, atendem as aspirações dos que sofrem", garantem.

A carta pastoral alerta para o perigo da convivência com pessoas que, atreladas a grupos econômicos poderosos, não têm interesse em resolver os problemas sociais do povo. "Existe gente, em alguns Partidos, que procura sua segurança pessoal, de suas terras ou do Governo, não se importando com a segurança mínima do povo sofredor. É incrível que ainda exista gente, em certos Partidos, dizendo "não às reformas estruturais na agricultura, quando se sabe que, sem elas, não é possível enfrentar com decisão os problemas sociais e econômicos do nosso povo".

Sobre como deveriam ser os Partidos, o documento salienta que eles devem ser vários, em uma democracia, mas só têm razão de existir os que realmente ajudam a participação de todos na política, "especialmente os que tornam possível a liberdade das pessoas, das organizações comunitárias e dos movimentos populares, os que valorizam o voto livre de cada cidadão".

30 (10/81) Conceição do Araguaia

Conceição do Araguaia, 17 de outubro de 1981

Prezado irmão no episcopado

Agradeço a todos os senhores bispos a solidariedade fraterna com que têm acompanhado os acontecimentos sucedidos em Conceição do Araguaia, e em especial, a prisão dos dois sacerdotes, Pe. Aristides Camio e Pe. Francisco Gouriou e de 13 posseiros. Desde o mês de agosto encontram-se privados de sua liberdade. Atualmente em Brasília, os padres aguardam o desfecho do processo administrativo para expulsão.

Tenho recebido inúmeras cartas, telegramas e telefonemas de bispos, sacerdotes, religiosos, membros de nossas comunidades, irmãos de igrejas evangélicas e de diversas entidades oferecendo suas orações e apoio. A todos desejo, em nome da Diocese de Conceição do Araguaia, externar o profundo agradecimento.

Em relação aos padres, declaro sua inocência. Estavam exercendo sua missão pastoral conforme as orientações da diocese. A situação em São Geraldo, como em outras áreas do território nacional, é grave devido às contínuas injustiças cometidas para com os lavradores, cuja razão é o adiamento da solução do problema da terra frente à ganância dos que visam apenas o lucro e violentam a dignidade da pessoa humana.

No dia 19 deste mês, segunda-feira, os advogados apresentarão a defesa conforme o prazo estabelecido no processo. Queremos confiar na justiça. Desconhecemos qual será o resultado desse processo que já incluiu tanta arbitrariedade, com a detenção, a incommunicabilidade, os longos interrogatórios e até a difamação dos sacerdotes. Ontem, dia 16 de outubro, ficamos informados de que mais um padre da diocese, que nos representava, em São Geraldo, juntamente com 4 religiosos e 2 senhoras da comunidade de S. Geraldo foram vítimas de violência na sede do GETAT.

Pedimos aos prezados irmãos que continuem nos acompanhando com suas preces principalmente nesta última fase do processo, convidando suas comunidades a rezar não só para que se evidencie, como é de direito, a inocência dos missionários, mas para que se resolva a questão grave da terra na área de Conceição do Araguaia e tantas outras partes do País onde inúmeras famílias sofrem as terríveis consequências da exploração.

Em união de orações renovo meus sentimentos de gratidão e de estima para com todos.

Dom Patrício José Hanrahan
Bispo de Conceição do Araguaia
Brasília, 19 de outubro de 1981
SG. C. n.º 1.376/81

Caríssimo Irmão no Episcopado
A paz de Cristo

Recebemos carta de Dom Patrício José Hanrahan a respeito dos sacerdotes e posseiros de sua diocese de Conceição do Araguaia que ainda hoje se encontram privados de sua liberdade e aguardam desfecho do processo administrativo de expulsão.

Apresso-me em enviar a todos os prezados irmãos a cópia desta carta.

No momento, em Brasília, os padres continuam detidos na superintendência da Polícia Federal.

Em resposta ao Pedido de Dom Patrício José Hanrahan intensifiquemos nossas preces, para que quanto antes, provada a inocência dos padres, sejam libertados e os posseiros tenham seus direitos respeitados.

Em várias dioceses, sejam elevadas a Deus preces públicas numa expressão maior de fé e de solidariedade.

Com toda a estima fraterna
Luciano Mendes de Almeida
Secretário Geral da CNBB
São Paulo, 22 de outubro de 1981

Exmo. e Revmo. Sr.
Dom Patrício José Hanrahan
D.D. Bispo de Conceição do Araguaia

Os membros do Conselho de Presbíteros da Região Episcopal Ipiranga, junto com seu Bispo Dom Antônio Celso Queiroz, vêm manifestar irrestrita solidariedade à Igreja de Conceição do Araguaia.

Nossa Igreja também sofre e reza quando irmãos nossos são presos pelo fato de continuarem a Missão de evangelizar que Cristo lhes confiou.

Protestamos contra a prisão dos Padres Aristides Camio e Francisco Gouriou, porque esta arbitrariedade vem impedir a igreja de cumprir o dever de evangelizar e tolher ao povo o direito de ouvir a Palavra de Deus e de defender seus direitos.

Relembrando a comunhão que nos une em Cristo e na Igreja, pedimos ao Senhor que proteja e fortaleça na fé a Igreja de Conceição do Araguaia com seu Bispo, seu Presbitério e todo seu Povo.

Conselho de Presbíteros
— Ipiranga

Igreja deve optar só pelos pobres, declara d. Valdir

RIO — O presidente da Comissão da Pastoral Operária da CNBB e bispo de Volta Redonda, dom Valdir Calheiros, defendeu ontem a idéia de "uma opção exclusiva" e não "preferencial" pelos pobres, por parte da Igreja. Para dom Valdir, todos os católicos — ricos, padres ou leigos — "na prática devem trabalhar com os pobres".

A posição de dom Valdir contraria frontalmente a opinião expressa pelo ex-arcebispo de Porto Alegre, dom Vicente Scherer, que na sua última palestra pelo rádio, antes de deixar o arcebisado, no início do mês, afirmou que "Deus não olha para a bolsa, se está chela ou vazia, mas perscruta o coração". Dom Vicente criticou ainda os que defendem a opção preferencial, dizendo que dentro da Igreja multiplicam-se as afirmações e escritos que estabelecem diferenças "classista e ideologizada", e que consideram os pobres e marginalizados "como aceitos e amigos de Deus" e todos os demais como excluídos do favor e da benevolência do Alto.

OBSTÁCULOS

Na palestra que fez ontem, sobre a "Igreja e os operários", no seminário organizado pela Associação dos Jornalistas de Economia e Finanças do Rio e do Instituto Brasileiro de Análise Sócio Econômica (Ibase), órgão vinculado à CNBB, dom Valdir disse que o conceito de "opção preferencial" em vez de "opção exclusiva" pelos pobres constitui um dos dois obstáculos internos da Igreja ao trabalho da Comissão da Pastoral Operária. O outro obstáculo é representado pelas afirmações de que a Igreja não deve alimentar a luta de classes.

"Recomenda-se não alimentar a luta de classes, mas ela está aí e não alimentá-la quer dizer deixar que ela se alimente sozinha", afirmou dom Valdir.

O bispo negou que a Comissão da Pas-

toral Operária favoreça o engajamento em determinados partidos políticos, dando preferência ao Partido dos Trabalhadores. Ele disse que a Pastoral Operária preocupa-se que os trabalhadores "tomem consciência de sua situação e transformem a realidade que os cerca".

O incentivo à conscientização política dos trabalhadores e sua atuação nos sindicatos e partidos políticos é, segundo dom Valdir, o aspecto "mais delicado do trabalho da Pastoral". Essa atividade inclui explicações sobre as propostas de cada partido político "com absoluto respeito à liberdade de escolha das pessoas".

CAPITAL E TRABALHO

Para dom Valdir Calheiros, "nenhum dos dois sistemas econômicos vigentes conseguiu superar o conflito entre o operariado e o capital". Segundo ele, "isso só acontecerá quando os trabalhadores forem sujeitos da produção, com a propriedade social dos meios de produção".

O presidente da Pastoral Operária da CNBB observou que o interesse da Igreja brasileira com os operários "começou muito tarde", como reflexo de "movimentos importados da Europa", como a Ação Operária Católica e a Juventude Operária Católica, que "foram reprimidos e desapareceram".

Foi com "a diminuição da repressão que a Igreja passou a se organizar face à realidade, nascendo então a Pastoral Operária, há seis anos. Embora fraca na estrutura da Igreja, a Pastoral Operária já atua em 19 Estados", disse o bispo.

Na opinião de dom Valdir, a "transformação da sociedade é uma consequência lógica de um projeto de fé por um mundo mais justo, pois não existe fraternidade sem justiça e não existe justiça sem justiça social".

A democracia é a base da paz, afirma dom Ivo

PORTO ALEGRE — O presidente da CNBB, dom Ivo Lorscheiter — referindo-se ao Natal —, afirmou que está longe a paz verdadeira, frisando que "muitas nações não vivem em paz interna porque não levam às últimas consequências a democracia autêntica, o mundo não vive em paz porque muitas potências se inspiram em sistemas desumanos e antagônicos".

Falando aos diocesanos de Santa Maria, dom Ivo assinalou que "muitas consciências individuais não vivem em paz, porque pisoteiam a voz do bem, da virtude e da justiça; muitas famílias porque seguem os caprichos do egoísmo e da ganância e muitas comunidades, porque desrespeitam os direitos e deveres da pessoa".

O presidente da CNBB informou que no dia 22 de dezembro será publicada uma mensagem "de paz ao povo brasileiro", dos dirigentes das igrejas católica, episcopal, evangélica, de confissão luterana, metodista e reformada do Brasil.

Reitor dos EUA elogia d. Paulo e d. Aloísio

BRASÍLIA — O padre Theodore Hesburgh, reitor há 30 anos da Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos, afirmou ontem, pouco antes de receber o título de doutor "honoris causa" da Universidade de Brasília, que "em todo o panorama da Igreja na América Latina, há dois nomes que se destacam perante o mundo: os dos cardeais brasileiros Dom Paulo Evaristo Arns e dom Aloísio Lorscheiter".

"O cardeal arcebispo de São Paulo — disse o religioso — é uma figura proeminente no mundo inteiro porque, de uma maneira simples e forte, sempre se colocou ao lado dos pobres e dos que não têm poder. Essa é uma das qualidades de liderança — acrescentou — tanto no domínio clerical como na defesa dos direitos humanos."

O padre Hesburgh, de 65 anos, é também presidente da Fundação Rockefeller, dirigia até abril passado o conselho diretor do "Chase Manhattan e pilota, eventualmente, jatos experimentais "March-3".

Dom Tomás considera o usucapião como "burla"

RIO — O bispo de Goiás Velho e vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), dom Tomás Balduino, classificou a Lei do Usucapião como "uma burla com fins eleitoreiros", acrescentando que a legislação foi "uma concessão puramente burocrática bacharelística do governo".

"Ela é ineficaz — explicou — porque o problema não está em registrar a terra; antes disso caem em cima dos lavradores e posseiros a Polícia e os pistoleiros, mas isso não foi sanado."

As afirmações do bispo foram feitas durante o seminário "A Igreja e a Realidade Econômica Brasileira", promovido pela Associação dos Jornalistas de Economia e Finanças do Rio (AJef) e o Instituto Brasileiro de Análise Sócio-Econômica (Ibase).

Dom Tomás Balduino considerou mais importante que a Lei do Usucapião os estudos do governo visando reservar um percentual da área dos latifúndios para arrendamento aos lavradores. Ele acha que essa solução "não conflita com o sistema, pois não questiona a propriedade; responde ao apelo dos trabalhadores de acesso à terra, e evita o êxodo rural e o despejo de trabalhadores de campo na cidade".

O bispo disse ainda que os lavradores "não estão preocupados em possuir propriedade; o que estão querendo é acesso à terra, e isso atualmente está fechado". Para ele, a medida permitirá que os trabalhadores rurais possam "levar avante a sua luta política, uma vez tendo garantido o que comer". Segundo afirmou, os camponeses "vêm ganhando a luta política, com greves e eleições sindicais, mas estão perdendo as safras, por falta de terras".

ÍNDIOS

O vice-presidente do Cimi denunciou a existência de uma "política oficial de ex-

termínio dos índios", que, segundo ele, "acelerou-se no atual governo. Na época

do presidente Getulio Vargas, houve apenas uma tentativa de modificação na legislação de defesa das populações indígenas, com o projeto, depois abandonado, de emancipação dos índios, acabando com a tutela, que é o instrumento legal que garante ao índio a posse da terra". Para o bispo, "o grande problema dos índios é a garantia de suas terras".

"Durante o atual governo — prosseguiu —, quatro medidas já foram tomadas em prejuízo dos índios. A começar da atualização das decisões sobre conflitos de terra, que colocou nas mãos dos proprietários regionais a solução dos conflitos que eles próprios criaram."

Outra medida recente da Funai — segundo o bispo — foi a elaboração dos "critérios de indianidade", pelos quais, "se o índio não tem problemas com a Funai, é índio; mas se tem problemas duvida-se de que seja índio. Nessa situação estão as nações Tembê (do Sul do Pará), Capinauá (Pernambuco) e Timbí (Mato Grosso)".

Dom Tomás criticou ainda a política oficial de "acordos propostos pela Funai, em que os índios recebem indenizações irrisórias em troca da perda de suas terras. A Funai — disse ele — age como uma má tutora do interesse dos índios".

Condenou ainda o enquadramento das questões de terra que envolvem os índios, como problemas de segurança nacional, lembrando que o atual presidente da Funai, coronel Paulo Moreira Leal, pertenceu ao Conselho de Segurança Nacional.

Para Dom Tomás, "a ofensiva contra os índios é resultado do aparelhamento do índio politizado e consciente, que vai lutar e está se unindo, através da UNI (União das Nações Indígenas) e das assembleias de chefes de aldeias, em defesa dos seus direitos".

O País precisa evitar os confrontos, diz cardeal

TERESINA — O cardeal-arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, dom Avelar Brandão Vilela, disse ontem nesta Capital que "para o governo e seus assessores, para os grupos de oposição, para as instituições religiosas e, finalmente, para todos, eu acho que é um momento de bastante reflexão em que devemos apurar o bom senso em todas as direções para evitar conflitos e confrontos, ao mesmo tempo abriremos estradas para que o processo de redemocratização do País prosiga sem atropelos, atendendo aos seus altos objetivos".

"A Igreja, no seu todo, como instituição — assinalou — nunca teve sua palavra cortada. Ela sempre tem manifestado seu pensamento de maneira leal e ao mesmo tempo muito evangélico." E prosseguiu:

"Pode ser que a idéia da Igreja em determinados momentos não confira com opinião de governantes ou de outros grupos dentro da comunidade brasileira, mas ela não deixa de dar sua opinião. Ocorre, porém, que setores da Igreja e setores do governo podem criar proble-

mas ou ambientes de desconforto, inclusive, quando isto ocorre devemos ter o bom senso de encontrar soluções."

Na opinião do cardeal primaz do Brasil, mesmo os episódios desagradáveis não fazem a Igreja desistir da sua posição de mão e mestra, com os organismos ou as pessoas do governo e da oposição.

Indagado se entre os fatos desagradáveis ele estaria incluindo os casos envolvendo a expulsão do padre Vito Miracópilo e a prisão dos padres franceses em Belém do Pará, respondeu que "são fatos que aconteceram. Não quero dizer que às vezes não exista uma falha de representantes da Igreja. Não quero ser absolutista por pretender que só o outro lado é que comete falhas. Admito que possa haver às vezes palavras num determinado momento em que as providências esperadas não chegaram a se concretizar. Mas mesmo a existência de uma palavra de impaciência ou mesmo de imprudência não justificaria qualquer tipo de expulsão".

QUINTA-FEIRA - 7 DE JANEIRO DE 1982

E 80



Radiofoto UPI

Novo bispo brasileiro

CIDADE DO VATICANO — Durante missa solene, ontem na Basílica de São Pedro, o papa João Paulo II colocou as mãos, em sinal de sucessão apostólica, sobre nove novos bispos, entre os quais o brasileiro d. Antônio Alberto Guimarães Resende, de 55 anos sagrado bispo de Caetité (BA). Mais de dez mil fiéis, 17 cardeais e 60 arcebispos e bispos assistiram à missa de sagração, celebrada na mesma data em que a Igreja Católica comemora a Epifania — a aparição divina aos três reis magos.

Dirigindo-se aos novos bispos e lembrando a data, o pontífice declarou: "O mundo que não é a epifania de Deus, o mundo que não fala de Deus à humanidade, não deixa de ser gigantesco, poderoso, rico, mas ao mesmo tempo ameaçador. As sombras recobrem a Terra e a densa neblina envolve as nações". Por isso, acrescentou pedindo: "Façam tudo o que estiver ao seu alcance para que a humanidade, para a qual vocês foram encaminhados, acredite na epifania do Deus vivo".

D. Manoel desmente ter pedido auxílio à polícia

Da sucursal e da correspondente

O bispo de Anápolis, d. Manoel Pestana Filho, desmentiu ontem que tenha pedido reforço policial para acompanhar a procissão que seria realizada, hoje por grupos cristãos contrários a seu trabalho à frente da Diocese. O bispo também afirmou que não tentará impedir a realização da vigília programada por esses grupos para hoje, em todas as paróquias de Anápolis, em lugar da procissão cancelada, que culminaria com a celebração de uma "cerimônia da palavra" em frente à casa de d. Pestana.

Em Goiânia, o secretário particular de d. Carmine Rocco, nuncio apostólico no Brasil, monsenhor Lourenzo, limitou-se a explicar: "D. Manoel Pestana Filho, nomeado pelo papa, é o chefe maior da Igreja em Anápolis, e deverá resolver a crise instalada no clero local com sua incontestável autoridade". Segundo o monsenhor, d. Carmine Rocco está informado dos acontecimentos e limita-se a acompanhar os fatos "uma vez que a situação não chegou a extrapolar". Entre as mensagens de apoio que o bispo de Anápolis vem recebendo, está um telegrama do ex-cardeal arcebispo de Porto Alegre, d. Vicente Scherer, cuja íntegra é a seguinte:

"Agradeço a vossa excelência o cartão e as publicações enviadas. Li sua

explicação e algumas passagens das críticas. Vossa excelência não se impressiona e siga o caminho que a Igreja nos indica e não lhe faltará o apoio e a solidariedade das pessoas retas e desapaixonadas. Amistosas saudações."

Em Anápolis, d. Manoel Pestana decidiu acompanhar a vigília de hoje na paróquia de Santo Antônio, que era dirigida pelo padre holandês João Werbeck, um dos que decidiram abandonar a Diocese por discordar da orientação do bispo. D. Manoel assumiu provisoriamente, como pároco, a direção da paróquia, onde atuam pessoas ligadas ao movimento contrário à sua atuação.

Ele afirmou ontem que na próxima quarta-feira promoverá um encontro com estes grupos com o objetivo de buscar uma conciliação. "Meu objetivo é construir — disse ele — e não contribuir de alguma forma, para acirrar os ânimos." O bispo de Anápolis disse, ainda, que recebeu a confirmação de que a procissão de domingo foi suspensa.

"Soube que um dos motivos alegados pelos organizadores do encontro era que eu teria apelado para forças policiais para conter os manifestantes. Esta acusação é mentirosa" — afirmou o bispo. "Eu estava disposto, inclusive, a receber as pessoas na minha casa e conversar com elas buscando um diálogo." D. Pestana não gostou, também,

da afirmação feita pela professora Antunesca Pontiere, de que doze padres saíram da Diocese desde que ele foi para a cidade, há três anos. "Houve problemas envolvendo desentendimentos entre o bispo e quatro padres, mas de forma alguma eles foram expulsos. Saíram porque quiseram."

ENCONTRO

O dirigente da comunidade da paróquia de Santo Antônio, Clodovei Reis Pereira, ao anunciar, ontem, a realização de uma vigília em todas as paróquias da cidade, confirmou que a procissão de domingo foi mesmo desmobilizada, para evitar que os seus objetivos fossem distorcidos.

"Houve tentativa de classificar a procissão como ato subversivo. E tentaram, inclusive, envolver o movimento cristão com a ação de partidos de oposição. Nos movimentos de leigos — afirmou Clodovei — militam pessoas ligadas a diversos partidos políticos: ao Partido dos Trabalhadores, ao PMDB e também ao PDS, o partido do governo. No entanto, em nossas reuniões não falamos de política, mas sim de assuntos ligados à Diocese."

Clodovei Reis esteve com d. Pestana sexta-feira e falou longamente ao bispo sobre os problemas que estão ocorrendo na diocese. "Não foi possível, no entanto, manter qualquer tipo de diálogo com d. Pestana. Ele não respondeu nada."

Bispo de Caxias condena despolitização da Igreja

— Uma tentativa de retraimento da Igreja em relação aos assuntos políticos e sociais seria, no mínimo, uma atitude neurótica e, na pior das hipóteses, uma posição anti-evangélica.

Essa é a opinião do Bispo de Caxias, Dom Mauro Morelli, diante da possibilidade de um fechamento da Igreja, após a recomendação do Papa João Paulo II de que os padres não devem se envolver em política, através de Partidos ou sindicato. Quanto a essa questão, específica, Dom Mauro acha que há um consenso no Brasil:

— Há um consenso entre os bispos do Brasil de que os padres não devem se envolver em política partidária.

Segundo explicou, não é exatamente porque não caiba a um padre fazer política, e sim porque aos leigos "compete a construção do mundo". E observa: "Puebla diz que o engajamento político é uma das formas mais nobres de engajamento". E, no seu entender, a recomendação do Vaticano deve ser vista assim:

— Essa posição do Papa e do conselho dos Bispos não significa uma

negação da dimensão política do trabalho da Igreja.

Dom Mauro Morelli acentuou que "os assuntos sociais e políticos são preocupação permanente da Igreja, porque eles tratam de questões fundamentais ao relacionamento com a pessoa humana". E acha possível se definir em relação à posição ortodoxa, que pretende um clero voltado exclusivamente para assuntos religiosos, e à posição progressista, na qual não há diferenciação entre o religioso e o político.

— Ouvindo as críticas à atuação da Igreja, no plano social-econômico e político, e o receio de algumas alas em relação a esse tipo de envolvimento, fui levado a pensar o seguinte: admitindo a hipótese de que houvesse dois pastores da Igreja, um de extrema-direita e outro de extrema-esquerda (o que não existe), eu ficaria com o de extrema-esquerda. Eu veria nele um homem angustiado com os problemas que diminuem e machucam o homem. E, no outro, eu veria um defensor acirrado da verdade que não liberta, mas que sufoca e chega mesmo a destruir a vida.

Dom Waldyr diz que nada mudou

Volta Redonda — Ao proibir o exercício de atividades políticas e sindicais pelos sacerdotes da Igreja Católica, a Congregação do Clero não provocou nenhuma alteração no trabalho da Diocese de Volta Redonda, afirmou o Bispo Waldyr Calheiros. Ele disse que não tem conhecimento de que padres de sua diocese pertençam a qualquer associação política.

A íntima ligação entre as Comunidades Eclesiais de Base e o Partido dos Trabalhadores, em Volta Redonda, na opinião de Dom Waldyr, não sofrerá qualquer alteração, "porque a orientação que foi feita destina-se aos sacerdotes. Aos leigos, ao contrário, a Igreja até incentiva sua participação na política partidária".

Carta política

Depois de uma reunião de rotina com padres de Volta Redonda e Barra do Pirai, ontem de manhã, Dom Waldyr Calheiros leu no JORNAL DO BRASIL, a nova orientação, e comentou medida idêntica tomada pela CNBB, através do Conselho Permanente, "insistindo em que padres e religiosos não podem participar de Partidos políticos".

— Ao mesmo tempo — disse o Bispo — a orientação acrescenta que isso não implica que a Igreja deva ser apolítica. Pelo contrário, o que as CEBs devem oferecer é espaço para despertar a consciência política dos leigos, questionando e oferecendo informações, a fim de que eles tenham critérios para uma opção político-partidária.

Essa participação da Igreja na formação política dos leigos está definida numa Carta que o Bispo de Volta Redonda vai concluir hoje e distribuir a toda a diocese, como orientação para "a prática pastoral no ano político". O documento é resultado dos debates do Conselho Pastoral Diocesano, realizado no fim de semana, em Arrozal.

Na opinião de Dom Waldyr Calheiros, a questão sindical incluída na orientação refere-se à tendência de alguns padres em favor da criação de um sindicato de classe "como se eles fossem empregados da Igreja. Na verdade, o sacerdócio é um ministério sagrado, fruto da vocação e não pode ser encarado como trabalho profissional".

No caso das associações e Partidos políticos, Dom Waldyr considera que a orientação deve ser observada de forma mais ampla e a proibição estendida à participação em associações civis, que não tenham cunho político-partidário, como os clubes de serviço.

— O padre não deve pertencer a um grupo restrito. Ele pertence a toda a comunidade.

O Bispo de Volta Redonda observa que a Igreja não pode fazer leis criando uma uniformidade de escolha partidária, mas lhe compete criar condições para o debate entre leigos, despertando a consciência político-partidária de cada um.

Conflito inevitável

Ao admitir que essa forma de atuação torna inevitável o conflito ideológico, Dom Waldyr comentou os recentes desentendimentos entre líderes das CEBs do bairro Retiro, o mais populoso da cidade, depois que um grupo resolveu prestar homenagem ao Prefeito (nomeado) Aluizio de Campos Costa.

— Dentro de uma comunidade, a diversificação do modo de pensar é normal e cria atritos. A missão das CEBs é reivindicar, mas isto não quer dizer que elas devam homenagear os governantes quando cumprem com o seu dever.

Discordando da orientação política da Igreja, grupos conservadores do bairro Retiro estão optando por afastar-se de um trabalho desenvolvido, há mais de 35 anos, segundo Joaquim de Moraes, de 62 anos:

— Nossa forma de reivindicar é muito diferente da que pretendem nos impor. Somos a favor do diálogo e contra as manifestações públicas a passeatas. Por esse motivo, nos sentimos rejeitados pelos jovens, liderados pelo Padre Jean-Pierre.

Analisando o que chamou de "conflito interno entre pessoas que não aceitam a evolução da Igreja no Brasil", o Padre Jean-Pierre Vanhaucke, que veio da França há menos de dois anos, considera natural o problema, porque envolve "pessoas educadas na Igreja antiga e os jovens, que desejam andar depressa demais".

Cardeal estuda doação do Sumaré com a Prefeitura

Os entendimentos iniciados entre o Cardeal D Eugênio Sales e a Prefeitura para que se concretize a doação do Morro do Sumaré em favor dos funcionários da Arquidiocese são "inteiramente favoráveis", disse o Secretário Municipal de Obras, Renato de Almeida, depois de uma "troca de ideias" de 40 minutos que, a esse respeito, teve ontem com o Cardeal.

Com Renato de Almeida estiveram presentes ao encontro, no Edifício João Paulo II: César Diogo, assessor da Secretaria de Obras; Paulo Macedo e Luis Carlos Vital, técnicos do BNH; o Vigário-Geral da Arquidiocese e Procurador da Mitra, Dom Romeu Brigenti; o Vice-Procurador da Mitra, Erwin Morgenroth; os membros da comissão do Projeto, Maria

Leia editorial "Palavra Final"

Dom Eugênio está de acordo

O recente documento da Congregação do Clero, segundo o qual os padres são proibidos de participar da política, mesmo que seja para "favorecer ideais humanitários em favor da paz e do progresso social", não veio causar nenhum problema ao Cardeal Eugênio Sales, já que em sua Arquidiocese, afirmou, "essas diretrizes já estavam postas em prática".

Dom Eugênio não quis comentar

Mineiro diz que política divide

Belo Horizonte — "No Brasil, em algumas dioceses, certas Comunidades Eclesiais de Base fizeram opção pelo PT, o que é prejudicial à ação hierárquica da Igreja, pois a política partidária alimenta paixões e divide", afirmou ontem o Arcebispo de Pouso Alegre, Dom José d'Angelo Neto, ao comentar o documento do Vaticano.

Encarregado da Pastoral Vocacional da Regional Leste II da CNBB (Minas e Espírito Santo), Dom José d'Angelo se reuniu ontem com 40 padres e freiras de 18 dioceses, em Belo Horizonte. Segundo disse, em entrevista, "os Partidos políticos no Brasil possuem programas que não se opõem ao Evangelho e aos ensinamentos da Igreja, pois não temos o Partido Comunista. Mas eles são omissos. Está faltando os integrantes dos Partidos fazerem cumprir o programa".

Cristina Sá e Cândido da Ponte Neto; e o construtor João Fortes.

"A convite"

O Secretário Municipal de Obras nada adiantou quanto às características e cronograma do Projeto do Morro do Sumaré. Explicou que foi ao Edifício João Paulo II "a convite" de Dom Eugênio, só para tomar conhecimento dos "estudos preliminares que estão sendo feitos entre a Arquidiocese e o BNH para implementação desse projeto social".

Acrescentou que a Prefeitura está disposta a dar sua colaboração e que o terreno (encosta) "é perfeitamente edificável". Concluiu: "Vamos trabalhar em conjunto para que o projeto se enquadre dentro da legislação vigente".

Papa vai receber dissidente

Bonn — O Papa João Paulo II está disposto a receber o teólogo suíço dissidente Hans Kung, que vem contestando princípios da Igreja desde 1960. Kung pediu a audiência em carta enviada ao Papa no dia 25 de agosto de 1980, oito meses depois de o Vaticano ter retirado sua missão canônica, a prerrogativa de ensinar Teologia em nome da Igreja Católica Apostólica Romana.

Kung, em carta à Agência Associated Press, disse estar agradecido a João Paulo II, mas criticou o fato de o Papa não ter respondido pessoalmente sua carta. O teólogo suíço contesta, entre outros pontos, a infalibilidade papal e o celibato sacerdotal.

Clero gaúcho aprova documento

Porto Alegre — Para o Arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio Colling, os padres podem estimular a criação de sindicatos de trabalhadores e camponeses, "o que o Papa não quer é que os padres fundem sindicatos próprios" (de empregados da Igreja). Dom Cláudio também condena a participação de sacerdotes na política:

— Os que ingressaram nos Partidos já não estão mais dentro de sua missão de religiosos.

O Cardeal Vicente Scherer concordou com o Vaticano e afirmou que "tenho repetido há muitos anos que política não é missão dos padres. Nós devemos ser arautos da paz e da justiça, mas sem nos envolver em política". E observou:

— A partir de 1964, a Igreja ajudou a criar os sindicatos rurais, orientando os trabalhadores, mas os padres nunca participaram da direção destes sindicatos.

Licenciado das funções religiosas desde 1976, quando foi eleito vereador em Pelotas, Padre Ozy Fogaça, do PDS, disse que "a proibição do Vaticano não é novidade, já que é tradição da Igreja Católica não permitir padre de se envolver em política".

pessoalmente com os jornalistas essa proibição mas, através da assessoria de imprensa do Palácio São Joaquim, distribuiu a seguinte declaração: "Evidentemente estou de pleno acordo com o documento da Sagrada Congregação do Clero. Aliás, ele reafirma a doutrina da Igreja sobre o assunto. Se o faz, é que havia necessidade de urgir sua aplicação. Quanto à Arquidiocese do Rio de Janeiro, essas diretrizes já estavam postas em prática".

Em sua opinião, o sacerdote, enquanto anunciante da Palavra de Deus, tem o direito de projetar a luz dessa Palavra sobre as atividades políticas e econômicas, já que a Igreja não é apolítica, tomada sua atividade como a busca do bem comum, nem atemporal. "Ela se julga competente para julgar os valores ou contravalores existentes neste campo."

— Onde existe o homem, existem problemas. Pode acontecer que haja sacerdotes impacientes diante dos graves problemas, como as injustiças sociais, o desemprego, o subemprego e a busca da participação justa do povo na política. As vezes entram pelo caminho da militância político-partidária, não como opção decisiva, mas circunstancial.

JORNAL DO BRASIL 12/3/82 INTERNACIONAL

Proibição de padre na política se aplica a latino-americanos

Araújo Netto

Arquivo/agosto, 1978

Roma — O Cardeal Silvio Oddi, Prefeito da Sagrada Congregação para o Clero, conhecido como um dos poucos italianos que na Cúria romana fala sem freios na língua, disse ontem que a recente proibição divulgada pela sua Congregação contra as atividades de religiosos em organizações políticas e sindicais não se destina apenas aos sacerdotes da Europa do Leste, mas visa também a muitos da América Latina e dos Estados Unidos.

— O problema se tornou agudo, desgraçadamente, não só nos países do Leste, mas na América Latina e até nos Estados Unidos. Veja, por exemplo, os casos dessas associações como Sacerdotes para o Povo (México), Sacerdotes Solidários (Peru), Golconda (Colômbia) e Padres (Estados Unidos). São todas associações não aprovadas pela Igreja e que buscam objetivos puramente políticos. Por isso, estudamos esse problema, juntamente com outras congregações interessadas, e demos diretivas que fazem parte do documento divulgado pelo Osservatore Romano — disse.

Identidade

— Tudo isso foi feito para defender a identidade do sacerdote. O sacerdote, como insiste com grande vigor João Paulo II, deve ser o homem da Evangelização — a palavra de Deus, a doutrina da Igreja, a administração dos Sacramentos.



Cardeal Silvio Oddi

excluindo tudo o que seja política ou sindicalismo — declarou ainda o Cardeal Silvio Oddi ao vaticanista Domenico del Rio, do matutino romano La Repubblica.

Ao mesmo jornalista, seu amigo de longa data, o Cardeal Oddi negou que o documento recentemente divulgado pela Congregação, com a autorização do Papa, faça parte da operação desencadeada com a maior veemência no Pontificado de João Paulo II contra o

engajamento e a politização do padre católico. "Esse documento" — disse o Cardeal Oddi — "devia ter sido lançado há muitos anos, porque não é de hoje que existe esse problema".

Sempre com a maior franqueza, o Cardeal Oddi explicou as razões que a alta hierarquia de Igreja tem para se opor à participação política de seus sacerdotes: "Eles pretendiam pôr os bispos sob seu controle, fornecendo-lhes até mesmos os textos prontos para suas cartas pastorais."

Bispo tcheco

O Cardeal Oddi também confirmou que uma das mais importantes associações visadas e condenadas pelo documento da Congregação é a Pacem in Terris da Tcheco-Eslováquia.

— Infelizmente, todos conhecemos qual é a atividade dessa associação, que invadiu brutalmente o campo eclesial — disse.

Quando lhe recordaram que da Pacem in Terris, na Tcheco-Eslováquia, faz parte até mesmo o Bispo Josef Vrana, de Olomouc, um dos únicos cinco bispos existentes no país, recebidos em visita a limina pelo Papa, o Cardeal Oddi não vacilou:

— Se um bispo faz parte dessa associação, o caso é pior. Muito pior do que a participação de um padre. O puxão de orelha deve começar por ele.

Papa quer mais padres tchecos

Cidade do Vaticano — O Papa João Paulo II expressou sua "dor" e "preocupação" pela falta de sacerdotes e bispos na Tcheco-Eslováquia. Disse, entretanto que, como seus predecessores, não poupará "esforços para conseguir que todos os distritos da Igreja (na Tcheco-Eslováquia) tenham sacerdotes".

— Quando vejo que há só cinco de vocês não posso deixar de me perguntar: quando chegará o momento em que todos os bispos de

todas as dioceses estarão presentes? — comentou o Papa, ao receber os únicos cinco bispos (das 13 dioceses) existentes na Tcheco-Eslováquia, chefiados pelo Arcebispo de Praga, Cardeal Frantisek Tomasek, de 82 anos.

— Muitas e muitas paróquias têm estado sem sacerdotes por muito tempo e existe o temor, desafortunadamente, de que a quantidade de vagas aumentará ainda mais no futuro — lamentou João Paulo II.

O Vaticano não pode designar bispos na Tcheco-Eslováquia sem autorização do Governo de Praga e as negociações para o preenchimento dos cargos vagos fracassaram várias vezes.

Em Liverpool, Inglaterra, a visita que o Papa fará ao país, prevista para 28 de maio, foi motivo de protesto que chegou a impedir um serviço religioso do Arcebispo de Canterbury, Robert Runcie, chefe da Igreja Anglicana.

Washington/ UPI

Dom Gabriel, Bispo de Jundiáí

D. Gabriel Paulino Bueno Couto, bispo de Jundiáí (SP.), faleceu no dia 11 de março, aos 71 anos, no Hospital Paulo Sacramento daquela cidade, sendo sepultado na cripta da Catedral de N. Senhora do Desterro.

Ele foi o primeiro bispo de Jundiáí, diocese instalada em 1967. Integrante da Ordem dos Carmelitas, D. Gabriel nasceu em Itu, em 1910, tendo ingressado no noviciado em 1928. Fez seus estudos em S. Paulo e no Rio, e cursou teologia na Gregoriana de Roma. Foi superior do Colégio Internacional Santo Alberto, em Roma, e assistente geral da Ordem do Carmo.

O Papa Pio XII sagrou-o bispo em 1946, nomeando-o auxiliar da diocese de Jaboticabal. Posteriormente ele foi transferido para Curitiba e Taubaté, tendo sido nomeado bispo-auxiliar de São Paulo, em 1965.

Em 1972, D. Gabriel foi um dos redatores do documento "Testemunha da Paz", do Regional Sul-1 da CNBB, primeira manifestação dos bispos do Estado de São Paulo contra as prisões políticas e torturas no País.

Agora, quando D.



Gabriel descansa na paz do Senhor, assume o governo da diocese de Jundiáí o seu bispo-coadjutor, D. Roberto Pinarella de Almeida.

São Paulo, de 2 a 8 de abril de 1982

OSP



D. Geraldo Fernandes Arcebispo de Londrina

Paulo Evaristo, Cardeal Arns

Na madrugada de segunda-feira, dia 29 de março, faleceu em São Paulo o 1.º Arcebispo de Londrina, Paraná.

D. Geraldo nasceu em Belo Horizonte, em 2 de fevereiro de 1913 e foi Claretiano.

Tornou-se conhecido no Brasil todo pelas suas contribuições em diversas revistas na área jurídica. Pela vida inteira, foi respeitado como jurista informado, prudente, voltado para a ação pastoral.

Nós o conhecemos desde os tempos em que trabalhávamos juntos na REB, "Sponsa Christi" (depois, Grande Sinal) e na pastoral das religiosas.

A Providência Divina lhe reservou, desde 1956, a difícil tarefa de organizar a Diocese de Londrina, que se situava numa das regiões mais explosivas do Paraná, senão do Brasil.

O novo Bispo — depois, Arcebispo — dedicou-se com tal zelo à sua nova missão, que chegou a esgotar as forças antes do tempo, segundo os cálculos humanos.

Morreu antes de completar os 69 anos. Operado do coração, sofreu embolia cerebral, acrescida de insuficiência renal e outras complicações clínicas.

Tivemos a graça de estar com ele exatamente na hora em que o enfermeiro o chamava para a preparação à cirurgia. Estava tranquilo e dirigia a nossa conversa para os problemas da Igreja do Brasil e as grandes esperanças que nos nortelam nesse período novo da Igreja.

De fato, além do pastoreio da nova Diocese, que visitamos ainda há pouco tempo, oferecera ao Brasil sua contribuição constante para a Comissão de Juristas nas Assembléias Gerais da CNBB, ocupando além disto o cargo de Vice-Presidente da mesma na última gestão.

Foi acima de tudo um grande amigo. Sempre sereno, prudente como mineiro, mas capaz de vislumbrar saídas para as situações mais intrincadas.

Quando da visita à sua casa e à congregação das Irmãs que fundou, lhe admiramos sobretudo a piedade e o interesse constante pelas próprias comunidades e por nossa Igreja de São Paulo, onde sua Congregação, do Coração de Maria, exerceu tanta influência, sobretudo no tempo de Dom Duarte Leopoldo e Silva, como também em épocas posteriores.

Transmitimos daqui nosso pesar e nossas orações à Igreja de Londrina e à Congregação dos Filhos do Coração de Maria.

A fé nos diz que nunca perdemos os nossos amigos e benfeitores. Deus os transfere para uma condição nova, em que eles nos poderão ajudar, de maneira mais eficiente e nos estimular à perseverança no bem, na verdade e no amor.

A Dom Geraldo, nossas saudades e nossa gratidão.

A todos os seus confrades, nossa simpatia e amizade.

Os Religiosos Claretianos convidam a todos para a missa de 7.º dia por intenção de D. Geraldo Fernandes, que será celebrada às 20,00 horas, na Igreja Imaculado Coração de Maria, à Rua Jaguaribe, 735. O Cardeal D. Paulo Oficiará a Concelebração.

JORNAL DO BRASIL

12/6/82

CIDADE/N

Arquivo



D Carlos Alberto se diz despreocupado

Bispo de Campos não falou com Papa sobre ameaças de morte que vem recebendo

"Mesmo que tivesse chance, eu não falaria disso com o Papa, nem agora nem nunca", afirmou, categórico, o Bispo de Campos, D Carlos Alberto Navarro, momentos depois de cumprimentar João Paulo II, na Base Aérea do Galeão, e ao comentar a posição dos padres tradicionalistas, que teimam em rezar missa só em latim e de costas para o povo.

Explica que o bispo que, para resolver essas dificuldades, existem os tribunais eclesiásticos, a Nunciatura Apostólica e diversos organismos na Cúria Romana. Quanto às ameaças de morte que vem recebendo por ter destituído recentemente o pároco de Bom Jesus de Itabapoana, Padre José Ronaldo Meneses, D Carlos Alberto diz que não está preocupado, uma vez que "verdades não se combatem com violência".

Dito por não dito

O bispo de Campos disse ainda achar "muito estranha" a atitude do Padre Meneses. Há algum tempo o padre pediu para ser dispensado da paróquia e o bispo lhe pediu para ficar ao menos até que conseguisse substituto. E, agora que o Bispo dispensou o padre porque já tem substituto, é o Padre Meneses quem se recusa a deixar a paróquia.

D Carlos Alberto passou a receber por telefone e cartas anônimas ameaças de morte se não deixar o Padre Meneses à frente da paróquia de Bom Jesus de Itabapoana. Mas o Bispo não se mostra disposto a mudar de decisão, "tanto mais que ela foi tomada a pedido dele" (padre), e não atribui maior credibilidade às ameaças.

Sobre os padres que se recusam a celebrar missa conforme o Diretório Litúrgico (reformas conciliares no campo da liturgia e aprovadas pelo Papa Paulo VI), D Carlos Alberto informou que a questão está sub judice, já que, por ordem do próprio bispo, os padres se dirigiram por escrito ao Papa para que os autorize a continuar a celebrar missa conforme o missal tridentino. Nenhuma resposta foi dada até o presente.

D. Agnelo critica os que desejam transformar missa em ato político

20/8/82
08p

SÃO PAULO — O prefeito da Sagrada Congregação para Evangelização dos Povos, dom Agnelo Rossi, criticou todos os sacerdotes que tentam transformar as celebrações litúrgicas em atos políticos.



Cardeal Agnelo Rossi

— O Vaticano agiu corretamente — disse dom Agnelo Rossi — ao enviar carta à CNBB, proibindo a celebração da "Missa dos Quilombos", "Missa da Terra-sem males" e "Missa da Esperança", pois a Santa Sé tem o dever de zelar para que não seja distorcido o ato litúrgico.

Segundo dom Agnelo, "a liturgia é sagrada e o Vaticano tem a obrigação de conter os abusos que vêm sendo cometidos não só no Brasil como em todo mundo".

— A Igreja — afirmou — não pode transformar-se numa instituição política. Dom Agnelo disse que apoia integralmente o cardeal-arcebispo do Rio de Ja-

neiro, dom Eugênio Sales, que denunciou releituras dos discursos pronunciados pelo papa João Paulo II durante a sua visita ao Brasil, em 1980.

O Vaticano repreende a CNBB - Pág. 2

CEDIM

Bispos do Ceará escrevem ao coronel Virgílio Távora

17-1-1982

057

Senhor Governador,

Nós bispos do Ceará, reunidos com religiosos e leigos do Regional NE-I, em assembléa anual, temos conhecido, através do documento elaborado pelos sindicatos dos Trabalhadores dos Municípios de Parambu no Estado do Ceará e de Pimenteiras e Pio IX, do Piauí, dos graves problemas que vêm ocorrendo daquelas áreas, no momento de uma forma mais intensa e frequente. A Igreja vem acompanhando a situação com preocupação justificada, considerando os antecedentes apresentados no citado documento e outras informações coletadas diretamente por agentes de pastoral, nas áreas em questão, especialmente no lado do Ceará. Observa-se que o problema é antigo, datando de 1950 as primeiras ocorrências envolvendo disputa entre antigos posseiros da área e pretensos donos. Isto repetiu-se em 1966, 68, 70, 75 e 78. Atualmente, naquelas áreas, reina um clima de conflitos e de situações de confrontos abertos e disfarçados, provocados por representantes dos grupos que se dizem os novos donos de terra. Os métodos violentos utilizados, de ameaças, pressões, intimidações, invações de roçados têm gerado insegurança em muitas famílias.

O quadro é típico de tensão social declarada e os fatos evidenciam que a situação tende a gravar-se, caso não sejam tomadas medidas firmes, rápidas e consequentes por parte de quem tem de direito.

Nossa preocupação principal é com as famílias, envolvidas nessa questão, para que sejam respeitadas, asseguradas e garantidos seus legítimos direitos, como pessoas humanas e principalmente direitos adquiridos de viverem e trabalharem na terra, que ocupam pacificamente, desde muitos anos.

Nisto expressamos nosso firme apoio, aos pequenos posseiros que vêm sendo atingidos, no sentido de uma solução justa, dentro do direito e da verdade. Nessa oportunidade registramos outra preocupação pastoral, com situações semelhantes que vem ocorrendo em outras áreas de terras devolutas do Estado do Ceará: Pacajus, Aracoiaba e Serra do Araripe. Creemos que medidas mais abrangentes devem ser tomadas, de forma que estes problemas tenham soluções compatíveis com a sua natureza, visto que envolve questões de ordem fundiária, jurídica e político-social.

Por estas e outras razões acreditamos que no encaminhamento do assunto deverão primeiramente ser ouvidos os outros antigos posseiros, para melhor conhecimento de todos os ângulos do complexo problema. Confiança na firme pronta atuação de Vossa Excelência através dos órgãos competentes, queremos expressar mais uma vez nossa disposição de colaborar no que nos toca visando uma solução plena da questão".

(Seguem as assinaturas de 11 bispos do Ceará)

Arcebispo orienta fiéis para o exercício do voto

3-11-82 8 dia

MACEIÓ (AGS) — A Arquidiocese da Capital está distribuindo, entre os fiéis, uma carta-circular, assinada pelo Arcebispo, Dom Miguel Câmara, pedindo que o eleitor vote com consciência no dia 15 de novembro. Na carta, Dom Miguel observa, também, a necessidade de se escolherem entre os candidatos e partidos, aqueles que garantam liberdade de filiação partidária e sindical, moradias, terras e combate à corrupção e a violência.

A carta foi republicada no jornal "O Semeador", pertencente à Arquidiocese e que tem uma tiragem semanal de quase 3 mil exemplares, circulando apenas em Maceió. O Arcebispo dirige-se aos fiéis dizendo que "estamos às vésperas de eleições que constituem fato de particular importância quanto ao sentido de aprimoramento de nossas instituições democráticas, na escolha daqueles que irão compor o quadro dos novos governadores, vice, integrantes da Câmara de Deputados, Assembleia Legislativa, Prefeituras e Vereadores".

VOTAR BEM

Embora observando que a atividade política foi confiada aos leigos, Dom Miguel ressalta, no entanto, que essa atividade foi conferida por Deus, através de Jesus Cristo. Cita, várias vezes, as advertências do Papa João Paulo II, quando de sua visita ao Brasil, detendo-se na recomendação à luta em busca de uma sociedade mais justa. A carta tem como título "A Igreja de Maceió e as Eleições de Novembro e é assinada pelo próprio Arcebispo.

"Votar bem significa ter, com a consciência da escolha, a liberdade de fazê-lo. Por isso, é preciso que o voto seja secreto e livre de quaisquer pressões. Voto nunca poderá ser objeto de venda, de negócio, de troca de favores ou promessas. Ninguém pode abdicar de sua consciência, nem colocá-la a serviço de causas menos dignas. A Igreja espera que seus filhos cumpram o dever de votar bem, elegendo aqueles que possam dirigir com mais acerto, competência e dignidade, os destinos de nossa querida terra brasileira".

o a punição

de Campos afasta
os rebeldes

o-a-corpo teológico e político vem sendo travado há meses em 5 padres tradicionalistas da Diocese de Campos, na região norte do Estado de Janeiro, e o bispo dom Carlos Navarro, que tenta enquadrá-los no Concílio Vaticano II, che- semana passada a um ponto que mite recuos de nenhuma das par- ssados quinze dias do prazo fatal meses, que dera para os sacerdo- nsiderarem suas posições — eles



Carlos: "Apenas uma dispensa"

terem deixar de rezar missa em la- escorraçam de seus templos mulhe- m roupas decotadas ou de calças idas —, dom Carlos Alberto desti- titulares das paróquias de Cambu- firacema, padres Edmundo Delga- sé Olavo Pires Trindade.

ispo ainda tentou evitar contra-ata- explicando que os sacerdotes afas- pertenciam a outras dioceses e que rdade haviam sido prestados à "Não houve a aplicação de... es- icas, mas uma simples dispensa de os", afiançou a asse... de dom Alberto. Os 25 tradicionalistas, rebateram com um documen- rgico, a qual se recusam definiti- te a deixar de rezar missa em la- , com mais esse ato de desobediên-

cia à autoridade, deixaram o bispo tecni- camente à vontade para soar o gongo e afastá-los todos de suas funções.

Os padres rebeldes não têm problemas apenas com o bispo. Forçados na escola de dom Antônio de Castro Mayer — adepto declarado da TFP, inimigo das inovações do Vaticano II e substituído no ano passado por dom Carlos Alberto, ao ultrapassar a idade limite de 75 anos — eles estão sendo progressivamente isolados em suas paróquias, onde os fiéis co- meçam a se cansar da briga. Suas missas em latim têm cada vez menos assistentes — surpreendente numa diocese onde 5% do total de fiéis são filiados à TFP.

Apesar dos contratemplos, eles ainda resistem. Taticamente, recusam-se a dar



Padre Riffan: sensação de ameaça

declarações individuais e, nas horas crua- ciais, saem de circulação. Em nome deles, o padre Fernando Riffan distribuiu na quarta-feira o documento de seus companheiros de tradicionalismo. E desaba- fou: "Sentimo-nos ameaçados". Como defesa, tentam entrar na órbita do Vatica- no, para onde enviaram um documento, pedindo autorização para continuar na prática de seu tradicionalismo rebelde. Em Roma, porém, predomina a convic- ção de que os padres de Campos nunca receberão qualquer apoio pela contesta- ção a seu bispo. "O fundamental é a questão da Santa Missa", explica um prelado brasileiro que trabalha na Cúria Romana. "Eles querem rezá-la segundo o rito de Pio V e não de Paulo VI. E o bis- po pode puni-los por isso." ●

Rumo à unidade

Católicos e protestantes
criam um conselho

Num gesto que sepulta a antiga intole- rância entre suas igrejas, católicos, luteranos, calvinistas, anglicanos e metodistas brasileiros reúnem-se nesta quarta e quinta-feira em Porto Alegre para constituir oficialmente o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic). A histórica reaproximação, negociada há sete anos, fará com que, de agora em diante, as igrejas congregadas procurem trabalhar juntas e superar, através do diálogo, suas divergências e mal-entendidos. "O Conic é uma associação fraterna de igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, segundo as Escrituras, e, por isso, procuram cumprir sua vocação comum", proclama o estatuto a ser votado no encontro de Porto Alegre. As igrejas por ele congregadas, no entanto, preservarão sua independência. "Buscaremos a unidade em Jesus Cristo, respeitando a forma de expressar a própria estrutura de nossas igrejas", diz o pastor luterano Sílvio Schneider, de Porto Alegre. "Pretender uma só igreja estruturada de modo uniforme seria até um desrespeito a nossas respectivas tradições culturais."

"O Conic é algo que nunca passaria pela cabeça de Lutero, Calvino, Henrique VIII e dos papas com os quais eles se desentenderam", diz o pastor calvinista Roberto Themudo Lessa, de São Paulo. "Mas foi uma exigência dos tempos." Com efeito, a formalização da reaproximação das igrejas cristãs no Brasil era tida apenas como uma questão de tempo. Elas já realizavam casamentos e cerimônias ecumênicas de formatura, bem como haviam firmado um documento de reconhecimento conjunto do batismo, no caso da passagem dos fiéis de uma para outra igreja. "Há, no entanto, muitas outras coisas por acertar", avisa dom Luciano Mendes de Almeida, secretário-geral da CNBB. "Incentivaremos a missão comum de defesa e promoção da família, trataremos da questão dos casamentos mistos, unificaremos nossas mensagens em datas como o Natal." De acordo com seu estatuto, o Conic estará aberto a outras igrejas que queiram filiar-se a ele e terá sua sede em Porto Alegre. "A capital gaúcha passa a ser, a partir de agora, a capital cristã do Brasil", diz o calvinista Lessa. ●

24. NOV. 1982 911

NACI

Brasília — Sonja Rego



O Presidente Figueiredo recebeu as credenciais de D Carlo

Diplomatas entregam credenciais

Brasília — Em solenidades separadas, realizadas ontem pela manhã no Palácio do Planalto, o Presidente João Figueiredo recebeu as credenciais de novo Nuncio Apostólico no Brasil, D Carlo Furno, e dos embaixadores da Bulgária, Dimitar Todorov, e dos Países Baixos, Fritz Kuper.

As solenidades, com duração de 10 minutos cada, estiveram presentes os ministros-chefes dos Gabinetes Civil, Leitão de Abreu, e Militar, General Rubem Ludwig. Os três diplomatas, depois de entregarem suas credenciais, passaram em revista as tropas formadas em sua honra em frente do Palácio do Planalto.

D Carlo Furno, após a solenidade, seguiu direto para a sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), onde celebrou missa e almoçou com os dirigentes da entidade. Aos 61 anos, D Carlo Furno já é considerado por seus auxiliares na nunciatura como um homem "aberto ao diálogo, alegre e afável".

Telefoto AJB



O novo núncio foi recebido, no Rio, pelo cardeal dom Eugênio Salles

Núncio chega e na 3ª apresenta credencial

BRASÍLIA — O novo Núncio Apostólico do Brasil, dom Carlo Furno, 61 anos, disse, ontem, ao desembarcar na capital federal, que considera muito delicada a situação dos padres franceses Aristides Camio e François Gouriou, na Polícia Federal, em Brasília, aguardando julgamento do recurso contra a decisão do juiz de Belém, que os condenou.

Dom Carlo Furno entregará suas credenciais ao presidente João Figueiredo, na próxima terça-feira, no Palácio do Planalto, quando assumirá a condição de decano do corpo diplomático, creditado no Brasil. Ele substituirá na Nunciatura a dom Carmine Rocco, que morreu em maio, na Clínica Gemelli, em Roma, a mesma em que esteve internado o Papa João Paulo II, após o atentado que sofreu na praça de São Pedro, no Vaticano.

RECEPÇÃO

Sorridente e muito amável, dom Carlo Furno abraçou demoradamente dom Manoel Pestana,

bispo de Anápolis, cidade localizada a 100 quilômetros de Brasília, no Estado de Goiás. O núncio confundiu o nome com o da cidade de Nápolis da Itália. Ele foi recebido na sala Itamarati, no Aeroporto Internacional de Brasília, pelo arcebispo de Brasília, dom José Newton de Almeida Batista, e por representantes da CNBB e da própria Nunciatura.

Falando fluentemente o espanhol, dom Carlo Furno considerou as eleições de 15 de novembro uma boa demonstração democrática mas ressaltou que todas suas informações foram obtidas pela Imprensa Internacional e por isso não poderia fazer uma melhor apreciação sobre o pleito.

"Neste momento posso dizer apenas que minha missão, no Brasil, será a de trabalhar para o bem da Igreja e colaborar para o progresso do País", disse.

BIOGRAFIA

Dom Carlo Furno nasceu na cidade de Ivrea, próximo a Torino, na Itália, foi ordenado em 1944, e em 1953 ingressou para o serviço diplomático da Santa

Sé. Trabalhou depois nas nunciaturas da Colômbia e Equador, e no período de 1962 e 1973 permaneceu no Vaticano, prestando serviço junto ao Conselho para os Negócios Públicos da Igreja.

Em agosto de 1973, dom Carlo Furno foi eleito arcebispo titular de Arari e nomeado Núncio Apostólico do Peru, onde permaneceu por cinco anos, sendo em seguida designado para o cargo de Núncio no Líbano.

RIO

Dom Carlo Furno desembarcou de manhã, no Aeroporto Internacional do Rio. Chegou sozinho mas para recebê-lo lá estavam o cardeal Eugênio Salles, os cinco bispos-auxiliares do Rio, o secretário-geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, o encarregado de negócios da nunciatura do Brasil, monsehor Luigi Bressan, e um alto funcionário jovem do Itamarati no Rio, que não quis se identificar. E com dom Carlo ficaram todos na sala Vip do setor doméstico até que, quase duas horas depois o avião que levaria o recém-chegado para Brasília levantou voo.

Sobre problemas internos da Igreja, no Brasil, por exemplo, caso dos padres tradicionalistas de Campos e outros religiosos que se recusam a obedecer a seus superiores e ao Papa, dom Carlo não quis se pronunciar, escudando-se sempre em um pretenso desconhecimento de causa.

"Tenho a melhor boa vontade de responder mas eu não sei. Não conheço a situação, preciso me inteirar primeiro" — era a única resposta para toda e qualquer pergunta. Um repórter ainda lhe perguntou se não iria mediar na questão dos dois padres franceses presos há mais de um ano — Aristides Camio e François Gouriou — mas também aqui a resposta não mudou: "Não estou a par". Acrescentou, contudo, uma frase que também neste caso traiu seu propósito de querer ser servidor da Igreja: "É preciso ver isso".

Mais 8 universidades podem aderir à greve em todo País

BRASÍLIA — Mais oito universidades federais autárquicas deverão aderir até terça-feira à greve nacional decretada pela Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior-Andes. A assembleia realizada até a madrugada de ontem, ainda está reunida em plantão permanente para acompanhar o movimento. 17 instituições já estão paralisadas das 25 universidades autárquicas ligadas ao Ministério da Educação.

As três localizadas no

Rio, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Rural e a Fluminense, já estão em greve. O movimento foi deflagrado por tempo indeterminado, até que o Governo conceda aos professores o reajuste salarial de 75% e reafirme o compromisso de só reestruturar a Universidade após ouvir os professores, inclusive sobre as propostas de desvinculação do Dasp.

REIVINDICAÇÕES

Entre as reivindicações, os docentes de ensino

superior querem a imediata divulgação do projeto do MEC sobre as distorções da carreira, com todas as modificações que o Governo pretende adotar para ser colocado em discussão. A Andes confirmou que participará, na próxima 5ª feira, de uma reunião convocada para se realizar no Ministério da Educação, e espera que a ministra Esther Ferraz também participe do encontro e autorize o início das negociações sobre a repositição salarial.

Bispos: a fome é um escândalo

Miguel Biazzo Neto/São Paulo

Em um País como o Brasil, com condições de alimentar fartamente sua população, a fome é um escândalo. A situação, hoje vivida por tantos brasileiros, talvez seja capaz de despertar sentimentos de vergonha e indignação, além de exigir medidas concretas e radicais capazes de atingir suas verdadeiras causas. A situação é tão alarmante que se aproxima do limite tolerável. Estas afirmações estão no texto elaborado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e que serve como base para a Campanha da Fraternidade deste ano, cujo tema é "Pão para quem tem fome".

Para os Bispos a fome em nosso País é um problema crucial, ao mesmo tempo causa e efeito de injustiças. A fome é realidade no Brasil e não pode ser negada. "Recorrer a termos bonitos, que anestesiam as consciências, recorrer a termos como subnutrição, subalimentação, não alteram a realidade. Escamotear a verdade não impede que tantos tenham fome e não tenham o que comer" afirmam.

A solução do problema da fome "não pode ser atendida com esmolas. O fenômeno chega a tal amplitude que não pode ser objeto de ajudas ocasionais. A fome tem uma dimensão social e esse aspecto da questão tem que ser enfrentado", afirma a CNBB. Recorrendo a estatísticas recentes, o documento afirma que "em nosso País hoje existe

mais fome que há 40 anos. O consumo de carne e de leite caiu 30% em três anos. Hoje quase 60% do salário médio do trabalhador é gasto para comprar alimentos". "Só no Brasil", diz ainda o documento, "86 milhões de brasileiros sobrevivem com menos que as 2 240 calorias prescritas pela FAO como dieta mínima necessária".

Aspecto particularmente escandaloso da fome é que toneladas de alimentos são armazenados e inclusive destruídos para impedir que os preços caiam e assim servem para "aumentar os lucros de uma minoria". A CNBB considera que a fome pode ser ocultada — "é a que resulta da situação de injustiça, ou seja, da sociedade que se organiza sobre a injustiça" — ou ostensiva — "que aparece mais claramente por ocasião das calamidades públicas, a maior das quais, no Brasil, é o flagelo das secas que afligem o Nordeste".

Dispensando especial atenção ao que tem ocorrido no Nordeste, a CNBB cita dados sobre a situação sanitária daquela região. "Existe o registro de que quatro milhões de pessoas estão com esquistossomose; três milhões têm a doença de Chagas; e por ano ocorrem 17 mil novos casos de tuberculose". A fome de tantas pessoas "é pasto para o enriquecimento de todos os que, notadamente no Nordeste, participam da tristemente conhecida indústria da seca, diz o CNBB.

Como causas da fome, os Bispos citam a política econômica imposta ao País e suas conseqüências, como

o arrocho salarial, a inflação, o regime fundiário, os roubos e escândalos impunes, as mordomias e os gastos com armamentos. Esses gastos são "rateados entre os comparsas dos conchavos políticos", afirmam. A causa da fome, portanto, é "uma crise global, econômica, social, política e cultural", e iniciativas já em andamento mostram que "uma decisão política pode superar a fome e reverter a situação".

A CNBB volta a rejeitar a tese do controle da natalidade como uma maneira de acabar com a fome, tese defendida por setores conservadores, e propõe a necessidade de "medidas eficazes agora e não medidas passageiras, a menos que se prefira aceitar o genocídio e a atrofia de milhões de famintos inocentes. Anuncia que neste ano "morrerão 100 mil crianças, o que significa a aceitação tácita do genocídio por omissão".

A ação contra a fome, segundo a CNBB, deve fundamentar-se em uma séria crítica de valores e ideologias contemporâneas que "alicerçam a ordem — melhor diríamos desordem — social cujos efeitos observamos". É necessário "para exterminar definitivamente a fome, uma nova organização social, onde a alimentação sadia e universal seja um dos lucros pretendidos. Hoje o comércio internacional de gêneros alimentícios é dominado pela busca de produção e de lucros máximos com esforços mínimos e considera a satisfação da fome do povo apenas como subproduto secundário e aleatório", afirmam os Bispos.

Igreja tem propostas sociais para Tancredo

Recentemente o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns defendeu a necessidade de iniciativas sérias contra a fome, "a começar pela luta contra o desemprego até o bom uso da terra; a instalação de uma autêntica democracia e a conversão dos fundos de armamentos em recursos de alimentação". Nas palavras de Arns, estavam algumas das principais propostas defendidas pela CNBB para modificar a sociedade brasileira. "No cerne de todas as transformações sociais e estruturais, está a questão do trabalho, do emprego e do salário", afirmou, concordando, o Secretário-Geral da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida.

Foi através de uma nota oficial, lançada no mês de fevereiro, que os

Bispos se posicionaram claramente pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, como forma de ampliar o espaço democrático vivido pelo País. Como declara a nota da CNBB: "a esperança nacional agora se volta para uma Assembleia Nacional Constituinte, cuja convocação deve responder à exigência essencial de participação popular. O Brasil há de reconhecer-se nesta grande assembleia, de fazer-se ouvir ao lado dos partidos, pelos sindicatos, pelas universidades, pelas associações de bairro e de vizinhança".

Além da convocação da Constituinte, tem muita força entre setores da Igreja a proposta de uma ampla Reforma Agrária, capaz de resolver o "grave problema fundiário do País", que tem sido responsável pela morte de lavradores e pelo

aumento da violência contra trabalhadores rurais. Essa proposta, defendida por Dom José Gomes, Bispo de Chapecó e presidente nacional da Comissão Pastoral da Terra, assumida pela CNBB no documento sobre a Campanha da Fraternidade, onde afirma que a fome se prende à falta de terra e à política que orienta a produção agrícola para exportação. O regime fundiário reclama "urgente e autêntica reforma agrária".

O Governo Tancredo Neves, que agora se inicia, deverá contar com a cooperação da Igreja, que, no entanto, conservará "seu espírito crítico", como afirmou Dom Luciano Mendes. Mas esta Igreja tem propostas claras e não deixará de cobrá-las.

Mensagem de

25/13/83/090

D. Pedro Casaldáliga

A todos vocês: Comunidades eclesiais, Movimentos populares (lavradores, operários, indígenas, negros), poetas, políticos e estudantes; seminaristas, religiosos e padres; grupos voltados para a Causa de nossa América; companheiros, enfim, de Luta e de Esperança.

Com a ajuda singular do Pe. José Oscar Beozzo — da nunca bastante louvada CEHILA — nossa Equipe Pastoral estudou o Índio e o Negro, na História do Brasil e da América. Uma história de remorso e de compromisso. Muitas proibidas missas da Terra-sem-males e dos Quilombos seriam necessárias para cicatrizar essa larga ferida do Continente.

Por última vez, a Equipe fez sua reunião de avaliação e planejamento globais. Imediatamente depois tivemos a Reunião Representativa — “enfrentantes” das Comunidades com alguns elementos da Equipe — para “olhar pra trás” e olhar pra frente”, no trabalho de toda a prelaia. A Assembléia do Povo e essa reunião Representativa passam a ser os dois grandes encontros — legislativo e executivo — de nossa Igreja. A regionalização da Prelazia se tornando mais efetiva também, em quatro regiões pastorais: Ribeirão/Cascalheira, Porto Alegre, Santa Terezinha e São Félix.

O objetivo é que o Povo participe mesmo, que os nativos do Povo assumam o ministério eclesial. Boa ocasião 1983 — Ano Vocacional — para considerarmos os passos ur-

gentes a serem dados, em toda a Igreja do Brasil, tanto em autonomia de pessoal quanto em autonomia de recursos. A Lei do Estrangeiro pode colaborar, sem querer, com os planos do Deus Libertador.

Dez companheiros, que eram da Equipe Pastoral, trabalharão agora nas novas Prefeituras populares. A caminhada nos trouxe até aqui e esperamos que também este seja um serviço ao Reino.

Falando em lutas, o processo de São Geraldo continua a ser uma vergonha nacional e um desafio para a Igreja, para o Povo lavrador e para quantos se conservam conscientes e livres neste Brasil do FMI democratizado... O Bico do Papagaio, no norte do Goiás, com os últimos graves conflitos e as intrigas do GETAT contra a CPT, ameaça se tornar um outro São Geraldo. Entre nós, há novamente pressões do fazendeiro Ailon e do INCRA contra os posseiros da Azulona.

No mais, irmãos, caminhemos unidos, à procura do Novo. O “velho” não precisa ser procurado. O Reino virá, se nós o fazemos, se o recebemos na gratuidade e na luta. Vençamos o conformismo, que é a outra face do medo.

Abraços a todos em Jesus, o Filho, o Irmão, que faz novos os irmãos pequenos. E no Povo, que luta porque espera.

Companheiro e irmão.

Pedro

São Félix do Araguaia - MT,
fev. 83.



Dom José Newton: critérios de seleção com base genética

Religião

Com pente fino

Arcebispo barra vocação por causa dos pais

Citando a Bíblia e invocando supostas razões científicas, o arcebispo de Brasília, dom José Newton, decidiu que os filhos de pais que sofrem de alcoolismo ou perturbações nervosas — "taras físicas", na sua classificação — assim como de cleptomania ou devassidão — "taras morais" — não devem ser padres em sua diocese. Divulgadas no último dia 6 de fevereiro, por meio do boletim *Povo de Deus*, as instruções de dom José Newton vazaram das 52 paróquias a que se destinavam e chegaram na semana passada às páginas dos jornais. Ficou-se assim sabendo que os diretores do Centro Vocacional Arquidiocesano de Brasília devem examinar com cuidado as características da família dos candidatos ao sacerdócio. Não é apenas desaconselhada a aceitação de filhos de cleptômanos ou alcoólatras, mas também de prostitutas, "preguiçosos", e até mesmo de pais divorciados. Essas e outras categorias trariam, segundo dom José Newton, efeitos hereditários sobre os filhos, que poderiam levar o padre a cair na "desonra".

O arcebispo de Brasília não vê razões para estranhamento de seus critérios genéticos para a aceitação de vocações. "Isto é científico, está em qualquer manual de psicologia: o filho de um ladrão, de uma prostituta, pode sentir mais facilmente essa herança e percorrer o mesmo ca-

minho dos pais." O certo é que, com essas normas em vigor, seria desaconselhado a ingressar na diocese de Brasília, por exemplo, uma figura como São Romualdo, que viveu na Itália no século XI. São Romualdo era filho de um assassino. Assim como seria desaconselhada a francesa Santa Bernardette Soubirous, conhecida por ter recebido a visita de Nossa Senhora de Lourdes: era filha de um moleiro preso por ter roubado três sacos de farinha. Enfim, também seria barrada em Brasília Santa Teresinha do Menino Jesus, outra francesa, canonizada em 1925. Sua mãe, segundo o biógrafo Jean-François Six, era "muito ávida por dinheiro", e seu pai morreu num asilo de loucos. Ambos, portanto, eram portadores de "taras morais".



Santa Teresinha: o pai ficou louco

Causas rápidas

Processos de canonização serão abreviados

Entrar para o rol dos santos e dos bem-aventurados passará a ser mais simples a partir de novembro, segundo anunciou, na semana passada, o Vaticano. A Lei de Canonização que fez Rita de Cássia esperar 443 anos para ser santificada e José de Anchieta, 383 anos para ser beatificado — ou seja, tornar-se bem-aventurado, pelo papa —, é submetida no momento a uma reforma que reduzirá o espaço de tempo entre o ingresso de uma causa e seu julgamento final para cerca de dez anos. Essa novidade favorecerá, principalmente, os cristãos que exerceram suas virtudes em países distantes de Roma, como o Brasil, uma vez que, agora, as próprias dioceses onde viveram os canonizáveis podem enviar subsídios à Santa Sé.

"Eliminamos formalidades dispensáveis", assegura o subsecretário da Congregação para os Santos, monsenhor Fabijan Veraja, um dos autores da reforma. Ele adianta que o novo rito facilitará a coleta imediata de provas sobre os candidatos a santo ou beato, enquanto há ainda testemunhas vivas que possam depor. Essa simplificação agilizará, por exemplo, os processos de três brasileiros (a nacionalidade é definida pelo lugar em que o santo morreu), que correm no Vaticano: os do padre Eustáquio van Lieshout, que nasceu na Holanda e morreu em Belo Horizonte, em 1943, o da freira Maria Theodora Voiron, nascida na França e que morreu em Itu, em 1925; e o do padre salesiano Rodolfo Komorek, que nasceu na Polônia e morreu em São José dos Campos, em 1949.

A tendência para a simplificação dos processos de canonização foi detectada logo no início do pontificado de João Paulo II, quando se empenhou pessoalmente para que seu compatriota Massimiliano Kolbe, morto em 1941, no campo de concentração nazista de Auschwitz, fosse feito santo em tempo recorde. A nova lei, espera-se, esvaziará ao mesmo tempo, ao permitir que os bispos diocesanos deflagrem a primeira etapa do processo, a concentração geográfica das canonizações. Atualmente, mais da metade dos santos católicos provêm de apenas três países, Itália, França e Espanha. E isso muito em função da proximidade desses países com o Vaticano. Nos demais casos, as necessárias visitas de emissários da Santa Sé costumavam protelar indefinidamente os processos.

VEJA, 30 DE MARÇO, 1983

Arcebispo denuncia Igreja Popular no Brasil

São Paulo — A Igreja Popular, condenada na Nicarágua pelo Papa João Paulo II, já começa a esboçar seus contornos no Brasil, advertiu o Arcebispo de Aracaju, Dom Luciano Cabral Duarte, aos 257 bispos que participaram em Itaipá, da XXI Assembleia-Geral da CNBB. Dom Luciano reafirmou essa advertência, ontem, em entrevista e mostrou aos jornalistas sete livros e dois folhetos que, segundo ele, "são a prova da penetração da Igreja Popular no país."

Apontado como um dos líderes da ala conservadora da CNBB, Dom Cabral Duarte garantiu, ainda, que há uma profunda divisão no episcopado brasileiro em torno da linha pastoral: "Querer negar isto é tapar o sol com peneira". Ontem, em entrevista, ele confirmou ter colocado a questão aos bispos, pedindo que eles superassem essas diferenças através do diálogo, "da troca de idéias, pois em caso de contraposição insuperável, só há uma saída: o recurso da palavra do Papa, a suprema instância do magistério".

Clima de tensão

Essa opinião de Dom Luciano Cabral Duarte criou um clima de tensão na assembleia dos bispos, que passaram a manhã do último domingo discutindo o assunto. A plenária dos bispos sobre a divisão da Igreja no Brasil foi fechada, excluindo a equipe de assessores da CNBB.

As discussões foram tão duras que o vice-presidente da entidade, Dom Clemente Isnard, sentiu-se mal à noite, segundo revelaram alguns bispos que preferem não se identificar.

O Bispo de São Mateus (ES), Dom Aldo Germa, ameaçou retirar-se da entrevista coletiva ontem, enquanto Dom Cabral Duarte revelava seus temores aos jornalistas. Dom Aldo explicou que só um pequeno grupo de bispos vem praticando, dentro da assembleia, a "logomaquia" (batalha de palavras) com o objetivo de "cansar os bispos".

O Bispo de Conceição do Araguaia, Dom Patrick Hanrahn — responsável pela diocese em que atuaram os padres franceses Aristides Camioli e Francisco Gouriou, que estão presos — destacou que a "preocupação e angústia" com a divisão de episcopado nacional, e a possibilidade da penetração da Igreja Popular no Brasil, são de pessoas de Dom Luciano Cabral Duarte e de "um pequeno grupo de bispos", mas não da maioria da assembleia.

Igreja popular

Dom Luciano Cabral Duarte garantiu que no Brasil "delinha-se o perfil de uma nova igreja, uma igreja paralela e

popular, e que não é aceitável para a fé católica". Diante disso, acredita que "se deva tomar uma posição: espero que os bispos resolvam o problema internamente e, se não podem, que apelem ao Papa".

Sua preocupação, explicou, é que comece a aparecer no país "o perfil de uma igreja antropocêntrica, que não seria mais uma igreja teocristocêntrica. O fato de uma acentuação, que me parece exagerada, no unilaterismo dos problemas sociais, me parece que está gerando uma igreja cujo centro é o homem. Isto assume a linha semelhante àquela que o Papa João Paulo II condenou categoricamente há um mês na Nicarágua".

— Não digo que nós já tenhamos a Igreja Popular no Brasil em toda a sua força e expressão. Mas que nós estamos caminhando para isso, eu afirmo e tenho provas.

Segundo Dom Luciano, "o esforço para se criar esse modelo no Brasil já chegou à capilaridade do povo de Deus nas paróquias, e disso também eu tenho provas." O Arcebispo de Aracaju passou a enumerar uma série de textos, entre eles, o discurso do Papa João Paulo II, ao Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), feito no Brasil, em 1980; o livro *Da Libertação*, dos irmãos teólogos Leonard e Clodovis Boff; o documento de Puebla, no Parágrafo 545 e o livro *Filosofia da Libertação da América Latina*, de Enrique Duessel.

Dom Luciano Cabral Duarte acredita que a missão da Igreja é essencialmente religiosa, "com a incidência necessária e indispensável sobre as questões sociais. Se a Igreja no Brasil não tivesse os olhos abertos para o social, seria uma Igreja cega. Mas não estou de acordo que se faça disso um exclusivismo, que se tente caminhar para uma igreja que não obedece ao Papa, e se esvazie seu conteúdo religioso. Há sintomas de que isto está se esboçando no Brasil".

Dom Luciano Duarte evitou acusar a CNBB de conivência com esta situação, pois, segundo explicou, "não tenho elementos concretos para uma afirmação desse tipo". Mas disse acreditar que houve um "fechar de olhos sobre este assunto", por parte da entidade: "Parece-me que houve uma omissão".

Para ele, a Igreja Popular "é uma contrafeição, um modelo substitutivo falso, deturpado da Igreja Católica", e possui características próprias: "Não obedece ao Papa; seu centro é o homem e não Deus, nem Jesus Cristo, aceito como filho de Deus; como consequência, é uma Igreja voltada exclusivamente para o social e o político; e na América Latina esta Igreja Popular se aproxima para colaborar com a orientação marxista".

Carta a D. Tiago e a D. Lino

20-5-83/89

"Li o artigo em referência, assinado por D. Tiago — Bispo Diocesano e D. Lino Vonbommel — Bispo Auxiliar e confesso ter ficado impressionado com o que atribuem ao profissional de advocacia que atua em defesa dos acusados de terem violentado a jovem de 17 anos.

A Lei 4.215 de 27 de abril de 1963 (Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil) é clara em seu artigo 87 Inc. XIII ao afirmar: "São deveres do advogado, In. XIII, tratar com urbanidade à parte contrária e seus advogados, as testemunhas, peritos e demais pessoas que figurem no processo, não compartilhando nem estimulando ódios ou ressentimentos" (grifamos).

Por este dispositivo, têm os sacerdotes acusados de mentirosos, o inteiro direito de representar con-



tra o mesmo junto à Seccional da Ordem dos Advogados do Pará. Sugiro que o façam e se ficar provada a acusação, estou certo, aquele Egrégio Conselho da OAB tomará as providências necessárias".

Atenciosamente,
Sandro Chamom do Carmo,
OAB-ES 1563 — Vitória, ES

Dom Luciano denuncia mau uso das frentes de trabalho

Banco de Dados

BRASÍLIA — O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Luciano Mendes de Almeida, defendeu ontem o "aperfeiçoamento urgente" das frentes de trabalho no Nordeste. Após passar 10 dias na região, ele criticou o programa como vem sendo executado, apontando como pontos negativos os baixos salários, as obras comunitárias realizadas em propriedades particulares e a imposição de disciplina militar aos trabalhadores.

"A situação das frentes — disse dom Luciano — requer aperfeiçoamento urgente. Primeiro, no salário, que é insuficiente para as necessidades familiares. Não é possível manter-se uma família com 15 mil cruzeiros mensais; a oportunidade de trabalho deve ser ampliada de modo a incluir, além do chefe de família, outros membros, como já acontece em alguns lugares. Com efeito, filhos maiores e até mulheres precisam ter acesso às frentes de emergência, como condição de sobrevivência."

Além disso, dom Luciano sugere que "as frentes de emergência devem privilegiar as obras públicas e os próprios trabalhadores e não como habitualmente acontece, trabalhar em obras particulares. E onde o Exército comanda a frente de emergência, nota-se a insistência no rigor da disciplina, injustificando lavradores doentes, dos quais se exige uma obediência militar".

Acesso à terra

"O problema da seca no Nordeste — continuou — necessita de uma solução efetiva, mesmo que isto implique em sérios sacrifícios para outras áreas do País. Não é mais possível que a desnutrição e a fome continuem eliminando vidas por causa de nossa omissão. Fica a perplexidade diante de um problema que não é só, climático, mas político. As reservas morais do Nordeste merecem sacrifícios econômicos do resto do País."

Para dom Luciano, a condição do pequeno lavrador para ser adequadamente solucionada "exige um sistema diferente do atual, em que lhe seja assegurado o acesso à terra, para a estabilidade familiar, desenvolvimento de cultura de subsistência e formação de cooperativas, em que possa atuar com plena participação e uso de seus direitos fundamentais".



Para o bispo, é necessário fazer sacrifícios pelo Nordeste

Bispos solidários com operários demitidos

28 (7) (P3) (88)

BRASÍLIA — A presidência da CNBB está solidária com os operários demitidos da Petrobrás e apóia "fortemente" as gestões que estão sendo feitas pelo cardeal-primaz do Brasil, dom Avelar Brandão Vilela, e por dom Gilberto Pereira Lopes, bispo de Campinas, em favor dos demitidos. Ontem, o presidente da CNBB, dom Ivo Lorscheiter, comunicou à imprensa a visita feita por duas comissões dos demitidos, que foram à CNBB em busca de apoio.

As comissões foram recebidas por dom Ivo Lorscheiter na tarde de quinta-feira e o presidente da CNBB, no boletim de imprensa manifesta preocupação "face ao volume e as circunstâncias das demissões". Dom Ivo não afasta a possibilidade de um encontro da CNBB com os dirigentes da Petrobrás, embora prefira aguardar o desenrolar das negociações entre os bispos da Bahia e de Campinas junto à empresa.

Depois de informar sobre a visita, dom Ivo reconheceu que "ainda não houve progressos nos entendimentos entre os bispos e a Petrobrás". Apesar disso, ele acredita que o pedido de revisão das demissões, caso por caso, feito por dom Avelar, deverá ser examinado.

No Sul só 5% fizeram greve, diz Federação

PORTO ALEGRE — A Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul estimou em 5% o nível de adesão à greve naquele Estado e não 10% como notificou a "Folha" em sua edição de ontem.

Por sua vez, o Comando de Greve havia informado anteontem que 80% dos operários metalúrgicos e da construção aderiram ao movimento.

Para bispo, seca é pior que enchentes

SALVADOR — “Quando soube que prefeitos do interior de minha diocese estavam recebendo apelos para se engajarem na campanha pelos flagelados do Sul, confesso fiquei revoltado. Será que os promotores dessa campanha não sabem que o Nordeste é o maior bolsão de pobreza do Brasil?” A indagação é do bispo de Juazeiro — no sertão baiano —, dom José Rodrigues, que ontem mesmo encaminhou, à direção da CNBB, um relatório contendo dados sobre a situação da seca do Nordeste, que, segundo ele, “é maior que a desgraça de enchentes no Sul, tanto pela área atingida, quanto pelo número de flagelados”.

O governador do Ceará, Luiz Gonzaga Mota, disse, depois de audiência com Aureliano Chaves, que o Presidente está bastante preocupado com a situação do Nordeste. Segundo Gonzaga Mota, Aureliano Chaves garantiu que os problemas do Sul, decorrentes das enchentes, não afetarão o fluxo de recursos para o Nordeste.

26-7-83 EBN

Dom Mário condena pacote

BELO HORIZONTE— O bispo de Itabira, no Vale do Aço, Dom Mário Teixeira Gurgel, disse ontem que as últimas alterações introduzidas na política salarial pelo pacote econômico vão implicar num aumento do fosso que separa os que ganham menos dos que ganham mais, acentuando que os critérios de distribuição de sacrifícios têm sido injustos com os menos favorecidos. Dom Mário Teixeira Gurgel não quis entrar no mérito da proposta de substituição dos dirigentes da política econômica do País feita na Conferência dos Religiosos do Brasil, mas salientou que toda a equipe econômica e financeira já perdeu credibilidade perante a opinião pública.

Bispo de Teófilo Otoni desafia general a denunciá-lo ao Papa

BELO HORIZONTE — O bispo de Teófilo Otoni, d. Quirino Adolfo Schmitz, desafiou ontem o comandante da 4.ª Divisão de Exército, general-de-divisão José Eduardo Lopes Teixeira, a denunciá-lo como comunista ao papa João Paulo 2.º, apresentando provas. Assim o bispo negou uma acusação que lhe foi feita pelo militar no último dia 3, durante palestra no auditório da Minascaixa, naquela cidade.

D. Quirino disse ter tomado conhecimento da acusação do general, anteontem, através da Imprensa, ao voltar de Caxambu, onde fora ordenar um padre. Segundo ele, as manchetes dos jornais da cidade diziam: "General afirma que D. Quirino é comunista". Afirmou que o militar falara a "convidados especiais" sobre o crescimento do imperialismo soviético e sua infiltração, inclusive na Igreja, quando "tirou rapidamente a conclusão de que o bispo de Teófilo Otoni é comunista".

Ontem, em telex aos jornais, d. Quirino fez um pedido ao general: "Denuncie o bispo de Teófilo Otoni ao Papa, apresentando provas. Se ele for comunista, o Papa terá o dever de o depor. Ele acatará prontamente a ordem do superior hierárquico. Se o general não o fizer, é ele, para mim, apenas um ilustre denegridor da vida de uma autoridade eclesiástica, que quer ser fiel à Igreja Católica, para a qual foi escolhido bispo há 23 anos e à qual já serve como padre há 40 anos, e há quase 50 como religioso franciscano".

No final, d. Quirino deu um conselho ao comandante da 4.ª Divisão de Exército: "Vá trabalhar no meio do povo pobre de uma São Félix do Araguaia, sem receber salário, sem mordomias ou privilégios militares... Depois de um ano volte a diga se nós, bispos, quando defendemos o povo, somos comunistas."

O bispo disse que pretendia não responder ao militar, por julgar desnecessário, mas acabou o fazendo. "Lamento — isto sim — o desgaste que sofrem os dignos generais das nossas gloriosas Forças Armadas, com tão repetidos pronunciamentos de alguns de seus integrantes."

Estafoi a segunda acusação do gênero contra o bispo de Teófilo Otoni. A primeira foi em outubro de 1980, quando o então comandante da mesma unidade comandada hoje por Lopes Teixeira, general José Luis Coelho Neto, o acusou de ser representante do clero marxista em Minas Gerais.



Dom Quirino exige que seja provada a denúncia de que ele é comunista

Núncio apostólico não consegue unir o clero em Campos

CAMPOS — Se o propósito do núncio apostólico do Brasil, dom Carlo Furno, era o de trazer paz e buscar caminhos para uma reconciliação da igreja em Campos (RJ), certamente retornou ao Rio consciente do fracasso de sua missão. Nas duas horas que passou ontem reunido com os padres da alas progressistas e tradicionalistas, o que mais ouviu foram queixas mútuas, agressões verbais e ressentimentos de parte à parte, que não foram cicatrizados.

Na reunião realizada no seminário Maria Imaculada — desativado há mais de um ano pelo atual bispo, don Carlos Alberto Navarro — o núncio apostólico encerrou a tentativa de

diálogo recebendo das mãos do padre Fernando Riffan, porta-voz dos tradicionalistas, três pastas contendo vários documentos e recortes da imprensa local que reportam a crise da diocese, que perdura há quase dois anos, desde a saída do antigo bispo, dom Antonio de Castro Maier (líder dos tradicionalistas) e a entrada de dom Carlos Alberto Navarro.

Para cardeal, falta competência

BRASÍLIA — “Não podemos transferir para a situação internacional os nossos erros e falhas. Infelizmente, não temos mostrado a necessária competência para gerir os nossos problemas, a nossa crise. O quadro internacional influi, mas não é somente isto”. A declaração foi feita ontem pelo cardeal-primaz do Brasil, dom Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Salvador, referindo-se à situação econômica do Brasil.

“O momento é quase trágico para todos os brasileiros — disse o cardeal —, para todas as categorias, mentalidades e credos religiosos. O pior de tudo é que não se vê claro uma saída para o problema”.

Sobre a aprovação do decreto-lei 2.045 pelo Congresso Nacional, dom Avelar afirmou que este decreto seria “uma cota de sacrifício, se houvesse maior confiança nacional nesta área econômica, se houvesse uma distribuição mais equitativa para todos os brasileiros. Se houvesse tudo isso, então o decreto seria a cota que cada um deveria pagar para salvar o País”.

“Infelizmente — continuou — não há sinal evidente de que as medidas tomadas possam chegar a um resultado ardentemente desejado por todos nós. Estou torcendo para que o Brasil tome medidas que possam viabilizar as soluções. Creio no Brasil e na sua potencialidade, mas não devem ser os operários aqueles que venham a sofrer mais”.

Acredita o cardeal que a crise econômica terá graves reflexos no Nordeste, retardando mais ainda uma solução para os problemas da área.

Dom Avelar defende para a região medidas “de ordem estrutural, orgânica, que possam ser levadas a sério, sem interrupção, de governo para governo.”

“O que se faz pelo Nordeste — concluiu o cardeal — é insuficiente e quando chegam as chuvas, vem o esquecimento. Depois alegam falta de verbas. Alegam que o Nordeste é inviável, mas nada disso é desculpa para que não se mergulhe no problema”.

Petroleiros

O governo ainda não tomou nenhuma decisão sobre os petroleiros demitidos pela Petrobrás, segundo informou ontem o cardeal-primaz do Brasil, dom Avelar Brandão Vilela, após ter recebido telegrama do chefe da Casa Civil, Leitão de Abreu. Dom Avelar esteve ontem em Brasília, mas não teve tempo de entrar em contato direto com a Presidência da República.

“Recebi o telegrama da Casa Civil dizendo que ainda não foi tomada uma decisão de governo sobre os petroleiros e enviei outro telegrama dizendo que aguardo uma solução”, afirmou o cardeal, dizendo ainda que muitos dos demitidos não tiveram “participação direta na greve”.

Disse ainda que o grande problema dos demitidos da Petrobrás “é que eles são rejeitados nos setores afins. Então, minha preocupação é de ordem social e por isso eu pedi que se fizesse um reexame da situação dos demitidos; não acredito que o reexame implique em criar problemas ao presidente da Petrobrás”.

Peemedebistas querem diálogo

Um grupo de deputados de tendência moderada do PMDB reúne-se hoje para intensificar articulações que visam, de imediato, a fortalecer a posição partidária pró-negociação política com o governo e, a médio prazo, a ampliar a participação dessa tendência no Diretório Nacional, que será renovado em convenção convocada para o dia 6 de dezembro.

Um dos articuladores desse movimento, deputado paranaense Valber Guimarães, afirmou ontem, em Brasília que “cerca de 110 a 115 dos 200 deputados federais do PMDB recusam a linha de ação do partido, determinada por sua Executiva Nacional”. Essa, segundo o mesmo parlamentar, “é dominada pelos radicais”.

Segundo Valber Guimarães, o que ele e seus companheiros desejam “é que o PMDB adote uma atitude favorável a uma ampla negociação nacional que envolva todo mundo”. Diante da observação de que essa já é a posição da executiva peemedebista, ele reagiu: “Precisa saber se há sinceridade nisso. Por que eles mudaram tão rapidamente”.

Parlamentares contrários à negociação com o governo entendem que, na verdade, a corrente moderada deseja é um entendimento direto com o Palácio do Planalto, admitindo, inclusive, um candidato de consenso à Presidência da República. Eles apenas estariam sem ambiente para tornar ostensivo esse objeto, pelo menos no momento.

O secretário-geral Francisco Pinto comentou, à propósito, que “eles devem mostrar, claramente, qual a diferença entre a negociação que desejam e a que vem sendo articulada pela Direção Nacional do partido.”

20/9/83

FOLHA DE

“Igreja Popular” é condenada por d. Agnelo Rossi

O prefeito da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, cardeal d. Agnelo Rossi, advertiu ontem que os ensinamentos do papa João Paulo 2º, no Brasil, estão sendo desviados. O ex-arcebispo de São Paulo condenou a utilização da análise marxista na Teologia da Libertação, alertou para “um embrião da Igreja Popular” no País e ressaltou que a opção pelos pobres, apesar de tão antiga quanto a Igreja, não pode ter características classistas. Segundo ele, a Teologia da Libertação, se usar a praxis marxista, estará a um passo da “guerra, da guerrilha, do ódio e da luta de classes”.

O cardeal Rossi, que concedeu entrevista coletiva no Colégio Pio 12, em Campinas, destacou que o Papa “já falou sobre esses problemas (especialmente sobre a opção pelos pobres) e o que está faltando é a divulgação de seus ensinamentos no Brasil. Tais ensinamentos são claros, precisos e esses abusos o Papa tem condenado. O Papa fala, dá orientações e é obrigação dos bispos divulgar e aplicar isso. É algo que precisa ser insistido no Brasil: ouvir mais, divulgar mais e seguir mais as palavras do Papa. E se eu digo que não há divulgação de suas palavras, isso já é um desvio”.

Sem citar nomes e sem especificar de onde surgem esses desvios, d. Agnelo — que anunciou para dezembro ou janeiro próximos seu desligamento da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, no Vaticano, onde está há 13 anos — afirmou que “às vezes ouve-se qualquer pessoa dar uma opinião, como se falasse em nome da Igreja. Quem fala em nome da Igreja é o Papa”.

O cardeal Rossi disse ter lido o plano da pastoral fixado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o considerou “claro, bom e preciso”. Mesmo assim, afirmou que “abusos sempre há onde existem homens. Que há pessoas que se excedem, pode haver. Creio que a CNBB não é senão a assembléia dos bispos. Às vezes, há abusos quando um indivíduo quer falar em nome da CNBB. E às vezes, até quando um subsecretário fala, a imprensa publica: a CNBB pensa assim”.

Ao explicar a afirmação de que existem desvios nos ensinamentos do Papa, d. Agnelo acrescentou que “Cristo não é como nós pensamos, imaginamos, mas como ele se revelou a nós. Nós temos a palavra de Deus na Sagrada Escritura, a interpretação exata da palavra de Deus e a segurança é o Papa. A Igreja não é aquela que eu penso, mas a que Cristo fundou”.

“O problema — disse — é chegar à Igreja Popular, pensando que do povo sai a Igreja. A Igreja é do povo, mas do povo de Deus e não do povo de políticos, do povo de economistas, do povo como alguém o arquitetou. Essa Igreja Popular estabelece ou quer ter uma disciplina completamente diferente daquela que Cristo fundou”.

Depois de afirmar que “a Igreja tem o melhor dos regimes, pois é democrática na melhor acepção da palavra”, d. Agnelo ressaltou que não identifica, no Brasil, a “Igreja Popular, organizada oficialmente”. Mas alertou “que ela pode estar em embrião ou funcionando em alguma parte, é possível”. De acordo com o cardeal, a Igreja Popular “é uma comunidade que quer ser independente totalmente, até de Deus, e quer estabelecer, aproveitando-se da tendência do povo brasileiro para a religião, um tipo diferente de religião. Na China, o governo estabelece uma Igreja dele, que nada mais é do que um departamento do Partido Comunista. Também alguns indivíduos querem se aproveitar da situação de comunidades assim, para fazer um movimento aqui no Brasil”.

Dom Casaldáliga falou de liberdade e justiça

Mais de mil pessoas lotaram o Ginásio do Colégio das Irmãs para assistir a palestra de Dom Pedro Casaldáliga (bispo de Conceição do Araguaia), que vem se destacando pela sua luta em favor da Liberdade e Justiça Social.

Com a participação de Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, e diversas entidades populares (Pastoral Operária, Clubes de Mães, Juventude Católica, MAB, etc.) o debate foi um momento de aproximação e solidariedade entre as duas Dioceses que têm sofrido tantas dificuldades e perseguições.

Dom Pedro referiu-se à situação de conflito permanente na sua área de atuação, onde centenas de trabalhadores rurais são expulsos de suas terras, perseguidos e até mesmo assassinados por meia dúzia de grilheiros, a mando dos grandes donos de terra.

Esta foi mais uma promoção da Comissão de Justiça e Paz de Nova Iguaçu, que vem se notabilizando na promoção de debates de grande interesse para nosso povo.

Governo persegue índios

Cerca de 500 pessoas assistiram a palestra de Dom Tomás Balduino, promovida pela Comissão de Justiça e Paz de Nova Iguaçu. Membro do Conselho Indigenista Missionário, D. Tomás denunciou a precária situação dos índios, expulsos de sua terra e perseguidos. Ele denunciou a Igreja por sua omissão nos acontecimentos que culminaram com o extermínio e perseguição de milhares de índios ao longo da história do Brasil.

Disse que somente após o Concílio Vaticano II e Puebla é que a Igreja se colocou inteiramente ao lado desta minoria tão sofrida e perseguida pelo Governo. Dom Tomás encerrou sua brilhante palestra afirmando: "ou o índio se liberta por seu próprio esforço ou essa libertação nunca virá, pois o Governo, através da FUNAI, nada faz neste sentido".

Luiz Roberto : Oct. 83

CECIM

Arcebispo vai depor sobre empréstimo de peças históricas

Da Sucursal de Belo Horizonte

O arcebispo de Mariana, dom Oscar de Oliveira, deverá prestar depoimento sexta-feira, na Justiça daquela cidade, na ação que é movida contra a Arquidiocese pelo prefeito de Congonhas, Guálter Pereira Monteiro, que busca um "interdito proibitório", tentando sustar o empréstimo de três peças feitas por Aleijadinho e que seriam mostradas na exposição que a Embratur realizará em Nova Iorque no próximo mês.

O prefeito disse ter informações de que as peças já teriam sido retiradas, mas a Embratur nega que já tenha retirado os objetos para a exposição. Ele disse ainda que até sexta-feira

tentará confirmar o empréstimo das peças e, em caso afirmativo, solicitará ao juiz um mandado de busca e apreensão para reaver não só as três peças emprestadas pela arquidiocese, mas também outras 14 pertencentes ao acervo de Congonhas e que estão sob a custódia do Museu de Arte Sacra de Mariana.

Guálter Monteiro afirmou estar de posse de um estudo realizado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha), segundo o qual as peças fora do País, por uma série de fatores, entre eles o climático, não aguentariam mais do que 15 dias, e garantiu que tentará, todas as maneiras, "de todas as maneiras", reaver as peças antes do início da exposição.

Voltando à pastoral dos divorciados

14/12/83 27

Dom Karl Josef Romer

A Folha de S. Paulo, de 1º de dezembro, em sua seção "Tendências e Debates", publica um artigo do Pe. Paul-Eugène Charbonneau, intitulado *De um pseudoprofeta para um pseudo-sumo sacerdote*, no qual o autor se refere a um escrito meu, publicado no JORNAL DO BRASIL de 28 de novembro último, sob a epígrafe *Os divorciados e os pseudoprofetas*.

Registro a informação que, num movimento espontâneo, nos dá o Pe. Charbonneau sobre o seu temperamento: "Um bom debate me estimula e desperta em mim instintos de agressividade aos quais não falta vigor". Cada um tem as propensões naturais de seu caráter e de sua personalidade. Mas, no caso, o que me interessava, bem como aos leitores que, porventura, estiverem acompanhando a divergência de orientação pastoral entre o Pe. Charbonneau e mim mesmo, não são nossas indiossincrasias, e sim a discrepância doutrinal que, no ponto em questão, nos distancia.

Sintetizemos o problema.

No seu escrito de 21 de agosto, quarto de uma série de artigos sobre a "Igreja e os divorciados" (publicados todos na Folha de S. Paulo), o Pe. Charbonneau afirma: "A estes (os divorciados) João Paulo II lembra com insistência que eles não devem considerar-se separados da Igreja e que sempre participam dessa Igreja. Se nos lembrarmos de que a expressão vital da Igreja é, antes de tudo, de ordem sacramental, isso quer dizer, com rigorosa lógica, que eles têm acesso aos sacramentos".

Aqui está o *punctum dolens* do problema: segundo o Pe. Charbonneau, "com rigorosa lógica", o Papa João Paulo II, na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, publicada na esteira do penúltimo Sínodo Universal dos Bispos, que, em 1980, tratou dos problemas Pastorais da Família, no número 84 (que é a passagem citada), convoca os divorciados a se aproximarem dos sacramentos, concretamente: da Penitência e da Eucaristia. Segundo a pastoral vigente na Igreja até agora, os divorciados são considerados em situação objetivamente irregular, diante da Comunidade Eclesial. (Diz-se objetivamente, porque, subjetivamente, somente Deus pode julgar a consciência de cada pessoa.)

Ora, a mim me parece que uma "rigorosa lógica" nos leva exatamente a uma conclusão oposta. Quem cortará o nó górdio?

A grande luz que Deus concedeu aos homens é o bom senso. E, quando nos desviamos dele, sua força congênita é tal que, se nossa inteligência não cria sutis empecilhos, somos arrastados de volta aos trilhos da evidência, esta luz interior que nos coloca no terreno da verdade.

Analisando, de espírito desarmado, nosso problema, devo assinalar duas coisas.

A primeira é esta: quando João Paulo II escreve, na *Familiaris Consortio* número 84 que, "os divorciados não se considerem separados da Igreja, uma vez que eles podem, e até mesmo devem, como batizados que são, participar de sua vida", o Papa emprega uma expressão que precisa de ser bem caracterizada, pois em si mesma ela é ampla e como que formada de círculos concêntricos. Com efeito: um católico que mantém a fé, apesar de divorciado, está, de um modo

real, em comunhão com a Igreja? Parece-nos que não há dúvida. Mas, está num círculo mais exterior do que aquele outro católico que, mantendo também a fé, tem a sua vida conjugal dentro dos parâmetros do Evangelho: "O que Deus uniu o homem não separe" (Mateus, 19,6).

Em outras palavras: há graus de participação na vida da Igreja, e nem todos estão em condições de se inserirem no grupo daquele círculo concêntrico mais interior, onde este "tomar parte na vida da Igreja" atinge, nesta terra, seu ponto culminante: a recepção dos sacramentos da vida cristã de cada dia, ou sejam, os sacramentos da Penitência e da Eucaristia.

O segundo ponto que merece nossa atenção, e que é o mais grave de todo este assunto, é o seguinte: que quer exatamente dizer João Paulo II, quando escreve: "Os divorciados devem participar da vida da Igreja"? Serão estas palavras um convite para que os católicos divorciados, e que de novo contraíram núpcias fora do Sacramento do Matrimônio, retornem aos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, como afirma o Pe. Charbonneau: "isso quer dizer, com rigorosa lógica, que eles têm acesso aos sacramentos"?

A questão aqui é de hermenêutica, ou seja, de interpretação do sentido de um texto. E, como é evidente, ninguém sabe melhor o que uma afirmação quer significar do que o seu próprio autor. Ora, no mesmo nº 84 da *Familiaris Consortio*, o Papa João Paulo II logo em seguida à frase que já citamos deste documento, nos oferece a exegese de seu próprio pensamento: os católicos divorciados, que contraíram novas núpcias fora do Sacramento do Matrimônio, "devem ser exortados para que escutem a palavra de Deus, para que assistam ao Santo Sacrifício da Missa, devem perseverar na oração, devem ajudar as obras de caridade e de justiça empreendidas por sua comunidade, devem cultivar um espírito de penitência de modo que, diariamente, implorem a graça de Deus".

"Entretanto (prossegue João Paulo II), a Igreja reafirma o seu costume, baseado nas Sagradas Escrituras, de não admitir à comunhão eucarística os fiéis divorciados que contraíram novas núpcias. Eles não podem ser admitidos a tal, pois sua situação e condição de vida, objetivamente, se afastam daquela união de amor entre Cristo e a Igreja, que é significada e realizada pela Eucaristia. E existe ainda um motivo pastoral peculiar para tal posição: se os divorciados fossem admitidos à Eucaristia, os fiéis seriam induzidos ao erro e à perturbação sobre a doutrina da Igreja a respeito da indissolubilidade do Matrimônio" (*Familiaris Consortio*, nº 84). E a mesma restrição é feita, a seguir, sobre o Sacramento da Penitência. (O grifo é nosso.)

Acho que os leitores do Pe. Charbonneau têm o direito de conhecer o pensamento integral do Papa. E foi este o modesto serviço que lhes quis e estou querendo prestar, pois o melhor intérprete de João Paulo II é o próprio João Paulo II. E ninguém, em rigorosa lógica e em rigorosa ética, tem o direito de escrever que o Papa afirmou o contrário do que ele mesmo ensinou.

Dom Karl Josef Romer, Doutor em Teologia, é presidente da Comissão de Doutrina da Arquidiocese do Rio.

D. Benedito lembra bandeira de Minas

21 Dez. 1965 ^{Suplemento de Brasília} F&P

O vice-presidente da CNBB, dom Benedito Ulhoa Vieira, ao tomar conhecimento de que o presidente do PMDB, Ulisses Guimarães, lançara-se como primeiro candidato às eleições diretas, reagiu com a frase da bandeira de Minas Gerais: "O momento das diretas chegou e nós poderíamos lembrar o lema mineiro de Tiradentes: liberdade ainda que tardia. Analogicamente, digo: eleição direta, ainda que tarde".

Como os demais bispos que compõem a presidência da CNBB, dom Benedito é favorável ao pleito direto, "porque sempre defendemos a maior participação possível e, além disso, no contato diário com o povo, sentimos que todo mundo quer usar o direito de eleger seu dirigente. Então, tomamos a defesa clara e convicta pelas eleições diretas. E nem vale o argumento que se tem ouvido de que o partido do governo tenha direito adquirido sobre a eleição indireta, pois este 'direito' (as aspas são de dom Benedito) do partido é mais uma usurpação de nosso direito de cidadãos".

Ele disse ainda estranhar o fato de que alguns candidatos tenham se manifestado contra as diretas. "As diretas têm sempre um aspecto de julgamento popular dos candidatos e até dos partidos. A mim me parece, como cidadão e eleitor, que a melhor maneira do governo avaliar sua atuação é através de eleições livres e diretas. Os candidatos são pessoas honestas, capacitadas para o cargo que postulam e que munidas de um programa de atendimento das reais necessidades do povo, não devem fugir desta "banca examinadora" que é o voto popular".



Marcel Lefebvre e Mayer: documento contra as reformas na Igreja

Dissidência de bispos

O brasileiro Antônio Mayer une-se ao francês Lefebvre contra o Vaticano

Oito anos depois de desafiar o Vaticano e instalar um pequeno cisma no cantão de Econe, na Suíça, onde ordena sacerdotes para rezarem a missa em latim, o monsenhor francês Marcel Lefebvre enfim arrebanhou outro bispo para sua cruzada tradicionalista. É o brasileiro Antônio de Castro Mayer, ex-bispo de Campos, município de 350 mil habitantes, no Rio de Janeiro, onde fincou um sólido núcleo da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). Os dois dissidentes se encontraram secretamente no Rio, no último dia 21, e na semana passada divulgaram um documento em que advertem o papa João Paulo II para o que chamam de desvios da Igreja Católica e acusam o Vaticano de ter feito um acordo com a maçonaria.

Com o título de *Igreja Ocupada*, o documento dos bispos integristas arrola, principalmente, "seis erros" da Igreja Católica - entre eles "a falsa concepção do poder do papa", que consideram absoluto, e a existência de "um governo colegiado e uma orientação democrática da Igreja". Além disso, os bispos lamentam "a supressão do Santo Ofício", ou seja, do Tribunal da Inquisição, o que, a rigor, não é verdade - ainda atuante, o Santo Ofício hoje se chama Congregação para a Doutrina da Fé. Unidos

nesta cruzada, Lefebvre, 77 anos, e Mayer, 79, ainda lamentam as modificações introduzidas na liturgia católica pelo Concílio Vaticano II, encerrado em 1967. Os dois não se conformam, por exemplo, com a determinação, ditada pelo concílio, de que o padre deve celebrar a missa de frente para os fiéis.

Não por coincidência, o documento foi entregue ao Vaticano na sexta-feira, 9, três dias antes de o papa João Paulo II participar, numa igreja luterana de Roma, de uma inédita cerimônia em homenagem aos quinhentos anos de nascimento de Martinho Lutero, o fundador do protestantismo. "As cerimônias e discursos ao ensejo do quinto centenário de Lutero", diz o documento, "verdadeiramente ultrapassaram os limites".

Divulgado na Suíça, Alemanha, França, Estados Unidos e Brasil pelos seguidores dos dois bispos, o documento talvez inspire ao Vaticano uma reação mais enérgica diante das farpas dos integristas. Até agora, principalmente o ruidoso monsenhor Lefebvre foi tratado com rara brandura - a única pena que sofreu foi imposta em 1976 pelo papa Paulo VI, que, ao suspendê-lo *a divinis*, proibiu-o apenas de exercer as prerrogativas do sacerdócio. Indiferente, Lefebvre continuou a rezar missas e abriu o seminário na Suíça. Como ele, dom Antônio Mayer negou-se, na diocese de Campos, a acatar as determinações do concílio até aposentar-se, em 1981, por ter ultrapassado os 75 anos, limite para a atividade dos sacerdotes. Discretamente continuou, no entanto, a liderar 25 padres tradicionalistas de Campos - um grupo para o qual a verdadeira Igreja reza em latim. ▲

22. Dezembro 1983

Dom Angélico pede solução de emergência para o desemprego

O bispo participou de ato público de acampados

Com um pronunciamento marcado por fortes críticas ao governo federal, o bispo da zona Leste da Capital, dom Angélico Sândalo, participou ontem do culto promovido pelos integrantes do movimento "Jejum de Natal — contra a fome e o desemprego", acampados desde domingo defronte à igreja de São Francisco.

No ato, realizado ao final da tarde na tribuna do "território livre" do largo, dom Angélico falou para aproximadamente 80 pessoas sobre o tema "Natal e Fome". Disse que "o País está pegando fogo e há um sono invadindo o governo brasileiro, que, inerte, não adota nenhuma solução de emergência para resolver o problema do desemprego e da falta de alimentos". Classificando a vida dos dirigentes do País em Brasília como "um escândalo", o bispo reivindicou mais emprego, implantação da reforma agrária e o fim da corrupção.

Sustentando ser contrário ao uso da violência — "do Exército ou de grupos guerrilheiros" — o bispo afirmou ainda que "os sofrimentos do povo são tantos,

que aqueles que acreditam em armas já teriam razões de sobra para iniciar uma revolução armada". Sobre o acampamento, dom Angélico disse "ser um gesto profético, pelo fato de estar sendo feito no meio de um oceano de alienação da sociedade a respeito da fome, e num momento em que governo nenhum apresenta qualquer solução".

Jejum

De acordo com a coordenação do movimento, 48 pessoas estão jejuando no local, por diferentes períodos, sendo que nove, entre trabalhadores e religiosos, comprometeram-se a permanecer sem alimentação de domingo passado até às 21 horas do próximo dia. Foram cadastrados também 19 pessoas que estão jejuando nos locais de trabalho ou em suas moradias.

O "Jejum de Natal", que está sendo realizado simultaneamente em nove capitais do País, terá no culto de hoje a tarde a participação do jurista Hélio Bicudo e do rabino Henri Sobel, da comunidade israelita, que falarão sobre "Natal, Violência e Corrida Armamentista".

Cerca de 50 aderem ao "Jejum de Natal" em BH

Da Sucursal de Belo Horizonte

Desde o último sábado, cerca de 50 pessoas estão acampadas nas escadarias da Igreja São José, no centro de Belo Horizonte, em protesto contra a fome, a violência e o desemprego. Como em São Paulo, os manifestantes, sob a coordenação do Serviço Nacional de Justiça e Não-Violência, prometem ficar até o dia 24 em jejum.

O movimento em Minas Gerais, segundo João Paulo Pires Vasconcelos,

diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevade e um dos organizadores, tem como objetivo conscientizar a população a respeito da gravidade da situação por que passa o País e protestar contra a política econômica do governo.

Os participantes da manifestação promovem diariamente uma programação político-religiosa, com debates sobre liberdade e autonomia sindicais, política econômica e reforma agrária, e orações em três horários.

Bispos rezam missa à porta do DPF

Belém — Quatorze Bispos da Amazônia concelebraram ontem à noite uma missa em frente ao prédio da Polícia Federal, onde estão presos há quase um mês os Padres franceses Aristides Camilo e Francisco Gouriou e 13 posseiros acusados da morte de um pistoleiro e de ferimentos em quatro agentes federais, em São Geraldo do Araguaia.

A missa de solidariedade reuniu cerca de 300 pessoas e interrompeu o tráfego na Rua Manoel Barata. Foi assistida também pelos agentes federais, das janelas dos quatro andares do prédio e não houve anormalidades. Uma faixa, com a frase "por um Brasil livre e sem opressões", foi colocada em frente ao altar improvisado e os Bispos se revezaram na leitura da nota

oficial da CNBB, divulgada sexta-feira. Terminou depois das 23 horas.

Identificação

O Bispo-Coadjutor de Belém, Dom Vicente Zico, leu o capítulo 21, versículos 7 a 14, do livro de Atos dos Apóstolos, que fala da ida de Paulo a Jerusalém. Nele, Paulo diz que está preparado para ser preso e até morrer, se preciso for, em nome de Cristo. No Evangelho de São João, foi lido o capítulo 15, versículos 18 a 27, onde Cristo fala da unidade do seu povo e se identifica com os perseguidos. "O servo não é maior do que o Senhor. Se me perseguiram, por certo vos hão de

perseguir." A leitura da nota oficial da CNBB foi iniciada por Dom Virgílio Uchoa, subsecretário da CNBB.

Um sacerdote pediu perdão ao Senhor "por todas as nossas iniquidades, por todos os nossos pecados de omissão em relação às injustiças sociais", e o Bispo de Marabá, Dom Alano Pena, orou, pedindo pelo povo "pequeno, marginalizado e oprimido, e também por aqueles que faleceram na luta por um mundo melhor, na luta pelos direitos humanos e por todos aqueles que deram suas vidas pela fé". No final, um sacerdote pediu coragem para seguir o exemplo dos Padres Aristides Camilo e Francisco Gouriou e defendeu a libertação de ambos e dos 13 posseiros.

D. Luciano pede diálogo franco

SÃO PAULO (O GLOBO) — O secretário-geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, considerou ontem "surpreendente a reação de pessoas e grupos em relação à atuação da Igreja", e disse que essa preocupação desvia a atenção de pontos importantes.

Dom Luciano citou problemas que precisam de solução urgente, como a questão da Previdência Social e o desemprego, e defendeu o "estabelecimento de um diálogo franco em todos os níveis".

D. Luciano admitiu que há um agravamento nas relações Igreja-Estado, ressaltando, porém, que, "em meio a esta situação, é um dever da Igreja e dos diversos segmentos da sociedade assegurar a disposição para o diálogo franco e leal com todos, inclusive com o Estado". Ele considera necessária "a superação do individualismo pela consciência comunitária e uma atitude de serviço ao próximo".

Ao comentar pela primeira vez as acusações contra a atuação da Igreja, d. Luciano ressaltou que "qualquer afirmação que se perca em revidar ou criticar atitudes da Igreja deveria dar lugar a um esforço intenso de propor soluções mais acertadas e eficazes".

D. Luciano admitiu que a ênfase dada à polêmica criada depois das acusações do senador Jarbas Passarinho, "pode distrair a atenção de problemas maiores", embora não acredite que isso seja intencional.

— Se alguma palavra, nas declarações de parte a parte, pode requerer maior exatidão, isto deve ser facilmente reconhecido, em bem de uma concentração de esforços da sociedade inteira para equacionar e resolver os problemas mais graves do momento, entre eles o êxodo rural, o desemprego crescente, o sistema previdenciário, a educação do povo e a criação de condições de saúde e habitação. Quem se negará a dar sua contribuição para que estes problemas possam ser progressivamente resolvidos?

D. Avelar aconselha calma e reflexão

SALVADOR (O GLOBO) — O cardeal-arcebispo de Salvador, dom Avelar Brandão Vilela, divulgou nota ontem criticando tanto a cartilha política publicada pela diocese de Juazeiro quanto a reação do Governo do Estado ao documento.

Dom Avelar Brandão Vilela trata também dos últimos distúrbios na capital baiana e pede que "os ânimos se acalmem para que a reflexão não ceda lugar aos ímpetos da paixão".

ANOTA

É a seguinte a nota de d. Avelar:

"Se estamos a viver dias de fricção social, de inquietação dos espíritos, de expectativas indefinidas mas indesejáveis, dois tipos de problemas surgem como desafios à nossa capacidade de compreensão, de diálogo, de tranqüila objetividade:

"1 — Os distúrbios de Salvador, que após certa trégua, ressurgiram e chegaram a provocar a morte de um jovem de 17 anos, fato profundamente lamentável.

"2 — A publicação de cartilhas políticas por algumas dioceses, ensejando declarações irritadas de alguns políticos e governantes.

"Quanto ao primeiro caso, devemos dar um conselho pastoral: que os ânimos se acalmem para que a reflexão não ceda lugar aos ímpetos da paixão. Pedimos aos poderes da República, do Estado e do município, que procurem atender às justas reivindicações, na medida do possível, independentemente de qualquer atitude de provocação, que tenha aparecido ou venha a surgir.

"Pedimos aos grupos populares insatisfeitos e aos políticos de oposição que se contemem nos limites da razão e do bom senso, na metodologia de seu trabalho reivindicatório. Evitem, pois, qualquer provocação aos encarregados da segurança e do policiamento."

"Na verdade, temos problemas sociais abundantes e, dentro da justa preocupação de pretender-se resolver a situação delicada das finanças do País, não se deve exigir das camadas populares uma quota de sacrifícios além de suas parcas possibilidades.

"Quanto ao segundo caso, devemos dizer duas palavras bem claras e precisas, sem ofensas nem azedumes, em espírito de amizade e de confiança:

"A cartilha política da Diocese de Juazeiro, pela sua natureza, pelo seu estilo, pela ilustração de suas idéias, pela finalidade a que se propõe, fica reduzida ao espaço daqueles que de fato concordam com o universo de suas proposições.

"Eu, pessoalmente, não faria assim uma cartilha para fins de educação política, para fugir ao particularismo das opções fechadas, em tempo de abertura. Cada um que a ler, que a julgue.

"A reação governamental balana contra a cartilha extrapolou o normal das reações, indo além do esperado, uma vez que apelou para o demônio como explicação do texto publicado.

"De outra parte, convém esclarecer que a Igreja não quer e não pretende criar partido político. Deseja que os brasileiros escolham bem o partido e os candidatos, entre todos aqueles que estão circulando no Brasil.

"Finalizando, esperamos que a paz volte ao seio da comunidade baiana, na capital e no interior."

Passarinho prepara discurso sobre Cebs

BRASILIA (O GLOBO) — O presidente do Senado, Jarbas Passarinho, vai aproveitar o fim de semana para preparar o discurso que pretende fazer na próxima quarta-feira sobre a participação de algumas Comunidades Eclesiais de Base em casos de ocupação ilegal de terras, especialmente no Estado do Pará.

Utilizando uma prerrogativa de presidente do Senado, garantida pelo Regimento, Passarinho fará seu discurso sem conceder apartes. Ele explicou que não pode "submeter o presidente do Senado ao constrangimento de um debate em sua própria Casa".

ANTONIO CARLOS

SALVADOR (O GLOBO) — Ao criticar novamente ontem as cartilhas políticas editadas por algumas dioceses, o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, disse que o bispo de Goiás Velho, d. Tomás Balduino, "é um dos que se entendem com o diabo".

Acrescentou que "tem muito bispo se entendendo com o diabo, o que não é bom para a Igreja, mas felizmente a maioria se entende com Deus".

TELEGRAMA

A Comissão Executiva Nacional do PMDB enviou mensagem ao presidente da CNBB, dom Ivo Lorscheiter, em que se solidariza com a ação da Igreja "contra a violência e a injustiça social".

O ofício enviado à CNBB elogia "a ação patriótica, independente, corajosa e cristã com que a Igreja no Brasil fundamenta sua luta evangelizadora contra a violência e a injustiça social que vitima a maioria da população, notadamente os trabalhadores".

"A Igreja certamente — conclui — não se intimidará com as agressões e ameaças da incompreensão e do inconformismo em sua dura caminhada de defesa dos oprimidos deste País".

D. Eugênio prega respeito à autoridade

Em sua homilia, na celebração da Missa da Independência, às 10 horas de ontem, na Catedral Metropolitana, o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, dom Eugênio Sales, lembrou palavras de São Paulo, de que "autoridade temporal deve ser respeitada pelos cristãos" e de que o bem comum exige que haja autoridade constituída que "em nome de Deus, possa ungir utilizando inclusive a força, contanto que baseada no Direito".

Logo depois da missa, em entrevista, o cardeal respondeu algumas perguntas sobre a expressão "força" a que se referiu na homilia. Dom Eugênio falou também sobre os acontecimentos de Salvador, as acusações do Senador Jarbas Passarinho a setores da Igreja e a prisão dos padres franceses. Sobre o último assunto, disse que "tudo vai ser resolvido pacificamente", pois cre que os dois padres não têm culpa. E acrescentou: "O que estamos advogando é que eles possam defender-se. Creio que todo o homem tem direito de se defender".

A ENTREVISTA

E a seguinte a entrevista do cardeal:

— Durante o sermão, o Senhor falou sobre as tendências diferentes de uma nação como a nossa, onde a ordem constituída pode usar até a força para manter a ordem pública. O que o Senhor quis dizer com isso?

— Eu expressei a doutrina comum da igreja e mesmo a fundamentada na lei natural. Uma família pode ser apenas dirigida, orientada pelo amor familiar, o núcleo familiar. Uma nação com milhões de habitantes necessita de um alicerce sólido de autoridade. Essa autoridade não pode ser apenas pró-forma, mas sim exercer o seu papel de autoridade, isto é, fazer convergir as diversas tendências e rumos e com isso evitará o caos e anarquia. Ela poderá usar da coação, da força, mas que sejam fundamentadas no Direito.

— Em que caso pode a autoridade usar dessa força?

— Em linhas gerais, todas as vezes em que se destrói o bem comum, pois a finalidade da autoridade é não servir-se de cargo ou do posto. A autoridade é colocada por Deus em um país, para servir ao povo de Deus, servir à comunidade.

— No caso da Bahia, onde estão acontecendo tantos incidentes, é justificável a força?

— Eu prefiro não descer a casos particulares. Eu fico apenas na ordem dos princípios e para emitir o juízo para um caso concreto, terei que ter uma série de

dados e o papel final, decisivo, é da própria autoridade, orientada por Deus. Se a autoridade erra, o cidadão pode reclamar, mas nós não podemos negar a autoridade o poder de agir, inclusive através da força, contanto que seja segundo a legislação do próprio País, segundo o Direito.

— O senador Jarbas Passarinho disse que uma parte da Igreja optou pelo socialismo e vem provocando agitações sociais. Como o senhor vê isso?

— Eu prefiro não falar. Quanto a isso trata desse assunto, ele vem a tona e eu acho que isso é prejudicial tanto para a Igreja como para o Estado. Entretanto, indiretamente à sua pergunta, para não deixá-la sem resposta, já que foi feita, eu sou amigo do senador Passarinho e o tenho na conta de um homem de bem. Creio, espero, pelo menos, que ele esteja equivocado quanto às afirmações que fez. Entretanto, por uma questão de amor à verdade, ele promete apresentar fatos concretos. Então, minha resposta vai depender dos fatos que ele apresentar. Devo entretanto advertir que não podemos confundir aquele que está ao lado do pobre pela sua posição, com alguém que incita as pessoas à invasão.

— O senhor acredita que haja alguma parte da Igreja incitando invasões no Norte-Nordeste?

— Tranquilamente eu posso dizer que como Igreja, não. Pode haver algum indivíduo que, abusando do nome da Igreja, possa fazer isso que acaba de dizer. Mesmo há poucos dias um dos regionais alertava para a tentativa de infiltração de grupos do MR-8, e mesmo aqui no Rio de Janeiro, que estão muito tranquilas essas comunidades, eu sei do peso, da pressão de grupos radicais sobre as nossas comunidades. Eu continuo tranquilo, mas há possibilidades de penetração. E se houve alguma coisa de incitamento a invasão de terras, não foi em nome da Igreja, absolutamente.

— E quanto às cartilhas que algumas dioceses vêm publicando e distribuindo ao povo, para educá-lo politicamente?

— Eu penso aquilo que já foi expresso pelo Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a que estive presente. A Igreja não é por nenhum partido político. A Igreja é contra toda e qualquer militância de sacerdotes e religiosos na política, mas a Igreja tem o direito de se manifestar contra os aspectos éticos da política e não da política partidária. Se a cartilha está dentro desse rumo está bem, se não está, pelo menos não está de acordo com a diretriz dada

pela CNBB. Mas, quero acrescentar que eu não julgo nenhuma cartilha, porque nenhuma dessas cartilhas saíram da minha diocese. Quando sair da minha diocese, eu creio que poderei tratar, porque é assunto da minha área.

— Dom Eugênio, como é possível à Igreja educar o povo politicamente sem que haja alguma influência sobre a sua opinião?

— Deve exercer influência sobre as pessoas conservando o nível elevado, exatamente dentro de uma linha que recomenda a CNBB, mostrando a nobreza da atividade política, funções que políticos devem exercer, isto é, sem invocar esse partido ou esse político sobre o qual coincide a preferência. Nesse caso ela se torna partidária, se torna de uma dimensão terrena e humana e a Igreja se torna pequena. Na hora em que ela fica na área dos princípios da ética, ela tem a dimensão de Jesus Cristo, portanto tem força para falar, mesmo que desagrade os homens.

— Se amanhã a detenção desses padres franceses tomar um vulto maior e resultar em expulsão, isso provocará uma nova tensão entre a Igreja e o Estado?

— Eu prefiro não falar sobre o que pode acontecer, mas a minha impressão é que não vai acontecer nada, isto é, que vai ser resolvido pacificamente o caso dos dois, pois eu creio que eles não têm nenhuma culpa. Mas não tenho dados concretos para emitir juízo definitivo. O que nós estamos advogando é que eles possam se defender e, isso creio, todo homem tem o direito de se defender.

A MISSA

Estiveram presentes à Missa da Independência cerca de 2.500 alunos de 45 escolas e 800 presidentes de centros cívicos escolares.

Também participaram da festividade a banda de música dos Fuzileiros Navais; os corais da Bayer do Brasil, da Coca-Cola, do Encontro de Casais, das escolas municipais, Orfeão Villa-Lobos, da Escola Técnica do Arsenal de Marinha e da ECT.

Representando o comando do I Exército, compareceu o general Armando Patrício. Também estiveram presentes o representante do comandante do 1º Distrito Naval, almirante Américo Lobato Maia; representante do comando do III Comar, major-brigadeiro José Guilherme; o comandante da 1ª Divisão de Exército, general Euclides Figueiredo, e comandante da 1ª Região Militar, general Samuel de Tarso Teixeira Primo.

Cardeal pede união de esforços

O cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, dom Eugênio Sales, afirmou ontem, no programa radiofônico "Voz do Pastor", que "para alcançar o seu grande destino, a Pátria espera dos governantes e governados, irmanados no mesmo amor ao Brasil, a prática da honestidade, a vitória sobre o egoísmo, a preservação dos valores morais".

— O 7 de setembro — disse o cardeal — leva os dirigentes temporais a perceber ainda melhor o valor de nossa gente boa, amante da paz, com uma grande mas não ilimitada capacidade de sofrer e esperar.

A PALESTRA

E a seguinte a palestra de dom Eugênio Sales:

"Uma nação é o fruto de um processo dinâmico, orgânico e histórico. Vencendo tendências arbitrárias e contraditórias, a grande maioria da população realiza aquela unidade vital indispensável, em meio à natural multiplicidade.

"Assim, participe dos mesmos sofrimentos, aspirando a idénticos ideais coletivos, indivíduos e partidos, diversos entre si, alcancem irmanar-se em torno de valores, garantindo a vida e sobrevivência nacionais.

"Os sentimentos de apreço, veneração e ternura ao berço de nossas existências, são a raiz da índole e caráter pátrios. São também fortes lumes, necessários à preservação das características de um povo.

"O afeto prevalece sobre a relação jurídica, quando as pessoas se agrupam no núcleo familiar. O amor que ali reside, corrige os defeitos e resolve, ordinariamente, as discordâncias. Contudo, em uma comunidade pátria as regras de convivência são imensamente mais exigentes e complexas. Múltiplos são os rumos paralelos ou contrários que acirram, facilmente, lutas facciosas.

"O inter-relacionamento de todos, o reto uso da liberdade, o respeito ao bem comum, mesmo com o sacrifício de prerrogativas particulares, reclamam a proteção do Estado. Este, por um dever cívico e até religioso, é o

guardião da ordem como bem coletivo. Jamais um instrumento para arbitrariedades, ou interesses de quem detém o poder.

"Neste campo, há duas correntes conflitantes, extremadas. Uma é o absolutismo, o Estado sem o povo; outra, a anarquia, quando as pessoas rejeitam a autoridade legal. Aliás, esta é outra forma de ditadura, a de grupos interessados em aproveitar-se do caos. Em ambos os casos, é abalado o fundamento de uma nacionalidade.

"O poder é inerente ao ser humano, de modo particular, vivendo em sociedade.

"Fácil entender essa doutrina, hoje tão esquecida, quando colocamos diante de nós o dever de buscar o bem comum, diante da existência de correntes contrárias, de caminhos opostos no seio de uma mesma comunidade. A limitação de nosso intelecto, os desvios morais presentes na convivência diária, tornam indispensável a presença de um governo que possa, mesmo usando energia, coordenar esses fatores orientando-os a uma composição que preserve a ordem. Esta se fundamenta no direito que necessita de meios concretos, até mesmo da força, para efetivar suas decisões. A própria caridade reclama, em determinadas circunstâncias, o uso da coerção.

"Pelos falhas pessoais, fruto do pecado, o uso de um dom está sujeito ao abuso. Cumpra-nos corrigi-lo mas nunca a identificação com o que é essencial à nossa sobrevivência. Portanto, erra quem identifica o detentor do mando com alguém pecaminoso do qual nos devemos afastar. Igualmente, contradiz o Evangelho a utilização dos recursos legais para fins alheios às suas finalidades; o objetivo da administração pública é servir e não servir-se. Entretanto, os deslizes em indivíduos que exercem essa função não autorizam os cristãos à insubordinação e à desordem, nem os eximem do respeito que lhes é devido pelo cargo que ocupam.

"O exercício da autoridade governamental em uma nação é implicitamente alicerçado na Sagrada Escritura. São Pedro ensina a obedecer, mesmo em situações de flagrante injustiça: "Vós, criados, sujeitai-vos, com todo respeito, aos vossos senhores, não só aos bons e razoáveis, mas também aos perversos" (II Pedro, 2, 18).

"Em nossa época, muitos carecem recordar os ensinamentos e exemplos de São Paulo. Ele professa lealdade ao Império Romano, cujas estruturas eram profundamente contrárias

ao cristianismo. Não pensa primeiro em transformá-las para depois ensinar a Palavra salvadora. Reivindica seus direitos e portanto reconhece as leis vigentes, (Atos 16, 37; 22, 25); apela a Cesar, (Atos 25, 12). Afirma que todo homem se submete às autoridades constituídas, pois não há autoridades que não venha de Deus e as que existem foram estabelecidas por Deus. De modo que aquele que se revolta contra a autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus, (Rom 13, 1 e 2). E adianta (V, 7): "Dai a cada um o que lhe é devido... a honra a quem é devida". Em parte alguma de seus escritos reclama para os Pastores uma ingerência direta nos assuntos profanos. Os erros cometidos pelos chefes receberão o devido castigo, mas infligido por Deus e não a critério individual dos súditos. Caso contrário, seria a desordem e o caos.

"Essa doutrinação, entretanto, inclui o dever da Igreja apontar diretrizes éticas também em relação às atividades nos estritamente espirituais, pois o homem todo — o corpo e alma — está submetido à Lei divina.

"Na celebração da nossa Independência, o povo tem os olhos voltados para seus governantes. São eles um símbolo da Pátria e os responsáveis, de modo peculiar por seus destinos. O poder que exercem não é apenas um imperativo constitucional, mas uma exigência do direito natural. Esse mesmo povo os vê e interpela silenciosamente sobre o cumprimento da nobre missão de servir à coletividade.

"Por outro lado, o 7 de setembro leva os dirigentes temporais a perceber ainda melhor o valor de nossa gente boa, amante da paz com uma grande mas não ilimitada capacidade de sofrer e esperar. Sentir-se-ão assim motivados a executar, de maneira sempre mais eficaz, o encargo recebido do Senhor, enquanto são autoridades constituídas.

"Para alcançar seu grande destino, a Pátria espera dos governantes e governados, irmanados no mesmo amor ao Brasil, a prática da honestidade, a vitória sobre o egoísmo, a preservação dos valores morais.

"Nas comemorações da nossa Independência, recordemos as palavras do Papa João Paulo II, em Brasília, dirigidas ao Sr. Presidente da República e outras autoridades: "As qualidades peculiares do Povo Brasileiro, unidas à sua longa tradição cristã, não de levá-lo a responder com acerto à chamada e ao desafio do Terceiro Milênio que se aproxima".

'Nem conservador, nem progressista'

"Não chegamos, ainda hoje, a ter uma igreja em que o povo participe mais diretamente e faça dela, a sua voz. Isto porque a Igreja viveu durante muitos séculos e ainda vive, aliada às forças que oprimem o povo, embora, às vezes, de maneira inconsciente. Mas hoje o nosso papel é fazer despertar uma maior consciência crítica no povo, a respeito de todas as formas de ideologia que existem, sem se ausentar de uma atuação política bem concreta, pois somos todos responsáveis pela sociedade em que vivemos".

CONVIVENDO COM A MISÉRIA

Assim, o padre João Maria Van Doren, pároco da igreja de Nossa Senhora Aparecida, no bairro da Pedreira, iniciou suas colocações sobre o papel da igreja hoje no mundo. João Maria, um holandês de fala mansa e pausada, vive há três anos em Belém onde tem desenvolvido um intenso trabalho paroquial com objetivo de descentralizar a igreja, levando-a às baixadas, aproximando-a do povo. Uma prova disso é que João Maria mora na Passagem Saldanha Marinho, uma baixada entre a Pedreira e o Acampamento, onde as condições de vida dos moradores são as mais precárias possíveis. Lá, ele convive diariamente com a miséria do povo e suas consequências. E nem sua condição de padre impediu que ele fosse assaltado por alguns marginais, há alguns meses, quando regressava de suas peregrinações pelo bairro.

Mas essa nova pastoral da igreja do bairro da Pedreira, não se constitui em nenhuma novidade introduzida pela vontade pessoal do padre João Maria, e sim o cumprimento das orientações de Medellín e Puebla que representam uma nova consciência do papel da igreja no mundo de hoje, que é o de estar sempre ao lado "das vítimas do pecado social", conforme conclusões dos documentos de Puebla. Este mesmo documento vê o sistema capitalista e a ideologia da segurança nacional como a causa da exploração e marginalização das grandes massas populares. João Maria considera que apesar das mudanças e novas orientações a igreja ainda está atuando mais no plano teórico e da intenção do que no plano prático. Entretanto, o trabalho desenvolvido pela pastoral da igreja de Nossa Senhora Aparecida já representa um certo avanço nesse caminho.

O TRABALHO COMUNITÁRIO

Aqui procuramos criar pequenas comunidades no meio do povo, diz o padre. "São grupos de pessoas que se encontram todas as semanas ou por quinzena para refletir e rezar juntas, a partir dos problemas comuns que elas enfrentam, dos seus valores, etc. E tudo isto visto à luz do evangelho e dos documentos da igreja, preocupados em ajudar o povo a descobrir os seus próprios



Padre João Maria: igreja popular

valores e a partir daí aprofundar uma consciência crítica e cristã". Foi dessa forma que surgiram as comunidades da Visconde (entre Timbó e Estrela), Curuzu, Saldanha Marinho, Acampamento (Passagem Ceci), Antonio Everdosa (entre Barão e Angustura), Pirajá (entre Marquês de Herval e Visconde de Inhaúma) e Angustura (entre Antonio Everdosa e Rua Nova).

Apesar de lento, já houve um resultado, de certa forma, animador, desse trabalho. Um exemplo disso, aponta o padre João Maria, foi o início da luta dos terrenos, que surgiu, na Pedreira, a partir da reflexão desses grupos comunitários, mais especificamente na comunidade Everdosa. Existem ainda os grupos de catequese que atuam nas próprias comunidades e outros grupos formados por ocasião das campanhas da fraternidade, natal, café, mês da Bíblia, que visam dar encaminhamento a essas campanhas a partir da realidade do povo. O movimento jovem da paróquia tem uma participação bastante ativa na vida da comunidade pedreirense. Participa atualmente da cartilha "Comunhão e Participação", em preparação da Assembléia do povo de Deus, campanha da Arquidiocese, prevista para depois do natal deste ano.

A pastoral da paróquia inclui ainda o Movimento Familiar Cristão, que segundo João Maria, adotou uma nova linha de atuação, uma linha libertadora que trabalha visando a mudança da estrutura social. São grupos de casais que se reúnem para discutir os problemas da família e da sociedade.

APOIO AOS MOVIMENTOS POPULARES

Além dos trabalhos desenvolvidos pela própria paróquia, ela presta apoio a diversas entidades e movimentos populares, quer cedendo salas para reuniões, quer realizando

atos ecumênicos para marcar um acontecimento de real significação para o povo, como aconteceu recentemente, por ocasião da morte do lavrador de Conceição do Araguaia, "Gringo". É numa das dependências da paróquia que está instalada a sede da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos. A paróquia cede ainda espaço para a organização Alcoólicos Anônimos, Comissão dos Bairros de Belém, e outros movimentos populares que vão surgindo e que não possuem lugar para suas reuniões. Os motoristas de ônibus, após a frustrada greve do ano passado, fizeram várias reuniões de avaliação do movimento, em uma sala cedida pela igreja. E foi a partir desse grupo que surgiu a oposição sindical dos motoristas.

A VISITA DO PAPA

"Eu espero que ele confirme e apoie a linha pastoral elaborada no documento de Puebla", disse João Maria a respeito da visita do Papa ao Brasil. E prosseguiu: "A Amazônia, essa região bastante cobijada pelos gananciosos que só visam seus lucros, deveria merecer a atenção da palavra do Papa. Eu gostaria que ele desse seu apoio à luta dos índios que estão cada vez mais envenenados e marginalizados por uma civilização marcada pelo capitalismo; à luta dos posseiros, que é hoje o maior problema dessa imensa área. Eu espero que o Papa em suas palavras não seja neutro, porque isso poderia ser utilizado pelos poderosos, mas que ele parta da maioria sofredora do povo. Acho que ele deveria adotar uma posição firme, e isso poderá representar um significativo apoio à linha da pastoral desenvolvida no Brasil".

SEM REFORMISMO

Finalizando, João Maria esclarece o porquê da mudança na pastoral da igreja, principalmente após o concílio Vaticano II e os encontros de Medellín e Puebla: "a igreja vê hoje o homem como um todo, inspirado pelo espírito de Deus, e não apenas no plano unicamente espiritual. Isso seria fuga do mundo, fuga da responsabilidade. Um exemplo disso é a preocupação da igreja com a formação de sindicatos, a luta pelos direitos humanos, justiça e paz. Estamos hoje constantemente preocupados em buscar novas pistas no meio do povo, para uma evangelização mais autêntica e que realmente colabore para uma verdadeira transformação social, sem reformismos".

Para d. Angélico, importante é que povo quer pleito direto

Dom Angélico Sândalo, bispo auxiliar da zona Leste e coordenador da Pastoral Operária da Arquidiocese de São Paulo, manifestou-se ontem "bastante otimista" com os resultados da pesquisa realizada pela "Folha", sobre a mobilização ou não da Igreja na campanha em apoio às eleições diretas. Para ele, independente das opiniões sobre a responsabilidade da Igreja na campanha, o mais importante da pesquisa é que a esmagadora maioria dos entrevistados quer eleições diretas, já na sucessão do presidente Figueiredo.

Dom Angélico também acha importante o fato de o povo estar percebendo claramente que as eleições diretas para presidente são apenas um meio de se obter as reformas de base reivindicadas há anos por toda a sociedade brasileira. "Agora — prosseguiu o bispo — se a Igreja vai mobilizar ou não em favor da campanha é somente uma questão de método, uma questão de ética, uma vez que ninguém está discutindo se a Igreja deve ou não participar do ato público do dia 25, na praça da Sé".

No entanto — ressaltou dom Angélico — a mobilização pelas eleições diretas não passa pela hierarquia da Igreja Católica. "Ela é de competência dos partidos políticos e das organizações populares e sindicais, que, na verdade, são quem está encabeçando o movimento". Por outro lado, na opinião do bispo, é preciso salientar que a Igreja não está dissociada de seus fiéis. "Afim, a grande maioria dos políticos é católica, assim como a grande maioria do povo brasileiro".

Covas

Ao comentar ontem a pesquisa realizada pela "Folha" sobre a mobilização ou não da Igreja em favor das eleições diretas, o prefeito Mário Covas disse: "imaginar que a Igreja se mantenha

apenas num trabalho introspectivo, voltado para dentro e até sem levar em consideração as aspirações políticas da população, é querer isolá-la. Nesse instante, não há problema de querer ou não querer. É questão de dever. Hoje, ninguém pode ficar omissos. Se há um assunto no qual há consenso, são as eleições diretas".

Padres

"É claro que a Igreja deve participar da mobilização pelas eleições diretas, mas deve também tomar o cuidado para não cair no partidarismo, pois isso pode provocar divisões". Esta opinião do padre Afonso Fiorese, da igreja do Calvário (rua Cardeal Arcoverde, Pinheiros), coincide com a opinião da metade dos católicos paulistanos ouvidos esta semana pela "Folha" sobre a participação da Igreja na campanha pelas eleições diretas. Parcela significativa das pessoas ouvidas — 40% — entende que religião e política não devem estar misturadas.

"A Igreja tem que mostrar a situação, esclarecer os católicos sobre o assunto (eleições diretas)", afirma o padre Fiorese, sob pena de se tornar abstrata. Todo mundo sabe que a Igreja é um grupo de pessoas que se organiza de forma concreta. Por causa disso, deve participar concretamente do cotidiano do seus fiéis, sejam quais forem os problemas analisados".

Segundo o sacerdote, a partir do início de fevereiro, os movimentos (comunidades eclesiais de base etc.) da igreja do Calvário deverão entrar com muita força na campanha das diretas. "Atualmente, explicou, a turma esta de férias, mas vai voltar com tudo".

Não engajamento

Para o padre Everaldo Sanches Ribeiro, da paróquia São João Evangelista

(bairro da Casa Verde), a Igreja deve tomar cuidado para não misturar mobilizar com arregimentar. "Se mobilizar na pesquisa da "Folha" quer dizer esclarecer os fiéis sobre eleições diretas, regime democrático e participação na vida da sociedade, então esse trabalho deve ser feito pela Igreja. Mas se mobilizar tem o sentido de arregimentação, aí, na minha opinião, a Igreja não pode entrar nesse esquema", assinala.

Opinião quase idêntica tem o frei Alain Hevin, da paróquia Nossa Senhora de Fátima (avenida Dr. Arnaldo). Ele lembra a palavra de Cristo para comentar a pesquisa: "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus". "O evangelho é bem claro nesse sentido — salienta — e o próprio Papa não quer ver padres integrados na política. Mas a Igreja tem a obrigação de esclarecer seus fiéis, no caso das eleições diretas, por exemplo, sem, no entanto, tomar partido ou apoiar este ou aquele candidato".

O padre Alain teme que uma mobilização (no sentido de engajamento) da Igreja pode fazer com que incorra no erro do partidarismo, provocando divisões. Citou o apóstolo Paulo, lido na missa de ontem (2ª leitura) que prega a unidade da Igreja. "Portanto, tudo o que pode provocar divisões, afirmou, tem que ser afastado".

O vigário da paróquia Nossa Senhora do Monte Serrate (largo de Pinheiros), padre João Bosco Galvão de Camargo, também concorda com a participação da Igreja esclarecendo o povo no caso das eleições diretas, mas adverte o cuidado com que o assunto deve ser tratado. "É necessário muita cautela para não provocar constrangimentos e divisões, pois a Igreja engloba fiéis de todos os partidos", observa.

Mulheres realizarão ato público hoje na Sé

Com a realização de um ato público às 16 horas de hoje, na Praça da Sé, o Movimento de Mulheres Pró-Diretas — que reúne mulheres de diversos partidos políticos, entidades de bairros e associações — estará fazendo publicamente o seu convite, para que toda a população feminina de São Paulo participe do comício pró-diretas do dia 25. Na ocasião será lida por uma mulher negra a "Carta Aberta às Mulheres de São Paulo", onde o movimento externa a sua posição e enfatiza a importância da mobilização política da mulher. Esta carta será lida também durante o comício, do dia 25 por uma mulher não vinculada a partidos ou lideranças. "Estamos vivendo no Brasil um dos mais importantes momentos históricos" — afirmou Sílvia Pimentel, líder feminista do PMDB e uma das organizadoras do movimento pró-diretas. "Além de qualquer ideologia partidária, há um

movimento conjunto da oposição na luta pela democracia, num esforço comum e supra-partidário até então inexistente na nossa política."

Criar o momento

"Há muita gente que gostaria de fazer alguma coisa, um trabalho político, e não sabe como" — disse Sílvia Pimentel. "O importante é que as lideranças criem os momentos, para que uma Nação ávida de se manifestar politicamente efetivamente se manifeste; e é isso que está acontecendo em todo o Brasil, com o movimento pelas eleições diretas." Como outras líderes políticas, Sílvia reconhece a condição de inferioridade à qual a mulher foi condicionada, especialmente em relação à participação política. E enfatiza: "É preciso desmistificar o conceito de ação política. Políticos seremos todos nós, do presi-

dente da República ao mais humilde cidadão, desde que saibamos ver a realidade que nos cerca e contribuirmos para melhorá-la, conscientizando quem está mais próximo: sejam os filhos, os vizinhos, os amigos. A mulher que não pode sair de casa pode praticar política em sua família, independente do lugar ou do tempo."

E para todos — homens ou mulheres — que gostariam de fazer alguma coisa e sentem que "é impossível continuarmos como está", Sílvia Pimentel faz um apelo: "Falar mal do governo ou reclamar da situação dentro de casa, não é política. Política não se faz individualmente, mas sim mostrando o seu pensamento e fazendo as suas reivindicações explícita e publicamente. É isso o que todos podem fazer no dia 25. Vamos mostrar o que as mulheres e todo o povo de São Paulo quer e pensa."

29/12/89

7 Bispo gaúcho condena modelo para 3º Mundo

Porto Alegre — "O Terceiro Mundo não deve agarrar-se ao modelo de desenvolvimento em que vivem os países industrializados, num total mimetismo que procura ter um orçamento colossal, a tecnologia avançada, a capital esplêndida e projetos faraônicos que não merecem outro nome senão o de contradesevolvimento". A advertência foi feita pelo presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e bispo de Santa Maria, D. Ivo Lorscheiter.

Em sua palestra radiofônica semanal A Palavra do Pastor, na Rádio Medianeira, D. Ivo condenou ontem a riqueza que, "como acumulação desordenada de bens individuais, torna-se tóxica ou venenosa para a sociedade, assim como a gordura é geralmente tóxica para o corpo". O bispo parafraseou o escritor africano Alberto Tevoedgre, autor do livro A Riqueza, Pobreza dos Povos, dizendo que "a sociedade da opulência não controlada, dominada, adoece por causa de sua própria riqueza".

Ainda inspirado no livro, D. Ivo disse que "é preciso reinventar a economia ou dar à economia um novo sentido e um novo rumo que não a deixem reduzida à mera arte de obter dinheiro, mas a convertam em uma verdadeira economia de serviços, que privilegie as necessidades sociais dos homens e das comunidades".

Assinalando que "certamente alguém dirá que esses assuntos não dizem respeito à igreja e a um bispo", D. Ivo convidou a sociedade a refletir sobre a opção pelos pobres: "Pior que as coisas estão, não irão ficar. Então, por que não tentar? Creio, seriamente, que é tempo de compreendermos onde está nossa verdadeira riqueza".

9413184

IGREJA

O novo pastor de Brasília

Cinco anos depois, o papa João Paulo II resolveu, finalmente, na quarta-feira da semana passada, aceitar o pedido de demissão que o arcebispo de Brasília, dom José Newton de Almeida Batista, enviara ao Vaticano ao atingir a idade-limite de 75 anos. Para o seu lugar foi nomeado o atual arcebispo de Teresina, dom José Freire Falcão, um cearense de 58 anos. Trata-se, na verdade, da mais importante mudança que João Paulo II já introduziu no episcopado brasileiro desde que se sentou no trono de São Pedro, há cinco anos.



Dom Falcão

Antes de mais nada, pelo peso especialíssimo da arquidiocese que o fluminense dom José Newton comandou durante 24 anos: Brasília, afinal, sedia não apenas os mais altos poderes da República como também a Nunciatura Apostólica, que representa a Santa Sé no país, e o órgão máximo do episcopado brasileiro, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

A importância desse posto crescerá mais com a posse, ainda sem data, do novo titular, pois dom José Freire Falcão é um dos líderes da ala conservadora da CNBB, ao lado do arcebispo de Aracaju, dom Luciano Cabral Duarte. Dom José Newton também pertence a essa corrente, mas jamais teve força política bastante para enfrentar os progressistas, cada vez mais influentes na CNBB. A expectativa é de que esses setores avançados passem a sofrer, agora, uma carga cerrada dos conservadores.

As pressões, há quem acredite, poderão começar imediatamente, durante a reunião que a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, o antigo Santo Ofício, vai realizar este mês na Colômbia. Para os conservadores, seria uma excelente ocasião de tentar enquadrar o clero progressista brasileiro, cuja audiência em outros países da América Latina, especialmente da América Central, vem preocupando o Vaticano. Ninguém duvida que gestos nesse sentido contarão com o decidido apoio de dom José Freire Falcão, um dos quinze conselheiros da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. ▲

*Arcebispo apóia os
alunos da UFPb que
fazem greve de fome*

Do correspondente em João Pessoa

Os sete estudantes da Universidade Federal da Paraíba, em greve de fome há nove dias em protesto contra aumento dos preços no restaurante universitário, foram transferidos do Centro de Vivência para o Ginásio Coberto da Universidade, onde terão mais segurança e melhor acompanhamento médico.

Embora o estado de saúde dos alunos seja bom, a Reitoria colocou um médico para assisti-los, o que vinha sendo feito até então apenas por acadêmicos de Medicina. Os estudantes em greve receberam a visita e o apoio de d. José Maria Pires, arcebispo da Paraíba, que em nota condenou a política econômica do governo, responsabilizando-a pelos prejuízos causados no ensino público.

Na nota, o arcebispo lembra também a situação de miséria em que se encontram as populações flageladas do Nordeste, onde professores e alunos abandonam as salas de aula e se alistam nas frentes de trabalho.

11718488

Arcebispo defende união contra Maluf

Da Sucursal de Belo Horizonte

"Agora não há mais solução; acabou-se a esperança do povo." Esta é a opinião de dom Serafim, arcebispo de Belo Horizonte, sobre a retirada da emenda Leitão do Congresso. Para ele, a decisão do presidente Figueiredo demonstra que o deputado Paulo Maluf e seus partidários estão muito mais fortalecidos do que acreditavam as oposições.

D. Serafim espera que as oposições e as outras forças do PDS tenham a coragem de se unir para barrar Maluf no Colégio Eleitoral. Caso contrário, a vitória do deputado será inevitável. "Se houver divisão ele ganhará, e ainda rirá de todos", afirmou o arcebispo.

Acrescentou que o governador Tancredo Neves foi muito feliz ao declarar que agora "é apertar o nariz com o lenço e ir ao Colégio Eleitoral se isso for necessário. Pode ser ruim, mas não pode ser péssimo".

De acordo com d. Serafim, a retirada da emenda do Congresso foi a pior coisa que se poderia esperar do governo. Por outro lado, acredita ele, as oposições "avançaram demais, pensando que seria a ocasião de se conseguir o que ainda não se havia conseguido. Com isso perderam uma conquista de espaço que poderia ser até mais importante do que as próprias diretas já".

917184 FdSP

Dom Agnelo Rossi e corregedor discutem denúncia sobre grupo

917
#

O cardeal dom Agnelo Rossi, ex-arcebispo da Arquidiocese de São Paulo, atual presidente da Administração da Presidência da Sé Apostólica teve um encontro ontem com o juiz corregedor Haroldo Pinto da Luz Sobrinho, ao chegar de Roma para um período de férias (retorna no dia 31 de agosto). Ele foi recebido no aeroporto de Congonhas pelo juiz, responsável pela denúncia sobre a existência da organização secreta denominada "Serpentes Negras", cujo objetivo seria tomar o poder nas penitenciárias paulistas. O juiz corregedor e o cardeal conversaram durante quase meia hora na ala oficial e o diálogo, conforme revelou Haroldo Pinto da Luz Sobrinho, versou sobre as "Serpentes Negras".



O corregedor, à direita, falou sobre as "Serpentes" ao cardeal

"Relatei a situação dos presídios ao cardeal e fiz uma breve explicação do que é a organização e o que pretende. Ele ficou muito impressionado com a fuga de detentos da Penitenciária, através de um buraco escavado na capela. Assegurei, no entanto, que tudo está sendo apurado e Dom Agnelo também se mostrou interessado em que as coisas sejam esclarecidas."

O diálogo entre o juiz e o cardeal ocorreu em voz baixa e nem mesmo os que estavam mais próximos conseguiram ouvir qualquer coisa. Por vários minutos, apenas Haroldo Pinto da Luz Sobrinho falou. Depois houve uma sucessão de perguntas do cardeal Rossi e novamente o magistrado passou a comandar a conversa. Neste momento, o monsenhor José Machado, de Campinas, que estava próximo ao cardeal, levantou-se e saiu para cumprimentar outras pessoas. Imediatamente o padre Agostinho Gomes, da Pastoral Carcerária e ontem representando a Cúria, ocupou o seu lugar, mas não interferiu no diálogo, encerrado minutos depois.

O juiz corregedor disse que apesar do diálogo de quase meia hora não conseguiu entrar muito em detalhes no caso das "Serpentes Negras" com o cardeal e revelou como completará a conversa nos próximos dias, quando manterá novo contato, desta vez em Helvétia, município de Indaiatuba, onde Dom Agnelo Rossi passará a maior parte de suas férias. Mas esse primeiro encontro, revelou, foi "pro-

Um crítico da ala progressista

O cardeal Agnelo Rossi, 71 anos, ex-prefeito da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos e ex-arcebispo de São Paulo, está identificado com a ala conservadora do clero brasileiro. É um severo crítico de atitudes progressistas, principalmente da Teologia da Libertação e da chamada Igreja Popular do Brasil. Atual presidente da Administração do Patrimônio da Sede

Apostólica, dom Agnelo Rossi afirmou, quando aqui esteve, em setembro passado: "Querem estabelecer a Igreja Popular no Brasil aproveitando-se da tendência do povo para a religião; os que defendem a Igreja Popular pensam que do povo sai a Igreja. A Igreja é do povo, mas do povo de Deus, e não do povo dos políticos, dos economistas, do povo que alguém arquitetou".

veitoso", e lhe deu forças para continuar trabalhando. "O cardeal Rossi me disse para continuar firme no cargo", contou. Lembrou do curso que fez na Universidade Urbaniana, de Roma, no ano passado, onde foi um dos alunos do cardeal em Filosofia do Direito e manifestou esperança de que os ensinamentos que teve sejam proveitosos. A Universidade é mantida pela Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, da qual dom Agnelo foi prefeito.

O cardeal dom Agnelo Rossi, questionado sobre as "Serpentes Negras", disse que desconhecia a sua

existência. "Estamos vendo coisas estranhas em todo o mundo e a solução para esses problemas é convertermo-nos a Deus."

O cardeal assegurou também que não possui informações sobre a política de humanização dos presídios implantada em São Paulo, "pois vivo em Roma". Mas assegurou, referindo-se aos presos, que todos têm o direito de pleitear seus direitos, sem, no entanto, esquecer os deveres. Dom Agnelo Rossi deverá atender a imprensa numa entrevista coletiva que seus assessores prometam marcar para os próximos dias.

*Dom Agnelo diz
ignorar o grupo*

12-7-89
O cardeal Agnelo Rossi, presidente da Administração da Sé Apostólica, disse ontem, em Campinas, nada saber sobre a suposto grupo "Serpentes Negras". "Não sei nada sobre essa organização. Só sei que o nome não me agrada", afirmou.

Dom Agnelo disse que ao desembarcar no aeroporto de Congonhas foi recepcionado pelo juiz-corregedor Haroldo Pinto da Luz Sobrinho, autor da denúncia sobre a existência da organização, explicando que esse encontro se deu pela antiga amizade entre ambos.

Segundo o cardeal, o juiz foi seu aluno da Universidade Urbaniana, em Roma, durante dois anos, onde fez curso de especialização em Filosofia. Por essa razão, dom Agnelo declarou não ver como relacionar sua vinda ao Brasil com as "Serpentes Negras", movimento que diz ter conhecido apenas pelas informações que recebeu "genericamente" do juiz, ainda no aeroporto.

Indagado se o juiz estaria procurando utilizar o prestígio que tem junto ao cardeal para reforçar a denúncia, dom Agnelo respondeu: "Essa é uma intenção que não me cabe julgar."

Três Lagoas, MT:

24-8-84 897

Bispo denuncia processo

Aos fiéis cristãos da cidade de Três Lagoas, a paz!

"Ao se apresentar ao mundo, Jesus foi reconhecido pelo velho Simeão como "sinal de contradição".

(Lc. 2, 34)

De algum tempo para cá, a atuação da Igreja em nossa cidade vem sendo alvo de ataques por parte de setores da política, da imprensa e por parte de alguns cristãos católicos. Ao centro destes ataques estão sobretudo os agentes de pastoral da terra e pastoral social.

Queremos deixar claro aos nossos fiéis que a atuação das duas equipes de pastoral está perfeitamente na linha da Igreja oficial, traçada desde o Concílio Vaticano II, passando pelos Documentos dos Bispos em Medellín e Puebla.

Nesta linha, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, incluiu no objetivo geral da ação da Igreja a opção preferencial pelos pobres, a libertação integral do homem, a construção de uma sociedade

mais justa e fraterna. A Assembleia de nossa Diocese, no ano passado, reafirmou estes objetivos no Terceiro Plano de Pastoral, e fez da Pastoral Social e da Terra uma das prioridades.

A atuação das equipes tem se voltado especialmente aos desabrigados da barranca do rio Paraná, aos Sem Terra, às empregadas domésticas e lavadeiras, às populações carentes da periferia da cidade, com atividades no campo da saúde e da educação popular. O povo organizado, está reivindicando terra para morar e trabalhar, melhores condições de emprego, melhorias nas condições dos bairros.

Agentes de Pastoral têm acompanhado o povo em suas reivindicações legítimas. Em particular, no dia 10 de abril, cinco agentes de pastoral foram à Câmara Municipal, junto com cerca de 80 representantes de bairros, reivindicando iluminação pública. Por causa disto, foi aberto contra eles um processo por parte da Câmara.

Depois desta data os mesmos

agentes foram recebidos, junto com o povo, na mesma Câmara, no dia 8 de maio, e pelo governador do Estado, no dia 15 de junho. Mesmo assim, o processo continua correndo. Dia 20 de agosto, os cinco agentes de pastoral serão interrogados no Fórum de nossa cidade.

Nesta ocasião, lembramo-nos da palavra do Senhor: "Felizes os que são perseguidos por causa da justiça" (Mateus 5,10). Pedimos a todos os fiéis cristãos que orem pelos que estão sendo injustamente processados, e manifestem a sua solidariedade aos mesmos e ao trabalho social da Igreja, da forma mais oportuna.

Terminamos aqui, lembrando uma passagem do Evangelho proclamado, hoje, festa de Nossa Senhora da Assunção:

"Ele derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes". (Lc. 1,52).

Três Lagoas, 19 de agosto de 1984.

D. Izidero Kosinski, bispo diocesano.

Carta dos Bispos do Ceará

24-8-84 ehp

A Paz de Jesus Cristo esteja com todos vocês da comunidade!

No Seminário sobre "Reforma Agrária", Exigência do Reino de Deus", realizado de 10 a 15 de junho de 1984, em Canindé-Ceará, decidiu-se, por unanimidade, sugerir às comunidades que fizessem um levantamento de todos os seus mortos, vítimas da fome e da sede, durante a grande seca de 1979 a 1984.

Qual o objetivo desse levantamento?

Em primeiro lugar, reverenciar os irmãos tombados na grande calamidade, em consequência de uma situação desumana e injusta, da realidade fundiária concentradora de terras e do abandono e descaso das autoridades governamentais.

Em segundo lugar, é importante que a comunidade não esqueça os seus irmãos falecidos. Seus nomes são lembrança dos dias de sofrimento. Seus nomes são força e inspiração para a caminhada. Seus nomes são esperança de vitória na ressurreição de Cristo.

Em terceiro lugar, não podemos esquecer que cremos na comunhão dos santos. Rezamos essa verdade da fé no Creio em Deus Pai. Os mortos, especialmente por causa da injustiça do

tempo da grande seca, são os assuntos da comunidade. Santos que a comunidade conheceu, com quem conviveu e enfrentou o sofrimento da fome da sede e do abandono. Agora, eles, junto de Deus Pai, intercedem por nós. Quantas crianças, pais de família, pessoas idosas e adultos não faleceram nestes últimos cinco anos!

Em quarto lugar, a lembrança dos mortos, mais uma vez, nos traz a pergunta: por que tantas pessoas morrem? O que a comunidade, a Igreja e a sociedade fizeram para que isso não acontecesse?

Em quinto lugar, esse levantamento ajudará os cristãos e a Igreja a avaliarem as práticas, os compromissos com a promoção e a defesa da vida. Jesus veio ao mundo para que todos tivessem vida e vida em abundância.

Em sexto lugar, queremos deixar claro que, em nenhum momento, se pensou em um Tribunal Popular de Julgamento dos que possam ser considerados culpados pelo genocídio (mortalmente programada), embora, segundo as leis que regem o nosso País, esteja contemplada a possibilidade de um processo para tal crime.

Ao terminarmos essa carta, sugerimos, mais uma vez, que as comunidades façam o levantamento dos seus mortos. As

coordenações de pastoral das Dioceses e os vigários possuem fichas para distribuir às comunidades. Essas fichas são para ajudar no levantamento. Uma cópia deverá ficar na comunidade e outra deverá ser enviada para o Secretariado da CNBB — Rua Felino Barroso, 405 — Caixa Postal, 715 — 60 000 — Fortaleza — Ceará.

Finalmente, lembramos que esse levantamento deverá estar pronto até o Natal desse ano.

Através dessa carta aberta enviamos um abraço a todas as comunidades. Mais uma vez, queremos apoiar os trabalhos de todos vocês. Rezamos com vocês e por vocês, diariamente.

Fraternalmente, em Fortaleza, aos 6 de agosto de 1984.

D. Aloísio Cardeal Lorscheider — Arcebispo de Fortaleza; D. Joaquim Rufino do Rego — Bispo de Quixadá; D. Walfrido Teixeira Vieira — Bispo de Sobral; O. Frei Timóteo N. Cordeiro — Bispo de Tianguá; D. Antonio Batista Fragoso — Bispo de Cratêus; D. José Mauro Ramalho — Bispo de Iguatu; Pe. Felipe Carsi, SJ — Administrador Diocesano de Itapipoca; D. Pompeu Bezerra Bessa — Bispo de Limoeiro do Norte; D. Manuel Edmilson da Cruz — Bispo-auxiliar de Fortaleza; D. Geraldo Nascimento — Bispo Auxiliar de Fortaleza.

25/19/84 M

**Bispo D José
de Petrópolis
é benemérito**

O Bispo de Petrópolis e Grão-Chanceler da Universidade Católica local, Dom José Fernandes Veloso, recebeu ontem o título de Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro, através de um projeto do Deputado Nelson Sabra (PDS). Paulista de São Manoel, 68 anos, Dom José Fernandes Veloso chegou a Petrópolis em 1953 para assumir a Reitoria do Seminário Diocesano N. S. do Amor Divino.

Em 1966, foi nomeado Bispo-Auxiliar e Reitor da PUC de Petrópolis, cargo que exerceu até 1982. De 69 a 73, presidiu a Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas. Em 82, tomou posse como Bispo-Coadjuutor.

16/08/84 TSP

Divulgado texto do teólogo que foi punido

A Revista Eclesiástica Brasileira publica em sua última edição o estudo "Como se faz Teologia Moral no Brasil hoje", que provocou, em março deste ano, o afastamento de seu autor, o teólogo franciscano Antônio Moser, da cátedra de Teologia Moral, da PUC do Rio, por iniciativa do cardeal Eugênio Salles. Com Moser, foi afastado, por seu trabalho na Teologia da Libertação, o frei Clodovis, irmão de Leonardo Boff. O estudo critica o tradicionalismo da Igreja no tratamento das questões morais.

O estudo do frei Moser foi preparado em novembro de 1982, a pedido do presidente da Comissão Episcopal de Doutrina (CED), e também franciscano, d. Aloisio Lorscheider. Analisado pela Comissão e por 14 teólogos por ela convidados, o texto foi submetido aos bispos reunidos na Assembléia-Geral da CNBB, em Itaiaci, no ano passado. Diante das críticas dos setores conservadores no episcopado, o documento voltou à Comissão de Doutrina para ser reexaminado por 28 bispos e teólogos. Eles concluíram pela ortodoxia do texto, mas o cardeal Sales resolveu punir Moser, afastando-o da PUC/Rio onde ensinava Teologia Moral desde 1975.

Ética colonial

Ao falar sobre a "moral dos manuais" que predominou no Brasil até o Concílio Vaticano 2º, o frei Moser diz, no início do estudo, que a ética católica estava "afinada com o projeto colonial", que justificava "não só a situação sócio-econômica, como a própria violência institucionalizada contra os índios e os negros. Embora não tenham faltado vozes dissonantes e mesmo de resistência, foi só em fins do século 18, sob o influxo de idéias liberais, que uma parte significativa do clero começou a colocar em questão o sistema colonial e os pressupostos morais que lhe serviam de suporte ideológico".

Durante todo esse período, diz o estudo, os manuais neo-escolásticos trazidos da Europa, em latim, serviam de guia para a orientação moral dos católicos. A moral que transmitiam era, segundo Moser, "uma moral segura, alimentada por um pessimismo refinado, mas profundo, que tem no legalismo o seu principal recurso de persuasão e no privatismo intimista o motor da sua ineficácia social".

Moser defende uma "moral libertadora, a partir da periferia do mundo, dos marginalizados e de uma dimensão conflitiva da realidade social".

O caráter punitivo das demissões dos dois teólogos foi confirmado ontem por D. Carl Josef Romer, integrante da Comissão da CNBB e bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro. No momento, substitui, à frente da diocese, D. Eugênio Salles, que está em Roma. D. Carl Josef Romer afirmou que frei Antônio Moser "não foi afastado exclusivamente por causa deste texto mas o texto contribuiu". Este foi um dos motivos, não o único, mas forte o suficiente para acelerar uma decisão que já vinha sendo amadurecida há algum tempo pela Cúria Metropolitana, segundo o bispo-auxiliar.

Dom Vicente

O cardeal Vicente Scherer reconhece a corrupção, os abusos de poder, a infidelidade administrativa e as injustiças sociais, mas rejeita a Teologia da Libertação, doutrina religiosa que condena estes mesmos crimes contra a sociedade, argumentando que ela esvazia "o cristianismo de seu conteúdo essencial de orientação da vida humana para o seu destino transcendente de imortalidade". Com esta conclusão, seu pronunciamento de ontem, na "Voz do Pastor", frisou que "não se justifica a orientação que deixa de ser essencialmente pastoral para ocupar-se de preferência ou até exclusivamente com a elevação social e econômica dos meios populares."

Para ele, "a ocorrência generalizada de abusos do poder, de infidelidade administrativas, de egoísmos exarcebados, de injustiças clamorosas, de indiferença impassível face aos sofrimentos alheios manifestam um materialismo de vida que tem sua causa última nas consciências que se esvaziaram no senso de compromisso e responsabilidade diante de Deus e dos homens". Assim, os esforços para melhora da situação econômica das camadas menos favorecidas "não compensam a ausência da evangelização, o enriquecimento espiritual e a promoção da vida religiosa destas classes e demais setores da população."

Depois de lembrar que somente uma parte reduzida das crianças batizadas recebe instrução adequada e que poucos conhecimentos religiosos são levados às classes universitárias e instruídas, dom Vicente dá razão "às críticas que nos fazem de que temos culpa e responsabilidade no abandono da fé católica de parte notável do povo em consequência de insistentes atividade proselitistas de inúmeras organizações religiosas nos meios populares". Na sua opinião, a contribuição da Igreja deve basear-se "no cultivo dos altos padrões de espírito público, honradez, caráter, serviço comunitário desinteressado e fraternidade operosa."

Ele afirmou que "quer se trate de eleições diretas ou indiretas, será exigida a margem de opção da população, porque em qualquer hipótese a decisão se fará pelo apoio a um ou outro candidato que os partidos escolhem e apresentam". O cardeal admitiu que "nos últimos tempos a população ficou chocada com a série de desfalques, desonestidades e esbanjamentos, quando a penúria e a fome reinam nas casas e casebres de grandes multidões".

Dom Clóvis Frainer é o novo arcebispo de Manaus

DERMI AZEVEDO

Da nossa equipe de reportagem

O papa João Paulo 2º acaba de nomear o novo arcebispo de Manaus. Trata-se do bispo de Coxim, Mato Grosso, dom Clóvis Frainer, da Ordem dos Capuchinhos. A notícia será publicada nos próximos dias pelo jornal "L'Osservatore Romano", órgão oficial da Santa Sé. A nomeação de d. Clóvis, considerado um conservador moderado, significa a não aceitação, pelo Vaticano, do nome proposto pelo episcopado da Amazônia em recente reunião: o do secretário-geral da CNBB, d. Luciano Mendes de Almeida, bispo auxiliar da região Belém da Arquidiocese de São Paulo.

Dom Helder

Para a nomeação do novo arcebispo, empenharam-se o atual administrador apostólico de Manaus, d. Arcângelo Cerqua, italiano naturalizado brasileiro, e a própria Nunciatura Apostólica, além do ex-núncio no Brasil, o hoje cardeal Sebastião Baggio, ex-prefeito da Congregação dos Bispos.

Por outra parte, o nome mais cotado para suceder a d. Helder Câmara no arcebispado de Olinda e Recife é o do vice-presidente da CNBB, d. Benedito Ulhoa Vieira, ex-auxiliar de São Paulo e atual arcebispo de Uberaba (MG). Ele é considerado um candidato de consenso entre as correntes conservadora e

progressista dentro da Igreja do Brasil.

O novo prelado

Nascido em Veranópolis (RS) em 23 de março de 1931, d. Clóvis Frainer fez Filosofia e Teologia no seu Estado, licenciando-se depois em Teologia Dogmática na Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, em 1959, e em Sagrada Escritura, no Instituto Bíblico, no mesmo ano. É doutor em Teologia pela PUC de Porto Alegre, onde também se tornou livre-docente em Teologia Bíblica, há oito anos.

Antes do episcopado, foi superior provincial de sua congregação em Caxias do Sul e conselheiro geral para a América Latina, dos capuchinhos, em Roma. Está em Coxim desde 1978 e preside o Regional Extremo-Oeste, da CNBB.

Análise positiva

Embora considerado um conservador moderado, d. Clóvis é visto, por fontes próximas à CNBB, como um bispo que poderá surpreender os que o nomearam, em detrimento de d. Luciano Mendes de Almeida. O contato com o povo matogrossense estaria mudando as posições do novo arcebispo de Manaus, que recentemente fez uma análise positiva sobre as reflexões da Teologia da Libertação, ao visitar Piracicaba, cuja diocese tem convênio pastoral com Coxim, no programa "Igrejas Ir-

27/11/84

D. Padim não vê clima para retrocesso político

Reportagem Local

"Qualquer retrocesso institucional hoje, no Brasil, traria reações imprevisíveis" disse ontem à Folha o bispo de Bauru, d. Cândido Padim, acrescentando que não acredita em "clima para isto porque o povo já está consciente dos direitos de uma participação política própria". Ele considerou "muito oportuna e objetiva" a nota da CNBB, "Apelo Cívico", em defesa da legalidade e de repúdio a qualquer tentativa de sua ruptura.

"O principal tema da nota — disse d. Padim — é o predomínio da ética sobre a política. Não se pode justificar nenhuma ação política que não esteja orientada para os valores éticos da vida humana. Os fatos que estão acontecendo comprovam a inconveniência do processo de eleição indireta porque possibilita manipulações ilegítimas".

Paz

Por sua vez, o bispo da região Ipiranga, São Paulo, d. Antônio Celso Queiroz, afirmou que a nota "é explícita e concreta", enfatizando que "os bispos que estão em contato com o povo estão percebendo o escândalo pelo País inteiro, a corrupção tremenda que está corroendo a Nação, perguntando-se em que acreditar mais dentro da atual sociedade brasileira".

"Estamos plenamente convencidos — afirmou — de que o povo não quer fazer baderna ou subversão. O povo quer uma política justa, quer a paz e um retrocesso digno de escolha do

Presidente. A população quer ela mesma escolher o Presidente, mas já que isto é negado que pelo menos se faça algo digno. Certos processos de lançar suspeitas sobre todo mundo são por demais conhecidos. Não adianta criar fantasmas e tentar impingi-los aos outros. Só acredita em fantasmas quem é responsável por sua criação".

Já o bispo de Marabá, Pará, d. Alano Pena, afirmou que "na perspectiva da realidade do Sudeste paraense, onde as agressões do sistema se fazem sentir mais brutais sobre o povo, a nota da CNBB é mais do que oportuna". Destacou que "a maior cobrança da Igreja dirige-se ao governo e ao Colégio Eleitoral que são diretamente interpelados, já que o povo tem uma capacidade extraordinária de se manter unido sem apelar para a violência".

Advertência

Em Belo Horizonte, a nota da CNBB foi considerada por frei Beto uma "nota de advertência profética, denunciando essas tentativas que se passam nos bastidores da política nacional".

O teólogo, que participou ontem à noite do seminário "Brasil: Crise e Alternativas dos Trabalhadores", promovido pelo PT, abordou em sua palestra — "Igreja, Política e Poder" — a situação da igreja no Brasil de hoje. Analisou a evolução da Igreja nos últimos vinte anos, desde o "apoio da CNBB ao golpe de 64 à nota que lançou denunciando as tentativas de um golpe em 84".

Bispos elogiam proposta de pacto

DERMI AZEVEDO
Enviado especial a Itaipu

O cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, e o secretário-geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, elogiaram ontem em Itaipu (município de Indaiatuba-SP), onde participam da assembleia das igrejas do Estado de São Paulo, a proposta de pacto social feita anteontem em Brasília pelo candidato da Aliança Democrática à Presidência, Tancredo Neves. Enfatizaram, porém, que a proposta deve ser amplamente debatida, principalmente pelos trabalhadores, e que, para ter êxito, pressupõe uma ampla participação popular no próximo governo.

Para dom Paulo, o discurso de Tancredo foi "analítico e programático, bastante realista e, ao mesmo tempo, otimista". Destacou que "o povo precisava de uma palavra como esta neste momento", mas observou que "o pacto não pode ser imposto mas proposto, negociado, garantindo que a maioria da população não seja prejudicada, sobretudo os mais fracos". Defendeu uma ação conjunta entre os três poderes, a nível municipal, estadual e federal, e a convocação da Constituinte "com ampla

participação popular". E observou que o discurso de Tancredo não se referiu à infância, aos idosos e aos aposentados.

Para o cardeal, as causas da inflação — um dos problemas citados por Tancredo — encontram-se "na especulação e na exploração".

"O discurso, apesar de algumas lacunas — afirmou dom Paulo — foi oportuno e necessário, mas só teremos um pacto social verdadeiro se os trabalhadores não forem os maiores sacrificados".

Dom Luciano

Já o secretário geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, destacou que "o pacto social, embora válido como proposta, só será adequado às justas expectativas populares na medida em que criar canais de diálogo que assegurem a participação dos vários segmentos da sociedade. A participação popular progressiva é o maior valor do regime democrático". Acrescentou que muitas das propostas de Tancredo "coincidem com aquelas que a Igreja vem defendendo, nos últimos anos, com base sobretudo na doutrina social explicitada na carta de João Paulo 2º sobre o trabalho humano".

O secretário da CNBB elogiou os princípios fundamentais da proposta de Tancredo, tais como "a insistência no regime democrático de plenas liberdades, na necessidade de o País possuir uma ordem jurídica e institucional justa, humana e digna, através da Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana". Enfatizou que a Constituinte será "o instrumento definitivo da soberania e da vontade política da Nação".

Destacou também a prioridade atribuída à saúde e à educação, observando "ser indispensável que a consciência nacional entenda que a maior dívida do Brasil é a dívida social para com os 30 milhões de brasileiros marginalizados da sociedade, que devem ter acesso a condições dignas de vida".

Elogiou também as promessas de efetivação do Estatuto da Terra e de maior apoio aos trabalhadores rurais, enfatizando "a oportunidade das propostas de princípios anunciados e o empenho em insistir na consciência social do País, uma vez que, no largo período precedente, avanços econômicos e projetos arrojados foram feitos sem a devida contrapartida social".

Fotos Banco de Dados



D. Paulo: "O povo precisava de uma palavra como esta"



D. Luciano vê coincidência com propostas da Igreja



No seu primeiro encontro com a cúpula da CNBB, d. Carlos Furno concelebrou missa.

Novo núncio apostólico prega união da Igreja

BRASILIA — No primeiro encontro mantido entre o novo núncio apostólico, dom Carlo Furno, e a cúpula da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, foram definidas as futuras relações entre as duas entidades. De um lado, dom Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, oferecendo ao núncio a colaboração do episcopado brasileiro, mas "sem conselhos"; de outro, dom Carlo Furno, afirmando que sua missão é mais eclesial e pregando a "unidade da Igreja".

Antes de iniciar a missa, a qual dom Carlo foi convidado a concelebrar, dom Ivo Lorscheiter disse ao núncio: "Estamos aqui prontos a colaborar, mas não para dar conselhos, mesmo porque não se dá conselhos a quem não pede". Imediatamente depois, dom Ivo convidou o novo representante do Vaticano a participar de todos os encontros realizados pela CNBB, desde a assembléia geral, que se realiza anualmente em Itaici, até os encontros mensais do Conselho Episcopal de Pastoral (CEP), pedindo ainda a dom Carlo que transmitisse ao Papa a "unidade e obediência da Igreja do Brasil".

Dom Carlo fez um discurso que agradeceu aos bispos e assessores da CNBB. "Não foi um discurso pronto", afirmou um dos assessores. Sua palavra, dirigida aos 25 bispos presentes à missa foi de unidade: "Eu estarei sempre com vocês e, todas as vezes que houver oportunidade, estarei ao lado de vocês. Nesta minha missão dou mais importância à tarefa eclesial, porque a tarefa do núncio é sempre uma tarefa eclesial."

Logo depois dom Carlo respondeu às observações feitas por dom Ivo a res-

peito dos conselhos: "A tarefa do núncio é eclesial: como disse dom Ivo, não se dá conselhos a quem não pede, mas vou pedir conselhos. Estou aqui para a união, porque se não estivermos unidos, esta não será a verdadeira Igreja. Nós devemos ter um só coração. A desunião entre os bispos é como uma ferida".

Dom Carlo fez todo seu discurso, bem como a celebração da missa, em espanhol, após ter consultado os padres e bispos se preferiam italiano ou espanhol. E revelou que ao receber a missão de servir o Vaticano no Brasil sentiu um certo temor por ser o episcopado brasileiro o mais numeroso do mundo.

IMPORTANTE

Depois da missa, alguns bispos comentaram as palavras de dom Carlo Furno, afirmando que a decisão do núncio em cumprir uma "missão eclesial, em vez de missão política, é uma decisão muito importante para nós todos".

Por sua vez, dom Carlo não quis conversar com a imprensa, dizendo que já deu muitas entrevistas. Ele não quis também comentar suas referências à missão eclesial, dizendo apenas que "tudo o que eu disse aqui os bispos já sabem".

Ao ser perguntado se pretende fazer uma visita aos missionários Aristides Camio e Francisco Gouriou, presos na Polícia Federal em Brasília, ele respondeu que ainda não pensou no assunto. Dom Carlo, depois da celebração da missa, foi levado por dom Ivo para conhecer as dependências da CNBB, onde almoçou com os integrantes do Conselho Permanente, que estão reunidos desde ontem.

Nossos Bispos e o Rock In Rio

Nossos visuais e áudios começam a ser invadidos pelos apelos do Rock in Rio. A moçada é convocada a embarcar na onda do gigantesco festival. Centenas de milhares de jovens - calcula-se - rezezar-se-ão durante 10 dias ao redor do grande palco, onde vão desfilar os astros do rock internacional. Manipulando as melhores técnicas de propaganda, cria-se o clima de excitação coletiva, como se nossos sistemas de valores estivessem também a pique de balançar. Neste esquema, também as personalidades religiosas, evidentemente, são provocadas a falar; de preferência vituperando a promoção, e, linguagem preocupada com a ruína da civilização cristã.

Os jornais procuraram nossos bispos do Estado do Rio, após sua reunião de Regional, na última quarta-feira. Dom Mauro Morelli, bispo de Caxias, acha o seguinte: "Nós todos concordamos que o festival de rock traz em si duas questões que o desaconselham. Sob o ponto de vista social, ele é alienante, na medida em que desvia a juventude e sua força dos graves problemas que afetam o País, neste momento. O outro aspecto é cultural. Que contribuição traz para a cultura brasileira uma manifestação como esta, toda importada, e que não valoriza nossa própria cultura? É pena que joguemos tantos esforços para uma realização desta".

Já a assessoria de imprensa do Palácio São Joaquim divulga nota, na qual o cardeal Dom Eugênio Salles afirma falar em nome de todos os bispos do Estado do Rio. Diz a nota: "O Festival se realiza em um período de recessão econômica: milhões estão sendo gastos. Uma música alienante e provocatória; as conseqüências de ordem moral e social devem preocupar pais e mestres. O avanço das drogas, a insuficiência de serviços básicos na cidade e uma imensa multidão respirando uma atmosfera irreal devem interrogar as autoridades. Recordemos os efeitos de festivais semelhantes realizados em outros países". A nota conclui: "A alegria é um fator positivo. A falsa alegria corrompe".

O esquema do festival conseguiu passar a impressão do fenômeno generalizado, o que é ótimo para a bilheteria. De fato, será um acontecimento limitado, circunscrito na periferia da cidade do Rio. Todos os meios vão fazer a maior badalação, marketing é isso mesmo, mas também não vamos exagerar, na avaliação de uma festa de jovens. Em festivais semelhantes, realizados em outros países, pelo que se sabe, ao lado de comportamentos conseqüentes com a natureza humana, pecadora, can-



RELIGIÃO E LIBERTAÇÃO

FREI LUIZ THOMAZ

tou-se muito, dançou-se muito, falou-se muito de paz e amor.

É mais ou menos a mesma coisa que vai acontecer, no Rock in Rio. Nossos jovens reclamarão do mundo que nós velhos lhes passamos, protestarão contra as guerras, tentarão atropelar as discriminações entre as pessoas, proclamarão o mundo novo de seus sonhos adolescentes, extravasarão seu lirismo ainda não corrompido pela escala de valores dos adultos. Pena não é o festival, pena é que tanto o idealismo seja assumido apenas pela emoção e não tenha força para resistir aos embates do dia seguinte, com as hostes do nosso mundo bem comportado e eficiente.

Defendamos, para a Igreja, a função de consciência moral da sociedade. Nossos bispos exercem direito e dever, alertando dos eventuais perigos que ameacem o rebanho. Acharmos até que o apostolado profético da denúncia pública podia ser exercido com a mesma veemência em muitas outras oportunidades. Os escritos bíblicos mostram, na transcrição de emocionados embates, que historicamente o grande inimigo do crescimento humano é o exercício do poder. Isso nas duas pontas: na de lá e na de cá. A tendência do poder é mesmo apoderar-se de tudo, inclusive da religião, a fim de impedir o trambolho chamado liberdade.

A Igreja exerce a função de consciência moral da sociedade, quando começa sendo consciência moral de si mesma, de sua vida interna, de suas relações interpessoais, de seu exercício do poder. A função de consciência moral não se esgota no patulhamento da alegria juvenil e de suas eventuais irresponsabilidades. Há mais gente morrendo de fome no Brasil de hoje, há mais crianças morrendo antes do primeiro ano de idade, há mais desempregados, há mais pais desesperados do que o número de jovens que vão entrar na cortina do Rock in Rio. Tem muita caça grande passeando por aí e usamos chumbo grosso para matar passarinhos.

Frei Luiz Thomaz, franciscano, é membro da Comissão de Justiça e Paz da Diocese de Nova Iguaçu

Mensagens de apoio a Romaria



Dom Celso Pereira, bispo de Porto Nacional, não pode ir à Romaria, mas mandou uma mensagem de apoio dizendo que "essa é uma semente que há de germinar".

Os organizadores da 1a. Romaria da Terra receberam inúmeras cartas de apoio à iniciativa, vindas de todos os cantos do país e até do estrangeiro. A comunidade da Prelazia de São Félix do Araguaia por exemplo, mandou uma carta de muito estímulo aos lavradores de Goiás. Dizem os companheiros de lá: "Temos que juntar todas as forças do povo fraco, para conseguirmos uma verdadeira Reforma Agrária. "... A lei do comodato não beneficia ao trabalhador, mas só presta serviços gratuitos aos fazendeiros".

Também a Diocese de Porto Nacional, através do seu bispo, Dom Celso Pereira, confraternizou-se com os participantes da Romaria e expressou sua fé na luta dos trabalhadores pela Reforma Agrária. A certa altura da carta, diz Dom Celso: A 1a. Romaria da Terra "é sem dúvida uma semente que haverá de germinar

e crescer, porque Deus está do lado do pequeno". Também vieram cartas de Itumbiara Minaçu e muitos outros lugares, inclusive um telegrama do Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, com "votos de êxito na Romaria programada".

Outra carta de muito estímulo, foi a dos padres e seminaristas Oblatos, de todo o Brasil, que estiveram reunidos, em Goiânia, no mês de junho. Diz a mensagem: "Acreditamos que o gravíssimo problema da terra em nosso país só será solucionado a partir de uma Reforma Agrária radical, organizada e dirigida pelos trabalhadores". Também foi recebida com muita alegria uma carta dos companheiros da Comunidade de Santo Angelo de Milão, na Itália. Eles se solidarizaram "com a luta dos trabalhadores pelo reconhecimento de seu direito à terra".

Bispos ainda sem solução para a crise da Unimep

23/11/85 FSP
Reportagem Local

Os bispos da Igreja Metodista do Brasil continuam reunidos em São Paulo, desde domingo, tentando uma solução conciliatória para a crise da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), ocupada desde o dia 12 passado por alunos, professores e funcionários que protestam contra a demissão, pelo Conselho Diretor da instituição, do reitor Elias Boaventura, 47 e do vice-reitor Almir Maia, 38. Com seis votos a favor e um contra — do metodista norte-americano Warren Wofford que, no entanto, apoiou a destituição de Boaventura — o Conselho elegeu o agrônomo Hélio Manfrinato, 62, para a Reitoria.

O reitor nomeado entrou com ação de reintegração de posse, dia 17, através do advogado Viana de Moraes, deferida pelo juiz da primeira vara de Justiça Federal, Luís Rondon Teixeira de Magalhães, que fixou para o dia 18 o seu cumprimento, adiando-o para anteontem e, finalmente, concedendo novo prazo até segunda-feira.

No intervalo de uma reunião de emergência ontem em São Paulo, o presidente do Colégio Episcopal metodista, bispo Nelson Campos Filho, 44, disse que esse colegiado "considera fundamental a retirada da ação judicial de reintegração de posse da Unimep" e que estão sendo feitos "todos os esforços para uma solução pacífica, através da negociação".

Liminar será cumprida

O juiz federal da primeira vara de São Paulo, Luís Rondon Teixeira de Magalhães, 68, afirmou que o prazo de sete dias que concedeu anteontem

para negociação entre as partes "é definitivo". Confirmou que, na semana passada, entrou em contato com os órgãos de segurança para que garantissem o cumprimento da liminar de reintegração de posse. Perguntado se, de fato, mandará ocupar a Unimep se não houver acordo esta semana, observou que "isto já está claro no despacho de adiamento".

Em São Paulo, os bispos metodistas receberam ontem o vice-presidente da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes), Carlos Martins, que pediu o apoio episcopal para revogar a demissão de Boaventura. Em Piracicaba, o Conselho Universitário da Unimep, reunido extraordinariamente, pediu a mediação do Conselho dos Reitores das Universidades Brasileiras (Crub), que se encontra reunido em Porto Alegre.

O reitor e vice afastados receberam anteontem a visita da presidenta da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, Margarida Genevois. O comando de greve organiza-se para uma resistência duradoura, instalando uma creche para os filhos dos alunos, professores e funcionários, melhorando as condições de alimentação e pernoite e começando uma experiência de "universidade livre", com cursos de extensão e atos culturais.

Com o adiamento dos vestibulares previstos para o próximo dia 28, a Unimep já perdeu 30% de sua receita prevista para fevereiro. Pela primeira vez em oito anos acumulam-se títulos protestados contra a universidade nos cartórios de Piracicaba.

DP 24/01/85

Dom Cardoso visita DIARIO e defende diálogo fraterno

"Governaremos a Arquidiocese de Olinda e Recife com o espírito aberto a um fraterno e amplo diálogo", disse Dom José Cardoso Sobrinho, durante visita de cortesia, ontem à tarde, ao DIARIO DE PERNAMBUCO, quando conversou sobre diversos assuntos ligados às suas novas atribuições eclesiais, recordando várias etapas de sua vida religiosa, desde seu ingresso no seminário até a sua investidura na chefia da Igreja recifense.

O novo arcebispo metropolitano de Olinda e Recife chegou ao DIARIO em companhia do padre José Edvaldo Gomes, pároco da Matriz de Casa Forte. Vestia um clergyman de cor marrom escuro. Dom José Cardoso Sobrinho, que vem realizando visitas a autoridades e instituições pernambucanas, foi recebido no DP pelos srs. Nereu Bastos, supervisor-regional do DIARIO; Antonio Camelo, diretor-executivo; Fernando Trigueiro, diretor-regional;

Gladstone Belo, superintendente; Zenaide Barbosa Pil, editora-geral; e Stélio Rodrigues, assessor jurídico.

Antes dos cumprimentos de despedida, Dom José Cardoso Sobrinho foi conduzido ao local onde são guardadas as nossas coleções e manuseou vários exemplares, detendo-se num volume que reúne os números do ano de 1827. Considerou o DIARIO uma das fontes da própria história brasileira e agradeceu a cobertura jornalística dada pelo DP à sua investidura no cargo de arcebispo metropolitano de Olinda e Recife, destacando os primeiros contatos que nossos repórteres tiveram com a sua pessoa, após ser designado para esta Arquidiocese.

Os diretores do DIARIO apresentaram Dom José Cardoso Sobrinho com exemplares do primeiro número do DP, que circulou a 7 de novembro de 1825. O arcebispo recifense recebeu ainda o livro "Diário de Pernambuco: história e jornal de quinze décadas,

de autoria de Arnaldo Jambo; e um exemplar do trabalho **Diário de Pernambuco e a História Social do Nordeste**, do professor José Antonio Gonçalves de Melo. Essas duas obras foram lançadas em 1975, no transcurso das celebrações do sesquicentenário deste jornal, o mais antigo da América Latina.

Dom José Cardoso Sobrinho é pernambucano de Caruaru. Realizou seus estudos de pós-graduação em Roma, onde se doutorou em Direito Canônico e Direito Civil. Da Ordem dos Carmelitas, o novo arcebispo de Olinda e Recife, entre outras funções que desempenhou em Roma, foi procurador-geral de sua congregação. Ele foi sagrado bispo pelo Papa João Paulo II e designado para a Diocese de Paracatu, em Minas Gerais, de onde veio para o Recife. A cidade de Paracatu já foi termo religioso da antiga Diocese de Olinda, nos primeiros tempos do Bispado de Pernambuco.



Dom José Cardoso Sobrinho em palestra com diretores do DIARIO, durante sua visita

D. Mauro quer pressão sobre Tancredo por texto democrático

24/11/85 FSP
Reportagem Local

Banco de Dados

"Todos os setores da sociedade que lutam por uma Constituinte livre, democrática e soberana devem, desde agora, pressionar o presidente eleito Tancredo Neves e o atual Congresso para que assumam a obrigação moral de remover, a curto prazo, os instrumentos de arbítrio ainda vigentes no País", disse ontem o bispo de Duque de Caxias (RJ), d. Mauro Morelli, 49, um dos signatários do Manifesto pró-Constituinte, com a Ordem dos Advogados do Brasil e o Centro Brasil Democrático. Acrescentou que "todas as opções políticas implicam riscos e somente uma atitude de vigilância democrática e de luta contra a corrupção poderá impedir o elitismo da próxima Constituinte".

D. Mauro enfatizou "o espírito de autoconvocação da Constituinte" que ganha terreno na sociedade civil e observou que o movimento pró-Constituinte "não pretende definir-se 'a priori' por datas ou modelos de convocação e realização dessa assembléia". Em sua opinião, a própria sociedade organizada deverá definir esses pontos e até "o próprio regime a ser adotado no Brasil, se o presidencialismo ou o parlamentarismo".

O ato de Caxias

Informando estar em contato permanente com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sobre a Constituinte (o grupo de trabalho da CNBB estará funcionando antes da próxima assembléia geral, em abril), d. Mauro disse que está sendo preparada, para lançamento em 16 de março próximo, uma cartilha popular sobre o significado de uma nova Constitui-



D. Mauro: "remover o arbítrio"

ção. Nesta mesma data, serão simbolicamente inauguradas, a começar por Duque de Caxias, as assembléias constituintes municipais.

Os comitês pró-Constituinte do Rio de Janeiro e de São Paulo intensificarão os contatos nas demais capitais para que sejam organizados comitês em todos os Estados brasileiros. E serão também organizados espaços, nas igrejas, partidos e sindicatos, para que o povo faça sugestões sobre a Constituinte.

Quanto ao ato público de sábado, dia 26, às 16 horas, na praça do Pacificador, d. Mauro informou que já está definido o programa: o presidente da Famerj (Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro), Jó Resende, fará o discurso de abertura. Em seguida, será cantado o Hino Nacional e falará o prefeito pedessista de Duque de Caxias, Hydekel de Freitas. Os discursos seguintes serão de um posseiro, uma mulher, uma criança favelada, um desempregado, um negro e um deficiente físico.

Bispo propõe Assembléia Municipal

28-1-85
Do Sucursal do Rio

"No dia 16 de março vamos instalar a Assembléia Constituinte Municipal, sem pedir licença a ninguém, e vamos lutar para que, progressivamente, isso se estenda a todos os municípios brasileiros", declarou o bispo de Duque de Caxias, d. Mauro Morelli, ao encerrar a manifestação pela Constituinte. Ele convidou, "como cidadão, e não como bispo", o presidente eleito Tancredo Neves a visitar a Baixada Fluminense, local "nunca visitado por presidentes".

D. Mauro explicou que o primeiro ato público para pedir a convocação de uma Assembléia Constituinte foi

realizado em Duque de Caxias porque este município "é um amplo retrato do Brasil, com um povo escorraçado da Paraíba, do Espírito Santo, de Minas Gerais, de todos os lugares, para servir de mão-de-obra barata para as indústrias".

E acrescentou: "Aqui na Baixada temos o povo mais cassado deste País. Dizem que somos perigosos, que somos uma ameaça para o Brasil, mas perigosos são os que criaram esta situação para o povo". D. Mauro Morelli propôs uma nova ordem para o País, porque "em nome da velha ordem, muita gente foi presa e torturada, o povo ficou marginalizado e existem 30 milhões de crianças abandonadas".

Seriedade na gestão pública 2/12/85

Belo Horizonte FSP

A advertência é de dom José Geraldo Majela, arcebispo de Diamantina, cidade encravada no vale de Jequitinhonha, onde se localiza o reduto maior da miséria, em Minas. Para ele, o açodamento com que os políticos vêm se atirando em busca de cargos, no próximo governo, coloca em risco a democracia efetiva que se pretende para o Brasil. No seu entender, uma Nação precisa ser digna do regime democrático e a primeira atitude para que exista essa dignidade é o patriotismo, fator determinante para haver seriedade na gestão da coisa pública. Trocando em miúdos, isso significa precisar haver desapego em relação aos postos governamentais, pois os políticos e os técnicos devem se preocupar em servir ao País e não em servir-se dele.

A preocupação do arcebispo de Diamantina é procedente e alça dimensão maior à medida em que vão sendo revelados os diversos "lobbies" atuando a favor dessa ou daquela indicação, para este ou aquele cargo. As listas dos ministeriáveis publicadas pelos jornais não vêm apresentando grandes divergências de nomes. Mesmo porque alguns jornais têm tido o cuidado de colocar o nome do pretendente seguido dos vários ministérios que ele poderá vir a ocupar. O que já começa a ficar visível, desde agora, é a luta pela ocupação de postos nos demais escalões da área federal. Isso sem contar a briga de foice no escuro já detectada em alguns Estados, onde frentistas e peemedebistas se digladiam na ânsia

de indicar os ocupantes dos cargos dos órgãos ligados ao governo da República Federativa existente nas diversas unidades.

Em Minas, essa disputa "lobística" não é novidade alguma. O mesmo verificou-se após a confirmação da eleição de Tancredo Neves para o governo estadual e se estendeu por quase noventa dias, até que o eleito, duas semanas antes da posse, reuniu a imprensa e anunciou o seu secretariado, bem como a composição de algumas diretorias ligadas aos primeiro e segundo escalões. Foi nesse período que surgiu aquela historiazinha do afoito candidato a uma secretaria de Estado, que não aguentando mais o tipo de esfinge que Tancredo Neves adota, quando as pressões são muitas, procurou o vitorioso dizendo estar sendo pressionado por suas bases eleitorais desejosas de saberem qual a pasta que ele ocuparia. A resposta que ele ouviu não foi outra: "Diga que foi convidado, mas não aceitou."

Isso parece estar prestes a se repetir com vários dos que tem se aproveitado da amizade com jornalistas para incluir seus nomes em noticiários como sérios candidatos a isso ou lembrados para aquele outro cargo. Nada indica, entretanto, que o Ministério de Tancredo Neves seja anunciado antes do Carnaval.

Otaviano Lage

Para d. Mayer, Papa é fiel às tradições

3-2-85-88
O bispo aposentado d. Antônio de Castro Mayer, 80, que durante mais de três décadas dirigiu a diocese de Campos, rompeu seu silêncio para afirmar, em entrevista por escrito à Folha, que espera que no Sinodo extraordinário convocado pelo Papa para dezembro "serão sanadas as muitas e graves falhas do Vaticano 2º, que o tornam inaceitável por um fiel católico". Ele diz que recebeu "com gratidão e alegria" algumas iniciativas recentes dos padres tradicionalistas.

As perguntas foram ditadas por telefone para o padre Fernando Riffan e respondidas à máquina em papel assinado por d. Castro Mayer. As perguntas

reproduzidas pelo bispo não são exatamente as que o repórter fez, mas guardam, no geral, o seu sentido.

Folha - Como explica a origem dos hoje, já bem caracterizados, 25 padres de Campos, cuja fama está inseparável das punições de que são objeto por parte de d. Carlos Alberto Navarro?

D. Mayer - Um dos atos do Exmo sr. d. Carlos Navarro foi mandar que todos os padres, na diocese, celebrassem segundo o novo rito da Missa, o chamado "Novus ordo", introduzido por Paulo 6º. Muitos padres de Campos manifestaram, respeitosamente, ao sr. Bispo a impossibilidade de seguir o novo 'Ordo' da Missa, uma vez que ele não professa, de modo isento de enganos, os dogmas relativos ao SS. Sacramento do Altar. Foi, pois, uma questão de Fé que aglomerou os padres de Campos, numericamente vinte e cinco.

Folha - Há uma Igreja, fiel às tradições, que se opõe ao Vaticano 2º?

D. Mayer - A Igreja Católica Apostólica Romana, para se manter como tal, precisa ser fiel às tradições católicas, ou seja, aos ensinamentos apostólicos, transmitidos pela Tradição. Uma Igreja que não mantenha essa fidelidade não pode ser chamada, legitimamente, católica. O conflito procede do fato de o Vaticano 2º acolher doutrinas contrárias à Tradição, como p.ex. o direito do fiel seguir a religião de seu agrado, mesmo que não se empenhe por conhecer a verdadeira religião.

Folha - Como o sr. analisa medidas recentes do Papa, estimulando o uso da batina, permitindo o retorno ao antigo rito da Missa de Pio 5º, condenando a Teologia da Libertação? O Papa, assim, retorna à tradição da Igreja?

D. Mayer - Todas as medidas que o sr. menciona estão de acordo com a Tradição da Igreja. Nós as recebemos com gratidão e alegria.

Folha - Como o sr. define os princípios básicos de sua fé e pastoral, em que eles se diferenciam da Igreja atual?

D. Mayer - Os princípios básicos da Fé encontram-se no "Creio em Deus Padre", que todo fiel deve saber e recitar com frequência. Na Igreja

Conciliar — a expressão é de Sua Exa. o sr. Cardeal Benelli — aceitam-se certos princípios que se opõem a determinados artigos do Credo. Por exemplo, segundo a doutrina católica, definida no 4º Concílio de Latrão, fora da Igreja Católica não é possível a salvação; na igreja conciliar, melhor, na igreja do Vaticano 2º, o Espírito Santo se serviria também de outras igrejas, além da católica, para encaminhar as almas à salvação. A Igreja Católica não seria mais o único meio de salvação. Não damos outros exemplos, para não alongar esta entrevista.

Folha - Por que o sr. se afastou do movimento TFP, que recebeu um grande estímulo, quando o sr. era bispo de Campos?

D. Mayer - Como já declarei, afastei-me da TFP e de seu chefe, dr. Plínio Correa de Oliveira, por motivo de consciência.

Folha - O sr. tem mantido contatos recentes com o arcebispo Marcel Lefébvre?

D. Mayer - O último contato que tive foi quando Sua. Exa. passou pelo Brasil rumo a Buenos Aires, aonde o chamavam assuntos do seminário que mantém na capital argentina. Como há entre nós identidade de pensamento, expressa na Carta que juntos enviamos ao Santo Padre há dois anos atrás, nada conversamos, nesta vez, de especial.

Folha - O sr. tem alguma expectativa com relação à convocação do Sinodo dos Bispos?

D. Mayer - Como é dito no noticiário dos jornais, o Sinodo é convocado para empenhar-se no sentido de tornar vivo e atuante na Igreja o Concílio Vaticano 2º. É sempre lícito esperar que, nesta oportunidade, serão sanadas as muitas e graves falhas do Vaticano 2º, que o tornam inaceitável por um fiel católico.

Folha - O País tem um novo Presidente, Tancredo Neves, da oposição. Como o sr. vê o futuro deste País?

D. Mayer - O sr. Tancredo Neves parece-me um político engajado como os demais políticos brasileiros. Acho que o futuro da Nação dependerá da maior ou menor atuação dos princípios católicos na vida pública.

D. Padin quer Constituinte com lista de candidatos autônomos

7-2-85+pp
Reportagem Local



A eleição de um Congresso para fins constituintes e ordinários em 1986, para funcionar em 1987, foi defendida ontem em São Paulo pelo bispo de Bauru, d. Cândido Padin, 70, coordenador da articulação paulista pró-Constituinte. Para ele, a convocação dessa eleição deve ocorrer já em 1985. D. Cândido presidiu à noite, na Faculdade de Direito do largo de São Francisco, a terceira reunião das entidades que integram a articulação paulista. Jurista e beneditino, o bispo de Bauru defendeu também a escolha de deputados à Constituinte por indicação de movimentos da sociedade civil, citando, entre outros, o ecológico. Seriam, assim, formadas listas independentes dos partidos políticos "exclusivamente para a Constituinte", enfatizou.

D. Cândido disse que é contra a

transformação do atual Congresso Nacional em Constituinte ("os congressistas não receberam do povo esta missão constitucional") e defendeu a transformação das eleições de 1986 em pleito ordinário e constituinte. Deste modo, em sua opinião, o Congresso dedicaria, em 1987, períodos para sessões ordinárias e períodos para sessões destinadas à elaboração da nova Constituição.

Informando que a CNBB ainda não definiu detalhes sobre o seu grupo de trabalho nessa área, d. Cândido afirmou, depois, que "a campanha pela Constituinte não deve gerar uma simples euforia festiva, como se a preparação da futura Constituição resolvesse tudo. No entanto, se não houver uma intensa manifestação das camadas populares, deixando claro o desejo de mudanças, a futura Constituição poderá ser mais uma Carta destinada a um fim prematuro".

Observou, também, que a prioridade da Constituinte "não pode retardar ou impedir as outras prioridades sumamente urgentes, como a alimentação do povo, as revisões salariais, a agricultura, a habitação e a saúde".

Bispos admitem ação mediadora da Igreja Católica na América Central

Os bispos centro-americanos reunidos em Tegucigalpa (Honduras), admitiram ontem a possibilidade de uma intervenção mediadora da Igreja Católica, caso fracassem as gestões de paz do Grupo de Contadora (formado por Colômbia, México, Panamá e Venezuela) no conflito da América Central. Segundo o bispo de Santa Ana (El Salvador), Marco René Robelo, presidente da Conferência Episcopal salvadorenha, "Contadora não é a única instância para se resolver pacificamente as controvérsias na região". "A Igreja Católica, disse o bispo, tem um poder moral que está sendo utilizado no caso de El Salvador para poder chegar-se a um entendimento".

Robelo afirmou que a Igreja não pretende competir com Contadora, mas que poderá tornar-se numa instância alternativa, caso não se conclua uma solução pacífica pelos

meios, que atualmente existem. "Trabalhamos segundo a perspectiva de nossa identidade própria, afirmou, mas consideramos que o diálogo organizado a partir de Contadora deve continuar".

O Grupo de Contadora foi formado em 9 de janeiro de 1983, com o objetivo de estabelecer as bases para uma saída negociada da crise centro-americana. O Grupo procura concluir um acordo geral de paz, com a adesão dos cinco países envolvidos pela crise: Nicarágua, Honduras, Costa Rica, El Salvador e Guatemala. Foi elaborada pelo Grupo uma Ata de Paz e Cooperação para a América Central, mas fracassaram até o momento todas as tentativas de obter a unanimidade dos cinco países interessados.

Jornadas de estudo

Os bispos centro-americanos estão

reunidos em Tegucigalpa em jornadas de estudo sobre a situação geral dos refugiados na região. Espera-se que ao término do encontro, hoje, eles publiquem um documento de apoio às gestões do Grupo de Contadora.

"Para nós, declarou o bispo guatemalteco Jorge Mário Avila del Aguila, a América Central converteu-se num campo de batalhas ideológicas entre as potências mundiais. A Igreja está decidida a dar sua contribuição a qualquer esforço que vise à pacificação da região.

Aguila lembrou que, dirigindo-se aos bispos católicos centro-americanos, o Papa João Paulo 2º convidou "as Igrejas da região a favorecerem um diálogo que possa conduzir à solução pacífica da crise na América Central".



Foto: Arquivo

Dom Celso insiste na partilha durante a CF

"Fome de pão"; "desemprego"; "falta de terra" e "menor carente" foram os quatro "sobrenomes" da fome que a Região Episcopal Ipiranga detectou como problemas fundamentais a serem tratados durante a Campanha da Fraternidade deste ano. "Onde compramos pão para tanta gente? Dai-lhes vós mesmos de comer" rezava o cortaz apresentado pelo setor Ipiranga na Missa do Lançamento da CF, acontecida na sexta-feira, dia 22, às 20 horas, na Igreja de São Judas Tadeu. Na Celebração da Eucaristia, presidida pelo Bispo Regional, D. Antonio Celso Queiroz e concelebrada pelo Presbitério da Região, participou um bom número de cristãos das 31 paróquias dos quatro setores da Região. Na mesma participação ainda, representantes das diversas pastorais e dos vários centros comunitários.

O desemprego que vitima muitos trabalhadores, sobretudo operários que moram na Região, foi aludido com a frase "Não há vagas, favor não insistir". Dom Celso, no ato penitencial, pediu perdão a Deus "porque disfrutamos dos bens que os operários produzem sem pensar quanto desemprego, salários baixos significam para eles". Não insistimos, não nos indignamos diante dessa situação, disse o bispo que concluiu, lamentando: "chegamos até a blasfêmia quando afirmamos que Deus quis assim".

"Senhor, que a terra que tu criaste seja repartida com justiça entre os irmãos", pediu Dom Celso. "Fazemos parte de um país que vive no pecado", prosseguiu o bispo. "Neste ano, vários líderes foram assassinados porque lutavam pela terra, nem mesmo os índios escaparam", insistiu ele. Falando do menor carente, o Bispo da Região afirmou que a fome começa cedo, "antes do irmão nascer".

A Campanha da Fraternidade é um período de evangelização e de fraternidade, declarou o bispo na sua homília. Fraternidade é partilha, continuou, e a verdadeira fraternidade é partilha "do que se é e do que se tem, com os irmãos". O bispo disse ainda que "não podemos começar a quaresma sem uma grande esperança no coração que o Espírito nos coloca. Essa grande esperança é que podemos mudar, e Deus nos dá forças para mudar através do seu Espírito que está no coração dos homens. Ele está onde o homem sofre, luta e trabalha. Queremos mudar por causa dos irmãos, pois eles precisam de nós. Queremos mudar nossas comunidades e paróquias por causa do povo dos nossos bairros, porque esse povo tem direito a uma Igreja mais presente que anuncie que o Reino chegou e que nesse Reino não pode haver fome".

Dom Celso concluiu apontando os contrastes entre as casas religiosas e as favelas, entre as paróquias ricas e as pobres e voltou a insistir na partilha. Finalmente, o bispo afirmou que "quaresma é arriscar um gesto que a gente não teve coragem de fazer".

22/15/1978

Para arcebispo de Curitiba, seita Moon escraviza

Da Sucursal de Curitiba

O arcebispo de Curitiba, d. Pedro Fedalto, 58, acusou ontem a seita Moon de promover "lavagem cerebral", de "escravizar" os seus adeptos e de estar aliciando jovens, "por meio do oferecimento de boa comida, boa bebida e música", ao denunciar como enganoso um seminário que a instituição está promovendo em sua sede na capital paranaense. Waldir Cirpiani, 29, presidente no Brasil da Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial, nome oficial da religião, que está em Curitiba participando do seminário, refutou as acusações de d. Pedro, dizendo que ele é um "desinformado" e que não tem fundamento esse tipo de acusação.

Segundo d. Pedro, a pretexto de discutir a paz mundial, os seminários têm outros objetivos. A seita, acusa d. Fedalto, é vinculada a organizações de extrema direita nos Estados Unidos e tem ligações com a CIA, que tem interesse em seu funcionamento "por sua postura de combate ao comunismo". O arcebispo diz ter encaminhado essas denúncias à direção da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros.

A sede da seita, onde se realiza o seminário, foi comprada em dezembro.

⊙ Futuro do catolicismo está no 3º Mundo, afirma d. Carlo

Do enviado especial a Itaiç

16/14/87 PPO

"O futuro do catolicismo está no Terceiro Mundo", afirmou ontem, o cardeal-arcebispo de Milão, d. Carlo Maria Martini, 58, nascido em Turim e apontado como um dos mais prováveis sucessores de João Paulo 2º. Ele chegou domingo a São Paulo para participar da 23ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em Itaiç, município de Indaiatuba (SP). Depois de visitar as favelas e comunidades de base paulistanas, pregou ontem, para o episcopado brasileiro. Seu roteiro inclui visitas aos colegas jesuitas em Salvador e a missionários italianos em Belém e Macapá. Voltará sábado ao Rio de Janeiro, de onde retornará para a Itália.

Depois de destacar seu interesse em visitar a CNBB (que chamou de "uma das mais antigas e maiores conferências episcopais do mundo") e a arquidiocese de São Paulo (que qualificou de "a maior, no mundo, em número de católicos"), d. Martini disse que, já há dois anos, a maioria dos bispos, no sínodo de Roma, era do hemisfério sul e que a Igreja da Itália "sente-se numa posição intermediária" diante do catolicismo do Terceiro Mundo "por estar ligada de uma parte com a Europa e por outra com a África e as nações subdesenvolvidas".

Perguntando sobre os problemas

causados pelo crescente peso numérico e pastoral dos cristãos terceiro-mundistas, o cardeal afirmou que "o primeiro problema é o da linguagem, já que, até recentemente, a linguagem da Igreja era romana e latina, enquanto as igrejas particulares começaram a elaborar, lentamente, sua própria cultura e tradição, na América Latina, África e Ásia, assim como sua própria pesquisa e elaboração teológica". Destacou que, por isso, é importante promover encontros entre os bispos da Europa e dos demais continentes.

D. Martini afirmou, depois, não conhecer muito a situação da Teologia da Libertação no Brasil, mas disse que acompanha os estudos dos bispos brasileiros sobre a questão. Observou que, na Itália, houve polêmica semelhante há dez anos e que a maior contribuição para a Igreja não vem de uma teologia mas da experiência das comunidades que, com a ajuda dos teólogos, vivem a experiência de uma caminhada de fé.

Confessou que, na visita de ontem às favelas de São Paulo, gostou de "ver pessoas pobres com uma fé sincera e um espírito pacífico, mostrando desejo de melhorar, com serenidade" mas não quis comentar o trabalho dos teólogos Leonardo Boff e Gustavo Gutierrez (peruano), alegando que está no Brasil "como bispo" e que precisaria fazer comentários "como teólogo".

27/14 195/660

Bispos debatem manutenção da vida através de máquinas

ITAICI, SP — O Bispo de Ilhéus, D. Valfredo Tepe, afirmou ontem em Itaici, ao comentar o estado de saúde de Tancredo Neves, que do ponto de vista da moral católica, "se se constatar que a morte é irreversível e que as máquinas apenas sustentam artificialmente um processo em que a recuperação não é mais prevista, é chegado o momento de o cidadão ter o direito de morrer dignamente e não ser torturado indefinidamente".

O Bispo, especialista em teologia moral, admitiu que esse poderia ser, em tese, o caso de Tancredo Neves, embora tivesse ressaltado que não tem os critérios médicos para garantir que não há mais possibilidade de sobrevivência e o processo de deterioração do organismo é irreversível.

D. Valfredo Tepe, autor do livro "O sentido da vida", explicou que a Igreja condena a eutanásia ativa e citou como exemplo um caso de doente com câncer a quem fossem ministradas doses elevadas de medicamentos para acelerar a morte. Porém, do ponto de vista moral, explicou, não há obrigação de se usar meios extraordinários para prolongar a vida, quando, naturalmente, ela chegou ao ponto de se encerrar.

No caso da eutanásia passiva, há tal estado de deterioração que não há praticamente condições de manter a vida. Ai existe um direito natural de morrer com dignidade — explicou.

Contudo, o Bispo explicou que são muito discutidos os critérios para definir o momento em que o caminho para a morte é irreversível e quem pode apontar este momento —

o médico, a família, a Justiça ou o próprio paciente, se tiver deixado comunicação expressa nesse sentido.

— A medicina — afirmou — tem que se render a evidência de que ninguém tem vida eterna. A natureza chega ao fim e há momentos em que fica sem sentido o esforço desesperado que não levará a resultado algum. Mas esse critério, para definir se há ou não possibilidade de recuperação, não é moral, é médico.

Por sua vez, o Padre Antônio Silva, professor de teologia moral no Seminário Bom Jesus, de Aparecida, explicou que, embora não haja um consenso em torno do assunto, em geral se aceita como critério para definir essa situação o momento

A medicina tem que se render à evidência de que ninguém tem vida eterna. A natureza chega ao fim

D. VALFREDO TEPE, Bispo e teólogo

em que deixa de existir atividade cerebral.

Mas há casos em que os registros cerebrais desapareceram e depois foram retomados. Para o médico, é difícil dizer que deixou de haver vida pessoal e existe apenas uma vida celular. E difícil para ele confessar a derrota. Mas acho que há momentos em que, moralmente, ele deve confessar a sua impotência e entregar a Deus a vida que é de Deus — opinou.

O Arcebispo de Aparecida, D. Geraldo Penido, observou, por sua vez, que "há momentos em que a Igreja permite que se desligue os artefatos que mantêm a vida, quando eles seriam fonte de um maior sofrimento, sem esperança".

O Bispo de Campo Grande, D. Vitorio Pavanello, afirmou que, "quando a pessoa está clinicamente morta a Igreja está de acordo em que se desliguem os aparelhos". Destacou, porém, que pelas informações oficiais, esse não é o caso de Tancredo Neves.

A mulher de Tancredo, D. Risoleta, enviou carta aos bispos brasileiros reunidos em Itaici, na 23ª Assembleia Geral da CNBB, agradecendo a visita que recebeu, na quarta-feira da semana passada, de uma comissão formada pelos Cardeais D. Avelar Brandão Vilela, D. Paulo Evaristo Arns e pelo Vice-Presidente da CNBB, D. Benedito Ulhoa Vieira.

É a seguinte a carta, manuscrita, lida ontem pela manhã durante a reunião plenária:

"Aos caríssimos senhores bispos: "Em nome de Tancredo e de toda a família, agradeço aos senhores as orações constantes neste momento de cruz, no qual a fé torna mais forte a esperança e a confiança nos desígnios de Deus". A carta é datada do dia 13.

Vários bispos, em função do agravamento do estado de saúde de Tancredo, já deixaram a Assembleia de Itaici, retornando a suas dioceses. Além dos prelados de Belo Horizonte — D. João Rezende Costa, D. Serafim Fernandes e D. Arnaldo Ribeiro —, viajaram para suas dioceses o Bispo de São João Del Rei, D. Antônio Mesquita; o de Guaxupé, D. José Alberto Lopes de Castro; o Arcebispo de Brasília, D. José Freire Falcão, e seu auxiliar, D. Geraldo de Avila e o vigário castrense, D. José Newton. O Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Salles, também optou por estar em sua Arquidiocese, por temer, no caso de morte de Tancredo, que haja um momento de grave comoção popular.

Família não faz restrições ao procedimento da equipe

SÃO PAULO — A família de Tancredo Neves não concorda com opiniões publicadas na imprensa estrangeira segundo as quais os médicos estariam exagerando na tentativa de preservá-lo vivo com ajuda das máquinas. Todos os parentes, a começar por D. Risoleta, aprovam inteiramente os procedimentos médicos adotados até agora.

Além das críticas da imprensa francesa, a família tomou conhecimento, com desgosto, de uma notícia publicada no Panamá, de que os parentes seriam favoráveis a interrupção do tratamento.

Chegou ontem ao hospital, para reunir-se a família, a irmã mais moça de Tancredo, D.

Zizinha, residente em São João Del Rei, de onde chegou também o Prefeito e amigo da família, Cid Valério. Na noite de ontem, foi a freira Esther quem ficou na UTI, ao lado do Presidente.

Jorge Neves, um dos irmãos de Tancredo, viajou para Brasília, permanecendo no hospital, além de Esther, Antônio Neves. Até agora, não estiveram no Hospital os irmãos Otávio e Mariana (mãe do Ministro Francisco Dornelles), que ficam com o resto da família, em São João Del Rei. O filho Tancredo Augusto e o neto Acácio entraram e saíram do hospital sem falar com os jornalistas.

Médico diz que não há razão para suspender o tratamento

SÃO PAULO — Um dos médicos que acompanham o tratamento de Tancredo Neves rebateu as críticas a um suposto exagero da equipe no esforço de manter o paciente com vida. Ele assegurou que, até agora, não foi tomada nenhuma "medida romântica" e que nada justifica uma interrupção no tratamento.

— Enquanto houver chances, mesmo que remotíssimas, como no caso, o dever do médico é insistir, mas não serão tomadas medidas heróicas e românticas, como as que costumamos ver nos filmes de ficção, quando os médicos agem apaixonadamente para salvar ca-

sos sem alternativas — explicou.

Argumentou ainda que embora por prazo imprevisível, há no Presidente vida além da máquina, o que, segundo entende, não permitiria classificar sua sobrevivência de artificial.

Caso não surja uma significativa e inesperada reação do debilitado organismo do Presidente, sua morte, de acordo com o mesmo médico, se dará ou por uma intercorrência súbita (no caso, o provável é uma parada cardíaca) ou por um processo mais lento, através da chamada múltipla falência dos órgãos, quadro que só se caracterizará se a falência dos órgãos incluir o coração.

Bispos discutem situação política

ITAICI, SP — O momento político brasileiro, a doença do Presidente eleito, a perspectiva de convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte e o apel da Igreja frente a essa realidade são alguns temas que os Bispos brasileiros deverão analisar hoje em Itaiaci, na 23ª Assembléia-Geral da CNBB.

A análise da conjuntura brasileira será feita pelo padre Fernando Bastos de Ávila, do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (Ibrades), com uma avaliação do significado da Nova República e das expectativas quanto ao futuro. A partir dessa análise os Bispos tentarão delinear o papel da Igreja.

O Presidente da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter, acha que a Igreja deve, a partir de agora, opinar menos sobre as questões sociais, políticas e econômicas. Segundo ele, no passado, a Igreja teve um papel de destaque nesses assuntos porque assumiu a voz dos que não podiam falar.

— Agora a situação é outra. Os lei-

gos podem participar e assumir seu papel. Não se trata, porém, de um recuo na ação da Igreja — garantiu.

Quanto à participação da Igreja na elaboração da nova Constituição, existem duas tendências entre os Bispos: uns querem que a Igreja apresente suas propostas, pensadas a partir do Evangelho e de uma visão cristã dos problemas, e outros querem que ela contribua para um debate amplo e pluralista, mas sem se tornar instrumento de canalização das propostas das bases.

Hoje será apresentado ao plenário o segundo trabalho da comissão de leigos constituída pela CNBB para assessorá-la nesse campo, que sugere um amplo debate sobre a Constituinte, sua importância e os pontos fundamentais a partir das bases, nas comunidades e paróquias.

O Bispo de Caxias (RJ), Dom Mauro Morelli, um dos membros da Comissão da Assembléia de Itaiaci sobre a Constituinte, defende que a CNBB apresente suas teses, mas rejeita que a entidade se torne um ca-

nal de tramitação das propostas das bases.

— Não vamos construir uma cristandade. Queremos chegar a um amplo pacto social e os cristãos vão dialogar com os outros para chegar a ele. Isso não impede, porém, que a Igreja aplique recursos e esforços na mobilização do povo e na organização dos debates.

Dom Mauro defende ainda que a Constituinte submeta a plebiscito algumas questões centrais, como o tipo de regime político desejado. Considera também que deveria ser reduzido o limite de idade para o voto.

— O Brasil é composto por uma população predominantemente jovem, que desde cedo participa da vida econômica e deve participar também da vida política.

O Bispo acha que deve haver um movimento popular em torno da nova Constituição, que começa agora com os debates e sugestões, prossegue durante os trabalhos da Constituinte e continua depois dela, fiscalizando e exigindo a aplicação da nova Constituição.

Cardeal de volta ao Rio

O Cardeal Eugenio Sales, Arcebispo do Rio de Janeiro, dada a evolução do estado de saúde do Presidente Tancredo Neves, regressou ontem de Itaiaci. Fizeram o mesmo o Núncio Apostólico no Brasil, os Arcebispos e Bispos Auxiliares de Brasília e Belo Horizonte.

Dom Eugenio, a propósito da notícia sobre a saída de Dom Luciano Cabral Duarte, na tarde do último domingo, da Assembléia da CNBB, esclareceu que tal procedimento não se deveu a uma atitude de desagrado. Antes do encontro de Itaiaci, estava previsto que nessa ocasião o Arcebispo de Aracaju se submetera a exames médicos, a que está obrigado desde a operação de coração feita ano passado.

— As posições claras e coerentes do Arcebispo de Aracaju com o Magistério eclesial são confortantes para a Igreja — afirmou o Arcebispo do Rio de Janeiro.

1714185 globo

Com o direito de

Uma tese das mais polêmicas foi lançada na 23ª Assembléia Geral da CNBB, reunida em Itaipu, São Paulo, por alguns Bispos, entre eles D Valfredo Tepe, de Ilhéus, D Geraldo Penido, de Aparecida, e D Vitório Pavanello, de Campo Grande: a pessoa tem o direito de morrer dignamente e não ser torturado indefinidamente.

A Medicina, segundo idéia expressada por D Valfredo Tepe, tem que se render à evidência de que ninguém tem vida eterna. "A natureza chega ao fim e há momentos em que fica sem sentido o esforço desesperado que não levará a resultado algum".

Todos eles disseram que esse poderia ser o caso do Presidente Tancredo Neves. "Se se constatar que a morte é irreversível e que as máquinas apenas sustentam artificialmente um processo em que a recuperação não é mais prevista, é chegado o momento de o cidadão ter o direito de morrer dignamente e não ser torturado indefinidamente".

D Valfredo Tepe explica que a Igreja condena a eutanásia ativa, "mas, do ponto de vista moral, não há obrigação de se usar meios extraordinários para prolongar a vida, quando, naturalmente, ela chegou no ponto de se encerrar".

Essa afirmativa de D Valfredo Tepe é completada por D Geraldo Penido, para quem "a Igreja, em certos momentos, permite que se desligue os artefatos que mantêm a vida, quando eles seriam fonte de um maior sofrimento, sem esperança". E D Vitório Pavanello arremata: "Quando a pessoa está clinicamente morta, a Igreja está de acordo em que se desliguem os aparelhos".

Entre os médicos

Prolongar a vida de um paciente monitorizadamente é um procedimento legal, à luz da ética médica, mesmo que seu estado geral seja considerado irreversível. Essa é a opinião de médicos do Rio de Janeiro e São Paulo em relação aos esforços da equipe que atende o Presidente Tancredo Neves no Instituto do Coração, em São Paulo. Todos são unânimes em ressaltar que suas opiniões não podem ser interpretadas como um julgamento, já que não possuem um diagnóstico pormenorizado do estado de saúde real do Presidente da República.

De acordo com o Artigo 29 do Código de Ética Médica, que trata da relação com o paciente, é terminantemente "proibido contribuir para apressar a morte", ou "usar meios artificiais quando comprovado a morte cerebral do enfermo". O segundo parágrafo do artigo, sobre a utilização dos meios artificiais, ainda de acordo com os médicos, só pode ser interpretado quando cessam os sinais elétricos do cérebro.

O fato de o Presidente Tancredo Neves estar sendo mantido com vida através de aparelhos não significa, portanto, que se deva abandonar o tratamento a que ele está sendo submetido, mesmo diante de um estado clínico desfavorável e desesperador. Enquanto ocorrerem respostas cerebrais, a despeito da debilidade dos outros sinais vitais, ele é considerado clinicamente vivo.

Interpretações

As interpretações sobre a manutenção, ou não, de um paciente em estado de "sobrevida" variam na opinião dos médicos consultados. Na literatura médica há exemplos de casos em que se mantêm um paciente vivo por períodos prolongados de até anos, através de equipamentos monitorizados (impulsos elétricos no coração, respiração artificial, filtragem de sangue

etc.). Entretanto, todos esses aparelhos são imediatamente desligados a partir do momento em que cessam os impulsos elétricos do cérebro.

Esses casos de manutenção de "vida artificial" passaram a ocorrer principalmente nas últimas décadas em países tecnologicamente mais avançados, mas os médicos lembram que a ética determina que os aparelhos sejam desligados tão logo ocorra o sinal de paralisação dos sinais cerebrais. Na Justiça norte-americana, inclusive, surgiram numerosos processos de famílias de pacientes processando médicos pelo fato de interromperem a "vida artificial", mas todos os acusados foram absolvidos.

Foram-se os cavalos, avançam os bispos



RELIGIÃO E LIBERTAÇÃO

FREI LUIS THOMAZ

Todos acompanhamos pela televisão: por ocasião das operações e internamento hospitalar do Presidente Tancredo Neves, o Brasil todo rezou por ele. Em frente ao Instituto do Coração, em São Paulo, alternavam-se os grupos das mais variadas igrejas e denominações religiosas dirigindo a Deus suas preces pelo Presidente: católicos, protestantes, judeus, espíritas, umbandistas, evangélicos, etc. Não foram só os católicos não. Um país é feito dos mais diversos grupos - também religiosos - e todos com o mesmo direito à sua liberdade, à sua manifestação própria e à igualdade social fundamental. Nas sociedades democráticas, não existem grupos privilegiados e nenhum deles, mesmo quando mais antigo e mais numeroso, tem direito a superiorizar-se.

Por isso, é pelo menos estranho o monopólio que nossa Igreja Católica arrogou-se, a fim de sufragar, com exclusividade, as esperanças religiosas do ilustre falecido. Não foram só os católicos que rezaram pelo Dr. Tancredo. Não foram só eles que deram aquela presença fiel, na frente do hospital e dentro da grande sintonia nacional, sofrendo e demonstrando fé. De repente, após o triste desenlace, só se fala em missa, é a televisão cheia de missas, é missa por todos os cantos, celebrada por bispos e padres de todos os cantos. O Brasil teria voltado a ser um país unicamente católico? O catolicismo teria voltado a ser religião oficial, as celebrações das missas funcionando como carro-chefe da nova dominação, a missa, a antiga e querida missa servindo de porta para o retorno da Igreja ao poder?

Algumas verdades são tão verdadeiras - e, por isso, tão necessárias - que nunca deve ser demais repisá-las: todos os homens são iguais, não existem seres humanos mais dignos e menos dignos, Deus é um só: o Deus de todos os homens que a Ele se chegam em linguagens diferentes, mas que, pela simples necessidade de respeito à noção de Deus, devem encontrar a mesma aceitação; esta unicidade irreduzível de Deus faz com que todos os homens sejam Seus filhos, filhos de um único Pai, por isso todos irmãos, um pai justo como deve ser nosso Deus não faz discriminação de filhos, privilegiando os católicos e inferiorizando os não-católicos. O contrário disso são formas humanas de pensar, empurradas pela nossa vontade de valer através do domínio sobre os outros.

Todas as dimensões da vida humana padecem inevitavelmente desta ambigüidade, também a religião. Ela presume ser um serviço desinteressado a Deus mas carrega consigo nossas tendências grupais e nossos impulsos de valia social e pessoal. Tais tendências e impulsos levam-nos na direção dos imperialismos e dominações, mesmo quando nos relacionamos com Deus e falamos em amor do próximo. Este amor do próximo - nós sabemos - foi muitas vezes historicamente vivido pelas igrejas da seguinte maneira: "O amor ao próximo leva-me a converter e salvar o meu irmão a ferro e fogo. Ele tem de se converter de qualquer maneira, pois este é o serviço fraterno mais precioso que posso prestar-lhe." E quanta eucaristia, com minúscula, foi celebrada, para alimentar tal imperialismo anticristão das igrejas, também da Igreja Católica.

Por tudo isso, voltando ao começo, a repetição de missas pode não ser verdadeira Eucaristia, quando alimenta uma catolicidade/universalidade que signifique unicidade. Nossa família brasileira não é religiosamente única. A proposta autenticamente cristã há de tomar conhecimento do pluralismo religioso dos brasileiros e respeitá-lo. Não apenas respeitá-lo: a proposta autenticamente cristã luta para que todos os brasileiros tenham as condições de, na liberdade, escolherem o caminho que suas consciências lhes ditar, para se relacionarem com Deus da maneira como eles O entendem. Por que, pelas mencionadas razões de pluralismo e respeito às diferenças de consciência, não se aproveitou a ocasião de, entrando na Nova República, darmos prova e exemplo de unidade fraterna, reverenciando a memória do católico Dr. Tancredo Neves através de celebrações comuns ao Pai comum de todos aqueles que rezaram por ele?

Ou corre-se o risco de valer novamente a lei do mais forte e mais numeroso? Democracia é assim? Qual é o regime que, apelando para superioridades estatísticas, não deixa espaço para as minorias e deixa de lado os menos influentes, reproduzindo assim os mecanismos de dominação do maior sobre o menor?

D. Cardoso chega pregando a paz e o diálogo

5151 85
D d P

Gildson OLIVEIRA

Consciente de que a missão de substituir dom Hélder Câmara é difícil, dom José Cardoso Sobrinho, o novo arcebispo da Arquidiocese de Olinda e Recife, nessa longa entrevista, sem o demonstrar, revela-se um homem bastante preparado para o cargo e que sabe, de forma simples, buscando a paz e o diálogo, abrir caminhos em direção a uma Igreja cada vez mais aprofundada nos conhecimentos e na vivência do Evangelho de Jesus Cristo.

Não diz, mas é um disciplinador. Dependendo das circunstâncias, chega a ser muito sério e austero naquilo que exige obediência e deveres. Afina-se com dom Hélder em vários pontos, principalmente na humildade e na consagração a Deus. "Nós consagramos a nossa vida ao serviço da Igreja, e a Igreja é o povo", afirma dom Cardoso, um caruaruense de 52 anos de idade e que desde os 12 anos está na vida religiosa.

Ele chega com o propósito de que todos devem caminhar juntos e que não pode trabalhar sozinho. Declara que em Olinda e Recife existe uma Igreja que está caminhando, existe uma estrutura mon-

tada. Mesmo assim, dom Cardoso, com apoio do Clero e do povo, pretende, a seu modo, fazer algumas modificações à medida que for conhecendo os problemas mais de perto e que são muitos.

Ele reafirma que todo exercício de autoridade é, essencialmente, um serviço à comunidade. E neste espírito e com esta convicção, como disse em sua mensagem, que deseja exercer o seu ministério, convencido das suas limitações mas, ao mesmo tempo, plenamente confiante na ajuda de Deus e na colaboração fraterna de todos os pernambucanos, "sem a qual nada poderei fazer", disse.

Para todos que o conhecem, ele é um homem simples, afável e manso. Para outros, é um aglutinador de forças em favor de sua Igreja, trabalhando com muito zelo e organização. Culto e falando vários idiomas, é amigo pessoal do Papa, tendo morado 25 anos em Roma. Está engajado nas linhas e diretrizes do Concílio Vaticano II, Medellín, Puebla e CNBB. Dom Cardoso afirma que os termos "progressista", "moderador" e "conservador", são muito inexatos, e faz severas restrições ao método de se definir uma pessoa com uma só palavra.

“Eu convidaria os interessados, o povo, a observar, com objetividade e seriedade, as minhas atitudes, o meu estilo de trabalho e depois tirar suas conclusões”

P - Quem é o novo arcebispo da Arquidiocese de Olinda e Recife? Trace um paralelo entre os caminhos que percorreu, desde a solitária e modesta Rua São Mateus, em Caruaru, até a sagrada como bispo, nesses 34 anos de vida religiosa?

R - Essa pergunta exigiria uma resposta muito ampla. Eu sou, como todos já sabem, caruaruense, pernambucano e, portanto, nordestino. Sobre este aspecto, sinto-me feliz em voltar para o meu nordeste, para a minha terra. Todo nordestino gosta de voltar para o Nordeste. Com relação à minha vida religiosa e sacerdotal, eu saí de casa muito jovem, a convite de um frade carmelita, em 1946. E, assim, de etapa em etapa, como frade, com voto de obediência, fui sendo mandado para diversos lugares. Fiz Filosofia em São Paulo. Depois, fui transferido para Roma, onde, terminando os estudos universitários, também por decisão dos superiores, fiquei exercendo algum cargo lá, como professor de Direito Canônico. Em 1971, mais uma surpresa na vida porque fui escolhido para um cargo no Conselho Geral da Ordem Carme-

lita, como assessor do Padre Geral para as províncias de língua espanhola e portuguesa; e em 79 esta outra surpresa de voltar para o Brasil, como bispo de Paracatu.

P - Quais as diferenças e distâncias entre Pacaratu, em Minas Gerais; e Olinda e Recife, em Pernambuco?

R - Paracatu é noroeste mineiro. Neste imenso Brasil, nós podemos dizer que tudo é distante. A realidade ali é muito diversa. Eu quando me instalei em Paracatu, senti muito esta diferença do clima entre aquela região de Minas e o nosso Nordeste. Eu me sinto bem no Nordeste porque é clima nativo para mim e até hoje posso dizer que sinto frio de Paracatu como senti durante tantos anos o clima frio da Europa.

P - E do ponto de vista de Igreja?

R - A região de Paracatu, noroeste mineiro, uma área muito extensa, de 54.387 quilômetros quadrados, mais ou menos equivalente ao Estado da Paraíba, era o território que me estava confiado. Nós temos ali uma missão da Ordem Carmelita. Ali trabalharam, durante 50 anos, missionários carmelitas, holandeses

e alguns poucos brasileiros. E, realmente, um outro mundo, comparando com a Capital como Recife que está aqui encravada no coração do Nordeste do Brasil. Mas, do ponto de vista de problemas sociais, há pontos comuns: problema do desemprego, o problema da pobreza com alguns matizes diversos. Os principais pontos comuns a gente pode dizer que coincidem entre aquela região de Minas e agora no nosso querido Pernambuco. Só que aqui temos que acrescentar o problema próprio do nordestino, como a área da seca, etc.

P - E as diferenças populacionais, em relação à Olinda e Recife?

R - O território da Diocese de Paracatu, como já disse, é amplíssimo, quase como o Estado da Paraíba. A população de toda a Diocese é mais ou menos de 300 mil habitantes. Eu vou para outro território onde talvez a extensão é de um décimo e a população de dez vezes mais, porque a Arquidiocese de Olinda e Recife não é somente a cidade de Olinda. Compreende outros municípios e tem, aproximadamente, 3 milhões de habitantes. Então a população foi multiplicada por 10 e o território dividido por 10. Isso tudo, naturalmente, terá implicações no próprio trabalho pastoral.

“Eu tenho esta certeza de que as mudanças atuais no Brasil, a restauração da democracia e o funcionamento das instituições vão facilitar e ajudar a Arquidiocese de Olinda e Recife”

P - Isto lhe provoca algum receio, numa Diocese tão grande?

R - É claro que sim. Desde o início da primeira notícia da minha nomeação, foi este o grande problema que surgiu na minha mente; uma realidade assim tão complexa como é uma das grandes capitais do Brasil. Mas, como você entende, nós, homens de Igreja, consagrados a Deus, estamos sempre numa atitude de fé. Nós consagramos a nossa vida ao serviço da Igreja, e a Igreja é o povo. Este povo de Deus, portanto, que reside neste território da Arquidiocese de Olinda e Recife, é a Igreja. E eu vou confiando que todos vamos caminhar juntos. Eu não vou trabalhar sozinho. Eu já repeti isso antes, e gostaria de frizar bem: eu não estou começando do zero. Em Olinda e Recife, nesta Arquidiocese, existe uma Igreja que está caminhando. Existem uma estrutura montada. Existe tantos

setores do trabalho bem organizado. Então, o instrumento humano que vai passando, é muito secundário. É a Igreja, como realidade viva, que continua a sua caminhada.

P - Em sua primeira mensagem ao povo de Olinda e Recife, o sr. disse que jamais sonhou e nem imaginou chegar a exercer o ofício que agora lhe foi confiado. Dia 27 de abril último, um sábado, pela manhã, depois de assistir à missa e tomar café com o Papa João Paulo, o sr. conversou reservadamente durante 40 minutos com o pontífice. Ao que sabemos, saiu de Roma um pouco mais motivado e encorajado para assumir esta nova missão. Qual foi a sua conversa com o Santo Padre, uma vez que ele falou muito sobre a Arquidiocese de Olinda e Recife? Alguma recomendação especial?

R - Quanto à primeira parte da sua pergunta, que eu jamais sonhei ou imaginei esta nomeação, isto é pura ver-



Dom Cardoso entre os bispos José Lamartine e Gerardo Ponte, na posse do irmão Paulo Cardoso

transferido de um lugar para outro. E sempre uma decisão que vem do alto, refletindo a própria estrutura teológica da vocação, que é um chamado de Deus. O que a Bíblia nos diz a Igreja procura transformar em estrutura prática. O que aconteceu comigo foi isto, uma grande surpresa, quando recebi aquela carta da Nunciatura Apostólica, mais ou menos nos primeiros dias de março, com esta notícia de que eu tinha sido escolhido para ocupar este cargo importantíssimo na Igreja. E isso, naturalmente, provoca um certo trauma, a pessoa ser

apanhada assim de surpresa e colocada diante de uma realidade nova. Então, eu senti a necessidade de ir a Roma e ter esse contato, não somente com o Papa, mas também com os seus assessores. Queria esclarecer também que eu não passei 15 dias exclusivamente no Vaticano em contato contínuo com o Papa e com os seus assessores. Roma é o lugar onde eu vivi 25 anos. Eu tenho, como é natural, tantos amigos e tantos confrades em Roma. Fiquei ali na Cúria Geralícia dos Carmelitas, como você mesmo constatou e teve aquela coincidência de

falar comigo no telefone, naquele dia que eu chamei de Roma e você estava na minha residência em Caruaru, na casa de minha família. Ali, eu me senti outra vez entre os meus irmãos, confrades que me confortaram. Tive ocasião de ir a Lourdes, fazer um retiro espiritual, e depois pedi uma audiência ao Papa. Fui informado de que o próprio Papa estava também interessado em se encontrar comigo e tive aquela sorte, aquele privilégio de ser convidado ao tomar o café da manhã com ele. P - E o que conversaram, afinal?

R - Foi uma conversa assim descontraída e bastante demorada. Nós falamos sobre os problemas da Arquidiocese do Recife, os problemas do Nordeste, em geral. O Papa recordou, com muito carinho e com saudade, a visita que ele fez a cidade do Recife, no dia 7 de julho de 1980. Recordou até o tema do discurso pronunciado no Recife e animou-me a consagrar assim a minha vida a esta Arquidiocese, confiando sempre na ajuda de Deus e na colaboração de todos os irmãos.

Diário de Pernambuco 5/5/85

Permanência de Hélder é como uma bênção

P - Moderado é como os membros da Igreja recifense definem a sua linha pastoral. Isto é verdade?

R - Eu tenho umas certas reservas contra este sistema, ou este método de querer definir uma pessoa com uma só palavra. Eu acho que cada personalidade, seja a pessoa mais simples, ou quem ocupa algum cargo de responsabilidade, é um mundo um pouco complexo. Essas rotulações, já tive ocasião de dizer, não me agradam. E eu também sinto dificuldade em definir a mim mesmo sobre este aspecto. Eu convidaria os interessados, o povo, etc, a observar, com objetividade e seriedade, as minhas atitudes, o meu estilo de trabalho e depois tirar suas conclusões. Eu estive seis anos na cidade de Paracatu, em contato direto com o povo. A população de Paracatu é relativamente pequena, e sabe que ali nós não temos uma estrutura que se possa comparar com a capital como o Recife. Qualquer repórter, ou jornalista que quiser nos visitar em Paracatu é bem-vindo para ver a nossa residência muito simples, onde eu era o porteiro. Eu era e sou e continuarei a

ser enquanto estou lá administrando a Diocese. O telefonista, sou eu quem respondo ao telefone; quem abre a porta, atende aquele pessoal pobre e até toca o sino. Tudo é comigo. Não tenho equipe, não porque não precise da colaboração, mas por falta de padre. Em toda a Diocese apenas 12 sacerdotes. Na cidade de Paracatu, é um padre na paróquia e eu colaborando com ele e atendendo ao povo. É um sistema de vida talvez que manifeste um pouquinho o meu estilo da minha personalidade. Mas eu não gostaria de me prender a um termo. Eu acho que um termo não pode definir uma realidade um pouquinho complexa.

P - Dom Hélder Câmara costuma dizer que a Igreja de hoje não comporta mais esta divisão entre progressistas e conservadores. Ele acrescenta que todo o Clero encontra-se reunido em torno das diretrizes traçadas pelo Concílio Vaticano II, reafirmadas em Puebla e Medellín e postas em prática pela CNBB. O sr. acompanha esta opinião e o que acrescentaria a respeito?

R - Bem, minha resposta

agora é breve. Eu concordo plenamente com esta colocação de dom Hélder. E eu não tenho nada a acrescentar. Eu concordo que esses termos de "progressista" e de "conserva-

dor" são muito inexactos e que o que nós queremos - eu também - é caminhar com o Concílio Vaticano II, com Medellín e Puebla e com a CNBB.

“Eu não-teria dificuldade de residir no Palácio dos Manguinhos. O bispo pode ser pobre e usar dos recursos modernos para exercer com mais eficiência o seu cargo”

P - O provincial da Ordem Carmelita, frei Geraldo de Araújo Lima, acredita que o sr. introduzirá mudanças na Arquidiocese de Olinda e Recife. Em geral, segundo ele, todo novo dirigente impõe reformulações na gestão anterior. Que mudanças são essas? Como será a sua atuação ou a sua missão nesse novo pastoreio?

R - É natural que a Igreja, caminhando, vai introduzindo mudanças. Então, eu não colocaria meu nome, dom José Cardoso, ou de outra pessoa, que vai introduzir mudanças. É o ritmo natural da vida e nós não podemos ficar

parados. Eu não tenho nada decidido nem programado, e gostaria muito de frisar este ponto. Eu não vou chegar ao Recife com um programa feito, isto é impossível. Eu vou chegar lá para me inserir naquela realidade da Igreja do Recife, para consultar o Clero, como eu já disse noutras ocasiões. Fazer uma consulta ampla, inclusive de pessoas leigas que tiver interesse em colaborar com a Igreja e daí partir, continuar a nossa caminhada. É como se o dom Hélder continuasse no Recife. Eu tenho certeza de que nos anos seguintes ele também, ou qualquer outro, teria que introduzir algumas mudanças. Então, a minha atitude é esta; é a minha intenção ao chegar ao Recife.



A irmã Margarida (à esquerda) e os muitos amigos da terra natal Caruaru



Com o jornalista Gildson Oliveira, que o entrevistou com exclusividade

P - Mesmo deixando o posto de arcebispo, dom Hélder pretende continuar atuando na comunidade católica recifense. Como o sr. recebe esta notícia?

R - A presença de dom Hélder, na cidade do Recife, eu acho que é uma bênção para a cidade. É uma grande honra e eu darei todo o meu apoio. Terei um encontro com dom Hélder logo que ele voltar desta viagem ao Exterior. Vou sugerir que ele se sinta à vontade. Ele ficando lá no Recife a cidade toda eu acho que vai apoiar esta presença. Eu, em primeiro lugar, considero esta presença uma bênção para a nossa Arquidiocese. Em certo sentido, é uma expressão concreta desta continuidade: é a mesma Igreja, o mesmo povo de Deus que continua a sua caminhada e os homens vão passando, como tantos outros pastores do passado. Estou agora humildemente assumindo este cargo e alguém que vai chegar também, depois de mim, é a mesma Igreja que continua o seu caminho.

P - A instalação da Nova República, idealizada pelo saudoso presidente Tancredo Neves vai, de alguma forma, ajudar ou influir no seu trabalho em Olinda e Recife?

R - Eu tenho esta certeza de que as mudanças atuais no Brasil, a restauração da democracia e o funcionamento das instituições vão facilitar e ajudar não somente o trabalho na Arquidiocese de Olinda e Recife, mas em todo o Brasil. Sobre o presidente Tancredo Neves, gostaria de acrescentar um detalhe ocorrido durante a minha recente visita ao Vaticano. Sábado passado (dia 27 de abril), com um grupo de bispos brasileiros que estavam fazendo a sua visita oficial, - visita ad limina - a Santa Sé, nós concelebramos a missa com o Papa, na capela particular do Santo Padre. Ao início da celebração da missa, o Papa se voltou para nós, o grupo de bispos brasileiros, e disse estas palavras textuais: "Oferecemos esta santa missa em sufrágio da alma de Tancredo Neves". Na hora da oração eucarística, quando se faz

idade. Eu estava em Paracatu com esta convicção profunda de que ia permanecer ali até o final dos meus dias. Aliás, eu posso lhe dizer que já tinha criado o meu ambiente naquela cidade, pois sempre é difícil abrir caminhos. Eu cheguei a Paracatu como um mundo novo e depois de quase seis anos, queria e quero muito bem a toda aquela população. Já tinha mais ou menos traçado os projetos de trabalho e estava naquela tranquilidade. É oportuno recordar que o povo às vezes, confunde nomeação, no âmbito eclesial, com certas promoções, no mundo civil e sobretudo na política. Na Igreja, o sistema é diametralmente oposto. Na Igreja não existe auto-promoção. As escolhas - vamos chamar assim num termo leigo - de oficiais da Igreja, de pessoas que vão exercer algum cargo importante, é feita numa esfera superior e o próprio candidato permanece fora deste processo de seleção ou designação da pessoa. É um sistema que corresponde plenamente ao Evangelho. Nosso Senhor Jesus Cristo diz, no Evangelho,

aquele que quiser ser o primeiro faça-se o servo de todos, coloque-se no último lugar". Na própria estrutura jurídica da Igreja, as leis da Igreja, prevêem isto; que na escolha de um candidato para exercer um determinado ofício, não é o candidato quem se apresenta. Não é o candidato, quem, vamos dizer assim, faz comícios, se promove, vai votar em si mesmo. Aliás, existe uma prescrição muito interessante na Igreja, dentro da minha matéria, que é o Direito Canônico, sobre a proibição de votar em si mesmo. Ninguém pode se apresentar a si mesmo para um cargo na Igreja.

P - E como aconteceu com o senhor?

R - O que aconteceu comigo acontece com qualquer padre que é convidado para ser bispo; qualquer bispo que é promovido a arcebispo ou

a lembrança especial pelos falecidos, eu tive o privilégio de recitar aquela oração concelebrando ao lado do Papa. De modo que aqui a gente podia se alargar muito a respeito de Tancredo Neves. Eu deixo somente esta lembrança e esta recordação sobre este homem que sacrificou a sua vida pela democracia e nós esperamos os melhores frutos deste sacrifício.

P - Qual será o seu lema como arcebispo de Olinda e Recife?

R - O meu lema é uma frase tirada da regra da Ordem Carmelita. Eu sou frade carmelita e todas as ordens religiosas têm a sua regra que é o documento fundamental de inspiração espiritual. Uma frase que sintetiza toda a regra carmelita é esta: **Im obsequium Iesu Christi**. É uma frase que em português significa "Ao Serviço de Jesus Cristo". Esta frase, que me inspirou como religioso durante tantos anos, eu quero que continue a inspirar toda a minha vida espiritual, a atividade como bispo porque, afinal de contas, é a finalidade última de toda a Igreja, o povo de Deus. Nós estamos procurando viver melhor o Evangelho de Jesus Cristo. Esta é a função do bispo, todas as outras coisas são secundárias.

“Dom Hélder ficando no Recife é uma honra e eu darei todo o meu apoio. Vou sugerir que ele se sinta à vontade. Considero esta presença uma bênção para a nossa Arquidiocese”

P - Na sua opinião, o que significa para a Igreja a "Teologia da Libertação", do padre Boff, que tanta celeuma tem causado?

R - Este assunto exigiria, também, mais tempo para uma resposta mais ampla. Contudo, eu vou apenas sintetizar alguns pensamentos. Eu creio que, no momento atual, nós estamos numa situação pacífica. Eu fiquei muito edificado, ao ler na imprensa que o teólogo Leonardo Boff, depois de ter recebido aquelas observações da Santa Sé, fez uma declaração muito edificante e muito humilde sobre o assunto. Conforme o que eu li nos jornais, naturalmente, falou na suprema instância doutrinal da Igreja e eu, como religioso e como teólogo, acato esta decisão da Santa Sé. Nós estamos, eu creio, que num momento assim de bastante tranquilidade. A Igreja reconhece um direito de todo teólogo a pesquisar com liberdade as verdades da fé. A Igreja reconhece também o direito de todo teólogo de manifestar, com liberdade, suas opiniões, ou seja, os resultados de seus estudos e suas pesquisas. Mas a Igreja espera, também, que todos sejam prudentes porque há certos estudos e certas hipóteses teológicas que podem ser colocadas num nível científico de estudiosos e que talvez não conviria levar para um âmbito de divulgação popular, entre gente simples que não tem um fundamento, uma base e critérios para julgar certas teorias. De uma parte a gente reafirma esse direito natural de todo cientista, para continuar as suas pesquisas e, ao mesmo tempo, essa preocupação com o bem comum. Um povo simples que nunca deve ser abalado e nem prejudicado na sua fé; fé no Evangelho de Jesus Cristo. Isto é o que todos nós desejamos que aconteça.

P - Quando será a sua posse na Arquidiocese de Olinda e Recife? Está de acordo que essa festa seja coordenada pelo Encontro de Irmãos, que é um movimento que reúne todas as comunidades eclesiais de base?

R - Quanto a data da posse, a questão está sendo examinada pelo bispo auxiliar, dom Lamartine, juntamente com o Clero do Recife. Eu tenho alguma sugestão pois gostaria que coincidisse com a festa da padroeira do Recife, Nossa Senhora do Carmo, porque eu sou frade carmelita. É provável que a data seja estabelecida para o

dia 15 de julho, ou seja, véspera da festa de Nossa Senhora do Carmo e, no dia seguinte, celebrar-se-ia já como o novo arcebispo empossado a grande solenidade da padroeira do Carmo. Mas, tudo isso ainda a ser confirmado.

P - Ao que parece, o sr. decidiu que vai morar no Palácio dos Manguinhos, no mesmo local onde João Paulo II ficou hospedado no Recife. Dom Hélder Câmara, ao contrário, preferia morar numa casinha modesta, quase uma favela, e também se alimentava em botecos, modestos restaurantes frequentados pelo cidadão comum. Isto faz alguma diferença?

R - Não está ainda decidido o lugar de minha residência, que eu considero uma questão muito secundária, porque eu tenho outros problemas maiores na cabeça agora. Eu farei uma visita não sei quando ao Recife, para escutar sugestões e não teria nenhuma dificuldade de residir no Palácio dos Manguinhos. Eu acho que aquele palácio está construído, não vamos deixar um ambiente ocioso para depois ter o luxo de alugar uma casa pequena. Eu diria, como querer gastar mais dinheiro para parecer como pobre? A realidade é esta: se existe uma casa construída, que está ociosa, eu vou deixar aquela casa ociosa e comprar outra para ter uma aparência de pobre? Eu não estou ligando muito as aparências. Pretendo seguir a minha consciência e fazer o que eu achar mais conveniente. Esse assunto ainda não foi decidido. Eu estou informado que dom Hélder não reside realmente numa favela. Ele reside nas dependências de uma igreja mas que, simultaneamente, dom Hélder passa muitas horas do dia no Palácio dos Manguinhos, porque ele precisa. O arcebispo como pessoa que tem um cargo importante na Igreja, tem que ter certos locais; tem que ter sua biblioteca; um lugar para recepção; para receber alguma visita importante, algum jornalista, como agora; e tem que ter certos meios, como um telefone, etc. E isto não é uma favela. Então, toda esta infra-estrutura, que é uma exigência do cargo, eu não considero nada contra a pobreza. O bispo pode ter um estilo de vida muito pobre, muito simples e, simultaneamente, usar dos recursos modernos para exercer com mais eficiência o seu cargo.

Bispos preparam defesa a ser enviada ao Vaticano

Da Sucursal do Rio
D. Mauro Morelli, bispo de Duque de Caxias (RJ), d. Waldir Calheiros, bispo de Volta Redonda (RJ), e d. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (MT), estão articulando a resposta dos religiosos brasileiros ligados à Teologia da Libertação contra a punição recebida por frei Leonardo Boff. Eles preparam uma carta que será enviada ao cardeal Joseph Ratzinger, da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, com cópia para o papa João Paulo 2º.

D. José Fernandes Velloso, 69, bispo de Petrópolis (RJ), cidade onde vive frei Leonardo Boff, afirmou não ter conhecimento de qualquer documento em solidariedade ao teólogo. "Acho muito estranho que se faça uma rebelião", comentou d. Fernandes Velloso, que classificou de "boato injurioso" a notícia de que um grupo

de bispos estaria elaborando este documento.

Ele evitou classificar de "punição" o período de um ano de silêncio a que foi condenado o teólogo Leonardo Boff. "Primeiramente temos de saber se é, realmente, uma punição. Uma dieta receitada por um médico é uma punição?", perguntou.

"Salvação"

D. José Fernandes disse que só poderia avaliar a intenção do Vaticano se tivesse lido o documento. "Fui informado através de jornais. O que posso interferir numa coisa que vem diretamente da Santa Sé?", voltou a indagar o bispo de Petrópolis. Ele evitou mesmo calcular, baseado em sua vivência na Igreja, a gravidade da pena atribuída ao teólogo: "Isto depende dos termos da receita e da ideia do doente, que, inclusive, pode receber isto como a salvação".

Preocupação social em comum

Da redação da Folha

D. Mauro Morelli, 49, foi nomeado em 1981 bispo da diocese da Duque de Caxias (RJ), uma das regiões de maior violência do Estado. Define sua missão pastoral como voltada "para os operários, para a terra e para a justiça e paz social".

D. Pedro Maria Casaldáliga, espanhol de nascimento, é bispo de São Félix do Araguaia (MT) e já foi alvo

de inúmeras críticas de setores conservadores, especialmente por combater a ação dos latifúndios e das empresas multinacionais.

D. Waldir Calheiros é bispo de Volta Redonda (RJ). Defendeu, nas eleições de 1982, o voto no Partido dos Trabalhadores, e acredita que o capitalismo "é selvagem, está podre e não é mais uma alternativa para os pobres". Teve inúmeros atritos com os militares, após 1964.

Bispo de Anápolis pede intervenção na Editora Vozes

1415185 FSP

Da Reportagem Local

A aplicação de "medidas heróicas" e a intervenção na Editora Vozes, de Petrópolis (RJ), por parte da CNBB e do Vaticano foram sugeridas ontem, em entrevista por telefone à Folha, pelo bispo d. Manuel Pestana Filho, de Anápolis — município distante 48 quilômetros de Goiânia (GO) —, que manifestou também seu "integral apoio" à condenação do teólogo Leonardo Boff pela Congregação Vaticana para a Doutrina da Fé. Ele acusou a Vozes de "publicar livros ateus e imorais que chegam a todas as famílias e igrejas do Brasil".

Em Petrópolis, município serrano localizado a 66 quilômetros da Capital fluminense, o diretor-presidente da Vozes, frei Ludovico Gomes de Castro, não quis fazer comentários sobre a proposta do bispo goiano. Um de seus assessores explicou que a direção da empresa "não quer entrar nesse tipo de polêmica".

Além de manifestar "revolta" diante da publicação de determinados livros pela editora, d. Manuel Pestana revelou sua "inconformidade" com a reedição dos livros de Leonardo Boff, que é um dos diretores da Vozes, responsável pela seção das publicações religiosas. Essa editora é a mais antiga empresa editorial católica brasileira e a mais importante, com filiais nas principais cidades do País. Fundada e dirigida pelos franciscanos, não é, porém, católica e confessional (ligada a uma crença religiosa), do ponto de vista jurídico.

É precisamente este ponto que d. Manuel Pestana não aceita: "A Vozes pertence a uma ordem religiosa e, nesta condição, entra em todas as igrejas como católica. Por isso não é verdade que não seja uma empresa qualquer, não confessional".

Ele disse também não compreender "como uma editora católica publica livros ateus e imorais". Na primeira qualificação — "ateus" — ele citou o livro "Acaso ou Necessidade", do Prêmio Nobel de Física, Jacques Monod. E na segunda — "imoralidade" — referiu-se aos livros "A Sexualidade Humana", obra coletiva de autores norte-americanos ("que justifica tudo em matéria de

sexo, menos o bestialismo"); "Confissões Inconfessáveis", de Salvador Dali; "A Nova Moral", de J. Marcos Bach; "Luxo e Lixo", de Denner; "Mulher: Objeto de Cama e Mesa", de Rosemarie Muraro; além das obras de Betty Friedan.

Quanto à punição de Boff, d. Manoel afirmou que a recebeu "como algo natural, como o desfecho de uma situação que precisava de intervenção superior". Observou que "o problema não é somente de pastoral, mas envolve o próprio conteúdo da fé" e que "o procedimento de Roma foi evangélico, feito através de advertências, chamadas, correções".

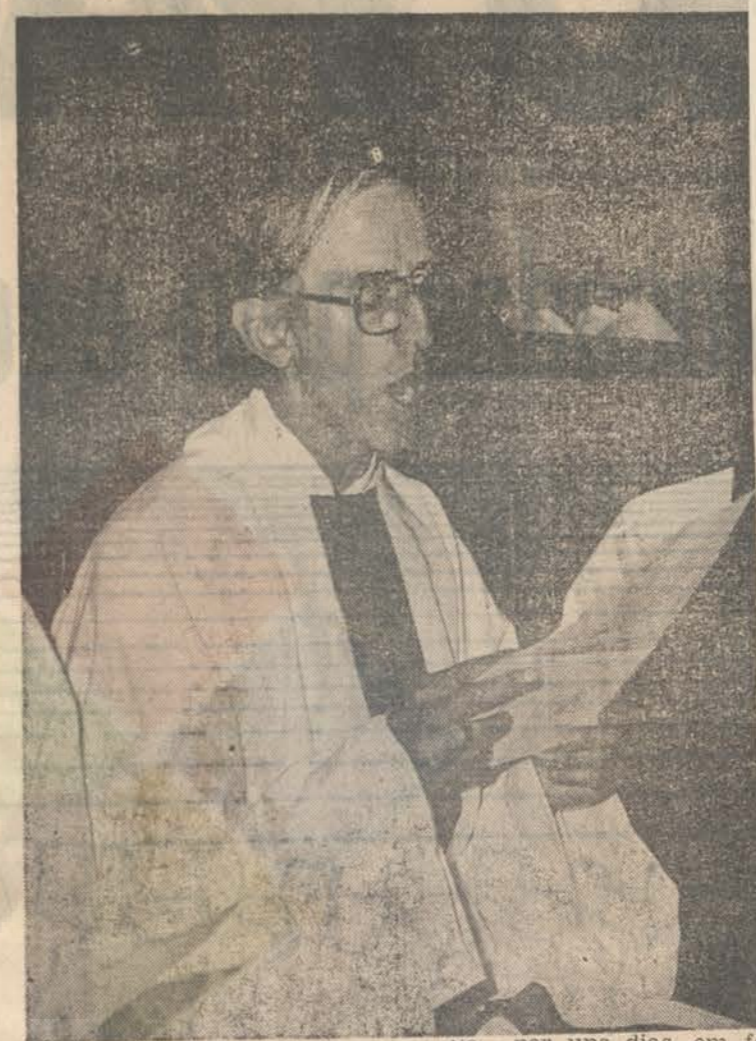
"Na prática isto não obteve qualquer resultado — destacou — porque os livros de Boff continuaram sendo

publicados e os cursos comprometidos da própria pureza evangélica continuaram sendo dados. Em nome da própria Igreja e do Evangelho, era necessário que se desse um basta e que Boff fizesse uma pausa para reflexão. A dificuldade do problema é que está muito carregado de emoção, como é comum no Brasil."

O bispo de Anápolis criticou também "alguns bispos que nunca leram a obra de Boff e ficam na simpatia pessoal por um conferencista que diz aquilo que é interessante para o auditório e, com isto, arrasta atrás de si a doutrina dos livros que têm pouco de católico". Observou que "não se pode, em nome da Igreja, ensinar uma teologia em que as verdades reveladas sejam discutidas como qualquer princípio político".

24-5-85 089

Bênção a F. Leonardo por Dom Casaldáliga



Pedindo publicação, com assinatura original de próprio punho, Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, envia sua "Bênção de São Francisco a Frei Leonardo Boff":

"Que diria meu compadre São Francisco a seu filho Leonardo Boff nesta hora de provação?"

— Irmão Leonardo, teólogo da Graça Libertadora pelo designio do Pai: mesmo não sendo muito conforme com o Evangelho da liberdade dos filhos de Deus, tu, irmão Leonardo, em memória do seguimento de nosso Senhor e Libertador Jesus Cristo que se fez obediente até a morte e morte de cruz, obedece com humor de irmão menor do Reino.

Se, por uns dias, em fecunda sementeira, teólogo do silêncio do Verbo.

Partilha em profundidade o mistério dos Pobres, que não têm voz na Sociedade nem na Igreja.

Teu livro, tão temido, agora revestiu-se de mais próximas razões.

Escuta, em silêncio maior, o grito dos oprimidos que brota deste Continente da morte e da esperança e o canto novo que já rompe das aldeias, dos campos e das cidades.

A mulher, quando deu a luz, esquece as dores que sofreu no parto, feliz por ter entregado um novo filho ao Povo.

A noite vai passando e o dia se aproxima.

Apronta, nesta vigília, as vestes da nova luz.

O vento livre do mar de Tiberiades e as aves evangelizadoras do monte das bem-aventuranças invadirão, para alegria dos Pobres, todo âmbito da Igreja de nosso Salvador Jesus.

Paz e Bem, irmão Leonardo!

Toda a irmandade te acompanha, na oração da fé, com as serestas impacientes da esperança e na fidelidade dos adultos corresponsáveis pelo Reino de Deus. Profeta escolhido de tantas palavras luminosas, sê, por um pouco de tempo, profecia calada... e teu coração experimentará a perfeita alegria.

Para a glória do Pai que nos criou livres, na Páscoa do Filho que com seu sangue nos libertou de todo cativeiro e na consolação do Espírito Santo que é o selo vivo da nossa Liberdade.

Amém, aleluia!"

Pedro Casaldáliga

Sete mil vão ao sepultamento de Dom Fernando

416185
O POPULAR

Num clima de muita consternação foi sepultado, ontem, no presbitério da Catedral Metropolitana de Goiânia, o corpo de Dom Fernando Gomes dos Santos. Eram 21,50 horas, quando o caixão carregado pelos seus familiares, desde a porta principal da igreja, baixou à cripta construída ao lado da de Dom Emmanoel Gomes de Oliveira, primeiro arcebispo de Goiás. Cerca de sete mil pessoas participaram da missa de réquiem, presidida por Dom Benedito Ulhoa, vice-presidente da CNBB e concelebrada por 21 Bispos e mais de 100 padres de vários pontos do Estado.

Dom Fernando morreu de uma parada cardíaca, sábado passado, no Hospital Santa Helena, onde foi operado no dia 28 para extirpar um câncer do intestino. De certa forma a morte do Arcebispo pegou de surpresa toda a comunidade e o próprio clero, visto que todas as notícias davam conta de uma convalescença satisfatória, nos primeiros dias após a cirurgia. Dom Fernando era natural da Paraíba e tinha 75 anos, 28 dos quais como Arcebispo de Goiânia.

RÉQUIEM

A missa de réquiem para Dom Fernando foi celebrada na Praça da Catedral, em frente à porta principal da igreja, onde o corpo foi exposto sobre um tablado, ladeado por mais de 30 coroas de flores dispostas nas escadarias. Atrás do altar improvisado podia-se ler as faixas: **Dom Fernando continue conosco, das Comunidades Eclesiais de Base; Unidos a Jesus Cristo e aos irmãos, sem violência e sem medo; Dom Fernando, o senhor iniciou. Nós vamos terminar.**

Durante toda a celebração a multidão permaneceu num compungido silêncio, só quebrado para aplaudir os diversos concelebrantes, quando eles exaltavam as virtudes, a intepidez e a bondade do morto. Dezenas de pessoas não contiveram as lágrimas, principalmente durante a homilia de Dom Benedito Ulhoa, Bispo de Uberaba. Durante a liturgia da palavra foram lidos vários trechos de mensagens de Dom Fernando sobre os oprimidos, terra, operários, professores etc.

No final da missa, o corpo do Arcebispo foi levado para debaixo da torre principal da igreja, onde foi exposto a nova visitação pública. Estima-se que, nos três dias de velório, mas de 50 mil pessoas visitaram o corpo de Dom Fernando. Entre as autoridades presentes à celebração de ontem, estavam o governador Iris Rezende e Dona Iris, o prefeito Nion Albernaz e Dona Geralda, secretários municipais e estaduais, representantes do Legislativo e do Judiciário. Por ser no interior da Catedral, a multidão não pôde participar da cerimônia do enterro. Mesmo assim, pelo menos 500 pessoas se encontravam no interior da Catedral quando o corpo baixou à cripta, ao som de **Minh'alma Engrandece (Magnificat)**.

"Nós ganhamos um grande advogado"

Pastor. Profeta. Patriarca. Homem de amor, de coragem e de fé. Defensor dos pobres e oprimidos. Assim, a vida, a obra e a pessoa do Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos, foram lembradas ontem, na homilia da missa, pelo representantes dos diversos segmentos da comunidade religiosa episcopal e leiga de Goiânia e de Goiás.

No encerramento da missa, o já Administrador Arquidiocesano, Padre José Pereira de Maria, deixou claro que a Igreja de Goiânia continuará na sua estrada,

caminhando no testemunho e no exemplo de Dom Fernando. "Vai continuar denunciando tudo o que atrapalhar o homem de ser gente", declarou, pouco depois de confortar os presentes ao lembrar que "se perdemos um grande líder, ganhamos um grande advogado, um grande protetor, um padroeiro que fortalece ainda mais nossa fé".

Para o Arcebispo de Uberaba, Dom Benedito de Ulhoa, será necessária uma certa dilatação do tempo para se medir a grandeza de Dom Fernando. "Homem de coragem, de amor e, sobretudo, padre. A coragem, aprendeu com o Papa Pio XI, de quem assimilou também o horror aos regimes totalitários. Foi ungido de bondade e de amor, mas acima de tudo foi padre, que amou profundamente sua Igreja. Certamente foi recebido por um anjo branco na eternidade. Esperamos que lá, de sua mansão no céu, deixe uma janela aberta para a Terra, afim de derramar suas bênçãos para que a Igreja no Brasil seja o Reino de Deus. E quem sabe ele ouça, lá do fundo do sacrário: São Fernando de Goiânia, rogais por nós".

Em nome da Arquidiocese de Goiânia, frei Marcos Sassatelli destacou duas grandes preocupações de Dom Fernando: ser fiel à palavra de Deus e ser fiel à realidade de hoje, para poder construir o projeto de Deus. Representando o clero e o Seminário, padre Luiz Lobo ressaltou os ensinamentos do Arcebispo sobre a vida sacerdotal, enquanto Jason Jacob, em nome das CEB's, destacou a luta de Dom Fernando pelos oprimidos. O professor Pedro Wilson, lembrou que a luta continua por uma Universidade comprometida com a transformação da sociedade. Em nome da família de Dom Fernando, Rui Gomes Dantas agradeceu o carinho e o afeto do povo de Goiânia.

Em nome dos bispos, Dom Celso Pereira, Bispo de Porto Nacional, declarou que do Arcebispo aprenderam a teimosia pela palavra de Deus, a luta pela Justiça. "Ele deixa-nos uma palavra de fé. Por isso, se sua morte nos deixa triste, ela é também uma alegria, pois Dom Fernando combateu o bom combate, conservou a fé e pregou a palavra de Deus".

UCG suspende as aulas até amanhã

Em decorrência do falecimento do Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos, estão suspensas as aulas e as demais atividades na Universidade Católica de Goiás, até amanhã. O comunicado foi feito ainda no domingo pela Reitoria da UCG. As atividades voltarão à normalidade somente na sexta-feira, depois do feriado nacional dedicado a Corpus Christi.

A decisão de suspender as atividades foi comunicada oficialmente pelo Reitor, Padre José Pereira de Maria, em sinal de pesar e solidariedade a Dom Fernando, fundador e criador, Grão-Chanceler e Presidente da Sociedade Goiana de Cultura, entidade mantenedora da Universidade Católica de Goiás.

A Associação das Escolas Cristãs de Goiás também suspenderam ontem as atividades nas escolas, que voltarão hoje à normalidade. Na UFG, as aulas e atividades foram normais.

ASSEMBLEIA E ESTADO

Por iniciativa do deputado Ivan Grênas, líder da bancada do PMDB, os trabalhos noturnos de ontem foram suspensos na Assembleia Legislativa, tendo em vista o enterro de Dom Fernando. Antes de encerrada a sessão, os deputados aprovaram requerimento de Linio de Paiva, no sentido de se registrar, nos anais da Casa, votos de profundo pesar pela morte de Dom Fernando.

Líder espiritual

Entre bispos e outras autoridades eclesiais presentes, ontem, no velório de Dom Fernando, era evidente o sentimento de que a Igreja do Brasil, e muito especialmente a do Centro-Oeste, perdera uma de suas grandes expressões da atualidade. Todos os entrevistados faziam questão de ressaltar as virtudes do Arcebispo não só como homem e como cristão, mas, sobretudo, como líder espiritual, como exemplo de dignidade, coragem e solidariedade.

Dom Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix, Araguaia (MT):

"A gente sempre sente uma certa orfandade. Dom Fernando, a quem chamei padrinho, sagrou-me bispo às margens do Araguaia. Para a Igreja de São Félix e do Brasil ele representou a cobertura lúcida, corajosa e fiel de um patriarca. A sombra dele cresceu e caminhou muito a nossa Igreja. Para mim, Dom Fernando é a figura eclesialista mais importante de toda a história da Igreja no Centro-Oeste, e presença muito importante dentro da própria CNBB".

"Homem de total sinceridade nordestina e evangélica, de uma corajosa liberdade de espírito, sobretudo frente aos grandes e aos mentirosos, e, ao mesmo tempo, de uma fidelidade quase escrupulosa à Igreja. Estas três qualidades conjugadas o fizeram sofrer muito e deram o tamanho exato de sua grandeza. Dom Fernando morreu do coração — só podia morrer assim, de sensibilidade, de generosa revolta e de impaciência eclesial".

"Dom Fernando deu toda a sua vida à Igreja e ao povo, numa época crucial de nossa história civil e eclesial. Peço a Deus e ao Papa que enviem a Goiânia um arcebispo, um sucessor digno de Dom Fernando, da herança pastoral que ele deixou e dos desafios que sacodem o nosso Centro-Oeste: na Igreja na problemática da terra, na migração, nas periferias urbanas, na Universidade, etc. Padrinho e Patriarca, Dom Fernando continuará a nos dar a bênção e a coragem; agora, com a força de quem já ressuscitou no Senhor Resuscitado".

Dom Benedito de Ulhoa Vieira, Bispo de Uberaba (MG) e vice-Presidente da CNBB:

"Dom Fernando era, até a sua morte, o bispo mais antigo em exercício no Brasil. Dessa forma, ele acompanhou e viveu os últimos 40 anos da vida política e religiosa do País. Não foi um mero espectador, mas sim participante ativo. Ele pertenceu à Comissão Central da CNBB, foi um dos propugnadores da Ação Católica, enfrentou os problemas difíceis do final do Estado Novo e de todo o período militar, de 64 para cá".

"Vejo Dom Fernando como um dos mais intrépidos defensores da Igreja. Aqui no Centro-Oeste ele foi um desbravador; veio para Goiânia em 57, quando a Cidade tinha apenas uns 100 mil habitantes e o Estado não ultrapassava a 500 mil. A Igreja aqui teve que crescer com a Cidade e Dom Fernando foi o homem capaz de se pôr à frente dessa Igreja, fazendo-a dinâmica, atualizada e evangélica. Ele passará à história da Igreja no Brasil

como um dos maiores bispos que tivemos: sincero, corajoso e acolhedor — ao lado do já falecido Cardeal Mota e de Dom Helder Câmara".

Dom Tomás Balduino, Bispo da Cidade de Goiás:

"Dom Fernando Gomes dos Santos foi reconhecidamente uma das maiores figuras do episcopado brasileiro. Homem de fé, teve em sua obra o reconhecimento de todos, a tal ponto de ser cotado para ser acolhido nas maiores sedes eclesiais do País, como Rio de Janeiro e São Paulo. Mas, numa decisão pessoal, preferiu vir para Goiânia. Aqui, ele deu sua medida de homem e de Pastor que soube crescer juntamente com toda Igreja, ao ritmo de Vaticano II. Ele é um, antes do Vaticano II, e outro, depois do Vaticano II. Foi fiel e colocou em prática toda vivência do Vaticano II, Medellín e Puebla".

Por isso mesmo, sofreu nessa encruzilhada de mudança dentro da Igreja e também com o dito período revolucionário. Ultimamente sofreu dentro da própria Igreja a incompreensão e a marginalização. A morte de Dom Fernando está ligada e é consequência dessas duas lutas. Qualquer um reconhece nele um lutador que luta com nobreza. Deixa-nos um testemunho de fé profunda, caridade, justiça, lealdade a toda prova. Tinha tudo isso como virtude, pois possuía uma personalidade invulgar. Homem e Pastor que honra a Igreja, a comunidade leiga e religiosa de Goiânia em todos os sentidos.

Tenho certeza que seu trabalho continuará, pois está fundamentado no clero, laicato, nos religiosos e na comunidade. Não digo a mesma coisa em relação à sucessão. Fizemos todo o possível, como bispos, com Dom Fernando, para preparar a sucessão com todo respeito pelo que foi vivido. Roma não se mostrou sensível".

Dom Rubens Augusto Spínola, Bispo Auxiliar de São Luiz de Montes Belos:

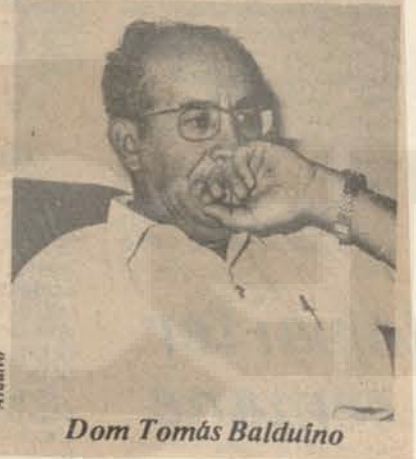
"A morte de Dom Fernando é uma perda muito profunda para Goiânia e para toda a Igreja do Centro-Oeste. Nossa Igreja seguiu muito a experiência de Dom Fernando, bem como sua vivência e segurança. Essa segurança fica ressentida com a ausência de Dom Fernando".



Dom Pedro Casaldáliga



Dom Benedito de Ulhoa



Dom Tomás Balduino

As notas de pesar

Os Presidentes nacional, estadual, arquiocesano e os casais do Movimento Familiar Cristão de Goiânia divulgaram nota ontem compartilhando "com o povo de Goiás, e principalmente de Goiânia, a dor da separação de seu Arcebispo, Dom Fernando Gomes dos Santos".

Conforme a nota, "Dom Fernando sempre se preocupou com a família e se empenhou por uma Pastoral Familiar abrangente e eficiente. Fica para nós, casais do Movimento Familiar Cristão, este desafio de ajudar a levar adiante as suas idéias. Na fé e na Esperança da Ressurreição o nosso Adeus ao querido Pastor".

CPG

Em nota oficial distribuída ontem, a Confederação de Professores do Brasil (CPB) e o Centro dos Professores de Goiás (CPG) afirmaram que Dom Fernando "foi o grande amigo dos professores, os quais encorajou, defendeu, valorizou e amou". Chamando-o de "apóstolo da solidariedade", o manifesto afirma: "Dom Fernando morreu. Ficamos sem sua presença material, mas seu exemplo, sua coragem, sua combatividade, seu amor, seu amigo e fraterno espírito permanecerão conosco, convidando-nos para a construção de nova sociedade, sociedade igualitária e sem classes, a sociedade cristã".

As duas entidades dizem, ainda, o seguinte: "Inspirado em voluntários ideais de solidariedade humana, Dom Fernando construiu um pastorado pacificador, libertador, defensor e provedor. Sua voz propagou corajosamente a luta contra o arbítrio, o autoritarismo e a corrupção. Sua inteligência solidária elaborou severo libelo contra a injustiça, a opressão e a discriminação".

PT

Ao prestar sua homenagem a Dom Fernando, o Partido dos Trabalhadores distribuiu nota ontem reconhecendo "sua fecunda participação no esforço para a conquista da democracia e da justiça social em nosso País". Expressando seu pesar pelo desaparecimento do Arcebispo, o Diretório Regional do PT diz na nota que "Dom Fernando desempenhou um papel da maior importância para a Igreja, sobretudo nos últimos 20 anos".

"Para os movimentos populares a figura de D. Fernando foi a voz que denunciou, **sem violência e sem medo**, as arbitrariedades do governo militar e não se deixou iludir pelo canto da sereia do governo populista, abrindo espaço para as reivindicações dos trabalhadores com relação à terra, à moradia e ao trabalho digno", assinala a nota.

ADUFG

A Associação dos Docentes da UFG divulgou nota afirmando que "o inesperado desaparecimento do arcebispo Dom Fernando Gomes dos Santos representa uma perda muito grande para a Igreja brasileira, para a so-

cidade goiana e a comunidade universitária, em particular. Ao longo dos 28 anos em que esteve à frente da Arquidiocese de Goiânia, Dom Fernando sempre se colocou ao lado das classes representativas da sociedade, comprometidas com as reais mudanças sociais".

"Encampou a luta dos sem-terra e sem trabalho, por mais justiça no campo e na cidade. Nos últimos anos defendeu intransigentemente a luta da comunidade universitária pela melhoria qualitativa do ensino universitário. Durante os movimentos reivindicatórios por salários mais justos e melhores condições de trabalho, os docentes da UFG encontraram nele o estímulo e o apoio necessários à consecução dos objetivos almejados.

"O seu desaparecimento é por esse motivo profundamente lamentado pelos docentes da UFG, mas esperamos que as suas idéias, a sua coerência política e a firmeza de seus posicionamentos, ante o arbítrio e as arbitrariedades que se praticam contra o povo, principalmente os pobres, terão continuidade na figura do seu sucessor".

PCB

"Associando-nos aos sentimentos do povo goiano, manifestamos nosso pesar pelo falecimento do Arcebispo Metropolitano de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos". Inicia uma nota assinada por Paulo Arruda Villar, da Comissão Regional Provisória do Partido Comunista Brasileiro. Diz, ainda, que "exemplo de dignidade na defesa dos Direitos Humanos e da justiça social, Dom Fernando marcou com a firmeza de sua personalidade, a luta democrática nos obscuros anos que se findam".

Agradecimento dos familiares ³

A família de Dom Fernando Gomes dos Santos distribuiu nota à comunidade, ontem, para externar seu agradecimento à equipe de saúde, que cuidou do Arcebispo até a sua morte, e ao povo goiano, pelo grande apreço que demonstrou a ele, tanto na vida quanto na morte. E essa a íntegra do documento:

"Profundamente sentida com a perda do seu querido Fernando, sua família agradece aos padres, religiosos, médicos, paramédicos que o assistiram com toda dedicação e, sobretudo, à grande família do Povo de Deus, que o acolheu como irmão e pai, por 28 anos, e que agora o envolve em preces e gestos de amizade e carinho, ajudando-o a atender ao chamado do Pai".

"Que a sua obra se consolide, pela união e atuação — **sem violência e sem medo** — através daqueles que ele tanto amou e a quem dedicou sua vida de luta contra toda opressão e injustiça, por uma sociedade nova.

Pereira é o interino

O Padre José Pereira de Maria foi escolhido ontem, por unanimidade, Administrador Arquidiocesano, com a responsabilidade de administrar a Arquidiocese de Goiânia até a posse do novo Arcebispo, a ser designado pelo Papa João Paulo II. Padre Pereira disse em entrevista a O POPULAR que o trabalho a ser realizado se fundamentará no Plano de Pastoral, determinado pela última Assembléia Arquidiocesana.

"Não haverá qualquer mudança na linha pastoral da Arquidiocese de Goiânia, pois não há o que mudar. O Plano de Pastoral é muito abrangente e é a expressão do Evangelho dos dias de hoje, num compromisso sincero com a Justiça e com a Verdade, visando a transformação da sociedade. Vamos simplesmente continuar a obra de Dom Fernando", frisou. Sobre o substituto de Dom Fernando, Padre Pereira declarou que tal decisão é de competência exclusiva do Papa. "Estamos nas mãos de Deus e da Providência Divina".

ESCOLHA

Padre Pereira foi escolhido Administrador Arquidiocesano pelo Conselho de Consultores da Arquidiocese de Goiânia, de conformidade com a lei canônica. O Conselho é composto pelos monsenhores Rudolf Tellmann, Angelino Fernandez Y Fernandez, Aldorando Mendes, João Daiber, Nelson Rafael Fleury, José Pereira de Maria e pelos padres Moacir Bernardino e José Vicente Barboza.

Ainda ontem o monsenhor Rodolfo Tellmann, que presidiu o Conselho de Consultores, enviou telegrama à Sagrada Congregação para os Bispos, com sede no Vaticano, comunicando o falecimento de Dom Fernando Gomes dos Santos, aos 75 anos. A Sagrada Congregação Para os Bispos encarrega-se de comunicar o falecimento do Arcebispo ao Papa João Paulo II.

SUCESSÃO

Passado o impacto da morte de Dom Fernando Gomes dos Santos, o assunto principal, ontem, no meio religioso, episcopal e das comunidades de base de Goiânia era a sucessão do Arcebispo. Ninguém mais esconde o temor e o receio de ser designado para Goiânia um Arcebispo de linha oposta à caminhada da Igreja de Goiânia, nos últimos 28 anos, liderada e vivida por Dom Fernando.

Há razões de sobra para tanto temor. O pedido da vinda de um Arcebispo-Coadjutor, feito por Dom Fernando à Santa Sé, foi negado em agosto do ano passado. Somente em maio deste ano, a Nunciatura Apostólica no Brasil comunicou a decisão ao Arcebispo. Esquecimento ou marginalização? Antes, o Nuncio Apostólico, Dom Carlo Furno, repreendeu Dom Fernando, através de uma carta, porque o Arcebispo, ao agradecer manifestação dos sacerdotes de Goiânia, relatou o encaminhamento da sucessão e o descaso do Nuncio de não responder ao seu pedido. A repreensão e a resposta vieram depois, num sinal claro de que o quadro era outro.

Dom Fernando Gomes dos Santos morreu Arcebispo de Goiânia, conforme lhe recomendara em novembro de 1982 o Cardeal-Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns. A expectativa dos arquidiocesanos é de que a Santa Sé não coloque uma pedra na trilha da caminhada da Igreja de Goiânia.



Padre José Pereira

Apoio à Libertação

Até os últimos dias de sua vida, Dom Fernando Gomes dos Santos manteve seu compromisso e fidelidade com a causa dos pobres, oprimidos e marginalizados, através de seu lema **Sem Violência e sem Medo**. Um dos últimos documentos assinados pelo Arcebispo, em vida, foi dirigido ao frei Leonardo Boff, expoente da Teologia da Libertação no Brasil, solidarizando-se com o teólogo pela punição recebida pela Sagrada Congregação da Doutrina da Fé, obrigando-o a um ano de silêncio.

Assinada também por outros bispos, o documento diz o seguinte:

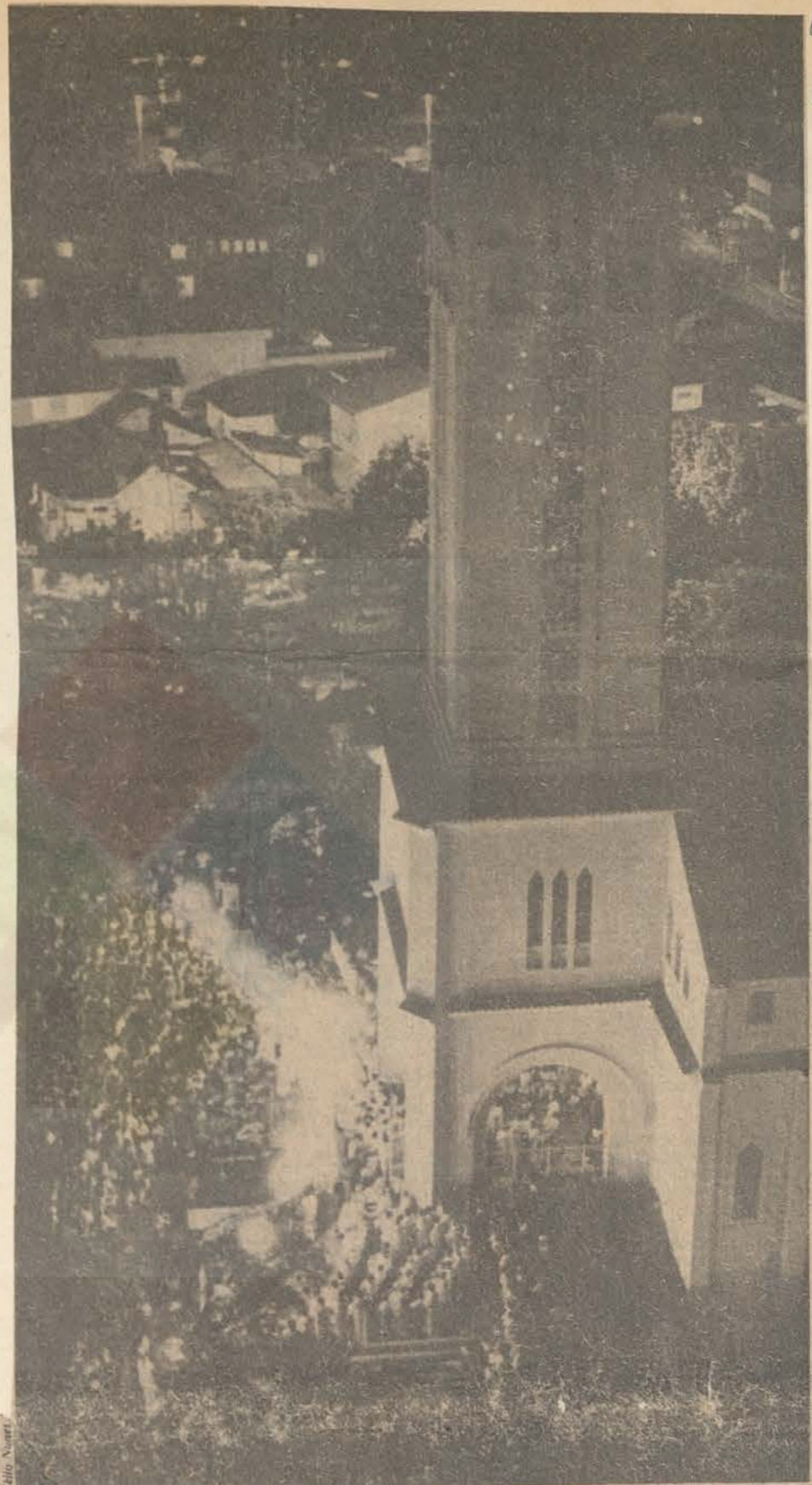
"Como Bispos da Igreja Católica no Brasil sentimos o dever de manifestar publicamente nossa inconformidade diante da punição infligida pela Congregação Vaticana para a Doutrina da Fé ao nosso teólogo Leonardo Boff.

"Tanto a medida em si quanto o procedimento usado em sua aplicação, parecem-nos pouco evangélicos; lesivos aos direitos humanos e à liberdade de investigação do teólogo, contrários ao testemunho da liberdade e caridade cristãs, perturbadores da caminhada de nossas Igrejas e ofensivos à corresponsabilidade de Nossa Conferência Episcopal".



A porta da Catedral Metropolitana, Dom Benedito Ulhôa, de Uberaba, preside missa de réquiem por Dom Fernando

416185
O POPULAR



Um grande público prestou a homenagem final a D. Fernando Gomes

Faleceu D. Fernando, Arcebispo de Goiânia



D. Fernando foi Arcebispo de Goiânia desde 1957 até sua morte

Dom Fernando Gomes dos Santos faleceu dia 1.º de junho último, em Goiânia. Era Arcebispo de Goiânia desde 1957. Deus o dotou de grandes qualidades. Sobressaiu em todo seu trabalho de dedicação à Igreja, na fidelidade à própria Igreja, no dinamismo, na lucidez, na fidelidade ao povo e ao Evangelho, sobretudo na coragem e franqueza. Estas últimas é que trouxeram muitas incompreensões. Em março último ele fez um depoimento, a pedido de amigos, sobre seus 75 anos de vida, publicado na Revista Eclesiástica Brasileira, n.º 45, fascículo 177. Lá ele diz:

"Alguns amigos pediram-me um depoimento sobre como vejo, aos 75 anos, o mundo e a Igreja. O que foi que mudou e até que ponto eu teria mudado, ao impacto das transforma-

ções, rápidas e profundas, que se processaram nestas últimas décadas.

"A resposta não me parece fácil, sobretudo quando deve ser dada em forma de depoimento sintético, objetivo e exato, por uma pessoa inserida no mundo e consagrada a Jesus Cristo e à sua Igreja em fase de transição.

"Cada fase da vida, da infância à velhice, é cheia de pequenas e grandes coisas, entrelaçadas e difíceis de serem narradas e explicadas ou compreendidas. Ninguém é mero fruto do meio em que vive ou das circunstâncias que o cercam. Mas, inegavelmente, é fortemente influenciado e pode influir, em menor ou maior escala, quer nas pessoas, quer nos acontecimentos.

"Cada pessoa é única e misteriosa. Ninguém tem condições de julgá-la, porque não dispõe

de todos os dados para o julgamento. Só Deus, que tudo sabe, pode julgá-la, porque a conhece, a acompanha e a ama. O julgamento para ser justo, tem de ser feito com amor."

Dom Fernando nasceu a 4 de abril de 1910 em Patos, na Paraíba. Afirma que sendo "coroinha" do Pe. José Neves Sá é que aprendeu desde cedo a dedicar-se aos outros. Entrou para o Seminário de João Pessoa e lá estudou até o segundo ano de Teologia, terminou seus estudos no Colégio Pio-Latino-Americano, em Roma. Foi ordenado sacerdote em 1932. Foi sob a influência de Pio XI, Papa que reiteradas vezes condenou os regimes totalitários, e seus chefes que adquiriu aversão aos governos ditatoriais e autoritários. Foi Pio XI que criou a festa de Cristo Rei para dizer que todo poder é relativo e só Deus é o absoluto.

Voltando ao Brasil, foi nomeado Diretor do Colégio Diocesano em Cajazeiras, sendo, em seguida, vigário de Cajazeiras e depois de Patos. Pio XII o nomeou Bispo de Penedo no início de 1943, sendo depois transferido como Bispo de Aracaju, capital de Sergipe, onde organizou um trabalho memorável de ajuda aos flagelados da terrível seca de então. Em 1957 o Papa Pio XII enviou-o como Arcebispo de Goiânia.

VATICANO II E MEDELLIN

Dois acontecimentos na década de 60 tiveram sua influência de 60 tiveram sua influência emsembléia dos Bispos Latino-Americanos, Medellín. No Concílio Vaticano II, falou decisivamente por duas vezes. A primeira quando se discutia o governo da Igreja, em nome de 60 bispos, e a segunda em nome de 12 bispos brasileiros e de bispos de outros países, sobre o documento que tratava dos presbíteros. Sendo um dos dez delegados brasileiros à Conferência de Medellín, teve papel importante na redação do texto do Documento que colocava a Igreja da América Latina dentro da mentalidade do Vaticano II.

Ajudou na criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e em Goiás, na criação do Regional Centro-Oeste. Na Arquidiocese de Goiânia seu dinamismo se manifestou na formação inicial e permanente do Clero e do laicato, na organização da pastoral, na criação da Universidade Católica de Goiás, nas CEBs, nos meios de comunicação e em toda a vida da



Dom José, Dom Benedito e Dom Falcão: atos finais na Catedral

D. Fernando é sepultado na Catedral

O corpo de Dom Fernando Gomes dos Santos, Arcebispo de Goiânia, falecido sábado, foi sepultado ontem à noite, na Catedral Metropolitana, numa cripta construída ao lado da de Dom Emmanuel, o primeiro Arcebispo de Goiás. Em clima de muita consternação, familiares de Dom Fernando baixaram o caixão à cripta às 21,50 horas. Aproximadamente sete mil pessoas participaram da missa de réquiem, presidida por Dom Benedito Uihôa, vice-Presidente da CNBB, e concelebrada por 21 bispos e mais de 100 padres de vários pontos do Estado.

No encerramento da missa, na Praça da Catedral, onde o corpo foi exposto sobre um tablado, padre José Pereira de Maria, escolhido ontem Administrador Arquidiocesano, disse que a Igreja de Goiânia continuará na sua estrada, caminhando no testemunho e no exemplo de Dom Fernando. "Vai continuar denunciando tudo o que atrapalhar o homem de ser gente", afirmou Padre Pereira, ao lembrar que "se perdemos um grande líder, ganhamos um grande advogado, um grande protetor, um padroeiro que fortalece ainda mais nossa fé". (Página 5)

Igreja local.

Duas coisas disse lamentar. A primeira é a nova terminologia que insiste em classificar os bispos em "progressistas" e "conservadores" como se a Igreja estivesse dividida em duas categorias de pessoas, e outra a fobia do comunismo, que tenta identificar bispos e religiosos como "subversivos" e "comunistas", sem o menor escrúpulo.

Vai-Vem muda e continua a luta

O Vai-Vem está de cara nova. O Boletim das Migrações foi modificado e sua edição de junho traz o cartaz e algumas importantes reflexões sobre o Dia do Migrante a ser comemorado no próximo dia 25 de junho. O Boletim editado pelo Centro de Estudos Migratórios e Centro Pastoral dos Migrantes, porém, manteve sua linha editorial que sempre esteve atenta à peregrinação forçada de milhões de brasileiros expulsos de sua terra. E seu objetivo, assinala o Vai-Vem, é continuar sendo a voz denunciadora dessa enorme multi-

dão expoliada.

Vai-Vem acompanha a luta dos lavradores e o desenvolvimento da Pastoral dos Migrantes em todo o Brasil. Apresenta um longo documento, lido na última assembléia da CNBB em Itaici e preparado pelos Bispos de Rondônia e Mato Grosso, relatando os problemas dos migrantes que se dirigem para o Noroeste do país. Com esta divulgação o Vai-Vem espera despertar a população para o grave problema das migrações que já tem feito incontestáveis vítimas em todo o Brasil.

Bispos de Goiás ²⁻¹¹⁻¹⁹⁸⁵ procuram justiça

Dom Jaime Collins, Bispo de Miracema do Norte; Dom José Gomes de Oliveira, Bispo de Rubiata-Mozariândia; Dom Jaime Schuck, Bispo de Cristalândia, e Dom Celso Pereira de Almeida, Bispo de Porto Nacional, apresentaram ao Procurador Geral da República, Dr. José Carlos Sepúlveda Pertence, em Brasília, dia 4 de junho passado, denúncia sobre violência contra trabalhadores rurais, no Norte de Goiás e Sul do Pará, 1984-1985, dossiê com 250 páginas, já enviado a todos os órgãos federais, relatando mais de 40 mortes, 600 casas queimadas, ameaças de morte, prisões, processos contra padres e posseiros.

Comunicaram ao Procurador da República que processaram no Tribunal da Justiça, por injúria, calúnia e difamação, o secretário de Segurança Pública de Goiás, Juizes de Direitos e Delegados de Polícia, através de representação criminal, 29 de maio último.

Os Bispos pediram com insistência que a Procuradoria Geral agilize queixa-crime, os processos de desapropriação e discriminação no Estado de Goiás.

Faleceu Dom Elias Coueter



Dom Coueter foi o primeiro Eparca Católico Melquita no Brasil

No dia 16 de junho de 1985, faleceu Dom Elias Coueter, Primeiro Eparca Católico Melquita no Brasil. Filho de Antoun Coueter e de Wassila Sada, tinha 89 anos de idade, tendo nascido em 15 de agosto de 1896, em Damasco, capital da Síria.

Aos 11 anos de idade entrou para o seminário de Santana, em Jerusalém, seminário Melquita, dirigido pelos Padres brancos, missionários da África. Durante a guerra de 1914, todos os seminários foram fechados e os seminaristas enviados de volta a suas casas. Dom Elias permaneceu no seminário, e aos 20 de julho de 1925 foi ordenado sacerdote. Seus primeiros anos de sacerdote ele os viveu lecionando nas escolas patriarcais de Beirute, Damasco e Cairo, tendo sido também, em Alexandria, Diretor Espiritual e orientador dos estudos das Irmãs de Besançon.

Em 1936, Dom Elias foi nomeado vigário cooperador da paróquia Melquita de Detroit-Michigan (USA), recebendo o título de Arquimandrita (Monsenhor no rito latino). Três anos depois vem para o Brasil, tendo sido o primeiro pároco da Igreja São Basílio, do rito Melquita, nomeação recebida em 1946 de Dom Jaime de Barros Câmara. Em 1951, o mesmo Dom Jaime, é nomeado Ordinário dos Orientais Católicos e um ano depois, confiava o Vicariato Geral dos Melquitas a Monsenhor Elias. Papa João XXIII nomeou-o Bispo Titular de Tauá, e em dezembro, Bispo Auxiliar de Dom Jaime para os Melquitas no Brasil. A sua foi a primeira sagração de um bispo oriental nas Américas.

Tendo sido criadas pelo Papa João XXIII, em 1972, três dioceses orientais no Brasil, Melquita, Maronita e Ucrainiana, Dom Coueter passou a ser o 1.º Eparca de Nossa Senhora do Paraíso, em São Paulo.

De 1972 a 1976, Dom Elias tratou de firmar a nova eparquia, dando zelosa assistência aos párocos de São Paulo, Rio de Janeiro, Juiz de Fora e Fortaleza. Em 1977, debilitado pela doença, Dom Elias apresentou sua demissão, consciente de que o seu trabalho apostólico deveria passar a um sucessor trabalhador como ele. Sucedeu-lhe Dom Spiridon Mattar, tendo tomado posse em outubro de 1978.

Bispo demissionário, Dom Elias dedicou seu tempo à oração, à meditação e à orientação dos fiéis que o procuravam, manifestando um grande coração e uma santidade exemplar. Por três vezes visitou seus familiares nos Estados Unidos.

A morte de Dom Elias entristeceu a todos que o conheceram. Autoridades religiosas e civis, representantes das comunidades Romana, Marronita, Ortodoxa, Siríaca, Armênia, dos Governos do Líbano, da Síria, da Jordânia, e das Entidades Sociais Libanesas e Sírias, estiveram presentes na Liturgia em sufrágio de sua alma, presidida por Dom Spiridon Mattar.

Igreja tem novo arcebispo amanhã

Numa solenidade que será marcada pela presença de vários bispos do Nordeste, tomará posse, amanhã, na Arquidiocese de Olinda e Recife, o novo arcebispo metropolitano, dom José Cardoso Sobrinho, que substituirá dom Hélder Câmara à frente dos destinos da Igreja na capital pernambucana. Dom José Cardoso Sobrinho será o 7.º arcebispo de Olinda e Recife e o 31.º bispo de Olinda.

A cerimônia de posse será celebrada, a partir das 19 horas, na Catedral Metropolitana de Olinda, a histórica Igreja da Sé, que domina uma das mais belas paisagens do município. A cerimônia de investidura de dom José Cardoso Sobrinho no governo arquidiocesano começará com um cortejo que se deslocará do antigo Seminário de Olinda em direção à catedral. A procissão, que partirá da capela do Seminário, conduzindo o novo arcebispo de Olinda e Recife até a Igreja da Sé, deixará aquele antigo centro de estudos eclesiais do Nordeste às 18h30m. Bispos, sacerdotes, religiosos e o povo integrarão o cortejo.

SAUDAÇÃO

Quando a procissão chegar, às 19 horas, no adro da Catedral Metropolitana, o prefeito de Olinda, José Arnaldo do Amaral, saudará o arcebispo em nome do povo olindense. Em seguida, a frente da porta principal da Sé, o administrador apostólico da diocese, dom Hélder Câmara, o apresentará oficialmente e ele será saudado pelo Cabido Arquidiocesano, integrado pelos cônegos da Arquidiocese.

Concluída essa segunda parte do programa, começará a celebração da missa, quando se dará o ato de in-

vestidura de dom José Cardoso Sobrinho no governo da arquidiocese, diante do Colégio de Consultores, sob a presidência do administrador apostólico, dom Hélder Câmara, que passou a exercer essa função a partir da data em que o Papa João Paulo II indicou o novo arcebispo de Olinda e Recife.

Diante do Colégio de Consultores da Arquidiocese e da assembleia presente na Catedral Metropolitana, serão feitas a apresentação e leitura do documento que designou dom José Cardoso Sobrinho para a Arquidiocese de Olinda e Recife. Terminada a apresentação do documento apostólico, lavrado pelo Vaticano, o clero saudará o novo arcebispo, seguindo-se a leitura da ata de posse.

O coro da Sé cantará, então, o "Veni Creator", enquanto é retomada a celebração da missa. Concluída a liturgia da palavra - leitura de um texto do Antigo Testamento, epístola de São Paulo e o Evangelho (Mc. 6,7-13) - dom José Cardoso Sobrinho, já na qualidade de arcebispo metropolitano de Olinda e Recife, proferirá o sermão, seu primeiro pronunciamento na condição de chefe do governo arquidiocesano. Para a solenidade foram feitos convites oficiais aos chefes dos três poderes constituídos do Estado: governador Roberto Magalhães; deputado Osvaldo Rabelo, presidente da Assembleia Legislativa de Pernambuco; e desembargador Benildes Ribeiro, presidente do Tribunal de Justiça; além dos prefeitos Joaquim Francisco, do Recife; e José Arnaldo do Amaral, de Olinda.

REFLEXÃO

O Boletim Arqui-

diocesano, órgão oficial da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Olinda e Recife, abriu o seu noticiário lembrando: "Somos convidados a refletir, neste domingo, sobre o papel da Igreja, em nossos tempos, e a missão dos cristãos, em nossos dias. Há uma pergunta que fundamenta a resposta a estas indagações: para que Cristo veio ao mundo? Colocamo-nos diante do projeto de Deus em relação ao homem: liberdade, dignidade, salvação. E foi Jesus que viveu, em plenitude, o projeto do Pai. Ele quer a felicidade do homem e a sua salvação. Cabe à Igreja, na linha do pensamento de Cristo, concretizar o plano divino, através do tempo. Esta reflexão é bem oportuna quando estamos às vésperas da posse do novo arcebispo de Olinda e Recife, uma feliz coincidência com a festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do Recife".

As celebrações litúrgicas da festa de Nossa Senhora do Carmo, que serão presididas pelo novo arcebispo, terão início às 9 horas de terça-feira, feriado municipal, com reunião de bispos e sacerdotes na Concatedral de São Pedro dos Clérigos, de onde sairá, às 9h30m, procissão rumo à Basílica do Carmo. Nesta, o arcebispo presidirá solene celebração da missa e fará o seu segundo pronunciamento público.

A tradicional procissão de Nossa Senhora do Carmo sairá às ruas centrais da cidade às 16 horas. Dom Hélder Câmara, que 21 anos governou a Arquidiocese de Olinda e Recife, pronunciará sermão, falando também dom José Cardoso.

Deptº de Pesquisa

"Pode até parecer vaidade de alguém se proclamar plenamente realizado. Mas é assim que eu sinto por tudo quanto recebi de Deus. E tenho convicção plena de que recebi incomparavelmente mais do que poderia imaginar". Com estas palavras, dom Helder Câmara, uma das figuras mais criticadas e aplaudidas deste País e a mais conhecida personalidade católica da América Latina, definiu, recentemente, os seus sentimentos com relação ao longo apostolado exercido por ele em períodos conturbados da vida brasileira.

Por suas posições polémicas, dentro ou fora dos limites da Igreja Católica, o arcebispo de Olinda e Recife conseguiu desagradar a muitos, chegando inclusive, a ser identificado, em alguns setores mais tradicionais da Igreja e área governamental, como o "bispo vermelho", "comunista", "subversivo". Sua ação principalmente junto as camadas mais carentes da população recense, ultrapassou nossas fronteiras e sua voz se fez ouvir por toda parte. Sua presença passou a ser constantemente reclamada nos maiores centros filosóficos e teológicos do mundo, para participar de conferências e debates, ministrar cursos sobre a paz, a desmilitarização dos povos, o Evangelho e a missão libertadora da Igreja Católica. Em 1973, o nome de dom Helder foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz.

Formado em Teologia, Sociologia e Direito, dom Helder possui cerca de 20 títulos de doutor honoris causa, outorgados por universidades de todo o mundo, entre as quais as de Harvard (Estados Unidos), Sorbone (França), Amsterdã (Holanda) e Friboury (Suíça). Dentre os 14 prêmios internacionais com os quais foi agraciado, constam o Prêmio Martin Luther King (EUA) e o Testimônio 85, criado pelo clero italiano para distinguir o que lutam pela paz, e recebido neste ano.

VIDA

Helder Pessoa Câmara ordenou-se padre a 15 de agosto de 1931, aos 22 anos de idade, pelo Seminário Maior de Fortaleza, a cidade onde nasceu em 1909, filho de pai guarda-livros e mãe com e mãe professora. Pouco tempo depois de ordenado, passou a formar nas fileiras do movimento integralista de Plínio Salgado, do qual somente se afastou quando foi transferido para o Rio de Janeiro. Na antiga Capital Federal, além de ter sido um dos maiores líderes da Ação Católica, antes e depois de ser sagrado bispo, em 1952, conviveu em perfeita harmonia com o poder governamental, por entender que Igreja e Estado se respeitavam mutuamente e, juntos, poderiam trabalhar melhor pelo novo.



Aqui, o reconhecimento mútuo de um sentimento pleno



D. Helder: sempre presente ao lado dos mais carentes

Por conta desse bom relacionamento com o Governo, políticos e toda a sociedade carioca (houve uma época em que foi frequentador assíduo de festas, chás e recepções em casas de "vips"), foi que resolveu fundar a Cruzada de São Sebastião (para muitos o bispo estava a serviço dos grandes "lobos" imobiliários), no Rio de Janeiro, em 1956, e que permanece até hoje como um dos mais importantes programas sociais junto às favelas cariocas. A dom Helder, ainda, deve-se a idéia e o trabalho do Banco da Providência (que teve sua origem na chamada campanha filantrópica Feira da Providência organizada por senhoras da sociedade), que, desde 1958, vem atuando no que ele próprio denominou de "faixa de miséria". Foi

também o idealizador da Conferência Nacional de Bispos do Brasil - CNBB, a qual foi primeiro-secretar durante 12 anos de (1952-1964).

NO RECIFE

Foi, entretanto, no Recife, que dom Helder Câmara revelou-se para o mundo como um combativo soldado em prol da causa dos mais oprimidos, defensor da paz e dos injustiçados sociais. Sua nomeação

para o Arcebispado de Olinda e Recife, após a morte de dom Carlos Coelho, causou impacto muito forte não apenas entre a população católica de Pernambuco, particularmente da nossa Capital, mas entre todas as pessoas das mais variadas tendências religiosas, correntes políticas e posições sociais. A simples menção do seu nome como novo ocupante da Arquidiocese chegou a causar inveja entre muitas dioceses brasileiras que desejavam ser dirigidas pelo prelado cearense.

Delirante foi a recepção que o novo arcebispo teve, ao desembarcar às 15h30m do dia 11 de abril de 1964, dez dias após o movimento militar que havia derrubado o Governo Goulart, sendo recebido, nos Guararapes, pelas mais altas autoridades civis e militares do Estado. Saudado pela população, no centro da cidade, ali fez um discurso marcante, onde destacou a sua vocação de viver ao lado dos mais pobres ("Ninguém se escandalize quando me ver frequentar criaturas tidas como indignas e pecadoras"), chamando, ainda, a atenção dos fiéis para a necessidade de uma verdadeira tomada de consciência do Nordeste, "desse Nordeste onde Cristo simplesmente poderia e de-

veria ser comparado com Ze, Antônio ou Severino". A fala de dom Helder foi, na realidade, a sua profissão de fé. Desde o momento em que pisou no solo pernambucano, até este momento em que se despede dos seus diocesanos, o

"dom", como é chamado pelos que lhe são mais íntimos, jamais se afastou da sua posição de lutar pelos mais humildes e mais injustiçados. Suas atitudes - discutidas e combatidas, as vezes: endossadas e enaltecidas - custaram-lhe um silêncio de quase duas décadas, imposto pela negra noite que se abateu sobre o País. Os moradores dos morros e atalhos, os pequenos e os oprimidos, os perseguidos e torturados, entretanto, continuaram a ouvir a voz do seu pastor. Se sobre dom Helder não pode diretamente cair o instrumento da repressão, abateu-se sobre seus adeptos o látigo do regime. Em 1969, um de seus mais fiéis colaboradores, o padre Henrique Pereira Neto, foi assassinado barbaramente, em condições até agora não totalmente esclarecidas.

Trabalhando sempre ao lado das populações carentes, empenhou-se no desenvolvimento das comunidades eclesiais de Base, seguindo os ditames do Concílio Vaticano II, e atuando no sentido de incorporar o povo de Deus à obra da Igreja. Sempre humilde, rejeitou o fausto e as pompas, trocando o Palácio dos Manguinhos, sede oficial da Arquidiocese de Olinda e Recife - e onde até hoje funciona o Banco da Providência, por ela ali instalado para ir morar nos fundos da igreja-nha das Fronteiras, na Boa Vista, pedaço de sacristia que transformou em residência: um quarto, uma sala, um minúsculo quintal. Na sala, uma rede, mesa e quatro cadeiras e um baú. E na parede, entre quadros e retratos, a frase famosa de Martin Luther King: "Eu tenho um sonho".

Também dom Helder tinha um sonho. Parte dele, possivelmente, tornou realidade no solo tantas vezes ingrato desta terra. Afinal, diria ele, "sou um pastor de homens, de criaturas humanas com alma, corpo e todas as conseqüências."



D. Helder deixa a Arquidiocese, mas continua como seu mentor espiritual



O novo bispo é considerado um homem da paz e do diálogo



O novo arcebispo, d. Cardoso, é amigo íntimo do Papa

Depois da expectativa, a nomeação de um moderado

Depois de um ano e dois meses de expectativas em relação à indicação do sucessor de dom Helder, o Vaticano finalmente divulgou, no dia 10 de abril deste ano, através do seu órgão de imprensa oficial, o jornal *L'Osservatore Romano*, a indicação de dom José Cardoso Sobrinho, para assumir a nossa arquidiocese.

O novo arcebispo, nascido a 30 de junho de 1933, foi ordenado sacerdote em Roma, em abril de 1957, e eleito bispo de Paracatu, em Minas Gerais, em 1979. Formado em Filosofia, em Teologia e em Direito Canônico, é ainda doutor em Direito Civil. Em 1966 defendeu tese doutoral sobre o tema "A Opção do Seminarista pelo Celibato". Pertencendo à Ordem dos Carmelitas, foi assistente-geral e posteriormente procurador-geral da instituição. Dom Cardoso é o

sétimo arcebispo metropolitano de Olinda e Recife e o trigésimo-primeiro bispo a ocupar o solio olindense. A linha de pastoral do novo arcebispo é definida por membros da Igreja como moderado.

Apesar de ser pernambucano, é praticamente desconhecido em sua terra, pois durante 28 anos morou em Roma, tendo regressado ao Brasil há apenas cinco anos, período em que dirigiu a diocese rural de Paracatu. Durante o longo processo de escolha do arcebispo de Olinda e Recife, iniciado em fevereiro do ano passado, quando dom Helder, ao completar 75 anos, apresentou ao Vaticano o seu pedido de aposentadoria, muitos nomes foram cogitados para ocupar a Arquidiocese de Olinda e Recife. Mas somente na primeira semana de abril deste ano, dom Car-

des teológicas que podem ser colocadas no nível científico de estudiosos e que talvez não conviria levar para um âmbito de divulgação popular, entre gente simples que não tem um fundamento, uma base de critérios para julgar certas teorias".

Estilo de vida: "Eu não teria dificuldades de residir no Palácio dos Manguinhos. O bispo pode ser pobre e usar dos recursos modernos para exercer com mais eficiência o seu cargo".

Estilo de trabalho: "Eu convidaria os interessados, o povo, a observar, com objetividade e seriedade, as minhas atitudes, o meu estilo de trabalho e depois tirar suas conclusões".

doso passou a constar das listas de especulação sobre o assunto.

PENSAMENTO

Amigo íntimo e pessoal do Papa João Paulo II e das mais altas autoridades da corte católica apostólica romana, o novo arcebispo, entretanto, é conhecido na sua terra natal como dom "Dede". Seus amigos consideram-no um homem que busca a paz e o diálogo e que tenta abrir caminho em direção a uma Igreja cada vez mais aprofundada nos conhecimentos e na vivência do Evangelho de Jesus Cristo.

Mas, o que pensa o nosso novo arcebispo? Vejamos:

D. Helder: "Dom Helder ficando no Recife é uma honra e eu darei todo o meu apoio. Vou sugerir que ele se sinta à vontade. Considero esta presença uma bênção para nossa arquidiocese".

Teologia da Libertação: "A Igreja reconhece o direito de todo o teólogo a pesquisar com liberdade as verdades da fé. A Igreja reconhece também o direito de todo o teólogo de manifestar, com liberdade, suas opiniões, ou seja, os resultados de seus estudos e suas pesquisas. Mas a Igreja espera, também, que todos sejam prudentes porque há certos estudos e certas hipóte-

Nova República: "Tenho certeza de que as mudanças atuais no Brasil, a restauração da democracia e o funcionamento das instituições vão facilitar e ajudar a Arquidiocese de Olinda e Recife".

Arquidiocese: "Eu não vou chegar ao Recife com um programa feito, isto é impossível. Eu vou chegar lá para me inserir naquela realidade da Igreja do Recife, para consultar o clero, como eu já disse noutras ocasiões. Fazer uma consulta ampla, inclusive de pessoas leigas que tiverem interesse em colaborar com a Igreja e daí partir, continuar a nossa caminhada. E como se o dom Helder continuasse no Recife".

Lema: "O meu lema é uma frase tirada da regra da Ordem Carmelita: "Ao serviço de Jesus Cristo". Esta frase que me inspirou como religioso durante tantos anos, eu quero que continue a inspirar toda a minha vida espiritual, atividade como bispo porque, afinal de contas, é a finalidade última de toda a Igreja, o povo de Deus".

Arquidiocese de Recife e Olinda tem novo titular

Diário de PE 25/07/1985

Depois de 21 anos, a Arquidiocese de Recife e Olinda tem, a partir das 19 horas de hoje, um novo arcebispo: Dom José Cardoso Sobrinho, da Ordem dos Carmelitas, que substitui a dom Hélder Câmara, aposentado em fevereiro do ano passado, ao completar 75 anos de idade. A solenidade, que será assistida por altas autoridades do Estado, ocorrerá na Catedral Metropolitana, no Alto da Sé, em Olinda.

Dom José Cardoso, apesar de ser pernambucano, da cidade de Caruaru, é pouco conhecido na sua própria terra, pois passou 28 anos em Roma, onde se tornou amigo pessoal do Papa João Paulo II. Há apenas cinco anos retornou ao Brasil, quando passou a dirigir a Diocese Rural de Paracatu, em Minas Gerais.

Dom Hélder Câmara, que se afasta

agora, foi durante os governos autoritários dos últimos 21 anos, a figura mais criticada e aplaudida, chegando a ser identificado por setores tradicionais da Igreja e do Governo como o "Bispo Vermelho". Teve, em 73, o seu nome indicado para o Prêmio Nobel da Paz. Formado em Teologia, Sociologia e Direito, tem em seu currículo cerca de 20 títulos "Honoris Causa" das universidades mais importantes do Ocidente. Quando assumiu, dez dias depois da queda do governador João Goulart, disse: "Ninguém se escandalize quando me ver frequentando criaturas tidas como indignas e pecadoras". E mais adiante comparou Cristo aos Antônios Severino e José do Nordeste. **Mais notícias nas páginas A-5 e B-1.**

Arquivo DP



Dom José Cardoso Sobrinho assume hoje

CEDIM

Dom Cardoso assume hoje

segunda-feira, 15 de julho de 1985

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

A-5

Arquidiocese do Recife

Quando o coro da Sé de Olinda cantar o "Veni Creator", dom José Cardoso Sobrinho estará investido nas funções de arcebispo metropolitano, cuja cerimônia de posse realiza-se, hoje, a partir das 18h30m, com procissão que sairá do antigo Seminário de Olinda, deslocando-se rumo à Catedral Metropolitana da cidade.

Sétimo arcebispo de Olinda e Recife e 31º bispo de Olinda, ele substituirá dom Helder Câmara nas funções de chefe da Igreja recifense. A procissão, formada por bispos, sacerdotes e leigos, o conduzirá até a Catedral da Sé de Olinda e, às 19 horas, começarão as solenidades de posse perante o Colégio de Consultores da Arquidiocese.

INDICAÇÃO

A investidura de dom José Cardoso Sobrinho nas funções de arcebispo metropolitano de Olinda e Recife começará com a apresentação e leitura do documento que o indicou para o cargo, expedido pelo Vaticano, após a escolha feita pelo

Papa João Paulo II. O ato se realizará perante o Colégio dos Consultores da Arquidiocese.

Antes, em frente à porta principal da Catedral da Sé de Olinda, dom Helder Câmara, administrador apostólico da Arquidiocese, fará a apresentação oficial do sucessor, que também será saudado pelo prefeito de Olinda, José Arnaldo do Amaral, no adro da igreja. Foram convidados para as cerimônias os chefes dos três poderes do Estado: governador Roberto Magalhães, deputado Osvaldo Rabelo, presidente da Assembleia Legislativa de Pernambuco, e desembargador Benildes Ribeiro, presidente do Tribunal de Justiça do Estado.

ATA

Concluída a apresentação do documento apostólico, seguirá a leitura da ata de posse. Terminada a leitura, o coro da Catedral da Sé entoará o canto "Veni Creator" e o novo arcebispo estará empossado no cargo. Essas cerimônias serão prestigiadas por vários bispos do Nordeste, e já chegou ao Re-

cife delegação da cidade mineira de Paracatu, a diocese anterior de dom José Cardoso Sobrinho, um pernambucano de Caruaru, da Ordem dos Carmelitas e que realizou os estudos de pós-graduação em Roma, doutorando-se em Direito Canônico e Direito Civil. O grupo é integrado por 50 pessoas. Caruaru também enviará representação oficial à posse, pois, naquele município o arcebispo desempenhou, entre outros cargos oficiais, as funções de procurador-geral da Ordem dos Carmelitas. Ao doutorar-se em Roma, ele, que conta 52 anos de idade, apresentou a tese "A opção do seminarista pelo celibato".

Dom José Cardoso Sobrinho presidirá amanhã, já na qualidade de arcebispo metropolitano de Olinda e Recife, os festejos litúrgicos de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da Capital pernambucana, quando realiza-se a tradicional procissão da santa pelas ruas centrais recifenses. A procissão sairá às 16 horas, da basilica do Carmo.



Sorrindo, D Hélder prepara-se para passar o báculo a D José

D José assume diocese de Olinda e Recife com louvor a D Hélder

Recife — Ao assumir, na véspera da festa de Nossa Senhora do Carmo, a Arquidiocese de Olinda e Recife, o novo Arcebispo, Dom José Cardoso Sobrinho, destacou que, pensando nos seus antecessores, como D. Hélder Câmara, imaginava "como deve ser querida de Deus a diocese que tais bispos mereceu", destacando que "são nomes que nos humilham, mas são esperanças que nos alentam".

Na cerimônia, onde por várias vezes foi reafirmada a tradição da Igreja, mais de mil pessoas permaneceram por quatro horas ouvindo que "a Igreja de Jesus Cristo, uma santa, católica e apostólica, está aqui, em Olinda e Recife". Hoje, às 9h, o novo Arcebispo presidirá a procissão que sairá da Concatedral de São Pedro dos Clérigos para a Basílica do Carmo, onde haverá a Missa da Padroeira.

Três horas antes de sua posse, D. José analisou o discurso que iria pronunciar, criticando alguns programas de televisão "nocivos à sociedade porque contradizem o Evangelho a respeito da família e do matrimônio, valores básicos da sociedade":

— O permissivismo está destruindo valores do Evangelho. Para ser mais explícito, certos programas de televisão — não gosto de generalizar. Mas o que é opinião aceita de todos é que certos programas de televisão são nocivos porque estão contradizendo o Evangelho a respeito da família e a respeito do matrimônio. Então, quando a gente conserva esses valores fundamentais, nós estamos colaborando para o progresso da humanidade, disse ele.

Na entrevista, em que fez votos para que ele e a imprensa sejam amigos, o novo arcebispo discordou de uma repórter que, ao compará-lo com Dom Hélder, considerou-o conservador.

— A senhora foi quem afirmou. Eu diria, como já tive oportunidade de dizer, que é sem dúvida impossível definirmos um estilo de trabalho numa palavra. Na Igreja de Jesus Cristo muitas coisas devem ser conservadas. As verdades fundamentais de nossa fé, este patrimônio espiritual que recebemos de Jesus Cristo e dos Apóstolos, nos devemos conservar. Mas existem outras coisas que estão em mudança permanente. Isto é progresso, então não sei como definir a mim mesmo. Cada pessoa é um mundo à parte, destacou Dom

1614185 D. d. P. Dom José: Venho para reunir todas as forças

Compromisso com a caridade cristã sem esquecer a caridade fraterna e afetiva foi a mensagem básica do novo arcebispo de Olinda e Recife dom José Cardoso Sobrinho, manifestada em seu discurso de posse, ontem. "Eu venho para servir e meu serviço consistirá em procurar reunir todas as forças da nossa Arquidiocese para superar os desafios com que ela se defronta", disse o novo arcebispo.

A íntegra do discurso é: Meus irmãos, Por este ato, simples e solene, litúrgico e jurídico, assumo, neste momento, o múnus pastoral de arcebispo desta Arquidiocese de Olinda e Recife.

Faço-o com ânimo trepidante, ao contemplar a imensa responsabilidade que me é colocada sobre os ombros, mas, ao mesmo tempo, sinto-me animado por uma confiança ilimitada na misericórdia infinita de Deus e na proteção materna de Nossa Senhora.

Meu pensamento e minha prece se dirigem, em primeiro lugar, a Deus todo-poderoso, o qual, nos seus misteriosos desígnios, dirigiu os eventos de minha vida até colocar-me neste lugar. Em espírito de oração e adoração, renovo, nesta hora, o meu ato de consagração e entrega a Deus, suplicando-lhe humildemente que, pelo Seu Amor, o Espírito Santo, se digne iluminar, dirigir e orientar todos os meus pensamentos e palavras, todas as minhas decisões e ações, para o bem da Sua Santa Igreja, que está aqui, em Olinda e Recife.

Invoco também, com toda a força do meu ser, a Nossa Senhora do Carmo, Padroeira do Recife, Mãe e Rainha da Ordem Carmelita, na qual fiz minha profissão religiosa e a qual quero pertencer por toda a vida.

Peço a proteção de Santo Antônio, padroeiro da Arquidiocese, este Santo tão popular que me traz necessariamente à memória o nome e a devoção de meu saudoso pai Antônio Cardoso.

Recomendo-me igualmente ao meu padroeiro, São José, cuja devoção me foi transmitida por minha estremecida mãe, Dona Antonina, aqui presente.

Com esta mesma simplicidade e confiança, invoco, por motivos pessoais, a maior Santa dos tempos modernos, minha querida Irmã Carmelita, Santa Teresinha do Menino Jesus.

Assumo este ofício, em espírito de obediência ao sucessor de Pedro, o Papa João Paulo II. De suas mãos tive o privilégio de receber a sagração episcopal, há seis anos atrás, quando ele me enviou para a querida diocese de Paracatu. E agora, numa demonstração de grande confiança na minha humilde pessoa, ele me transfere para esta

Arquidiocese. A ele reafirmo, de público, o que jurei no dia da minha sagração episcopal: meu compromisso de obediência e fidelidade. Com ele quero permanecer sempre em comunhão, porque reconheço nele o Vigário de Jesus Cristo.

Como acontece na Igreja Universal, por ocasião dos conclave, assim também a sucessão numa igreja particular, a passagem do cajado de um pastor para outro, é um momento muito apto para reavivar em todos nós a consciência de Igreja: está realidade que permanece sempre viva e firme, enquanto os seus pastores humanos vão necessariamente passando e sucedendo-se uns aos outros.

A Igreja de Jesus Cristo, una, santa, católica e apostólica está aqui, em Olinda e Recife.

Esta igreja local nasceu no ano de 1676 e já foi dirigida por 32 bispos, incluindo residências e auxiliares. Uns se distinguiram pelo zelo em visitar as paróquias e pelo trabalho missionário, outros pela promoção das vocações sacerdotais, outros ainda pela caridade para com os pobres ou pelo trabalho catequético ou pela promoção do culto eucarístico ou pela abertura para os problemas sociais. Todos eram pastores totalmente consagrados ao serviço de Deus e dos irmãos. Nenhum foi igual ao outro. Cada um seguiu seu carisma, colocando seus dotes humanos e espirituais ao serviço do mesmo Povo de Deus. Uns plantaram, outros regaram; mas todos estavam convictos de que "era Deus quem fazia crescer", e de que "aquele que planta nada é, e aquele que rega nada é; mas importa tão somente Deus, que dá o crescimento".

32 pastores que consumiram suas energias e suas vidas e nos legaram esta igreja viva e bem estruturada que podemos admirar no dia de hoje, com suas 81 paróquias, suas numerosas comunidades de oração e de apostolado, seus movimentos de pastoral e promoção humana, as pequenas comunidades eclesiais e tantos outros sinais de vida espiritual e apostólica.

Todos sabemos quanto foram profícuos, para o progresso e a vitalidade desta igreja, a dedicação e o trabalho dos dois pastores que, pela graça de Deus, ainda se encontram entre nós: Dom José Lamartine Soares e Dom Hélder Pessoa Câmara.

De Dom Lamartine, bispo auxiliar desta Arquidiocese durante 22 anos e hoje Arcebispo eleito de Maceió, podemos dizer: ele foi o exemplo perfeito do administrador sempre fiel; ele mostrou e continua mostrando a todos nós o que significa vida consagrada, entrega de si, imolação, amor à Igreja de Jesus Cristo, adesão total aos misteriosos desígnios de Deus. Muito obri-

gado, Dom Lamartine, por esta pregação silenciosa e tão eloquente que o senhor está fazendo a todos nós. Ao senhor dirigimos, neste momento, a expressão sincera do nosso carinho, da nossa prece, da nossa gratidão.

E que dizer de Dom Hélder Câmara? Como falar deste prelado famosíssimo, deste irmão dos pobres e irmão do Papa, sem repetir o que já foi dito e escrito mil vezes em todos os recantos do mundo?

Tentando apenas focalizar um aspecto de sua personalidade, diria que Dom Hélder demonstrou, durante toda a sua vida de padre e de bispo, ter acreditado, ter levado a sério, ter encarnado em si aquelas palavras proféticas pronunciadas por seu pai quando o filho jovem queria entrar no seminário: "Meu filho, padre e egoísmo nunca podem andar juntos..."

Uma das mais recentes demonstrações deste seu espírito de fé e humildade, dom Hélder a deu ao acolher-me com tanta caridade como seu sucessor, apresentando-me à Igreja como o eleito de Deus.

Pensando no senhor, dom Hélder, e em tantos nomes ilustres que me precederam neste sólio, faço minhas aquelas palavras de dom Sebastião Leme: "Como deve ser querida de Deus a diocese que tais bispos mereceu! São nomes que nos humilham, mas são esperanças que nos alentam. Olhos fitos no céu, esperamos não desbotar as tradições honrosas dos nossos antecessores".

Tenho certeza de que a comunidade católica desta Arquidiocese seguirá o exemplo de Dom Hélder nesta atitude de fé.

Uma igreja de 300 anos já possui maturidade mais do que suficiente para compreender que o Supremo Pastor, o único que merece o apelativo de Bom Pastor é Nosso Senhor Jesus Cristo.

Esta igreja já tem idade suficiente para compreender que o seu compromisso fundamental é com Cristo, enquanto os homens que se sucedem no ministério são meros instrumentos passageiros.

E com esta convicção que venho a inserir-me nesta sucessão apostólica da Igreja de Olinda e Recife, para cumprir aqui a minha missão de bispo. Esta missão é essencialmente espiritual e religiosa, pois é dever grave do bispo propor claramente a todos os fiéis as verdades que se devem crer e suas aplicações na vida moral, promover, pelo exemplo e pela palavra, a santidade do povo, ser o principal dispenseiro dos mistérios de Deus.

Entretanto, esta missão espiritual e religiosa se desdobra necessariamente no exercício da caridade fraterna, caridade que, para ser verdadeira, deve ser efetiva. É lei

interna da caridade e da justiça dar preferência aos membros mais fracos da comunidade. Por isso mesmo, nenhum cristão, e muito menos um bispo, pode refugiar-se numa atitude de neutralidade e de indiferença, diante dos trágicos e urgentes problemas da miséria e da injustiça que afligem tantos dos nossos irmãos.

Eu venho para servir e meu serviço consistirá em procurar reunir todas as forças da nossa Arquidiocese para superar os desafios com que ela se defronta.

Eu venho com a decisão de anunciar e testemunhar a verdade sobre Cristo, a verdade sobre a Igreja, a verdade sobre o homem, missão para a qual o Santo Padre João Paulo II proclamava o episcopado latino-americano no discurso inaugural de Puebla.

A verdade sobre Cristo "se encontra no centro da evangelização e constitui seu conteúdo essencial. Não há evangelização verdadeira enquanto não se anunciar o nome, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus".

A verdade sobre a Igreja é "objeto do credo que professamos e campo imprescindível e fundamental de nossa fidelidade. O Senhor a instituiu como comunidade de vida, de caridade, de verdade. A Igreja é a congregação daqueles que, crendo, vêm em Jesus o autor da salvação e o princípio da unidade e da paz".

A verdade sobre o homem é "a afirmação primordial... do homem como imagem de Deus, irredutível a uma simples parcela da natureza ou a um elemento anônimo da cidade humana... Esta verdade completa sobre o ser humano constitui o fundamento do ensino social da Igreja, bem como é a base da verdadeira libertação. A luz desta verdade, não é o homem um ser submetido aos processos econômicos ou políticos, mas estes processos estão orientados ao homem e submetidos a ele".

Nosso anúncio, porém, não seria autêntico, se não fosse marcado pelo amor. Nossa missão, quero dizer, a missão de todos e cada um de nós, não se esgota em anunciar a verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem. Ela implica no amor a Cristo, no amor à Igreja, no amor ao homem. No amor a Cristo que a Igreja nos evangeliza e que nos ensina a descobrir no rosto de nossos irmãos.

E exatamente para a realização deste compromisso de amor a Cristo vivendo e sofrendo em nossos irmãos, especialmente os mais pobres, que eu venho para servir.

Nossa Arquidiocese é marcada por profundos contrastes. Nosso desafio é demonstrar, por gestos concretos, que as exigências de nossa fé e de nosso amor são mais radicais que as de qualquer sis-

tema ou ideologia. Nosso desafio é demonstrar que, iluminados por esta fé e movidos por este amor, poderemos contribuir para a construção de uma sociedade justa e fraterna onde faz sentido viver e trabalhar.

Entretanto, não é só pelo escândalo da injustiça social que nos sentimos desafiados. O desafio fé e justiça se desdobra no desafio fé e cultura. Preocupa-nos também a grave erosão dos valores humanos e cristãos, fundamentos insubstituíveis de uma convivência digna e pacífica. Desta erosão é responsável o consumismo e o permissivismo que atingem principalmente os nossos jovens, nossa esperança, a esperança do futuro da nossa Igreja, futuro que já começou com eles.

É de nossa fé e de nosso amor que haveremos de haurir as forças necessárias para preservar e resgatar os valores cristãos fundamentais.

Nossa Pátria se encontra num momento decisivo de sua história. Empenhada em corrigir as distorções do passado, deverá inaugurar uma nova fase da vida nacional fundada na justiça e na dignidade moral. Sem a base destes valores, assistiremos à exacerbação dos egoísmos geradores de conflitos de altos custos sociais e humanos.

Nossa Arquidiocese, pela sua importância na região mais sofrida do Brasil, o Nordeste, tem uma grave responsabilidade de participar neste esforço de verdadeira reconstrução nacional. E a hora de nossos leigos, co-responsáveis pela missão da Igreja, assumirem o papel que lhes conferia Puebla, de construtores da sociedade, como expressão do compromisso de sua fé e de seu amor.

A esta altura só me resta manifestar meus cumprimentos e agradecimentos a todos os que estão participando nesta cerimônia.

Saúdo os meus irmãos no episcopado, cuja presença esta a demonstrar nossa comunhão em Cristo e na Igreja, nosso propósito de caminharmos juntos na construção desta Igreja do Brasil e do Nordeste.

Cumprimento respeitosamente as autoridades civis e militares, os representantes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

Saúdo o Revmo. Pê. Alphonsus Brennam, conselheiro geral da Ordem Carmelita, que veio especialmente de Roma para participar nesta cerimônia como representante do Superior Geral dos Carmelitas.

Com o pensamento e a intenção estendo o meu abraço cordial a todo este Povo de Deus que compõe a Arquidiocese de Olinda e Recife. Como seria feliz se pudesse guardar na minha memória o nome e a fisionomia de cada um de vós. Quero dar-vos, desde já, esta certeza: estou realmente interessado em conhecer pessoalmente cada um de vós. Pastor e ovelhas devem conhecer-se reciprocamente. Desejo colocar ao serviço de cada um de vós o meu humilde ministério, com a intenção sincera de ajudar-vos, e com a certeza de que serei ajudado por vós. Em cada um de vós, independen-

temente de sua condição ou posição social, eu desejo ver, respeitar e reverenciar o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dentre estes membros do Povo de Deus, não posso omitir uma saudação especial àqueles que mais radicalmente se comprometeram com o serviço da Igreja, meus irmãos no sacerdócio, o venerável Cabido Metropolitano, os religiosos e religiosas, os agentes de pastoral e todos os que colaboram na administração e governo desta Arquidiocese.

Uma bênção especial às crianças, aos anciãos, aos enfermos, como também a todos aqueles que neste momento nos escutam pelo rádio.

Aos queridos jovens desta nossa Arquidiocese, neste ano internacional da juventude, quero apenas dizer que podem contar comigo. Eu também conto com vocês. Tenho certeza de que vocês me ajudarão a conservar-me sempre jovem no espírito.

Dirijo também minha palavra de conforto, de esperança e de bênção a todos aqueles que se julgam marginalizados ou que, de qualquer maneira, estejam sofrendo o abandono ou a solidão.

Saúdo os representantes da minha querida terra natal, a cidade de Caruaru, e tantos outros amigos que vieram de longe, inclusive do Sul do País, e cuja presença muito me alegrou.

Finalmente, a saudação mais difícil aos queridos irmãos e irmãs da diocese de Paracatu. Temos aqui conosco, neste momento, um grupo de fiéis daquela longínqua cidade mineira que quiseram acompanhar-me neste dia de despedida. À frente do grupo está o Vigário geral, meu antigo professor e confrade carmelita, frei Pedro Caetano. Neste grupo, eu cumprimento agora toda a comunidade atólica e toda a população da diocese de Paracatu.

Como são admiráveis as voltas da história. Essa histórica cidade mineira, Paracatu do Príncipe, já foi paróquia da diocese de Olinda. Antigamente era o Bispo de Olinda que enviava sacerdotes pernambucanos para exercer o seu ministério em Paracatu. Hoje é a mesma cidade de Paracatu que tem a honra de enviar o seu bispo para assumir este sólio de Olinda e Recife, selando assim e tornando mais estreitos os vínculos históricos e espirituais entre as duas cidades.

Foi no meio daquela gente boa e simples de Paracatu, participando de suas procissões e romarias e tantas outras formas de devoção popular que me senti mais sacerdote do que nunca. A saudade de Paracatu haverá de acompanhar-me por toda a vida.

Concluo estas palavras, inspirando-me no título desta Catedral de Olinda: a Transfiguração do Senhor.

Haurimos deste mistério a lição permanente de que ainda não é a hora de repouso; não é o momento de fixar nossa tenda no alto do Tabor, mas sim de acompanhar generosamente o Senhor Jesus no caminho que leva ao total sacrifício de si mesmo, sem perder jamais a perspectiva da ressurreição.

DP 16/07/1985

Dom Cardoso toma posse e defende exigências da fé



Dom José Cardoso Sobrinho assumiu, ontem, a Arquidiocese de Olinda e Recife

Ao assumir, ontem, a Arquidiocese de Olinda e Recife, sucedendo a dom Helder Câmara, dom José Cardoso Sobrinho declarou que "nosso desafio é demonstrar, por gestos concretos, que as exigências de nossa fé e de nosso amor são mais radicais que as de qualquer ideologia. Nosso desafio é demonstrar por este amor, poderemos contribuir para a construção de uma sociedade justa e fraterna onde faz sentido viver e trabalhar". Dom Helder pediu que a comunidade colabore com o novo arcebispo.

Dom Cardoso recebeu o báculo - símbolo do poder episcopal - às 19h45m, em solenidade na Catedral Metropolitana (Igreja da Sé de Olinda), das mãos de dom Helder Câmara, sob os aplausos de centenas de fiéis, bispos, padres e autoridades governamen-

tais. O governador Roberto Magalhães esteve com o novo arcebispo momentos antes da cerimônia, conversando com ele reservadamente. Coube ao prefeito de Olinda, José Arnaldo, em nome do Município, fazer a saudação ao sucessor de dom Helder Câmara.

Em seu discurso, dom Cardoso lembrou que "não é só pelo escândalo da injustiça social que nos sentimos desafiados. O desafio fé e justiça se desdobra no desafio fé e cultura. Preocupa-nos também a grave erosão dos valores humanos e cristãos, fundamentos insubstituíveis de uma convivência digna e pacífica. Desta erosão é responsável o consumismo e o permissivismo que atingem principalmente os nossos jovens, nossa esperança do futuro da nossa Igreja, futuro que já começou com eles".

- E de nossa fé e de nosso amor - prosseguir - que havemos de haurir as forças necessárias para preservar e resgatar os valores cristãos e fundamentais.

"Nossa Pátria - advertiu - se encontra num momento decisivo de sua história. Empenhada em corrigir as distorções do passado, deverá inaugurar uma nova fase da vida nacional fundada na justiça e na dignidade moral. Sem a base destes valores, assistiremos à exacerbação dos egoísmos geradores de conflitos de altos custos sociais e humanos."

Destacou que a Arquidiocese de Olinda, pela sua importância na Região mais sofrida do Brasil, o Nordeste, tem uma grave responsabilidade de participar deste esforço de verdadeira reconstrução nacional. É a hora de nossos leigos, co-responsáveis pela missão da Igreja, assumirem o papel que lhes conferia Puebla, de construtores da sociedade, como expressão de compromisso de sua fé e de seu amor". Mais notícias nas páginas A-8 e A-9

Dom José: Venho para reunir todas as forças

Compromisso com a caridade cristã sem esquecer a caridade fraterna e afetiva foi a mensagem básica do novo arcebispo de Olinda e Recife Dom José Cardoso Sobrinho, manifestada em seu discurso de posse, ontem. "Eu venho para servir e meu serviço consistirá em procurar reunir todas as forças da nossa Arquidiocese para superar os desafios com que ela se defronta", disse o novo arcebispo.

A íntegra do discurso é: Meus irmãos,

Por este ato, simples e solene, litúrgico e jurídico, assumo, neste momento, o munus pastoral de arcebispo desta Arquidiocese de Olinda e Recife.

Faço-o com animo trepidante, ao contemplar a imensa responsabilidade que me é colocada sobre os ombros, mas, ao mesmo tempo, sinto-me animado por uma confiança ilimitada na misericórdia infinita de Deus e na proteção materna de Nossa Senhora.

Meu pensamento e minha prece se dirigem, em primeiro lugar, a Deus todo-poderoso, o qual, nos seus misteriosos desígnios, dirigiu os eventos de minha vida até colocar-me neste lugar. Em espírito de oração e adoração, renovo, nesta hora, o meu ato de consagração e entrega a Deus, suplicando-lhe humildemente que, pelo Seu Amor, o Espírito Santo, se digne iluminar, dirigir e orientar todos os meus pensamentos e palavras, todas as minhas decisões e ações, para o bem da Sua Santa Igreja, que está aqui, em Olinda e Recife.

Invoco também, com toda a força do meu ser, a Nossa Senhora do Carmo, Padroeira do Recife, Mãe e Rainha da Ordem Carmelita, na qual fiz minha profissão religiosa e a qual quero pertencer por toda a vida.

Peço a proteção de Santo Antônio, padroeiro da Arquidiocese, este Santo tão popular que me traz necessariamente a memória o nome e a devoção de meu saudoso pai Antônio Cardoso.

Recomendo-me igualmente ao meu padroeiro, São José, cuja devoção me foi transmitida por minha estremenca mãe, Dona Antonina, aqui presente.

Com esta mesma simplicidade e confiança, invoco, por motivos pessoais, a maior Santa dos tempos modernos, minha querida Irmã Carmelita, Santa Teresinha do Menino Jesus.

Assumo este ofício, em espírito de obediência ao sucessor de Pedro, o Papa João Paulo II. De suas mãos tive o privilégio de receber a sagração episcopal, há seis anos atrás, quando ele me enviou

para a querida diocese de Paracatu. E agora, numa demonstração de grande confiança na minha humilde pessoa, ele me transfere para esta Arquidiocese. A ele reafirmo, de público, o que jurei no dia da minha sagração episcopal: meu compromisso de obediência e fidelidade. Com ele quero permanecer sempre em comunhão, porque reconheço nele o Vigário de Jesus Cristo.

Como acontece na Igreja Universal, por ocasião dos

conclaves, assim também a sucessão numa igreja particular, a passagem do cajado de um pastor para outro, é um momento muito apto para reavivar em todos nós a consciência de Igreja: esta realidade que permanece sempre viva e firme, enquanto os seus pastores humanos vão necessariamente passando e sucedendo-se uns aos outros.

A Igreja de Jesus Cristo, uma, santa, católica e apostólica está aqui, em Olinda e Recife.

Esta igreja local nasceu no ano de 1676 e já foi dirigida por 32 bispos, incluindo residenciados e auxiliares. Uns se distinguiram pelo zelo em visitar as paróquias e pelo trabalho missionário, outros pela promoção das vocações sacerdotais, outros ainda pela caridade para com os pobres ou pelo trabalho catequético ou pela promoção do culto eucarístico ou pela abertura para os problemas sociais. Todos eram pastores totalmente consagrados ao serviço de Deus e dos irmãos. Nenhum foi igual ao outro. Cada um seguiu seu carisma, colocando seus dotes humanos e espirituais ao serviço do mesmo Povo de Deus. Uns plantaram, outros regaram; mas todos estavam convictos de que "era Deus quem fazia crescer", e de que "aquele que planta nada é, e aquele que rega nada é, mas importa tão somente Deus, que dá o crescimento".

32 pastores que consumiram suas energias e suas vidas e nos legaram esta igreja viva e bem estruturada que podemos admirar no dia de hoje, com suas 81 paróquias, suas numerosas comunidades de oração e de apostolado, seus movimentos de pastoral e promoção humana, as pequenas comunidades eclesiais e tantos outros sinais de vida espiritual e apostólica.

Todos sabemos quanto foram profícuos, para o progresso e a vitalidade desta igreja, a dedicação e o trabalho dos dois pastores que, pela graça de Deus, ainda se encontram entre nós: Dom José Lamartine Soares e Dom Helder Pessoa Câmara.

De Dom Lamartine, bispo auxiliar desta Arquidiocese durante 22 anos e hoje Arcebispo eleito de Maceió,

podemos dizer: ele foi o exemplo perfeito do administrador sempre fiel; ele mostrou e continua mostrando a todos nós o que significa vida consagrada, entrega de si, imolação, amor à Igreja de Jesus Cristo, adesão total aos misteriosos desígnios de Deus. Muito obrigado, Dom Lamartine, por esta pregação silenciosa e tão eloquente que o senhor está fazendo a todos nós. Ao senhor dirigimos, neste momento, a expressão sincera do nosso carinho, da nossa prece, da nossa gratidão.

E que dizer de Dom Helder Câmara? Como falar deste prelado famosíssimo, deste irmão dos pobres e irmão do Papa, sem repetir o que já foi dito e escrito mil vezes em todos os recantos do mundo?

Tentando apenas focalizar um aspecto de sua personalidade, diria que Dom Helder demonstrou, durante toda a sua vida de padre e de bispo, ter acreditado, ter levado a sério, ter encarnado em si aquelas palavras proféticas pronunciadas por seu pai quando o filho jovem queria entrar no seminário: "Meu filho, padre e egoísmo nunca podem andar juntos..."

Uma das mais recentes demonstrações deste seu espírito de fé e humildade, dom Helder a deu ao acolher-me com tanta caridade como seu sucessor, apresentando-me à Igreja como o eleito de Deus.

Pensando no senhor, dom Helder, e em tantos nomes ilustres que me precederam neste sólio, faço minhas aquelas palavras de dom Sebastião Leme: "Como deve ser querida de Deus a diocese que tais bispos mereceu! São nomes que nos humilham, mas são esperanças que nos alentam. Olhos fitos no céu, esperamos não desbotar as tradições honrosas dos nossos antecessores". Tenho certeza de que a comunidade católica desta Arquidiocese seguirá o exemplo de Dom Helder nesta atitude de fé.

Uma igreja de 300 anos já possui maturidade mais do que suficiente para compreender que o Supremo Pastor, o único que merece o apelativo de Bom Pastor é Nosso Senhor Jesus Cristo.

Esta igreja já tem idade suficiente para compreender que o seu compromisso fundamental é com Cristo, enquanto os homens que se sucedem no ministério são meros instrumentos passageiros.

E com esta convicção que venho a inserir-me nesta sucessão apostólica da Igreja de Olinda e Recife, para cumprir aqui a minha missão de bispo. Esta missão é essencialmente espiritual e religiosa, pois é dever grave do bispo propor

claramente a todos os fiéis as verdades que se devem crer e suas aplicações na vida moral, promover, pelo exemplo e pela palavra, a santidade do povo, ser o principal dispenseiro dos mistérios de Deus.

Entretanto, esta missão espiritual e religiosa se desdobra necessariamente no exercício da caridade fraterna, caridade que, para ser verdadeira, deve ser efetiva. É lei interna da caridade e da justiça dar preferência aos membros mais fracos da comunidade. Por isso mesmo, nenhum cristão, e muito menos um bispo, pode refugiar-se numa atitude de neutralidade e de indiferença, diante dos trágicos e urgentes problemas da miséria e da injustiça que afligem tantos dos nossos irmãos.

Eu venho para servir e meu serviço consistirá em procurar reunir todas as forças da nossa Arquidiocese para superar os desafios com que ela se defronta.

Eu venho para a decisão de anunciar e testemunhar a verdade sobre Cristo, a verdade sobre a Igreja, a verdade sobre o homem, missão para a qual o Santo Padre João Paulo II proclamava o episcopado latino-americano no discurso inaugural de Puebla.

A verdade sobre Cristo se encontra no centro da evangelização e constitui seu conteúdo essencial. Não há evangelização verdadeira enquanto não se anunciar o nome, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus".

A verdade sobre a Igreja é "objeto do credo que professamos e campo imprescindível e fundamental de nossa fidelidade. O Senhor a instituiu como comunidade de vida, de caridade, de verdade. A Igreja é a congregação daqueles que, crendo, vêm em Jesus o autor da salvação e o princípio da unidade e da paz".

A verdade sobre o homem é "a afirmação primordial... do homem como imagem de Deus, irreduzível a uma simples parcela da natureza ou a um elemento anônimo da cidade humana... Esta verdade completa sobre o ser humano constitui o fundamento do ensino social da Igreja, bem como é a base da verdadeira libertação. A luz desta verdade, não é o homem um ser submetido aos processos econômicos ou políticos, mas estes processos estão orientados ao homem e submetidos a ele". Nosso anúncio, porém, não seria autêntico, se não fosse marcado pelo amor. Nossa missão, quero dizer, a missão de todos e cada um de nós, não se esgota em anunciar a verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem. Ela implica no amor a Cristo, no amor à Igreja, no amor ao homem. No amor a Cristo que a Igreja nos evangeliza e que nos ensina a descobrir no rosto de nossos irmãos,

É exatamente para a realização deste compromisso de amor a Cristo vivendo e sofrendo em nossos irmãos, especialmente os mais pobres, que eu venho para servir.

Nossa Arquidiocese é marcada por profundos contrastes. Nosso desafio é demonstrar, por gestos concretos, que as exigências de nossa fé e de nosso amor são mais radicais que as de qualquer sistema ou ideologia. Nosso desafio é demonstrar que, iluminados por esta fé e movidos por este amor, poderemos contribuir para a construção de uma sociedade justa e fraterna onde faz sentido viver e trabalhar.

Entretanto, não é só pelo escândalo da injustiça social que nos sentimos desafiados. O desafio é e justiça se desdobra no desafio fé e cultura. Preocupa-nos também a grave erosão dos valores humanos e cristãos, fundamentos insubstituíveis de uma convivência digna e pacífica. Desta erosão é responsável, o consumismo e o permissivismo que atingem principalmente os nossos jovens, nossa esperança, a esperança do futuro da nossa Igreja, futuro que já começou com eles.

É de nossa fé e de nosso amor que haveremos de haurir as forças necessárias para preservar e resgatar os valores cristãos fundamentais.

Nossa Pátria se encontra num momento decisivo de sua história. Empenhada em corrigir as distorções do passado, deverá inaugurar uma nova fase da vida nacional fundada na justiça e na dignidade moral. Sem a base destes valores, assistiremos à exacerbação dos egoísmos geradores de conflitos de altos custos sociais e humanos.

Nossa Arquidiocese, pela sua importância na região mais sofrida do Brasil, o Nordeste, tem uma grave responsabilidade de participar neste esforço de verdadeira reconstrução nacional. É a hora de nossos leigos, co-responsáveis pela missão da Igreja, assumirem o papel que lhes conferia Puebla, de construtores da sociedade, como expressão do compromisso de sua fé e de seu amor.

A esta altura só me resta manifestar meus cumprimentos e agradecimentos a todos os que estão participando nesta cerimônia.

Saúdo os meus irmãos no episcopado, cuja presença está a demonstrar nossa comunhão em Cristo e na Igreja, nosso propósito de caminharmos juntos na construção desta Igreja do Brasil e do Nordeste.

Cumprimento respeitosa-mente as autoridades civis e militares, os representantes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

Saúdo o Revmo. Pe. Alphonsus Brennam, conselheiro geral da Ordem Carmelita, que veio especialmente de Roma para participar nesta cerimônia como representante do Superior Geral dos Carmelitas.

Com o pensamento e a intenção estendo o meu abraço cordial a todo este Povo de Deus que compõe a Arquidiocese de Olinda e Recife. Como seria feliz se pudesse guardar na minha memória o nome e a fisionomia de cada um de vós. Quero dar-vos, desde já, esta certeza: estou realmente interessado em conhecer pessoalmente cada um de vós. Pastor e ovelhas devem conhecer-se reciprocamente. Desejo colocar ao serviço de cada um de vós o meu humilde ministério, com a intenção sincera de ajudar-vos, e com a certeza de que serei ajudado por vós. Em cada um de vós, independentemente de sua condição ou posição social, eu desejo ver, respeitar e reverenciar o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dentre estes membros do Povo de Deus, não posso omitir uma saudação especial àqueles que mais radicalmente se comprometeram com o serviço da Igreja, meus irmãos no sacerdócio, o venerável Cabido Metropolitano, os religiosos e religiosas, os agentes de pastoral e todos os que colaboram na administração e governo desta Arquidiocese.

Uma bênção especial às crianças, aos anciãos, aos enfermos, como também a todos aqueles que neste momento nos escutam pelo rádio.

Aos queridos jovens desta nossa Arquidiocese, neste ano internacional da juventude, quero apenas dizer que podem contar comigo. Eu também conto com vocês. Tenho certeza de que vocês me ajudarão a conservar-me sempre jovem no espírito.

Dirijo também minha palavra de conforto, de esperança e de bênção a todos aqueles que se julgam marginalizados ou que, de qualquer maneira, estejam sofrendo o abandono ou a solidão.

Saúdo os representantes da minha querida terra natal, a cidade de Caruaru, e tantos outros amigos que vieram de longe, inclusive do Sul do País, e cuja presença muito me alegra.

Finalmente, a saudação mais difícil aos queridos irmãos e irmãs da diocese de Paracatu. Temos aqui conosco, neste momento, um grupo de fiéis daquela longínqua cidade mineira que quiseram acompanhar-me neste dia de despedida. À frente do grupo está o Vigário geral, meu antigo professor e confrade carmelita, frei Pedro Cárto. Neste grupo, eu cumprimento agora toda a comunidade atólica e toda a população da diocese de Paracatu.

Como são admiráveis as voltas da história. Essa histórica cidade mineira, Paracatu do Príncipe, já foi paróquia da diocese de Olinda. Antigamente era o Bispo de Olinda que enviava sacerdotes pernambucanos para exercer o seu ministério em Paracatu. Hoje é a mesma cidade de Paracatu que tem a honra de enviar o seu bispo para assumir este sólio de Olinda e Recife, selando assim e tornando mais estreitos os vínculos históricos e espirituais entre as duas cidades.

Foi no meio daquela gente boa e simples de Paracatu, participando de suas procissões e romarias e tantas outras formas de devoção popular que me senti mais sacerdote do que nunca. A saudade de Paracatu haverá de acompanhar-me por toda a vida.

Concluo estas palavras, inspirando-me no título desta Catedral de Olinda: a Transfiguração do Senhor.

Haurimos deste mistério a lição permanente de que ainda não é a hora de repouso, não é o momento de fixar nossa tenda no alto do Tabor, mas sim de acompanhar generosamente o Senhor Jesus no caminho que leva ao total sacrifício de si mesmo, sem perder jamais a perspectiva da ressurreição.



O prefeito do Recife beijou a mão de dom José, após saudá-lo em nome do povo recifense

Saudar em nome de cada recifense aquele que vem, como diz o seu lema, "ao serviço de Jesus Cristo", é uma honra para mim, recifense apaixonado, católico por tradição e convicção, vestido temporariamente no cargo de prefeito - afirmou o chefe da Edilidade recifense, Joaquim Francisco, na manhã de ontem, ao saudar o novo arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho, antes da primeira missa que este celebrou aqui, na Basílica do Carmo.

Diante de grande concentração de fiéis, autoridades civis e eclesásticas, ele desejou a dom José Cardoso Sobrinho que "possa repetir o pensamento de dom Hélder Câmara, que serviu por mais de 20 anos a este mesmo rebanho, com rasgos de herói e cintilações de santidade", e que "fique na história como os grandes pastores", citando dom Vital, "herói e santo, humilhado em um tempo mas ressuscitado na história como símbolo desta terra e arauto desta gente".

O governante municipal destacou que o arcebispo "veio com a missão de lutar a luta do povo de Deus. Povo de Deus precisando romper as amarras da miséria. Povo que só poderá seguir a Cristo quando, antes conseguir-se pôr de pé. Povo que não perdeu a esperança, que se inquieta em busca da verdade e se alimenta da fé e do amor ao próximo".

Salientou que o arcebispo "encontrará muitos cristos para servir. Cristos chamados José, Antônio, Severino. A quem nem mesmo nunca foi oferecido "incenso" e "ouro"; apenas "mirra". E Deus nos permite um pouco de trevas para que descubramos a beleza da luz. E como é belo esse descobr. Cuidar desses cristos, a eles servir, a eles que muitas das vezes não têm ao menos o pouco que a dignidade humana exige".

O prefeito não se esqueceu de destacar o equilíbrio e a sabedoria de dom José Cardoso Sobrinho, "mantendo a tradição carmelita e que não fará distinções no seu rebanho. Mas sabeis que a maior parte dele carece de apoio mais constante, porque é fustigada pela pobreza".

Citando editorial publicado em órgão da imprensa local, frisou: "Decerto que é preciso cauterizar com fogo as injustiças sociais, sem esquecer, entretanto e jamais, que o Cristo não é um simples padeiro que fabrica pão para a fome do corpo, mas um Deus que se fez trigo para alimentar a fome das almas".

Com relação ao momento atual por que passa a Nação, salientou: "Num Brasil conturbado, desenha-se um quadro de desequilíbrio gritante que nós, do poder temporal, estamos procurando, no limiar desta

nova fase da República, remediar. Queremos, todos, a restauração da justiça distributiva. Queremos a liberdade responsável. Queremos o reencontro do Estado com a Nação. E para isso, temos sempre que renovar compromissos com as reformas que se impõem para consolidação das transformações e mudanças clamadas pelo povo".

Destacou "a posição da Igreja, que tem sido, no decorrer da história, um esteio de sustentação deste País. Igreja atual, atualíssima, com o Papa João Paulo II nos ensinando ser indispensável saber vencer a tentação da chamada sociedade de consumo, da ambição de ter sempre mais, em vez de procurar ser sempre mais".

A Igreja não faltará com o seu papel de tessitura conjuntiva da sociedade, com um elo de união não só para nos religar com Deus, mas, sobretudo, para religar os irmãos e restaurar entre estes a melhor prática da caridade evangélica".

Um cruz pesada nos espera. E vossa destinação divina e eclesástica. Dom Hélder - nosso arcebispo e que há de permanecer com aquela simplicidade de padre Hélder, que nunca a perdeu, - sabe bem o peso deste lenho. Vede-lhe os ombros arqueados, embora conserve aquele olhar de moço; que procura dar a cada um o que é seu, repudiando o egoísmo, pregando a paz e o amor ao próximo. Gritando firme contra todas as formas de injustiça.

Em alguns momentos ele mostra-se emocionado diante de dezenas de religiosos e fiéis, principalmente ao agradecer por ter sido escolhido para saudar, em nome do povo do Recife, "o pastor que vem de Olinda. O 7º arcebispo. O menino de Caruaru que se fez padre por chamamento divino. Fez-se teólogo e bispo. E faz-se hoje arcebispo desta terra, eleito por Deus, por decisão de Sua Santidade o Papa João Paulo II, para aqui representar o poder espiritual".

Com saudosismo, acentuou: "Ao tempo em que o Recife sente a falta de dom Hélder Câmara como timoneiro da Arquidiocese de Olinda e Recife, enche-se de certeza de que sob vossa orientação teremos um novo guia, a altura das necessidades da Igreja e desta Cidade. Indômita. Alta. Autenticamente nordestina. Completamente brasileira".

Após a missa, demorou-se no templo cumprimentando as autoridades religiosas e conversando com alguns fiéis. Respondendo a um popular que o inquiriu quanto à finalidade de sua vinda à cerimônia, disse: "Além de saudar o novo arcebispo, renovei minhas preces a Nossa Senhora do Carmo, para que tenhamos uma vida mais humana, livre do problema do desemprego". A tarde, voltou à basílica, acompanhado de familiares e alguns assessores, para acompanhar a saída da procissão conduzindo a imagem da santa.

Magalhães visita novo arcebispo

Antes de ser conduzido em procissão do antigo Seminário de Olinda para a Catedral Metropolitana, no Alto da Sé, onde tomou posse, anteontem, na Arquidiocese de Recife e Olinda, em substituição a dom Hélder Câmara, o novo arcebispo metropolitano, dom José Cardoso Sobrinho, recebeu a visita do governador Roberto Magalhães, que se fazia acompanhar do secretário Fernando Bezerra Coelho e do professor Barreto Guimarães.

Durante alguns minutos, o governador do Estado conversou com o novo arcebispo, quando trocaram idéias sobre diversos assuntos de interesse comum, ficando acertado que assim que retornar de Israel, para onde estará viajando na próxima sexta-feira, Magalhães receberá a visita de dom José Cardoso Sobrinho no Palácio do Campo das Princesas a fim de aprofundarem análises sobre o bem-estar e desenvolvimento da comunidade.

Após o encontro, durante contato com a imprensa, dom José Cardoso Sobrinho disse de sua satis-



Roberto foi dar as boas-vindas a dom José

fação em receber a visita do governador afirmando que "apesar de protocolar ela foi muito cordial". Assegurou,

ainda, que deverá manter outros encontros com o chefe do Executivo pernambucano.



O prefeito do Recife beijou a mão de dom José, após saudá-lo em nome do povo recifense

Diaário de Pernambuco 17/7/85

Joaquim quer d. José repetindo d. Hélder

Saudar em nome de cada recifense aquele que vem, como diz o seu lema, "ao serviço de Jesus Cristo", é uma honra para mim, recifense apaixonado, católico por tradição e convicção, investido temporariamente no cargo de prefeito - afirmou o chefe da Edilidade recifense, Joaquim Francisco, na manhã de ontem, ao saudar o novo arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho, antes da primeira missa que este celebrou aqui, na Basilica do Carmo.

Diante de grande concentração de fiéis, autoridades civis e eclesásticas, ele desejou a dom José Cardoso Sobrinho que "possa repetir o pensamento de dom Hélder Câmara, que serviu por mais de 20 anos a este mesmo rebanho, com rasgos de herói e cintilações de santidade", e que "fique na história como os grandes pastores", citando dom Vital, "herói e santo, humilhado em um tempo mas ressuscitado na história como símbolo desta terra e arauto desta gente".

O governante municipal destacou que o arcebispo "veio com a missão de liderar a luta do povo de Deus. Povo de Deus precisando romper as amarras da miséria. Povo que só poderá seguir a Cristo quando, antes conseguir-se pôr de pé. Povo que não perdeu a esperança, que se inquieta em busca de verdade e se alimenta da fé e do amor ao próximo".

Salientou que o arcebispo "encontrará muitos cristos para servir. Cristos

chamados José, Antônio, Severino. A quem nem mesmo nunca foi oferecido "incenso" e "ouro"; apenas "mirra". E Deus nos permite um pouco de trevas para que descubramos a beleza da luz. E como é belo esse descobrir. Cuidar desses cristos, a eles servir, a eles que muitas das vezes não têm ao menos o pouco que a dignidade humana exige".

O prefeito não se esqueceu de destacar o equilíbrio e a sabedoria de dom José Cardoso Sobrinho, "mantendo a tradição carmelita e que não fará distinções no seu rebanho. Mas sabeis que a maior parte dele carece de apoio mais constante, porque é fustigada pela pobreza".

Citando editorial publicado em órgão da Imprensa local, frisou: "Decerto que é preciso cauterizar com fogo as injustiças sociais, sem esquecer, entretanto e jamais, que o Cristo não é um simples padeiro que fabrica pão para a fome do corpo, mas um Deus que se fez trigo para alimentar a fome das almas".

Com relação ao momento atual por que passa a Nação, salientou: "Num Brasil conturbado, desenha-se um quadro de desequilíbrio gritante que nós, do poder temporal, estamos procurando, no limiar desta nova fase da República, remediar. Queremos, todos, a restauração da justiça distributiva. Queremos a liberdade responsável. Queremos o reencontro do Estado com a Nação. E para isso, temos sempre que renovar compro-

missos com as reformas que se impõem para consolidação das transformações e mudanças clamadas pelo povo".

Destacou "a posição da Igreja, que tem sido, no decorrer da história, um esteio de sustentação deste País. Igreja atual, atualíssima, com o Papa João Paulo II nos ensinando ser indispensável saber vencer a tentação da chamada sociedade de consumo, da ambição de ter sempre mais, em vez de procurar ser sempre mais".

A Igreja não faltará com o seu papel de tessitura conjuntiva da sociedade, comum elo de união não só para nos religar com Deus, mas, sobretudo, para religar os irmãos e restaurar entre estes a melhor prática da caridade evangélica".

Um cruz pesada nos espera. E vossa destinação divina e eclesástica. Dom Hélder - nosso arcebispo e que há de permanecer com aquela simplicidade de padre Hélder, que nunca a perdeu, - sabe bem o peso deste lenho. Vede-lhe os ombros arqueados, embora conserve aquele olhar de moço; que procura dar a cada um o que é seu, repudiando o egoísmo, pregando a paz e o amor ao próximo. Gritando firme contra todas as formas de injustiça.

Em alguns momentos ele mostra-se emocionado diante de dezenas de religiosos e fiéis, principalmente ao agradecer por ter sido escolhido para saudar, em nome do povo do Recife, "o pastor que vem de Olinda. O 7º ar-

cebispo. O menino de Caruaru que se fez padre por chamamento divino. Fez-se teólogo e bispo. E faz-se hoje arcebispo desta terra, eleito por Deus, por decisão de Sua Santidade o Papa João Paulo II, para aqui representar o poder espiritual".

Com saudosismo, acentuou: "Ao tempo em que o Recife sente a falta de dom Hélder Câmara como timoneiro da Arquidiocese de Olinda e Recife, enche-se de certeza de que sob vossa orientação teremos um novo guia, à altura das necessidades da Igreja e desta Cidade. Indômita. Altiva. Autenticamente nordestina. Completamente brasileira".

Após a missa, demorou-se no templo cumprimentando as autoridades religiosas e conversando com alguns fiéis. Respondendo a um popular que o inquiriu quanto à finalidade de sua vinda à cerimônia, disse: "Além de saudar o novo arcebispo, renovei minhas preces a Nossa Senhora do Carmo, para que tenhamos uma vida mais humana, livre do problema do desemprego". À tarde, voltou à basilica, acompanhado de familiares e alguns assessores, para acompanhar a saída da procissão conduzindo a imagem da santa.

Magalhães visita novo arcebispo

Antes de ser conduzido em procissão do antigo Seminário de Olinda para a Catedral Metropolitana, no Alto da Sé, onde tomou posse, anteontem, na Arquidiocese de Recife e Olinda, em substituição a dom Helder Câmara, o novo arcebispo metropolitano, dom José Cardoso Sobrinho, recebeu a visita do governador Roberto Magalhães, que se fazia acompanhar do secretário Fernando Bezerra Coelho e do professor Barreto Guimarães.

Durante alguns minutos, o governador do Estado conversou com o novo arcebispo, quando trocaram ideias sobre diversos assuntos de interesse comum, ficando acertado que assim que retornar de Israel, para onde estará viajando na próxima sexta-feira, Magalhães receberá a visita de dom José Cardoso Sobrinho no Palácio do Campo das Princesas a fim de aprofundarem análises sobre o bem-estar e desenvolvimento da comunidade.

Após o encontro, durante contato com a imprensa, dom José Cardoso Sobrinho disse de sua satis-



Roberto foi dar as boas-vindas a dom José

fação em receber a visita do governador afirmando que "apesar de protocolar ela foi muito cordial". Assegurou,

ainda, que deverá manter outros encontros com o chefe do Executivo pernambucano.

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — Diretor Presidente

BERNARD DA COSTA CAMPOS — Diretor

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — Diretor Executivo

MAURO GUIMARÃES — Diretor

FERNANDO PEDREIRA — Redator Chefe

MARCOS SÁ CORREA — Editor

JOSÉ SILVEIRA — Secretário Executivo

Sinais dos Tempos

ASSUMINDO a Arquidiocese de Olinda e Recife, celebrizada pela passagem carismática de D Helder Câmara, o novo Arcebispo D José Cardoso Sobrinho pronunciou palavras sensatas, indicando que nem tudo é confusão no aceso debate "teológico" da nossa época. O Arcebispo recém-nomeado não aceita uma separação entre Igreja "progressista" e Igreja "conservadora", afirmando que na Igreja "existem muitas coisas que devem ser conservadas e outras que estão em permanente mudança".

Essa visão "integradora" parece chegar mais perto do centro da questão do que as análises que enfatizam, em vez disso, a oposição de dois campos. No Brasil, a divergência de opiniões a esse respeito tomou corpo e atingiu um clímax durante a vigência do regime militar. Fechadas as comportas naturais de manifestação da sociedade civil, a Igreja — quase tão representativa da realidade brasileira quanto a Igreja da Polônia — tornou-se um dos respiradouros por onde falava a voz da coletividade. Houve religiosos que levaram suficientemente longe esse envolvimento para pegar em armas, confundindo-se com os movimentos guerrilheiros (no que, aliás, o Brasil não se distinguia de outros países da América Latina).

O sociólogo norte-americano Ralph della Cava, em entrevista ao JORNAL DO BRASIL, chama a atenção para o esgotamento desse período em que a Igreja foi uma "instituição supletiva": restabelecidas as formas normais de expressão e participação política, também é "normal" que instituições como a Igreja, a OAB, a SBPC retornem às suas atividades próprias.

O mesmo sociólogo, entretanto, põe em destaque um conflito que estaria ocorrendo entre duas visões da Igreja: a "centralista", com sede em Roma, e a visão do "colegiado", e que seria a oposição entre a "pluralidade" e a "unicidade".

Do ponto de vista sociológico, "fenomenológico", a análise certamente se sustenta. Nesse plano, pode-se falar num "conflito de poder" entre defensores de uma ou outra concepção da instituição eclesial — o mesmo conflito que, em outra época, opunha por exemplo a Igreja "galicana" e a Igreja "ultramontana".

Que esse conflito mais antigo esgotou-se por si mesmo não deixa de ser a demonstração de que, por baixo da visão sociológica, há mais coisas na realidade da Igreja do que supõe a nossa vã filosofia. A cátedra romana foi sacudida, ao longo da história, por diversos cismas — e um deles gerou a Igreja do Oriente, enquanto um outro ia resultar no movimento "protestante". Nem por isso a Igreja de Roma deixou de ser o que é: uma instituição que tem marcas de eternidade, e que se renova constantemente. O Concílio Vaticano II foi uma profunda renovação — tão profunda que chegou a dar a impressão de que a Igreja estava se fragmentando. Este movimento "centrifugo" está sendo compensado, em nossos dias, por um impulso que já se batizou de "centralizador". São as sístoles e diástoles do grande corpo da Igreja. A elas se referem as palavras do novo Arcebispo de Olinda e Recife, que não parece perturbado pelos "sinais dos tempos".

Dom Cardoso Sobrinho exalta papel do Legislativo na política do País

O novo arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho, ao visitar, na manhã de ontem, o presidente da Assembléia Legislativa do Estado, deputado Osvaldo Rabelo, exaltou o importante papel desempenhado pelo Poder Legislativo no quadro político-institucional brasileiro ao longo da história, sobretudo agora, na Nova República. Citando a Bíblia, ele considerou como divina a função parlamentar "porque é exercida para o bem comum".

Durante o diálogo cordial, e fraterno do arcebispo com o presidente do Legislativo pernambucano, presentes ainda o padre Edvaldo, pároco de Casa Forte, o deputado Felipe Coelho (líder da bancada governista), em-



Dom José Cardoso visitou o presidente da AL

presário Leonardo Rabelo e Marcelo Lafayette, Abdoral Lins e Sérgio Ferreira, o deputado Osvaldo Rabelo manifestou "a alegria imensa, para nós que fazemos esta Casa, receber a figura eminente de d. José Cardoso,

substituto de d. Hélder Câmara".

SUBLIMIDADE

Referindo-se, ainda, ao trabalho dos legisladores nas casas parlamentares, disse o arcebispo que "estritamente

falando, quem tem direito a fazer leis é Deus. Então, acho que os representantes do povo devem estar convictos da sublimidade dessa função e procurar sempre o bem comum, porque a razão de ser das leis, dentro da filosofia social geralmente admitida é a doutrina da Igreja".

- Dentro deste princípio filosófico - prosseguiu -, a razão de ser é o bem da comunidade, daí considerarmos importantíssima a atuação do Poder Legislativo neste aspecto, procurando sempre criar, fomentar, de uma maneira dinâmica, para atender às maiores necessidades da população, que deverão se sobrepor aos interesses particulares.

CEDIM

Arcebispo visita o Tribunal e dialoga sobre tema jurídico

D. de Pernambuco 1971 95

— A Justiça é missão divina, diz a Bíblia". A afirmação é do novo arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho, ao visitar o Tribunal de Justiça de Pernambuco, onde foi recebido pelo presidente, desembargador Benildes de Souza Ribeiro.

Acompanhado pelo pároco de Casa Forte, José Edvaldo Gomes, ele manifestou interesse em conhecer os membros do Poder Judiciário local, com o qual deseja manter estreito relacionamento, conforme assegurou.

TERÁ EQUIPE

No Salão Nobre do Palácio da Justiça o prelado conversou demoradamente com o presidente da Corte e

os desembargadores Cláudio Américo de Miranda (vice-presidente), Mauro Jordão de Vasconcelos (corregedor-geral), Augusto Duque (decano), Demócrito Ramos Reinaldo, Carlos Xavier, Otílio Neiva e Nelson Arruda, além de alguns juizes, entre eles o presidente da Associação dos Magistrados de Pernambuco, Aluiz Tenório de Brito.

Profundo conhecedor de Direito Civil e Direito Canônico, falou sobre a experiência de mais de duas décadas em Roma, tendo destacado a necessidade de formar equipe de bispos auxiliares para desenvolver bom trabalho numa arquidiocese de mais de três milhões de fiéis, como a do Recife e Olinda.

CEDIM

Dom Cardoso Sobrinho exalta papel do Legislativo na política do País

O novo arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho, ao visitar, na manhã de ontem, o presidente da Assembleia Legislativa do Estado, deputado Osvaldo Rabelo, exaltou o importante papel desempenhado pelo Poder Legislativo no quadro político-institucional brasileiro ao longo da história, sobretudo agora, na Nova República. Citando a Bíblia, ele considerou como divina a função parlamentar "porque é exercida para o bem comum".

Durante o diálogo cordial, e fraterno do arcebispo com o presidente do Legislativo pernambucano, presentes ainda o padre Edvaldo, pároco de Casa Forte, o deputado Felipe Coelho (líder da bancada governista), em-



Dom José Cardoso visitou o presidente da AL

presário Leonardo Rabelo e Marcelo Lafayette, Abdoral Lins e Sérgio Ferreira, o deputado Osvaldo Rabelo manifestou "a alegria imensa, para nós que fazemos esta Casa, receber a figura eminente de d. José Cardoso.

substituto de d. Hélder Câmara".

SUBLIMIDADE

Referindo-se, ainda, ao trabalho dos legisladores nas casas parlamentares, disse o arcebispo que "estritamente

falando, quem tem direito a fazer leis é Deus. Então, acho que os representantes do povo devem estar convictos da sublimidade dessa função e procurar sempre o bem comum, porque a razão de ser das leis, dentro da filosofia social geralmente admitida é a doutrina da Igreja".

- Dentro deste princípio filosófico - prosseguiu -, a razão de ser é o bem da comunidade, daí consideramos importantíssima a atuação do Poder Legislativo neste aspecto, procurando sempre criar, fomentar, de uma maneira dinâmica, para atender às maiores necessidades da população, que deverão se sobrepor aos interesses particulares.

DP 20/7/85



Novo vigário do amor de Cristo

Gilvandro Coelho

Decidido a cumprir fielmente a missão de representante do amor de Cristo, essencialmente religiosa e espiritual, como expressamente declarou, dom José Cardoso Sobrinho mais uma vez se colocou ao serviço de Jesus Cristo, conforme o seu lema episcopal - "In obsequio Jesu Christi" - ao assumir, solenemente, o governo da Arquidiocese de Olinda e Recife, na segunda-feira, 15 de julho de 1985. Com esse gesto de afirmação, tornou-se, de fato e de direito, o sétimo arcebispo a ocupar o sôlo da nossa Província Eclesiástica e, por ser sacerdote da Ordem Carmelitana, o primeiro antistite provincial oriundo do clero regular. Na seqüência dos bispos de Olinda, é o trigésimo primeiro, desde a criação da Diocese, em 1676, conforme a bula "Ad sacram beati Petri sedem", do Papa Inocêncio XI.

Por determinação da lei eclesiástica, o seu predecessor, dom Helder Pessoa Câmara, ascendeu à categoria de Arcebispo Emérito de Olinda e Recife. Pastor de homens, como gosta de se intitular e cidadão do mundo, sempre atento e preocupado com os grandes problemas da humanidade, dom Helder terá mais liberdade para realizar o seu apostolado em favor da paz, sem os pesados encargos de arcebispo-residente. Para satisfação dos que o admiram, permanecerá residindo nesta cidade e no mesmo local em que mora de há muito tempo.

Embora todos os seis arcebispos de Olinda e Recife tenham pertencido ao clero diocesano, chamado secular (D. Luiz Raimundo da Silva Brito - 1910, D. Sebastião Leme da Silveira Cintra - 1916, D. Miguel de Lima Valverde - 1922, D. Antonio de Almeida Morais Júnior - 1951, D. Carlos Gouvêa Coelho - 1960 e D. Helder Pessoa Câmara - 1964), dom José Cardoso Sobrinho não é o primeiro membro de uma ordem religiosa a se sentar na Sé de Olinda, como bispo. Tampouco, o primeiro carmelita a exercer a dignificante função.

Entre os seus eminentes antecessores religiosos, a história registra dois carmelitas (D. Francisco de Lima - 1695 e D. Luiz de Santa Teresa - 1738, este era carmelita descalço), dois cônegos regrantes de Santo Agostinho (D. Tomaz da Encarnação Costa Lima - 1774 e D. João da Purificação Marques Perdigão - 1829), dois jerônimos (D. Diogo de Jesus Maria Jardim - 1784 e D. José Maria de Araújo - 1806), dois beneditinos (D. José de Santa Escolástica - 1802 - e D. António de S. José Bastos - 1810), um cisterciense (D. José Fialho - 1725), um eremita calçado de Santo Agostinho (D. Francisco de Assunção Brito - 1772), um da Terceira Ordem de S. Francisco (D. Gregório José Viegas - faleceu em 1840, sem tomar posse da diocese), um dominicano (D. Tomaz de Noronha e Brito - 1823), um do Instituto da Caridade, fundado pelo Pe. Rosmini (D. Francisco Cardoso Aires - 1868) e um capuchinho (D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira - 1871).

Nestas condições, pertenceram ao clero diocesano o primeiro bispo de Olinda, D. Estevão Brioso de Figueiredo - 1676 e mais os seguintes: D. João Duarte do Sacramento - 1685, D. Matias de Figueiredo e Melo - 1687, D. Manuel Alves da Costa - 1708, D. Francisco Xavier Aranha - 1758, D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho - 1795, foi o fundador do Seminário de Olinda; D. Emanuel do Rego de Medeiros - 1865, D. José Pereira da Silva Barros - 1881, D. Ferdinando Tiago Esberard - 1891 e D. Manuel dos Santos Pereira - 1893.

Cada um desses bispos e arcebispos cumpriu a sua missão, conforme o próprio carisma e colocou a serviço da Igreja de Olinda e Recife as suas qualidades humanas. O relato das suas vidas e atividades, sucintamente feito pelo padre Theodoro Huckelmann (In Boletim Arquidiocesano: Recife, 1976), demonstra que uns plantaram, outros regaram, mas "todos estiveram sempre convictos de que era Deus quem fazia crescer a messe". Demonstra, ainda, que todos se consideraram apenas instrumentos da vontade divina.

Nessa perspectiva, ressaltada por dom José Cardoso em seu magnífico discurso de posse, pleno de espiritualidade, a missão do bispo se desdobra no exercício da caridade fraterna e esta impõe, inclusive por mandamento de justiça, que se dê preferência aos membros mais fracos da comunidade, sem esquecer os demais, pois todos são filhos de Deus. Assim sendo, o bispo, como servidor da comunidade, tem três grandes deveres: 1º. "propor claramente a todos os fiéis as verdades que se devem crer e suas aplicações na vida moral; 2º. "promover pelo exemplo e pela palavra a santidade do povo"; e 3º. "ser o principal dispenseiro dos mistérios de Deus".

Para cumprir essa triplice missão, cabe a ele - acrescenta dom José Cardoso - anunciar e testemunhar a verdade, em seus três aspectos básicos: 1º. a verdade sobre Cristo; 2º. a verdade sobre a Igreja; e 3º. a verdade sobre o homem. E, ainda mais, conduzir o povo ao amor do Cristo, ao amor da Igreja e ao amor ao homem.

Representação mística de Jesus Cristo, cabe ao bispo repetir, como muito bem disse D. Carlos Coelho, de saudosa memória, a sua palavra salvífica. Ao dizer, "eu sou o caminho", dará povo as Táboas da Lei, "o maravilhoso tecido das prescrições divino-canônicas da Igreja". Ao dizer "eu sou a verdade", entregará ao povo "o depósito da fé, vitalizado pela Bíblia Sagrada, pela Tradição Apostólica e pelo Magistério Eclesiástico". E, ao dizer "eu sou a vida", porá ao alcance do povo de Deus os lábios e as mãos unguidas para a celebração dos mistérios redentores, como vigário do amor de Cristo pelos homens.

217-185 PP

D. Casaldáliga adere em Manágua a ato contra EUA

Da Sucursal de Brasília

Para se unir ao grupo que está em greve de fome juntamente com o chanceler padre Miguel D'Escoto, contra as pressões norte-americanas sobre a Nicarágua, viajou ontem para Manágua o bispo de São Félix do Araguaia, d. Pedro Casaldáliga.

Ele viaja com o apoio de 23 bispos brasileiros que endossaram uma nota redigida por d. Pedro Casaldáliga. Diz a nota: "Como latino-americano de adoção (ele é espanhol de nascença) e como cristão bispo, em nome da Igreja de São Félix do Araguaia, e com a delegação dos irmãos bispos e suas igrejas, dos irmãos evangélicos e dos organismos e personalidades, vou a Nicarágua para me unir à oração e ao jejum do padre Miguel D'Escoto e a todo o seu povo em vigília. E, no meu entender, um gesto evangélico pela paz; pela não intervenção; pela autodeterminação dos povos da Nicarágua e de toda a América Central. Para tocar a consciência do primeiro mundo, em face do drama e dos direitos da América Central e de todo o terceiro mundo. Para colaborar na co-responsabilidade e na credibilidade da Igreja de Jesus nessa sofrida América Central e em toda a América Latina".

Antes de embarcar o bispo lembrou algumas passagens bíblicas para justificar seu gesto: "Há certos demônios, como disse o Senhor, que só se expulsam com a oração e o jejum". Dom Pedro disse que permanecerá em jejum em Manágua até que os Estados Unidos resolvam suspender as pressões militares e econômicas sobre o povo nicaraguense.

Na sua nota ele observa: "Ouro e prata não tenho, nem armas, nem diplomacia, nem poder. O que tenho dou: a oração da minha fé cristã, minha paixão latino-americana, a esperança inabalável na libertação do reino e, se for preciso, com tantos outros que nos precederam, a minha vida. Em nome de Jesus de Nazaré, Nicarágua, América Latina e América Central levantem-se, vocês mesmas, sem intervenções e caminhem com a força da nova liberdade".

D. Pedro disse que não viaja em nome da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil mas conta com o apoio de todos os integrantes com os quais contactou antes de embarcar. "A Nicarágua — disse — está sendo invadida constantemente pelo governo do sr. Ronald Reagan que usa a Costa Rica e Honduras como bases. Isto não pode continuar. O grupo que está em jejum com o padre D'Escoto representa uma segunda Contadora (grupo de países latino-americanos que procuram uma solução pacífica para o impasse na América Central). D. Pedro informou que não encontra qualquer dificuldade por parte do governo brasileiro para realizar esta viagem.

Igreja promove no Rio debate sobre a Constituinte

Da Sucursal do Rio

"O que a Nação espera da Constituinte" foi o tema do encontro promovido pela Arquidiocese do Rio de Janeiro, em seu Centro de Estudos e Formação, no bairro de Santa Teresa, centro do Rio. O encontro teve a participação de cerca de oitenta pessoas, dos mais diversos setores sociais do Rio, convidados pelo Cardeal Arcebispo da cidade, d. Eugênio Salles. O jurista Afonso Arinos, 79, presidente da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, participou do encontro dirigindo, na parte da manhã, um painel sobre a Constituinte.

Logo após o painel, os participantes debateram os pré-requisitos necessários para que a Constituinte responda às expectativas do País. Para d. Eugênio Salles, 64, o pacto institucional a ser firmado na nova Constituição é "um dos grandes desafios que enfrenta o Brasil na atual conjuntura política". Por isso, explica o Cardeal, "a Igreja não pode deixar de se preocupar com o problema da convocação de uma Constituinte capaz de elaborar um texto que preserve os valores cristãos".

Além do jurista Afonso Arinos, também estiveram no Centro de Estudos e Formação da Arquidiocese, entre outros, o assessor político do presidente Sarney, deputado Célio Borja, o ex-prefeito de Niterói eleito pelo MDB e candidato derrotado ao governo do Estado em 1982 pelo PDS, Wellington Moreira Franco, e o candidato a candidato do PMDB nas eleições municipais do Rio, Artur da Távola.

PCB indica candidato a prefeito de Maceió

Do correspondente em Maceió

Num ambiente de muita festa, com a participação de cerca de quinhentas pessoas, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) indicou, em convenção realizada ontem, os candidatos a prefeito — jornalista Nilson Miranda, 52 — e vice-prefeito — mecânico Rubens Colaço, 62 — de Maceió, capital de Alagoas. A convenção foi realizada com a presença do observador do Tribunal Regional Eleitoral do Estado, Manoel Bilu Neto, tendo como local a sede própria do partido. A comissão provisória municipal do PCB escolheu por unanimidade os seus candidatos e amanhã, às 11h, o partido registrará a candidatura no TRE. Transporte, saúde e educação são os três pontos básicos do programa de governo de Nilson Miranda.

Casaldáliga prega "insurreição evangélica" no jejum em Manágua

Da Reportagem Local

Uma "insurreição evangélica" pela paz na América Central, pela não-intervenção nessa área e "pela autodeterminação dos povos pequenos que têm a mesma dignidade que o povo dos Estados Unidos" foi defendida, ontem, em Manágua, capital da Nicarágua, pelo bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, que participa, desde o sábado passado, do jejum do chanceler sandinista, padre Miguel d'Escoto, em favor da pacificação nicaraguense e contra a política do

governo Reagan na região centro-americana.

D. Pedro destacou que seu gesto "é pessoal e não da CNBB" e que, neste sentido, "todas as cobranças" devem ser dirigidas a ele. Mas acrescentou que "como latino-americano de adoção, cristão e bispo", pede "a todos os latino-americanos que nos solidarizemos com uma insurreição evangélica pela paz na América Central, pela não-intervenção, particularmente na Nicarágua, e pela autodeterminação dos povos pequenos". A presidência da CNBB está preparando nota sobre a decisão de d. Pedro.

Erramos

Na edição de ontem, a íntegra da nota da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) a respeito da Assembléia Nacional Constituinte foi publicada incompleta. Publicamos, agora, a nota em seu inteiro teor:

"É certo que não compete à Igreja influir tecnicamente, nem no processo, nem no conteúdo final da nova Constituição. Dentro do realismo político atual, cabe alertar para alguns pontos que levem o processo e a Constituinte mesma serem um reflexo autêntico das aspirações nacionais.

"Reafirma-se que o pacto social ideal, a ser proposto ao País, na verdade, só será válido enquanto for resultado de um amplo consenso nacional, onde ninguém se sinta marginalizado. Os direitos humanos, as garantias individuais e a solidariedade são a pedra de toque deste pacto social. Eis porque o amplo processo de consulta ao País deve pressupor a participação em todos os níveis: ampla mobilização, através de assembléias consultivas, e eleição de delegados, como porta-vozes destas assembléias. Todo o processo deve ser livre, democrático, participativo. Defende-se, assim, possibilidade de candidaturas avulsas, isto é, independente de filiação partidária, ou seja suprapartidárias.

"Importa, nesta hora de reorganização da vida nacional, que se dê espaço, sobretudo às minorias, grupos marginalizados, grupos étnicos etc. Estes, quase sempre, se expressam através de

lideranças autônomas, menos padronizadas pelas instituições tradicionais.

"O ideal, ainda, é que a Assembléia Nacional Constituinte seja distinta do atual ou novo Congresso Nacional. Evidentemente que há de se encontrar uma fórmula, inteligente e harmônica, de tal maneira que a participação popular, ampla e total, emergente nesta nova fase da vida política do País, nem marginalize, nem se sinta marginalizada pelas lideranças políticas atuais, cuja folha de serviços à Nação não pode ser desconhecida.

"Tendo em vista o ideal e a realidade, surge a importância de se estabelecer um calendário onde as eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, a realização da própria Constituinte, eleições do novo Congresso e consequente posse não se atoplem, e respeitem o caráter de ampla mobilização e participação popular, em todos os níveis.

"A comissão oficial do governo, eventualmente criada para canalizar as aspirações das bases e de suas representações, deverá, certamente, ser um instrumento de serviço e jamais impor um modelo de Constituição, por mais bem elaborada que seja no seu rigor técnico-jurídico. Os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário são chamados, nesta hora, a se curvarem ao poder soberano do povo. Os desafios sociais e as muitas expectativas de toda a população não agüentam mais frustrações.

"Firma-se a certeza de que é preciso encontrar a forma de escutar todos e cada um, através de sua sabedoria, e tentar expressá-la, juridicamente, na nova Carta, tendo como base a salvaguarda dos direitos humanos, universalmente aceitos."

Discurso da posse sai sem uma parte

Da Sucursal de Brasília

Um trecho de vinte linhas do discurso que Tancredo Neves faria no dia de sua posse não apareceu na transcrição publicada pela imprensa no último fim-de-semana. A revista "Veja" — que primeiro publicou o texto — deixou de divulgar o conteúdo da página 25 do pronunciamento.

Segundo os editores, a revista publicou o discurso da mesma forma que o recebeu e não teve acesso ao trecho omitido.

Eis a íntegra deste trecho do discurso:

"Aos intelectuais e artistas, cujo compromisso com a causa do povo trabalhador e com os valores penais de nossa pátria foi imprescindível à retomada do processo democrático, quero pedir

que mantenham a mesma mobilização patriótica durante o meu governo. É através da arte que o melhor de cada tempo permanece, e é bom que permaneça, no legado destes anos, a poderosa consciência de pátria que o povo adquiriu com a ajuda de seus poetas, cantores, músicos, atores e artistas plásticos.

"Reitero o meu apelo aos homens da ciência. Seu saber deve se colocar, prioritariamente, ao serviço do povo e da Pátria. De sua inteligência depende a força de nosso futuro.

"Confortador chegar à plena maturidade no serviço da Pátria e sentir que as gerações que chegam estão dispostas a conduzi-la, futuro adiante, em sua destinação eterna.

"Na gloriosa campanha destes meses, meu coração aqueceu-se com o entusiasmo e vontade de luta das moças e rapazes que encheram as praças com sua esperança e alegria. Guardo uma lembrança especial do encontro de Recife, e tenho, como um dos documentos mais fortes de reivindicação cívica, a carta que ali me dirigiu a juventude brasileira."

Bispos entram na Justiça contra Funai e Petrobrás

Da Sucursal de Brasília

Quatro bispos da Amazônia Legal ingressaram ontem na Justiça Federal de Brasília com uma Ação Popular contra a Petrobrás e a Funai, com o objetivo de preservar as terras de tribos indígenas arredias que habitam o nordeste do estado do Amazonas, no Alto Solimões, próximo às nascentes do rio Amazonas. Esta é a primeira vez que a Igreja ingressa na justiça com o objetivo de defender a integridade dos povos indígenas.

De acordo com a ação, proposta pelos advogados Paulo Matta Machado e Paulo Machado Guimarães, a permissão concedida à Petrobrás — através de convênio firmado com a Funai em 1982 — para a realização de pesquisas sismográficas em território indígena viola o dispositivo constitucional segundo o qual os índios são titulares do usufruto legal das terras

por eles ocupadas (art. 198 da Constituição).

Na ação popular os bispos apontam diversos outros atos que a seu ver são cometidos contra as tribos da região, pedem a anulação do convênio da Petrobrás com a Funai e sustentam que apenas através da paralisação das atividades da Petrobrás na área o problema estará solucionado. No processo foram anexados documentos de protesto de várias entidades internacionais.

São autores da ação popular: dom Erwin Kmateler, da prelazia de Altamira; dom Tomáz Balduino, da diocese de Goiás; dom Mário Neto, da prelazia de Tefé e dom Domenico Marzi, da prelazia de São Paulo de Oliveira. Também figuram como autores, o secretário-executivo do Conselho Indigenista Missionário, Antonio Jacob Brand, o missionário Benedito Antonio Genofre Prezia e o padre Macoto Kameyana.

3-8-85
P. P. P.

D'Escoto e Casaldáliga encerram jejum na quarta

Da Reportagem Local

O chanceler da Nicarágua, padre Miguel D'Escoto e o bispo de S. Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, encerrarão no próximo dia 7 o seu jejum "pela paz e autodeterminação" neste país centro-americano, disse ontem à Folha, em Manágua, capital da Nicarágua, o próprio Casaldáliga. Ele acrescentou que foi criada ontem, simultaneamente na Europa e na Nicarágua, a "Embaixada da Paz" que reunirá personalidades de todo o mundo em torno de iniciativas pela justiça e pela paz na América Central.

Quando acabar o jejum de D'Escoto, na igreja do bairro Lezcano, em Manágua, começarão vigílias em todos os departamentos (estados) da Nicarágua, por iniciativa das comunidades cristãs. De 8 a 15 de agosto será celebrada a Semana Internacional pela Paz, mobilizando

políticos, intelectuais e artistas que visitarão a Nicarágua.

Vigílias

Na Cidade do México, cinco bispos, mil sacerdotes e mais de uma centena de religiosos e leigos divulgaram nota, ontem, informando que farão vigília de 48 horas, nos dias 9 e 10 próximos, diante da Embaixada dos Estados Unidos, pela paz na América Central. Em Washington, o teólogo Harvey Cox — autor de "A cidade secular" e precursor da tese de secularização — iniciou ontem uma vigília de quarenta dias de jejum, solidarizando-se assim com o chanceler sandinista.

Na Nicarágua, grupos contra-revolucionários atacaram ontem a pequena cidade de La Trinidad, onde, há três dias, d. Pedro Casaldáliga participou dos funerais de mães e soldados assassinados na fronteira hondurenha.



Na Reitoria pichada, os funcionários colocam-se em frente dos policiais

4-9-85 1985

Secretário quer análise do livro que desagradou bispo

Da Reportagem Local

O secretário da Educação do Estado de São Paulo, Paulo Renato Costa Souza, determinou à Fundação para o Livro Escolar (FLE) uma análise técnica em profundidade do livro "Comunicação e Ação em Língua Portuguesa", de autoria de Marilda Prates, publicado pela Editora do Brasil. O bispo de São Carlos, dom Constantino Amstalden, acusou o livro de "atentatório à fé, à educação

e à moral das crianças e adolescentes". O Secretário concedeu prazo à FLE, para o encaminhamento da avaliação, até o final da próxima semana, quando pretende emitir seu parecer. O livro desagradou também o vereador Paulo Duarte, presidente da União de Vereadores do Estado de São Paulo, que pediu ao Secretário da Educação a sua não utilização nas seis escolas de São Carlos, a 238 km de São Paulo.

15-11-85
1985

Nota de solidariedade ao Bispo de Quixadá, CE

A todo povo de Deus da Diocese de Quixadá-CE, às autoridades constituídas e a todas as pessoas de boa vontade, os nossos fraternos votos de paz e bem-estar.

O Conselho de Pastoral da Paróquia de Boa Viagem unido a todas as Paróquias da Diocese de Quixadá, refletindo sobre as ameaças feitas a nosso Bispo D. Joaquim Rufino do Rêgo, contra sua vida e segurança e considerando que tais ameaças parecem visar antes de tudo a causa da Igreja de Cristo na pessoa dos explorados e oprimidos que são aliás a maioria do nosso povo, vem em união a toda Diocese manifestar publicamente:

1. Que admiramos toda ação pastoral feita pelo nosso Bispo que sempre agé em ple-

na comunhão com a Igreja e suas diretrizes oficiais, movido sempre por uma edificante consideração e apreço à dignidade da pessoa humana.

2. A sua solidariedade cristã em compartilhar com ele do seu sofrimento, sinal de fidelidade à Igreja, às exigências do Evangelho para a vivência do Reino de Deus.

3. Queremos manifestar o nosso apoio e a nossa oração à sua pessoa e à sua ação pastoral.

Apelamos a todo o povo de Deus, às Paróquias e demais Comunidades Eclesiais de Base, no sentido de que, pela oração e pela ação manifestem ao nosso Bispo todo seu apoio e solidariedade.

Quixadá, 4 de novembro de 1985.

CEDIM

e
r
e
s
r
a
a
s
r
r
le
o
no
ra
e
fi
es
a
e
er
er
m-

Divergências envolvem os bispos brasileiros no Sínodo

21/12/85

Banco de Dados — 21.Fev.83



D. Aloísio alinha-se com os progressistas

D. Aloísio Lorscheider, 61, é gaúcho de Linha Geraldo, arquidiocese de Porto Alegre e nasceu a 8 de outubro de 1924. Foi ordenado padre em 22 de agosto de 1948 e, em fevereiro de 62, durante o Concílio Vaticano 2º, foi nomeado bispo de Santo Ângelo (RS). Onze anos depois, foi nomeado arcebispo de Fortaleza e, a 24 de maio de 1976, recebeu do papa Paulo 6º, o chapéu cardinalício. Franciscano — como seus amigos, cardeal Paulo Evaristo Arns e o teólogo Leonardo Boff —, d. Aloísio, membro do secretariado permanente do Sínodo dos Bispos, foi relator-geral, em 1977, do Sínodo sobre a Catequese, cujos resultados foram publicados no documento pontifício "Catechesi Tradendi". O Papa dos 33 dias, João Paulo 1º, revelou certa vez a um grupo de visitantes que seu candidato para suceder Paulo 6º havia sido d. Aloísio Lorscheider. Na Cúria romana, o cardeal integra a Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares e os secretariados para os Não-Cristãos e para os Não-Crentes. Na CNBB, preside a Comissão Episcopal de Doutrina, numa linha de permanente diálogo com os teólogos de todas as correntes — de conservadores, como d. Estevão Betencourt, beneditino do Rio, a progressistas, como os teólogos da Libertação, Leonardo e Clodovis Boff).

Banco de Dados — 1º.Nov.84



D. Ivo vai presidir a CNBB até 1987

D. Ivo Lorscheiter, 58, é primo de d. Aloísio Lorscheider (houve uma troca de letra, no sobrenome de d. Ivo, quando foi registrado) e nasceu em Porto Alegre, a 7 de dezembro de 1927, recebendo a ordenação sacerdotal no dia 20 de dezembro de 1952. Foi nomeado bispo em 1965. Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Ivo é considerado por seus assessores mais próximos como um pastor corajoso, de linguagem franca e direta. Em 1981, havia na Igreja brasileira grande expectativa de que ele seria nomeado arcebispo de Porto Alegre, para substituir d. Vicente Scherer, que renunciara. Foi no entanto indicado d. Claudio Colling, da corrente conservadora.

No relacionamento com o Vaticano, d. Ivo defendeu recentemente a eliminação de um canal paralelo de comunicação entre a Cúria romana e a arquidiocese do Rio de Janeiro. Em nome do princípio de subsidiariedade, pediu ao papa João Paulo 2º que a CNBB não seja surpreendida por decisões romanas (como ocorreu no caso do teólogo Leonardo Boff), antes que sejam esgotadas todas as possibilidades de entendimento no Brasil. Apontado como um dos candidatos brasileiros para o cardinalato, d. Ivo deixara a presidência da CNBB em 1987.



D. Eugênio apóia o grupo conservador

D. Eugênio de Araujo Sales, 65, nasceu em Acari, diocese de Caico, região semi-árida do Rio Grande do Norte, a 8 de novembro de 1920. Foi ordenado padre em 21 de novembro de 1943, sendo nomeado bispo-auxiliar de Natal em 1954. Transferido para Salvador (BA) — como administrador apostólico — em outubro de 1968, foi nomeado cardeal, pelo papa Paulo 6º, em abril de 1969, com o título de São Gregório 7º.

Assumiu a arquidiocese do Rio de Janeiro a 13 de março de 1971. Por iniciativa sua, a arquidiocese de Natal desenvolveu experiências pastorais que foram depois adotadas por toda a Igreja do Brasil e da América Latina, como é o caso das Comunidades Eclesiais de Base, da administração pastoral das paróquias por religiosas e a Campanha da Fraternidade. No Rio de Janeiro, onde funciona a única comissão arquidiocesana para a doutrina da fé no Brasil — que moveu processo contra Leonardo e Clodovis Boff —, d. Eugênio expulsou professores da Pontifícia Universidade Católica, entre eles Clodovis Boff, que lecionavam a Teologia da Libertação.

No plano teológico, d. Eugênio e seu bispo-auxiliar, d. Karl Romer, estão alinhados com o grupo conservador que publica a revista "Comunio".

Missão espiritual e engajamento social, duas tendências na Igreja

Do enviado especial

"Igreja-mistério" e "Igreja-engajamento" são as duas tendências presentes no Sínodo dos Bispos—convocado pelo papa João Paulo 2º para discutir a situação da Igreja vinte anos após o encerramento do Concílio Vaticano 2º—, que inicia hoje, no Vaticano, sua segunda e última etapa de trabalho (o Sínodo será encerrado no próximo domingo). Em torno da primeira tendência reúnem-se os padres sinodais de orientação mais conservadora, enfatizando os aspectos espirituais da Igreja, definindo-a sobretudo como

um "mistério" que não pode ser reduzido a avaliações mundanas. Para falar da Igreja, essa tendência recorre quase sempre à expressão "corpo místico de Cristo", criada pelo papa Pio 12, que volta a ser um importante referencial no Vaticano.

Em torno da segunda tendência, majoritária—fazendo-se um balanço das intervenções no Sínodo—concentram-se os padres sinodais mais ligados à orientação dos papas João 23 e Paulo 6º, e que desejam aprofundar o engajamento social e político da Igreja e continuar o diálogo, na linha do documento

"Gaudium e Spes", do Concílio, sobre a Igreja e os problemas contemporâneos.

Depois do descanso dominical, os participantes do Sínodo reúnem-se hoje em grupos (circuli minores) para terminar o debate sobre as perguntas apresentadas pelo relator-geral, cardeal belga Godfried Danneels ("que sugestões fazem ao Papa para continuar a aplicação do Concílio" e "como continuar vivenciando as decisões conciliares nas suas igrejas particulares"). Amanhã, os grupos começam a apresentar seus relatórios. (Dermi Azevedo)

DERMI AZEVEDO

Enviado especial ao Vaticano

A Igreja do Brasil não está presente de forma unitária na 2ª Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, sobre o Concílio Vaticano 2º, que se realiza há uma semana no Vaticano, com a presença, em tempo integral, do papa João Paulo 2º. De um lado, integrando a corrente conservadora, está o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, Eugênio Sales, que trouxe a Roma seus assessores teológicos, seu bispo-auxiliar, d. Karl Joseph Romer (que já voltou ao Brasil) e o padre Fernando Guimarães, da Comissão Arquidiocesana para a Doutrina da Fé, do Rio. Do outro, o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Ivo Lorscheiter, e o cardeal-arcebispo de Fortaleza, Aloisio Lorscheider, que são assessores do Vaticano pelos teólogos João Baptista Libânio e Alberto Antoniazzi, de orientação progressista. Hospedam-se todos no mesmo lugar, o seminário Pio-Brasileiro e utilizam o mesmo ônibus para ir e voltar do Palazzo Nervi—onde se realizam os trabalhos sinodais—mas têm posições diferentes e divergentes sobre temas prioritários para o debate e sobre a questão, sempre polêmica, da Teologia da Libertação.

Estas diferenças foram manifestadas nas intervenções dos três bispos do Brasil, até agora, no Sínodo. O primeiro a intervir oralmente, há uma semana, foi d. Eugênio Sales:

destacou o papel do Papa como fundamento da unidade da Igreja. Seguiram-se as intervenções, também verbais, de d. Ivo—lembrando os benefícios trazidos pelo Concílio Vaticano 2º para a Igreja no Brasil—e de d. Aloisio, que projetou a "Igreja do futuro, como uma Igreja dos pobres, voltada para a Justiça e a libertação integral do homem, em espírito de serviço, comunhão e participação, abolindo todo tipo de discriminação". Em sua intervenção, o presidente da CNBB criticou duas publicações italianas—a revista "30 Giorni" (Trinta Dias) e o jornal "L'Avenire" (O Futuro), ambos de orientação democrata-cristã e distribuídos gratuitamente aos bispos do Brasil—"por falarem mal da Igreja no Brasil sem conhecê-la suficientemente". E enfatizou: "Não é possível lançar suspeitas de galicanismo (tendência separatista) contra as Conferências Episcopais". D. Ivo também qualificou a Teologia da Libertação como "um dos aspectos positivos da aplicação do Concílio Vaticano 2º no Continente".

D. Ivo e d. Aloisio fizeram também intervenções por escrito. O primeiro falou do "princípio da subsidiariedade", presente no Código de Direito Canônico (e que recomenda as Igrejas nacionais como primeiras instâncias para enfrentar problemas, vindo somente depois a participação de Roma, o que não foi seguido no caso do teólogo Leonardo Boff). "Não se trata de procurar uma solução mais ampla e coerente deste princípio",

disse d. Ivo, acrescentando: "Todos os campos da vida da Igreja poderiam ser objeto de reflexão neste sentido: os preceitos do direito eclesial, a liturgia, a solução de questões doutrinárias. De qualquer maneira, o Sínodo deveria combater o preconceito desfavorável às iniciativas das Igrejas locais, que procuram exprimir o cristianismo segundo suas legítimas tradições culturais".

D. Aloisio fez quatro intervenções por escrito sobre os seguintes temas: 1. a colegialidade e suas formas de expressão ("as formas jurídicas podem variar ao longo dos séculos, mas a realidade fundamental da comunhão e da participação pertence à essência mesma da Igreja e encontra seu fundamento teológico e bíblico nessa mesma essência"). 2. ecumenismo ("em muitos casos, a fé divide menos que as opções por ou contra a libertação, que nascem de uma verdadeira percepção do sentido da realidade social, ou a favor ou contra os pobres"). 3. vida religiosa ("os religiosos têm sido aqueles que se estão fazendo presentes nas regiões mais duras e difíceis por causa da pobreza e também têm levado experiências pastorais significativas") e 4. ouvir o povo de Deus ("na América Latina, a Igreja é o povo de Deus, mas na sua grande maioria é um povo cheio de fé que vive, ao mesmo tempo, uma situação de extrema pobreza").

O jornalista DERMI AZEVEDO tem suas despesas de viagem pagas pelo Secretariado Cristão de Solidariedade dom Oscar Romero

"Je vous salue" d. Mauro

Belo Horizonte 11/12/87

A palavra do bispo de Caxias, na Baixada Fluminense, favorável à exibição do filme "Ave Maria", de Jean-Luc Godard, teve o dom da lucidez—e, portanto, da coragem—que caracterizam o pensamento e os atos de d. Mauro Morelli. Ninguém resumiu em tão poucas e verazes palavras tudo o que é pertinente na discussão ética, moral e teológica que se trava em torno do tema. Até do ponto de vista cultural, d. Mauro foi mais além que qualquer animador de "meeting" intelectual e ofereceu a pista mais segura para que desvendemos o sentido fundamental desse novo produto (embora não tão novo assim) do esfingético cineasta franco-suíço.

Indo por partes, destaque-se uma declaração irretocável e irretorquível: "Acho que não devemos perseguir o direito das pessoas se manifestarem livremente." Mais simples e cristalino que isso nem na Declaração dos Direitos do Homem, assinada e não cumprida pelas nações do planeta. Observe-se que o bispo não fala em tese, como os governantes que se omitem mediante retóricas liberais, mas questiona a falsa moral cristã e responsabiliza a própria Igreja por meter a tesoura em determinados assuntos.

"O que livros e filmes falam sobre Cristo não me impressiona. Há muitos sendo exibidos por

aí que falam de Jesus meramente para efeito de consumo. Não acrescentam nada e contra estes a Igreja não se pronuncia", afirmou em Belo Horizonte o bispo, recordando que a grande "imoralidade", a terrível "blasfêmia" é a que se comete diariamente contra milhões de crianças impedidas de viver e "jogadas na lata de lixo". Com uma paciência de Jó, d. Mauro é obrigado a ensinar o padre nosso ao vigário, lembrando passagens do Evangelho que estabelecem outra natureza para o pecado, que, positivamente, nada tem a ver com a misteriosa virgindade da mãe de Cristo.

D. Mauro Morelli, cuja ética é a de "quem vê o mundo da Baixada Fluminense e não do alto do Vaticano ou do Planalto Central", provavelmente não verá, por compreensível falta de interesse, a "Ave Maria" de Godard. Não está perdendo nada. Pelo contrário, o velho mestre do cinema parece ter alcançado com esse filme a síntese angustiadamente buscada em toda sua obra: fazer um cinema para além do barato colorido das imagens, um filme que se projeta sem necessidade de ser exibido e que se ilumina das trevas da civilização cristã ocidental, onde o novo não pode pintar nas telas. Marcelo Fagá

CEEDIM

Bibliothek
12811
Institut für Brasilienkunde
METTINGEN

Institut für Brasilienkunde

